



JOE MCKINNEY

CIDADE DOS MORTOS

ELES NÃO MORREM



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

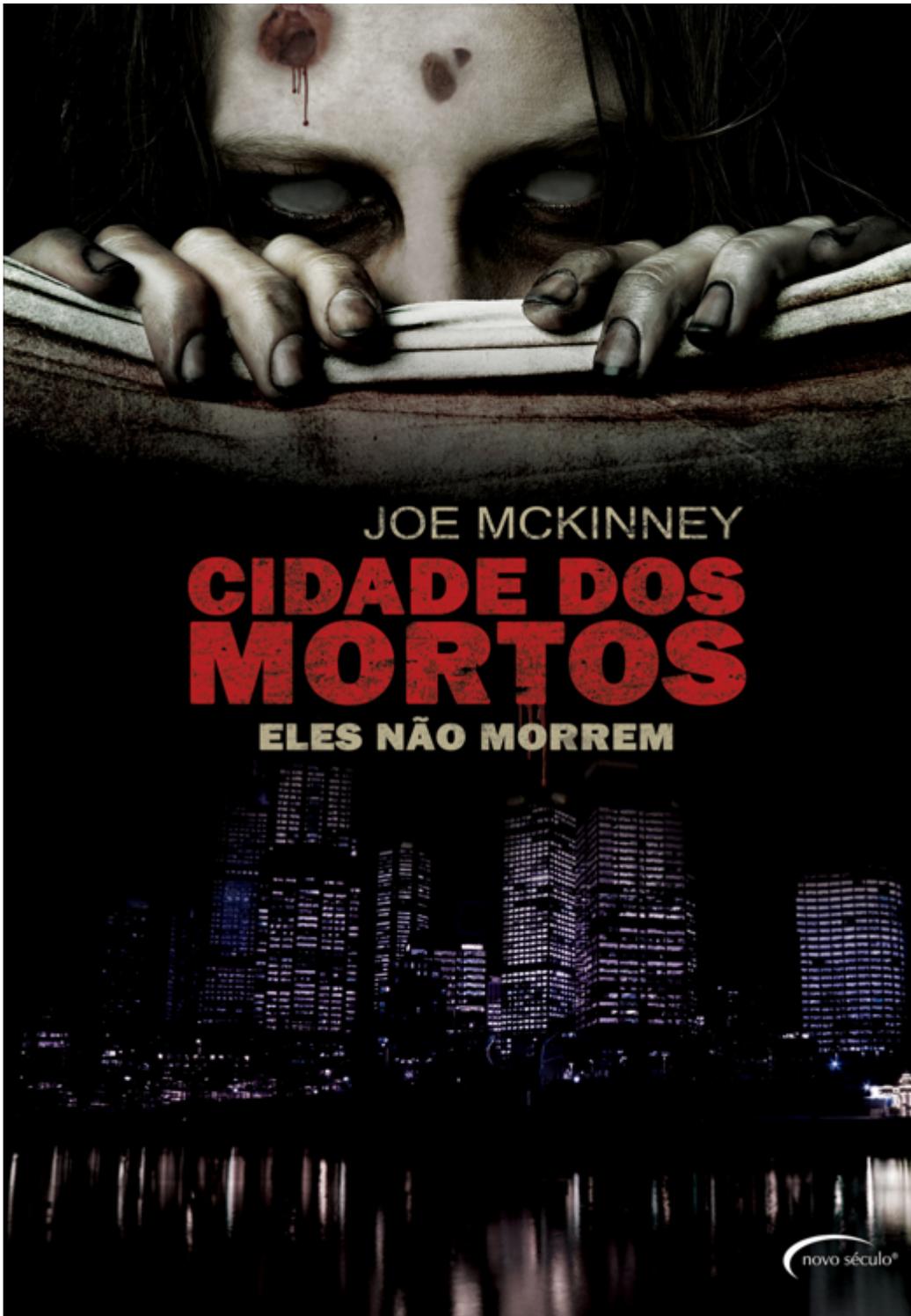
A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



JOE MCKINNEY

CIDADE DOS MORTOS

ELES NÃO MORREM

novo século®

Joe McKinney

Cidade dos mortos

ELES NÃO MORREM


novo século*
SÃO PAULO 2011

Dead City

Copyright © 2006 Joe McKinney

All rights reserved.

Copyright © 2011 by Novo Século Editora Ltda.

PRODUÇÃO EDITORIAL	Equipe Novo Século
PROJETO GRÁFICO E COMPOSIÇÃO	Claudio Tito Braghini Junior
CAPA	Equipe Novo Século
TRADUÇÃO	Eduardo Barcelona Alves
PREPARAÇÃO	Thaís Nacif
REVISÃO	Daniela Santos, Rodolfo Ortiz e Rafael Varela

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

McKinney, Joe

Cidade dos mortos / Joe McKinney; [tradução Eduardo Barcelona Alves] /
-- Osasco, SP: Novo Século Editora, 2011.

Título original: Dead city

1. Ficção norte-americana I. Título.

11-00561

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura norte-americana 813

Edição Digital: 2013

Todos os direitos reservados à:
Novo Século Editora Ltda.
Alameda Araguaia, 2190, 11º andar – Barueri – SP

E-ISBN: 978-85-428-0067-8



www.novoseculo.com.br



*O novo mundo seria mais seguro, se ensinasse
os erros e as doenças do passado.*

John Donne

Capítulo 1

Há um pequeno estacionamento vazio perto da esquina da Seafarer com a Rood, onde eu costumava ir para brigar com minha esposa. A maioria dos policiais do distrito tem algum pequeno esconderijo para fugir de toda a porcaria que vem com o patrulhamento, e aquele estacionamento era o meu. Ali eu ficava praticamente invisível e ainda podia responder a qualquer chamado do meu distrito em menos de cinco minutos.

Minha esposa, April, e eu brigávamos pelo menos uma vez por semana naquela época. Quando ela ligava com aquele tom “estou puta com você”, era um indício de que seria briga das grandes, e eu, então, ia direto para a Seafarer com a Rood. Chegando lá, estacionava sob a copa de um carvalho enorme e me preparava para ouvir o que havia feito de errado. Costumava olhar as curvas do tronco da árvore e também os seus galhos enquanto April gritava comigo e, mesmo agora, quando ela fica impaciente com qualquer coisinha que faço e aquele tom familiar se arrasta de volta à sua voz, lembro-me do cheiro seco e empoeirado do carvalho.

Seis meses antes daquilo, April dera à luz um lindo bebezinho, o nosso primeiro. Nós o batizamos de Andrew James Hudson, em homenagem ao seu avô. Aquele garotinho mudou minha vida. Depois de seu nascimento, eu costumava dizer a qualquer um que quisesse escutar que foi para ser o pai dele a razão de minha existência neste mundo.

Antes de Andrew nascer, eu trabalhava no turno da noite, das 23 às 7 da manhã. Isso foi quando April e eu começamos a namorar. Encontrar-nos não era fácil porque tínhamos apenas algumas horas à noite para ficarmos juntos. Mas eu ganhava uns 300 dólares extras por mês para trabalhar nesse horário, e esse era o lado bom.

Então, quando April engravidou, começamos a tentar planejar como seriam as coisas, e as discussões começaram a piorar cada vez mais.

Um dia, ela teve uma longa conversa telefônica com a irmã, que já tinha dois filhos, e naquela noite ela me disse: — Vou precisar de você aqui comigo à noite. O bebê vai acordar a cada poucas horas para mamar e eu não posso fazer isso sozinha.

Então perguntei a alguns colegas no trabalho o que poderia fazer, e descobri que era qualificado para tentar um tipo de transferência que podia ser justificada por problemas familiares. Foi assim que acabei no segundo turno, das 15 às 21, com folga nas quartas e quintas. April não ficou feliz por eu ter de trabalhar na zona oeste, afinal de contas, era uma parte “barra pesada” da cidade, mas, quando se solicita esse tipo de transferência, você pega o que lhe foi dado.

Essas transferências são válidas por somente seis meses. Depois disso, eles o colocam onde precisarem, o que quase sempre é no turno da noite.

Naquela noite, em especial, estávamos brigando porque eu tinha de voltar para o turno da noite, quando Chris Tompkins encostou do meu lado. Ele abriu a janela da viatura e gesticulei para que me desse um minuto. Continuei ouvindo. Só April falava.

— Eddie, apenas diga a eles que você precisa ficar no segundo turno — ela disse. — Por que você não pode simplesmente dizer isso a eles?

— As coisas não funcionam assim.

— O que está pensando? Agora que o bebê nasceu, acha que pode simplesmente voltar a trabalhar à noite? Preciso de você em casa mais do que nunca.

— Eu sei, querida.

— Foi para podermos cuidar do Andrew juntos que você pediu transferência.

— Eu sei.

— Tenho certeza de que você não é o único com um bebê em casa. Entre lá e diga a eles que precisa de mais tempo.

— Mas, lindinha, as coisas não funcionam assim.

Quando recomeçou, ela gritava tão alto, que tive de afastar o telefone da minha orelha. Olhei para o Chris e revirei os olhos.

Ele sorriu meio sem jeito e gesticulou perguntando:

— Quer que eu vá embora?

Ele era gente fina, um cara bom, casado. Raramente o via fora do trabalho, mas, se alguém perguntasse, teria dito que era gente boa.

Neguei com a cabeça, ainda na escuta, esperando uma brecha da April.

Chris se acomodou no assento e aumentou o volume do rádio do carro. Ele escutava uma estação de notícias e ouvi o apresentador dizer algo sobre a enchente em Houston. Depois, ouvi algo sobre voluntários da Cruz Vermelha sendo atacados e agredidos pelas vítimas da enchente, as quais eles estavam tentando salvar.

Eu não entendi direito porque a April ainda continuava gritando. Algo sobre como eu tivera tempo suficiente para conversar com eles sobre ficar no segundo turno, e como ela ainda não tinha se perguntado se eu realmente me importava em como era difícil ficar em casa com o Andrew o tempo todo.

Cobri o receptor do telefone e disse:

— O que diabos você está ouvindo?

April berrou comigo.

— Não você, querida — eu disse. — O cara ao meu lado está ouvindo algo no noticiário.

Chris abaixou o volume.

— Valeu — eu disse.

Para a April, disse:

— Continue, querida.

Assim que ela recomeçou, um telefonema da central a interrompeu:

— 52-70.

Chris se endireitou, esperando que eu respondesse. 52-70 era o meu número de chamada. O do Chris era 52-80.

Como não respondi, a central chamou de novo:

— 52-70, policial Hudson.

Disse a April:

— Estão me chamando. Espere um minuto. April ainda falava quando encontrei o microfone e disse: — Prossiga, 52-70.

— 52-70, leve 52-80 com você. Siga para Chatterton 318, Chatterton 3-1-8, de sete a dez homens brigando. Queixoso diz que parecem intoxicados.

Chris engatou o carro e esperou que eu fizesse o mesmo.

Acenei para ele e disse:

— Espera aí.

Para a central, eu disse:

— 52-70, entendido. 52-80 está comigo.

Chris estava com o carro engatado. Olhava para mim com uma mistura de impaciência e dúvida.

— Espera aí — disse a ele novamente.

Para a April, disse:

— Querida, tenho uma chamada. Preciso ir.

— Você nem estava me ouvindo, né? Quando você irá pedir a eles para continuar no segundo turno?

— Logo.

— Sua transferência vence mês que vem.

— Tudo bem, querida, tenho de ir.

— Ótimo.

Mas seu tom de voz dizia que nada estava bem. Pelo contrário, as coisas entre nós estavam muito longe de ficarem ótimas, e eu teria de ouvir mais sobre isso depois.

Coloquei o telefone no banco do passageiro, encostei-me e cobri meu rosto com as mãos. Ela tinha acabado comigo e eu precisava de um segundo para me recompor antes de atender à chamada. Do que menos precisava era levar a frustração comigo e acabar explodindo em uma discussão com um imbecil bêbado. Policiais são mandados para os Assuntos Internos por erros bestas como esse.

— Você está bem? — Chris me perguntou, mas sei que ele quis dizer que era hora de a gente ir.

— Você está com muita pressa — disse a ele. — Deixe-os brigar um pouco. Na hora que chegarmos lá, já estarão muito cansados para brigar conosco.

O apresentador no rádio do Chris falava sobre tumultos de novo. No entanto, eu não prestava atenção. Como a maioria das pessoas, tornei-me entorpecido para as terríveis destruições que estiveram nos noticiários no último mês.

A cidade de Houston, a menos de quatrocentos quilômetros de nós, havia sido atingida por fortes furacões nas quatro últimas semanas, deixando a maior parte da cidade destruída, sob enchentes e escombros. Toda manhã, depois de me arrastar para fora da cama e ligar o noticiário matinal, havia mais e mais imagens de água barrenta com dois ou três andares de profundidade, movendo-se vagorosamente pelas ruas de Houston. Os telhados das casas e dos prédios pareciam jangadas flutuando na lama manchada de óleo e salpicada pelo sol, e claro que sempre parecia haver cadáveres enegrecidos e inchados boiando no meio dos destroços.

Os noticiários conseguiram maior audiência por mostrar os cadáveres. Eles alegavam que estavam tentando ser discretos a esse respeito, mas, de qualquer maneira, parecia sempre haver mais corpos.

Alguns caras do nosso departamento foram até Houston para ajudar e todos disseram ser a pior coisa que já viram na vida. Não existia mais saneamento e o lugar todo tinha cheiro de morte. Algo

em torno de dois milhões de pessoas foram forçadas a evacuar o local, e a maioria veio para San Antonio. Nossas cinco bases militares e todos os *shoppings* falidos se transformaram em algum tipo de abrigo temporário, mas, mesmo assim, eles continuavam a chegar. Ouvi no noticiário que a Agência Federal de Gerenciamento Emergencial, a FEMA, estava trazendo por volta de dez aviões comerciais por dia para o *Kelly Air Force Base*, e cada um deles estava cheio de refugiados.

Supostamente, ainda havia pelo menos um milhão de pessoas a serem evacuadas das áreas ao sul de Houston, e as condições para aqueles que ficaram para trás eram desesperadoras. Enquanto ouvia o rádio do Chris, achei que falavam de tumultos por causa de comida ou algo do tipo, porque já havia acontecido muito desse tipo de situação.

— Você acredita nisso? — ele me perguntou, torcendo o nariz, enojado com seja lá o que for que estivesse ouvindo.

— Não prestava muita atenção — disse. A voz da April ainda ressoava nos meus ouvidos.

— Parece que a situação em Houston pirou — ele disse. — Falaram que os sobreviventes estão atacando os tripulantes dos barcos que vão lá para ajudar. O locutor disse que as pessoas chegaram ao ponto de comerem os cadáveres.

— Legal — respondi. — E são essas amáveis pessoas que a FEMA irá trazer para os nossos abrigos. Mal posso esperar.

— Esse cara está falando que os tumultos e tudo o mais vêm acontecendo desde a noite passada. Eles só souberam disso hoje de manhã, ouviram das pessoas que fugiram.

— 52-70 — a central chamou de novo.

— Merda — peguei o microfone. — Prossiga, 52-70.

— 52-70, segunda chamada. Agora estão me informando sobre arrombadores em ação. Você e o 52-80 estão chegando?

— Afirmativo, minha senhora — eu menti. — Ainda a caminho.

- Afirmativo, 52-70. Código Dois.
- Afirmativo. Ao Chris, eu disse: — Agora a gente vai.
- Entendido. Acompanharei vocês.

“Código Dois” significa luzes, mas nenhuma sirene. Podemos dirigir a quinze quilômetros por hora acima do limite de velocidade, mas não podemos ultrapassar sinais de “pare” e nem sinais vermelhos. Isso é reservado ao “Código Três”.

Claro, ninguém segue o “Código Dois”. Ou você chega quando der ou é pé fundo no acelerador. É oito ou oitenta.

Acendi as luzes, Chris e eu arrancamos do estacionamento, deixando para trás marcas longas e espiraladas no asfalto. Fomos para o Sul pela Seafarer, até a rua Plath, e viramos à esquerda. Da Plath, entramos no bairro Geneva Summits, seguimos por quatro quarteirões e viramos à esquerda, na Chatterton.

A Chatterton é uma rua sem saída que sobe numa curva gradual à esquerda, acabando na parte de trás do Arbor Town Elementary School. Essa curva é bem acentuada, e, se você entrar nela rápido demais, pode acabar no gramado de alguém.

Tirei o pé do acelerador ao atingi-la e liguei as luzes de alerta.

Ao chegarmos ao quarteirão do local da chamada, tudo parecia normal. Havia um pequeno grupo de pessoas do lado esquerdo que não parecia muito preocupado com duas viaturas piscando como se fosse Natal correndo rua abaixo; tudo parecia estar na mais perfeita tranquilidade.

Contei rapidamente quatro homens e duas mulheres, e tornei a prestar atenção nas casas à direita.

A maioria das casas em Geneva Summits é pequena. São casas térreas de dois ou três dormitórios, com tijolos na fachada e velhos revestimentos de madeira desgastados pelo tempo nas laterais e nos fundos. Ali era um ponto alto no meu distrito, com boas pessoas que tinham bons empregos. Nenhuma casa de viciados. Nenhum laboratório de metanfetamina. Nenhuma prostituta. Apenas pessoas

boas e decentes que haviam se dado bem, se comparadas ao resto da zona oeste. Elas não chamavam a polícia com muita frequência.

Já escurecia, e a maioria das casas estava com as luzes ligadas, seus donos se preparavam para o jantar e para assistir à TV.

Porém, mais para frente, conforme nos aproximávamos do local da chamada, a rua parecia diferente. Algo estava estranho, percebi que havia alguma coisa errada, mesmo sem saber o quê.

Encostei meu carro a três casas do local da chamada, em frente a uma casa térrea com tijolos vermelhos e uma longa cerca-viva na altura dos joelhos pela calçada.

— 52-70 — falei à oficial da central. — 52-80 e eu chegamos ao local.

— Afirmativo — ela respondeu. — Todos os oficiais fiquem no aguardo até eu ter resposta do 52-70 e do 52-80.

Peguei o rádio e a lanterna, Chris e eu andamos em direção à casa. Seguimos rapidamente e usamos as árvores como cobertura.

A princípio, não vimos ninguém. Podíamos ouvir cachorros latindo de não muito longe, nada mais.

Mesmo assim, de alguma maneira, algo parecia estranho.

Então eu a vi. Veio cambaleando da lateral da casa e foi em direção à rua de um jeito confuso e despropositado. Era uma mulher hispânica, de cabelos escuros, baixa, gorducha, nos seus 20 anos, vestindo uma camiseta azul-clara e calças pretas que eram um pouco apertadas demais para uma mulher em sua atual forma.

Tinha certeza de que estava bêbada, julgando pela maneira como se movia.

Ela não nos pareceu notar.

Chris e eu paramos por um momento, vigiando, ao mesmo tempo, a casa e a mulher.

A mulher se aproximou da rua, e sob a fraca luz dos postes parecia que havia derramado alguma coisa na camiseta. Estava

molhada, com manchas escuras nos ombros e nas mangas e um grande rasgo correndo pelo lado esquerdo.

E, então, do mesmo lado da casa de onde a mulher havia surgido, mais pessoas apareceram. Todas faziam movimentos titubeantes, começavam e paravam, o que me lembrava os bêbados dormindo sob a ponte ferroviária que ficava atrás do abrigo para sem-tetos no centro da cidade. Todos tinham aquela mesma áurea de “bêbado de carreira”.

Chris e eu apontamos as lanternas e as armas para eles ao mesmo tempo. As luzes das lanternas varreram suas faces e contei seis pessoas.

Chris gritou:

— Parados, polícia!

A princípio, elas não responderam. Depois, começaram a se arrastar em nossa direção.

— Parados! Mãos pra cima! — peguei meu rádio: — 52-70, temos seis na mira!

— Afirmativo — disse a oficial na central com sua voz cristalina e calma. — 52-60, 52-62, 52-72, sigam para o local. Código Três.

Ouvi o melódico *bip, bip, bip, bip* do tom de emergência do meu rádio disparar e depois parei de ouvi-lo. Toda a minha atenção estava focada no problema a nossa frente.

Os postes irradiavam uma luz desigual sobre os gramados, criando sombras profundas por entre as árvores. Enquanto o grupo de “bêbados” vinha em nossa direção, perdia-os por alguns momentos nas sombras, e só pude olhá-los bem quando já estavam próximos.

Chris e eu recuamos, armas e lanternas em posição. Percebi os movimentos de um homem quando ele passou pela luz da minha lanterna, e, pelo meio segundo que estive sob a luz, pude perceber que seu rosto estava todo cortado. As bochechas tinham a aparência inchada, como alguém que acabara de perder uma briga, e havia

uma mistura horrível de sangue fresco e sangue seco ao lado do pescoço. Os olhos estavam embaçados com uma película branca leitosa, como os de um morto.

Ele se movia mais rápido que os outros, mas, ainda, com aqueles passos desajeitados que ameaçavam uma queda a qualquer momento, como alguém que esqueceu como andar. Ele não se deu conta de que estava sob a mira da arma, nem piscou e muito menos desviou o olhar, apesar de a lanterna estar apontada bem para sua cara.

Pareceu que ele nem a viu.

— Deite no chão — gritei, mantendo-o sob a luz. — Agora!

Se ele me ouviu, não mostrou nenhum sinal de reconhecimento. Eu gritava para o nada.

— *Spray* — gritei por sobre o ombro. Isso foi para o bem do Chris. Quando o *spray* de pimenta atinge o ar, faz você ter um ataque de tosse, mesmo se não for diretamente atingido.

Coloquei minha *Glock* no coldre e saquei meu *spray* de pimenta.

— Deite no chão!

Como ele continuava em minha direção, fiz pressão no gatilho com meu dedo e o esperei se aproximar. O *spray* de pimenta funciona melhor a uma distância de três ou quatro metros.

Enquanto se aproximava, ele levantou as mãos para me agarrar. Apontei o *spray* para sua cara e puxei o gatilho, lançando um jato compacto, de um segundo, e depois me afastei, como demonstrado no treinamento.

O *spray* de pimenta leva meio segundo para causar estrago. Quando as pessoas são atingidas por ele, geralmente param, não machucadas, mas chocadas, por apenas alguns segundos, e, então, caem, esfregando os olhos e gritando como loucos, porque esse negócio queima muito.

Contudo o homem que foi atingido pelo meu *spray* nem piscou. Continuou avançando, e por um instante me perguntei se havia

errado ou se ele, de alguma maneira, havia bloqueado o *spray* com as mãos. Deixei que se aproximasse novamente e, então, mandei outro jato rápido, de um segundo, na sua cara.

Acertei os olhos. Tive certeza de que acertei bem nos olhos. Mas nada aconteceu. Ele nem mesmo piscou. Abriu a boca e a pele em volta do pescoço esticou, mas não fez nenhum som.

Em uma lata há *spray* suficiente para seis jatos de um segundo. Quando o atingi novamente, cheguei mais perto e esvaziei o resto do *spray* bem na cara.

Joguei a lata vazia para o lado enquanto recuava e olhei assombrado para o homem. A adrenalina corria pelo meu corpo, e tive de me controlar para não o atacar e o derrubar com a força das minhas próprias mãos. O ar estava carregado de *spray*, e não queria deixar que isso me incapacitasse.

Em algum lugar, no fundo da minha memória, lembrei-me de como usar o *spray* de pimenta da forma que nos ensinaram no curso da Academia. Disseram que 3% da população é naturalmente imune aos efeitos do *spray*, mas eu nunca havia visto alguém que fazia parte desse pequeno percentual.

As únicas outras pessoas que eu já tinha ouvido falar que não sentiam os efeitos do *spray*, como o meu "bêbado", eram as viciadas em metanfetamina, e ele não se estava movendo como um viciado.

À medida que recuava, ouvi o Chris gritar. Olhei em sua direção e vi que a gorducha de *spandex* havia, de alguma maneira, conseguido derrubá-lo. Fiquei surpreso em vê-lo caído. Ele não era um cara grande, mas estava em boa forma.

Ela o arranhava muito. Suas unhas rasgavam o rosto de Chris, e, então, de repente, ela tirou a arma das mãos dele.

Ele bateu nela com a lanterna, mas, ainda assim, não conseguiu livrar-se completamente daquela estranha mulher. Os braços dos dois estavam enroscados.

Enfim, Chris a atingiu com um golpe da lanterna e ela, finalmente, se afastou. Depois, ouvi o barulho agudo de metal contra metal de seu cassetete à medida que ele o sacava e o apoiava no ombro.

Ele bateu com o cassetete no joelho dela violentamente, pontuando o segundo golpe com um nauseante estalar de ossos quebrados.

O corpo inteiro da mulher afastou-se cambaleando, mas ela não gritou, nem caiu.

Chris a golpeou repetidas vezes, andando em volta dela, mantendo-a a uma distância de um braço e surrava-lhe as pernas quando chegava perto demais, porém não importava a força do golpe, ela não caía.

— Mas que inferno! — ele gritou. Eles andavam em círculos, como se estivessem em uma dança desajeitada e estranha, Chris continuava batendo nas pernas dela com seu cassetete. — Por que ela não cai?

Mas eu não podia ajudá-lo. Tinha os meus próprios problemas com os quais me preocupar.

O homem do *spray* de pimenta ainda tentava me agarrar. Ele tentou me golpear com uma mão estraçalhada, mas eu me esquivei por baixo dela. Antes que ele pudesse se virar, chutei a parte de trás de seu joelho e o empurrei para baixo.

Ele nem ao menos tentou amortecer a queda. Não tentou usar as mãos para se proteger.

À distância, podia ouvir as sirenes e os motores aumentando e diminuindo irregularmente, e sabia que a ajuda estava a caminho. Mas havia mais pessoas reunindo-se ao nosso redor, e, quando me virei um pouco, pensei reconhecer aquelas que estavam do outro lado da rua quando chegamos.

Foi aí que o Chris caiu.

Toda a atenção do Chris estava voltada para a mulher, porém nem chegou a ver os dois homens que o agarraram vindo pelo lado direito.

Vi um deles mordê-lo e o ouvi gritar. Meu colega se virou de modo febril, desviando suas mãos e seu rosto enquanto caía no chão.

Aqueles homens ainda tentaram pegá-lo, mas Chris rolou para longe. Ele ficou de pé com a arma na mão e atirou rapidamente duas vezes no homem que o mordera, atingindo-o bem no peito.

O som explodiu no ar, mas eu fui o único que recuou, perplexo. Ninguém mais no gramado pareceu ouvir os tiros.

O homem que foi atingido cambaleou para trás, impelido pela força do impacto, mas não caiu.

Eu o vi trocar o peso de um pé para o outro, como em uma dança desastrada e vacilante, e, depois, começou a avançar novamente.

Chris caiu para trás, com a mão no pescoço, o sangue já saía em jatos por entre seus dedos. Mesmo enquanto caía, ele mantinha a arma apontada para o homem.

Corri até ele e o puxei para trás.

— Ele me mordeu, caramba! — Chris gritou.

Coloquei-o atrás de mim e gritei para o homem que havia sido atingido:

— Pare! Não se mova!

Estava com o cano da arma apontada para seu peito, mas ele continuava avançando.

Não pude evitar de olhar para o seu rosto. Não havia nenhuma expressão nele, como um daqueles zumbis dos filmes. Seu olhar caiu sobre mim, mas, de algum modo, eu sabia que ele não olhava para mim. Não havia nenhum pensamento, nenhuma inteligência em seus olhos. Eles estavam embaçados, um mistério.

Chris e eu recuamos até a rua, preocupados em manter distância.

— Espingardas! — gritei, e gesticulei em direção aos nossos carros.

Corremos até as viaturas, evitando as pessoas que estavam atrás de nós, vindas de todos os lados. Enquanto contornava o porta-malas do meu carro, percebi que o Chris tinha dificuldades para me acompanhar. Ele tinha ficado pálido, e sua respiração estalava na garganta, como se sufocasse com catarro.

— Você não poderá atirar — disse a ele.

— Farei cobertura para você. Pegue a espingarda.

Abri o porta-malas e peguei a maleta da minha espingarda. O Departamento nos dá o Mossberg 500 — um cano calibre .12 padrão, “casca grossa”, feito para atirar com praticamente qualquer bala já feita.

Coloquei seis balas *green beanbags* no pente e outra na câmara. Não temos permissão para usar balas de chumbo quando estamos em patrulha, apenas as menos letais *green beanbags*.

Porém, elas são bem dolorosas. Um ou dois disparos a menos de nove metros pode levar quase qualquer um para o chão e quebrar algumas costelas, sem importar quão durona a pessoa acha que é.

Fechei o porta-malas.

— Está pronto?

Chris acenou que sim, mas parecia muito doente.

— O que há de errado com eles? Atirei naquele cara. Por que ela ainda está andando?

— Não sei — disse.

Cambalearam para mais perto. Ao observá-los, não consegui afastar a impressão de que olhava para um bando de cadáveres ambulantes. Parecia que haviam saído da tela de algum filme de terror de Hollywood.

Saímos de trás do porta-malas, permanecendo do lado do motorista dos nossos carros e mantendo cuidadosamente o motor

entre nossa posição e a do bando, que continuava avançando pelo gramado.

Durante o tempo em que executamos essa manobra, eu ouvia nossa cobertura aproximando-se, e, pelo modo como os motores e os pneus cantando começaram a encobrir o barulho das sirenes, calculei que estavam quase chegando ao bairro.

A ajuda estava a menos de dois minutos de distância.

Apontei a espingarda para os três homens que haviam acabado de entrar no círculo de luz do poste ao lado de nossos carros.

Chris, ainda de pé, sangrava muito. O sangue escorria pela lateral do carro em que estava apoiado.

Mirei no homem que estava a uns três metros de nós e gritei:

— Deite no chão!

O homem ignorou minha ordem e bateu de frente no para-lama do meu carro, como se esperasse atravessar o automóvel.

— Deite no chão! — gritei.

Ele se virou e foi em direção à frente do carro, com as mãos estendidas a sua frente, prontas para agarrar.

Quando ele pisou na rua, atirei.

O primeiro tiro não foi muito centralizado, atingindo-o no ombro. O impacto o fez girar e cair de joelhos, mas não gritou. Ele nem tentou tocar o lugar onde a *green beanbag* o atingiu.

Recarreguei a espingarda e levantei o cano, pronto para o próximo alvo.

Quando o homem que eu havia acabado de atingir se levantou, se virou e me encarou, senti o coração descer até o estomago.

Pessoas simplesmente não fazem isso.

Já havia atirado em pessoas com as *green beanbags* antes, e ninguém jamais se levantou rápido assim, nem mesmo com um tiro de raspão.

Procurei algum sinal de dor em sua expressão, mas não havia nada lá. Não havia nenhuma expressão, nenhum tipo de conteúdo.

Ele estava vazio. Os olhos pareciam olhar através de mim, guiavam-se para o nada.

— Fique abaixado! Atirarei em você de novo! Fique abaixado!

Mirei o próximo tiro com mais cuidado. Sem pressa, centralizei a mira bem no meio do peito.

Ele estava a menos de um metro e meio de distância quando atirei, e foi atingido pela força total de uma calibre .12.

O impacto o jogou para trás, desequilibrando-o, fazendo-o cair de costas no chão.

Não ficaria surpreso se tivesse despedaçado seu esterno em pedacinhos àquela distância.

Recarreguei novamente. Esse barulho geralmente espantaria todos os que estivessem no local, mas nenhum deles pareceu se importar.

Eles não correram, nem piscaram, nem procuraram ajuda entre si. Nem sequer pararam. O ritmo não mudava, nem mesmo quando estendiam os braços para nos agarrar. Todos os movimentos eram lentos e laboriosos, como uma senhora idosa tentando subir um lance de escadas.

Mais deles vinham pela frente do carro e atirei mais duas *green beanbags* nos dois primeiros da fila o mais rápido possível.

O que estava mais perto de mim caiu.

O que estava atrás desse, cambaleou para trás, mas não caiu.

— Para trás! — gritei. O ar ao nosso redor estava carregado de fumaça de pólvora. E havia tantos deles vindo em nossa direção que, mesmo com a espingarda, não poderia mantê-los afastados.

O primeiro cara que atingi bateu no meu carro de novo. Encostei o cano no seu peito e atirei. Atirei novamente enquanto ele caía.

Chris e eu recuamos.

Tínhamos ficado sem munição, e a espingarda se tornava inútil.

Saquei minha *Glock*.

— O que eles são, Eddie?

— Anda! Anda! — eu disse, e empurrei o Chris ao longo da lateral do carro. Quase tive de carregá-lo, pois ele estava tendo problemas para sustentar o próprio corpo. Não podia correr de jeito nenhum.

Quando chegamos à traseira do meu carro, travei.

Entre o meu carro e o carro do Chris, outro homem se arrastou pelo caminho a nossa frente.

Ele se virou e nos encarou, e, naquele momento, perdi toda a calma. Seu rosto e seus braços estavam destroçados. Havia sangue por todos os lados, e o rosto daquela espécie de zumbi estava tão retalhado que mal pude lhe reconhecer os traços.

A coisa que me devolveu o olhar não era absolutamente um rosto. Havia um grande talho que começava logo abaixo do olho esquerdo. Era vermelho como sangue e projetava-se da órbita como uva esmagada. O talho se abria para baixo na forma de um triângulo irregular que se espalhava pelo maxilar, e acabava numa aba de pele coberta de terra pendurada inutilmente no pescoço. Pérolas brancas brilhantes, que eram os dentes, apareciam através do tendão do que restou de sua bochecha.

Seu braço direito era só um coto sangrento, mas ele o estendeu em minha direção como se ainda houvesse uma mão presa a ele.

Abaixei minha arma em confusão e repulsa, então a levantei novamente.

— Pare! Não se mova!

Mas ele continuou avançando.

Atirei um uma única vez bem no meio do peito e ele balançou nos calcanhares, vacilando um pouco antes de recuperar o equilíbrio.

Levantou os braços ensanguentados novamente e os estendeu em minha direção.

Mirei com ambas as mãos.

Minha arma berrou três vezes, e todos os três disparos atingiram-lhe o peito. Os tiros o fizeram cambalear novamente, mas eu não conseguia derrubá-lo.

Meu treinamento me ensinou que aquilo era uma armadura — ninguém pode aguentar esse tipo de pancada, a não ser que esteja usando uma armadura.

Quando avançou pela última vez, mirei na cara e atirei uma única vez. A bala o acertou na bochecha, e um esguicho de sangue, pedaços de carne, osso e dentes se espalharam pelo branco do capô da viatura atrás dele.

O homem voou para trás, aterrissando por cima do para-choque do carro. Eu o vi lutar para se levantar e, mais do que tudo no mundo, eu queria correr o mais rápido possível e para o mais longe que eu conseguisse. O choque do que havia acabado de ver e a adrenalina que percorria minhas veias quase me fez vomitar.

Agarrei o Chris pelo ombro e forcei caminho até seu carro. Joguei-o no banco de trás e lutei para chegar ao banco do motorista.

Muitas pessoas se agruparam ao nosso redor. Elas estavam em todos os lugares, mãos puxando meu uniforme, puxando-me para longe do carro.

Consegui entrar e engatei a ré.

Havia pessoas batendo nas portas, nas janelas e no porta-malas, mas não me dei ao trabalho de desviar.

Pisei fundo no acelerador e arranquei, derrubando todos à medida que me afastava da guia.

Dirigindo como um bêbado, fiquei com o pé no acelerador até voltar a Chatterton.

Devia estar a uns 80 quilômetros por hora quando cheguei ao topo da colina, e mal conseguia controlar o carro. Bati em dois carros estacionados e atravessei as faixas na diagonal bem no momento em que duas viaturas vinham em minha direção.

Quando vi as luzes, dei uma virada brusca e entrei no gramado de alguém. Não conseguia manter o carro em linha reta e perdi o

controle. O veículo, de repente, virou para a direita e, quando as rodas atingiram o chão de novo, se atirou de volta à rua.

Finalmente, consegui parar após bater numa caixa de correios de tijolos e na traseira de um carro estacionado.

A última coisa da qual me lembro é o *airbag* explodindo na minha cara.

Capítulo 2

Não acho que desmaiei completamente, mas também não me lembro de ter sido colocado na unidade de resgate. Quando finalmente acordei, havia uma máscara de oxigênio no meu rosto e um técnico do resgate tentava medir minha pressão.

Eu o reconheci de alguma chamada que atendemos juntos, mas não conseguia me lembrar de seu nome. Acho que era Roberto ou Robinson, ou algo do tipo.

Tossi forte e não consegui parar. Parecia que estava sendo rasgado por dentro.

— Vá com calma, Hudson.

Levei a mão à máscara de oxigênio e tentei puxá-la do rosto. Ele segurou meu pulso para me impedir.

— Deixe-a aí.

— Me larga — eu disse, apesar de ter saído abafado e tremido através da máscara.

Sem forças, tentei me sentar. Meu pescoço e meu ombro estavam rígidos, e achei que fosse vomitar.

— Você fica aí. Seu sargento disse para ficar quieto.

— Vou vomitar.

Tirei a máscara do rosto, e desta vez ele não me tentou impedir. Virei meu rosto e tossi novamente. Meu rosto e meus olhos queimavam, e deduzi que deveria ter sido atingido pelo *spray* de pimenta.

— Cadê o Tompkins? — perguntei.

— Não sei — respondeu-me, ainda tentando colocar meu braço no aparelho de medir a pressão arterial. — Pelo que ouvi, levaram-no com “Código Três” para o Downtown Methodist. Ele estava péssimo quando o tiraram do carro.

Ele levantou meu braço da maca.

— Vamos lá. Preciso colocar essa coisa em você.

— E as pessoas nas quais atiramos? — era urgente. Precisava saber. Agarrei seu braço e segurei firme. — Me conte!

Percebi que ele não queria me contar nada. Ele gaguejou e, quando lhe apertei o braço mais ainda, rapidamente disse:

— Não sei. Solte meu braço.

— Aquelas pessoas não caíam! — eu quase gritava e pude vê-lo observando as tiras ao lado dos meus braços na borda da maca, desejando que as tivesse colocado em mim.

— Eram zumbis! — eu disse, desesperado para desabafar. — Como pessoas mortas. Atiramos nelas, mas não caíam. Simplesmente continuaram avançando!

— Acalme-se — ele disse, empurrando-me para me deitar na maca e, ao mesmo tempo, segurando o meu corpo.

— Me solta, inferno! Me solta! Larga!

Ele tentou segurar meus ombros, mas percebi que não queria brigar comigo. Bombeiros não gostam de brigar com pessoas armadas.

Finalmente, ele me largou e me deixou sentar.

— Vou chamar seu sargento — disse. — Espere aqui. Vou chamá-lo, ele pode explicar o que aconteceu. Espere aqui.

Ele abriu a porta lateral e me deixou sozinho nos fundos da unidade. Reclinei na maca e cobri o rosto com as mãos, completamente exausto. A adrenalina me deu forças até então, mas, naquele momento, estava desmoronando.

Tudo o que eu queria era ficar de olhos fechados e com a mente vazia. Mas, mesmo com a tensão deixando meu corpo, minha mente dava voltas, ainda tentando entender a violência dos últimos minutos.

Eu já havia sentido esse tipo de decepção antes, depois de perseguições de carros, brigas e coisas do tipo, mas o sentimento

nunca havia sido tão forte, tão difícil de superar.

Quando abri os olhos, forcei a minha concentração nas coisas ao meu redor, desejando parar de relembrar o incidente, concentrando-me em algo mundano.

Estava completamente escuro do lado de fora, e a única luz vinha do lustre barato e improvisado que corria ao longo do teto da ambulância. O brilho das lâmpadas de halogênio dava a tudo uma atmosfera estéril e institucional, e o cheiro nauseante de anestésico e de suor fizeram-me sentir hostil e doente.

Todas as ambulâncias são iguais.

Já estive em unidades de resgate centenas de vezes antes, interrogando pessoas a respeito de acidentes de trânsito, tiroteios e tentativas de suicídio. Mas aquela era a primeira vez em que fiquei tempo o suficiente para digerir como elas me faziam sentir. Foi ali que descobri que as odiava. Odiava tudo, e tudo o que podia fazer era contar fileiras e mais fileiras de vidros de insulina, soluções salinas e ataduras esterilizadas, e foi aí que percebi que não ia a lugar nenhum sentado lá pensando sobre isso. Estava me sentido preso e claustrofóbico, e queria sair de lá. Tinha de sair.

Tentei sentar e logo depois desejei não ter tentado.

Meu pescoço e ombro latejavam, e meus olhos e peito ainda sentiam que o *spray* de pimenta tinha chegado para ficar. A única coisa que me cabia era tossir, cuspir e esperar a queimação passar.

Encostei minha cabeça novamente na maca e analisei as perspectivas para as próximas horas.

Eu havia participado de outros tiroteios envolvendo policiais, e vi, em primeira mão, os problemas que tinham de aguentar.

O policial que era a figura principal da coisa estava sempre mergulhado no seu próprio mundo, enquanto todo mundo corria em volta dele, tentando aparentar calma e cochichando em tons sussurrantes que esperavam ter sido um bom tiroteio — para o bem do policial.

O que eles queriam dizer era que esperavam que o policial não tivesse feito besteira.

Isso me fez pensar se, talvez, tivesse feito besteira. Será que perderia meu emprego? Revivi a cena repetidas vezes em minha mente e me perguntei o que fizera de errado.

Eu sabia que os detetives, a perícia e os supervisores estavam a caminho. Alguns deles, quem sabe, já tratavam de seus negócios.

Eles começariam a investigação andando pelo local, tirando fotos, batendo nas portas e falando com pessoas que teriam visto algo. A posição de todas as últimas pistas, da localização das cápsulas até a extensão das marcas deixadas pelos pneus e o estrago causado a ambos os nossos carros, estaria marcada com precisão cirúrgica, tudo empacotado em grossas pastas de arquivos e apresentado ao Conselho Disciplinário para análise administrativa.

E, enquanto tudo isso acontecia, eu estaria sentado no quartinho sem janelas da delegacia, no aguardo de algum detetive para pegar meu testemunho e me perguntar o que todos falavam a respeito do que eu havia feito. Será que seria processado? Será que teria de procurar um novo emprego?

Seria difícil para mim, mas não tanto quanto seria para o Chris. Ele teria de fazer a mesma coisa que eu, com a diferença de que faria isso em uma cama de hospital.

Ocorreu-me que eu nem sabia o nome de sua esposa. Mas, qualquer que fosse seu nome, ela receberia aquele telefonema do sargento, dizendo que o Chris estava ferido e estava em seja lá que hospital o houvessem mandado.

Sim, ela poderia vê-lo assim que desejasse.

Não, ela não poderia falar com ele até que os detetives pegassem seu testemunho.

E, então, pensei na April e no Andrew, sentados em casa e passando pela rotina noturna antes de irem para a cama, totalmente alheios ao que acabara de acontecer.

April colocaria o Andrew na cama, faria um sanduíche para ela e ligaria a TV para assistir ao noticiário.

Ela descobriria por meio de algum apresentador, e, já que a investigação ainda estava em andamento, não mencionariam os nomes dos policiais envolvidos ou a seriedade dos ferimentos dos policiais internados.

O apresentador diria algo como: "seu estado é crítico". Ou: "ele está estável, mas sob observação".

Essas palavras não significam nada quando você precisa saber como seu marido está. Elas não têm importância, estão carregadas de ambiguidade para responder a perguntas desesperadas. Elas são estéreis, confusas e completamente inúteis, e... meu Deus! Por que estava me torturando com tudo isso? Por que todas as dúvidas?

Eu só queria ficar ali sentado e tentar dormir. Por mais contrária à conduta policial que isso possa parecer, era só isso que eu queria.

Podia sentir meus olhos se encherem de lágrimas e pensei, *perfeito*.

Minha mulher deveria estar a caminho. Ela abriria a porta do resgate e me encontraria chorando desesperadamente.

Perguntei-me quem entraria ali para falar comigo. Stenveson era o terceiro-sargento, então, provavelmente, seria ele, mesmo não sendo meu supervisor direto. Eles sempre mandam o terceiro-sargento para lidar com os problemas mais desagradáveis.

Tiros.

Pude ouvir uma saraivada de tiros de pistola que soaram como fogos de artifício através do metal das paredes do resgate.

Os tiros vinham de todos os lados de uma só vez. Gritos e berros explodiam de todos os lugares, mas não pude entender o que era dito, também não reconhecia nenhuma das vozes que faziam aquele estardalhaço.

Mais tiros.

Os tiros vinham em intervalos tão rápidos e tão seguidos uns dos outros que não conseguia contá-los. Reconheci os estampidos da *Glock* — muitos deles — que pontuavam os disparos da pistola como um ponto de exclamação.

Pulei de cima da maca, forcei meu caminho para fora do resgate e fui para a rua.

Os técnicos do resgate estacionaram com as portas da unidade longe da cena, e, quando dei a volta pelo lado da ambulância, fui banhado por luzes vermelhas e azuis.

Havia pessoas por todos os lados, correndo, gritando, brigando entre si.

Dois caras do resgate seguravam um terceiro no chão. Lutavam para manter os ombros do sujeito junto ao asfalto, e ele fazia o possível para mordê-los.

Um outro homem, vestindo farda de bombeiro, estava caído de cara nos estribos do caminhão de bombeiros. E não se mexia.

Vi um dos caras do meu turno caído de joelhos e apoiado nas mãos, balançando para frente e para trás como se estivesse prestes a cair. Suas mãos estavam banhadas de sangue.

Um nervoso grupo de civis passou correndo por mim, mas havia outros andando em direção à cena com os mesmos passos vacilantes que havia visto antes.

Vi muitos pequenos ajuntamentos descendo a rua, vindo de gramados próximos.

As luzes vermelhas e azuis cortavam o brilho amarelado dos postes, dando a tudo e a todos uma áurea estranha e descorada.

À distância, podia ouvir mais sirenes, mas elas pareciam ir para longe de nós.

Dois outros policiais do meu turno se protegiam atrás de uma viatura e atiravam com suas pistolas num grupo de pessoas que se aproximava.

Mesmo enquanto sacava minha arma e corria para me juntar a eles, não conseguia acreditar que atirávamos em pessoas desarmadas. Isso ia contra tudo o que havia aprendido no treinamento e contra tudo o que havia acreditado ser sagrado.

Mas não importava como me sentia, juntei-me a eles e aponteí minha arma para o grupo que se aproximava mesmo assim.

O policial à minha direita olhou-me quando me agachei ao seu lado.

— O que diabos está acontecendo? — ele gritou.

— Não sei.

— O que são essas coisas? Acertei um no peito seis vezes e ele não parou.

Ele não esperou por minha resposta. Levantou e começou a atirar por sobre o capô do carro. Esvaziou o pente, ejetou-o e colocou outro com tanta rapidez, que achei que ele não mirava de jeito nenhum.

O ferrolho voltou ao lugar na sua *Glock* e então atirou novamente. Cápsulas de latão voavam pelo ar, batendo nos lados da viatura e rolando até a guia.

— Eles não morrem, inferno!

E, então, eles romperam nossa defesa.

Através da fumaça e das luzes das sirenes, pude ver sombras se moverem. As sombras se transformaram em corpos muito cortados e maltratados que ainda se moviam.

Eles vieram por espaços entre os carros e atacaram um policial que atirava neles por trás da porta de um carro. Caíram em cima dele em uma massa retorcida de braços e rostos. Podia ouvir os gritos de ajuda, apesar de pistolas dispararem bem do lado de meus ouvidos.

Um policial chamado Flores correu por um campo aberto para ajudá-lo.

Muitas das pessoas que dominaram o outro policial se levantaram e cambalearam em sua direção.

Flores era um homenzinho resistente, durão e um ótimo atirador — sei disso por atirar ao seu lado durante o treinamento. Ele conseguia esvaziar um pente inteiro num alvo do tamanho de um prato a uma distância de 20 metros e ainda fazia isso parecer fácil para qualquer um.

Ele mirou no homem vestindo uma jaqueta esporte e calça e atirou três vezes.

Pude perceber o homem ser atingido, mas ele continuou andando em sua direção, parecendo destemido e despreocupado com as balas despedaçando-lhe o peito.

No entanto, Flores manteve sua posição. Levantou a arma novamente e disparou mais três tiros.

Quando o homem andou novamente, Flores disparou um único tiro na sua testa, e, enfim, a criatura caiu no chão.

Logo em seguida, Flores começou a disparar tiros e mais tiros naquela multidão estranha e corpos caíam com cada puxão do gatilho.

Era, ao mesmo tempo, nojento e bonito assistir àquela cena. Sua rapidez e acuidade eram inacreditáveis.

Porém, ao mesmo tempo que ele arrasava a multidão à sua frente, mais e mais pessoas se aproximavam através da escuridão e da fumaça. Elas não faziam som algum, o que os tornavam ainda mais estranhos. Com o resto de nós gritando ao redor deles, o único barulho que faziam vinha de seus sapatos arrastando-se no asfalto.

Não podia contar quantos deles havia ou até mesmo onde estavam, pois nossa visibilidade era quase nula. A parte do agrupamento que podíamos ver não nos dava chance de nos reagruparmos e nos organizarmos.

Virei-me e vi mais pessoas andando atrás de nós.

Já havia mais pessoas do que podia contar andando por entre os carros, e à nossa frente e à nossa direita. Flores ainda atirava como um louco e, quando disparou o último tiro, colocou a arma de volta no coldre e começou a lutar com seu cassetete.

Ele possuía um dos antigos cassetetes de nogueira preta e o estava vibrando contra aqueles seres.

Derrubou um deles e bateu tão forte na parte de trás da cabeça do cara que o cassetete quebrou no meio.

Flores jogou fora os pedaços e sacou seu cassetete de metal dobradiço.

A multidão se fechou ao seu redor. Havia muitos deles para ele os derrotarem, e eles conseguiram derrubá-lo no chão.

Eu não o vi morrer. Não podia ficar em pé ali e ver isso acontecer.

Já era inútil atirar. Havia muitos deles, e eles estavam tão perto dos outros policiais que eu não poderia atirar e ter a certeza de que acertaria o alvo.

A maioria dos policiais à minha volta fora lutar mano a mano.

Vi um deles segurar um homem no chão e tentar algemá-lo.

Outro, que tinha ido ajudar o Flores, estava cercado pela multidão, de costas para um carro de bombeiros. Ele subiu pelo lado do caminhão até ficar em cima das mangueiras. A multidão tentou agarrá-lo, arranhando as válvulas e mostradores cromados, mas não conseguiu pegá-lo.

Através da fumaça, vários policiais e bombeiros voltaram a Chatterton. Corri em direção a eles, supondo que poderíamos nos reagrupar e chamar mais reforço.

Passar pelos destroços era como correr por uma pista de obstáculos. Devia haver mais de vinte viaturas ao longo da rua, e a maioria delas parecia danificada — algumas apenas um pouco, outras completamente destroçadas.

Não conseguia acreditar que toda aquela destruição havia acontecido tão rápido, que havíamos perdido completamente o

controle em tão curto espaço de tempo.

À medida que avançava por entre os carros, via pessoas em todos os lugares. Um policial chamado Harner estava a uma distância de aproximadamente vinte metros à minha esquerda, lutando com um grupo de três homens.

Virei-me naquela direção para ajudá-lo, mas não consegui.

Ali, bem à minha frente, estava o homem com o rosto rasgado, com aquela horrível aba de pele incrustada de lama balançando no pescoço como um pedaço grosso de tecido.

Ele tinha um buraco na linha do maxilar, onde eu o havia atingido com o tiro que o derrubou. Vi três buracos vermelhos meio enegrecidos no peito, e fora eu quem os colocara ali.

Mas não vi reconhecimento em seu rosto. Seus olhos pareciam vazios. Sua boca caía aberta, faminta.

Ele me agarrou.

Apenas por instinto, afastei seus braços, recuei e saquei minha arma.

— Não se aproxime — eu disse.

Apontei minha *Glock* para a testa dele e puxei o gatilho. Naquele momento, o mundo à minha volta era todo silêncio. A única coisa que vi foi a cápsula de latão saindo da minha arma e caindo em algum lugar à minha direita.

Foi um tiro limpo, bem no alvo.

Sua cabeça estalou para trás, e ele caiu no chão e não se mexeu mais.

Eu estava atordoado. Praticamos procedimentos de tiro repetidas vezes — mantenha a arma levantada, esquadrinhe à esquerda, esquadrinhe à direita —, mas, quando estamos em situações como essa, nada sai como no treinamento. Todas as técnicas que o departamento me ensinou evaporaram, e lá estava eu, com os nervos à flor da pele, sobrecarregado pelo choque.

E, então, houve uma onda de adrenalina no momento em que o mundo voltou a ficar em foco. As cores, os sons, a confusão, tudo isso me atingiu de uma só vez.

A multidão avançava e, enquanto fiquei ali parado, tentando me livrar do atordoamento, eles começaram a me cercar.

Disse a mim mesmo para correr, para lutar, para fazer alguma coisa, exceto ficar ali, parado. Mas meus pés estavam fincados no chão.

Senti uma mão agarrar meu ombro.

Parecia água gelada na minha pele, e, naquele momento, retomei o controle dos meus pés. Havia um buraco por entre a multidão à minha frente e fui nessa direção. Abaixei meu ombro e derrubei um homem com uma jaqueta de sarja.

Passei por entre os carros e cheguei ao gramado correndo.

As casas do lado norte da Chatterton compartilham um muro de pedras que separa os quintais da parte de trás delas do cinturão verde da vizinhança. Corri pela lateral de uma casa e, pelo quintal de trás, por cima do muro, ainda correndo o mais rápido possível, não parei até estar no meio desse cinturão.

Chegando lá, parei e tentei recuperar o fôlego. Não corria assim desde que era cadete na Academia, mas agora estava fora de forma.

O ar frio noturno queimava minha garganta. Tiros ainda eram disparados na rua, mas em menor quantidade agora, com longas pausas entre cada um deles. Altos carvalhos e casas bloqueavam minha visão, mas ainda podia ver o brilho das luzes de emergência e a fumaça subindo.

Precisava chegar ao local onde nosso turno se agruparia, seja lá onde fosse, mas não fazia ideia de onde isso aconteceria. E não havia ninguém ali para me orientar. Estava sozinho, isolado.

O cinturão era praticamente plano, um pedaço de terreno baldio com aproximadamente 35 metros de largura, onde a água, que

escoava das chuvas fortes, vinda do bairro, era coletada e canalizada.

O vento açoitava a grama alta. Os furacões que haviam dizimado Houston nas últimas quatro semanas trouxeram chuvas fortes a San Antonio quase diariamente, e a grama estava viçosa e espessa. Pernilongos zumbiam por entre a grama.

Alguns meses antes, eu havia perseguido alguns garotos pelo cinturão, e vira morangos por todos os lados. Arbustos de amora cresciam juntos em torno de grandes afloramentos de blocos de rocha calcária, branca como leite. Depois da perseguição, aquele lugar ficara calmo e poderia ser assim enquanto estava ali parado, não fosse pelo desespero me triturando por dentro.

Olhava o vento aplanar a grama, parecendo um pedaço enorme de veludo preto cintilante.

Perguntei-me o que deveria fazer.

Sabia que deveria encontrar um carro. Sem um veículo, eu era um pato indefeso, esperando ser engolido por aquela multidão.

No entanto, para encontrá-lo, teria de voltar para a rua, e, realmente, não queria fazer isso. Não fazia ideia da extensão do tumulto, e eu não correria de cabeça em direção a algo que não entendia.

Ficar isolado e sozinho deixou-me intensamente atento ao silêncio que havia no local. Estava tão acostumado ao barulho e à atividade do patrulhamento que havia desenvolvido a habilidade de falar ao telefone, conversar com os queixosos e ouvir o rádio ao mesmo tempo.

Olhei para meu rádio e percebi que era por isso que tudo estava em silêncio. Achei que o pessoal do resgate o desligara enquanto estava na unidade. No meio de toda a confusão, havia me esquecido completamente dele.

Quando o liguei, ouvi algo inacreditável. O rádio era uma zona de vozes sobrepostas e toques de emergência. Policiais estavam

gritando por ajuda, implorando por reforço, e parecia que todos os operadores da central falavam ao mesmo tempo.

Nada fazia sentido: ouvia metade de uma frase antes de um toque de emergência interrompê-la e mais alguém começar a falar.

O que estava acontecendo não era apenas nessa ruazinha na zona oeste. Havia chamadas desesperadas sendo enviadas por toda a cidade. Parecia o fim do mundo.

A Divisão do Sul era atacada com fogo e multidões, tiros eram disparados por quase todos os quarteirões nas suas áreas de serviço.

O operador da central da Divisão do Centro da Cidade não conseguia obter resposta de nenhum de seus homens.

Os policiais disponíveis na Divisão do Noroeste eram chamados para os hospitais no Centro Médico.

De uma forma muito rápida, e sem controle, o mundo ao meu redor estava desmoronando, e eu estava absolutamente aturdido com a velocidade com que uma destruição nessa escala poderia acontecer, e, por mais que tentasse compreender, não conseguia.

Então, a compreensão me atingiu tão forte que quase caí, e soltei um gemido.

Minha família. Minha esposa. Meu bebê.

Preciso chegar até eles. Imediatamente.

Abaixei meu rádio e me arrastei de volta ao muro que me separava das linhas das casas. Decidi usar o muro como cobertura e atravessá-lo assim que chegasse a um ponto onde houvesse menos movimentação.

Dali, eu pegaria a primeira viatura que encontrasse.

Se não conseguisse sair do bairro pela entrada principal, então cortaria caminho pelo *playground* da escola primária.

Contudo, eu tinha de encontrar um carro primeiro. E logo.

Capítulo 3

Arrastei-me por um dos quintais a Leste de toda a confusão. Brinquedos de plástico e bolas de basquetebol estavam espalhados pelo quintal. Um triciclo estava caído de lado na varanda. Um balanço raquítico de metal, montado num dos cantos, tinha a aparência de um inseto gigante escondido nas sombras.

Havia pouca luz e vinha de dentro da casa, fazendo sombras no quintal. Minha lanterna estava em algum lugar perto do meu carro, talvez no gramado ou em algum lugar na rua. Achava improvável que conseguisse encontrá-la novamente, mesmo precisando dela tanto quanto de um carro.

Passei por cima da cerca e entrei no gramado frontal.

O barulho de disparos explodia na distância como trovão. Pessoas ainda gritavam e eu podia ouvir o uivo das sirenes dos caminhões de bombeiro logo adiante, mas estava longe o bastante da cena, por isso achei seguro passar para os gramados novamente.

Mas eu não arriscaria voltar para o meio da turba. Planejava retornar ao local onde tudo começou pelo Leste. Assim, eu poderia ficar fora do alcance de qualquer multidão que ainda estivesse lá e, ainda, poderia pegar meu carro quando tudo estivesse livre.

Meu palpite era que o primeiro grupo, aquele que Chris e eu encontramos, fosse para o Oeste, em direção de todas as luzes e barulhos de brigas, e, se assim o fosse, eu me aproximaria do meu carro de forma mais fácil.

Fiz meu caminho pelos gramados, tentando ficar longe das luzes e sob a cobertura das árvores sempre que possível.

O ar ficou estranhamente frio conforme a brisa noturna soprava, e eu não estava com a minha jaqueta. A temperatura em San

Antonio é geralmente de 26 graus até, aproximadamente, a metade de outubro, então achei que não precisaria de uma.

Quando saí para o trabalho naquela tarde, o dia estava ensolarado, com uma temperatura de 30 graus, mas parecia que estava uns 10 naquele gramado.

Nenhum cachorro latia. Achei isso muito estranho. A única coisa que ouvia era o barulho da multidão no topo da colina, mas depois até isso se foi.

Parei e ouvi o silêncio que caía sobre a rua. Luzes enchiam o céu, mas tudo havia ficado parado, e o único barulho era o sopro do vento através das folhas das árvores acima de mim.

Quanto mais para o leste da Chatterton eu ia, mais juntas as árvores ficavam.

As casas próximas da escola primária eram um pouco maiores do que as outras do bairro, e tinham terrenos maiores, com árvores também maiores.

Essas casas estavam bem perto de onde havia deixado meu carro, e a cobertura que forneciam as tornaram um ótimo lugar para observar a rua antes da minha última corrida até o carro.

À medida que caminhava até um dos gramados, encontrei um gigante carvalho espanhol, com uma copa tão grande quanto a casa onde estava plantado. Nunca havia sido podada e seus galhos externos caíam até o chão, fazendo-o parecer uma enorme barraca.

Um vento frio e tempestuoso soprou através dos galhos superiores, balançando-os para frente e para trás.

Andei ao redor da copa e vi uma abertura onde um dos galhos maiores se curvava até o chão, vindo do tronco central.

Havia espaço suficiente para um homem andar por baixo, e o espaço parecia formar um calmo abrigo, uma caverna com paredes de folhas. Abri a cortina de folhas e entrei, pensando que, pelo menos, poderia recuperar o fôlego ali.

Contudo, imediatamente vi que aquilo não era um abrigo. Um homem já estava ali, de joelhos, comendo grandes pedaços de vísceras de um buraco enorme na barriga de uma mulher. Um pedaço longo e cheio de grumos do intestino estava pendurado entre seus dedos.

Ele vestia uma camisa de botões azuis e seu rosto estava ensopado de sangue. A calça parecia ser marrom e tinha um aspecto muito sujo. Não usava sapatos. A boca caía aberta, formando um buraco sórdido, indiferente.

A pior parte de sua expressão, no entanto estava em volta dos olhos. Eles eram brancos como leite, opacos, uma perfeita imagem da morte.

Cegamente, procurei a cortina de folhas atrás de mim e a agarrei, usando-a como apoio. Mantive os olhos grudados nos do homem, sem querer desviá-los, e voltei de costas para o gramado.

Mas, conforme eu me mexia, ela também se mexia.

— O que há de errado com você? — eu perguntei, mas não esperava nenhuma resposta.

A coisa para a qual olhava era simplesmente impossível. Era errada em todos os sentidos. Queria gritar para o homem que ele era uma aberração, mas, quando abri a boca para falar, nada saiu.

Sentia-me como se fosse ter um colapso. O coração batia tão forte e tão rápido que doía. Podia ouvir o sangue rugindo nos ouvidos. Eu nem respirava.

— Não — eu disse —, você precisa voltar.

Deixei os galhos caírem e cambaleei de volta ao gramado, ainda olhando fixamente para o carvalho que já não parecia tão bonito, mas deformado e artificial.

O homem saiu de trás do véu de folhas e veio atrás de mim.

A batalha da qual havia escapado não parecia real. As multidões, andando para os braços de policiais armados, lutando com as próprias mãos e dentes, não pareciam reais. Mas aquele homem,

aquela monstruosidade manchada de sangue, aquilo era real. Eu já não tinha dúvida alguma de que olhava para um zumbi.

Levei minha mão à arma.

Conforme recuava, saquei-a e empunhei-a firmemente.

Vi o brilho esverdeado do visor noturno e mirei no ponto central da testa do homem.

Ele nem mesmo pareceu notar a arma. O vazio nos seus olhos nunca mostrou reconhecimento do perigo. Ele continuava andando em minha direção e seu rosto permaneceu sem expressão até o fim.

Puxei o gatilho e ele caiu. A única testemunha de um dos piores momentos da minha vida foi o murmúrio do vento nas árvores.

Capítulo 4

Após atirar no homem, fiquei ali parado olhando-o, lutando contra a vontade de tocá-lo. Eu quase podia sentir a porosidade úmida e fria da sua pele em contato com as pontas dos meus dedos, e o pensamento me revirou o estômago.

Ainda não conseguia acreditar no que estava acontecendo. Quando saí para o trabalho naquela tarde, o mundo parecia normal. Agora, tudo estava de cabeça para baixo.

Aquelas pessoas eram realmente zumbis? Lutei contra essa ideia, mas ela não me deixava em paz. Havia assistido a filmes de terror. Assistia-os e ria de como eram bobos, porque os zumbis nos filmes de Hollywood nunca pareciam reais. Uma vez que você já viu a morte em todo seu esplêndido terror, uma versão cinematográfica simplesmente não o impressiona. Os desastres ambulantes que havia visto certamente eram muito piores do que qualquer coisa que tenha assistido nos filmes.

Enquanto estava ali, pensando nisso, minhas dúvidas continuaram a aumentar. Da maneira que eu via a coisa, zumbis eram pessoas mortas que andavam por aí comendo pessoas vivas. O homem em quem atirei sob a árvore fazia isso. Deus, ele estava fazendo isso! Mas estava morto? Nessa parte eu não acreditava. Isso ia contra tudo o que fazia parte da minha realidade. Além disso, ele havia sangrado com o tiro que lhe dei. Cadáveres não sangram.

E isso fez o horror do que havia visto ficar ainda pior. Não era suficiente que o mundo estivesse desmoronando ao redor dos meus ouvidos. Pior que isso, realmente atirei em alguém. Atirei em várias pessoas. Como poderia viver com isso? Elas tentaram me matar, claro, mas isso não tornava as coisas mais fáceis. Matar alguém não é fácil, sob nenhuma circunstância.

Minha cabeça estava soterrada pela enormidade de todos esses fatos. Havia visto muitos homens e mulheres decentes morrerem durante a luta no topo daquela colina, e eu tinha acabado de cambalear cegamente pelo pior disso tudo. Tinha sorte de estar vivo, e sabia disso.

Virei e segui para o Oeste, onde esperava encontrar meu carro novamente.

Mas não tive de andar muito para ver como meu turno havia sido destruído.

Conforme me aproximava do local onde Chris e eu nos deparamos com todos os problemas, comecei a ver carros destruídos, vidros quebrados e todo o tipo de escombros espalhados pelos gramados e pela rua. Havia centenas de corpos pelo campo de batalha, e muitos deles tinham rostos que reconheci.

Um eco da batalha ainda cobria a rua como se fosse fumaça.

Não muito longe de onde eu me encontrava, um homem com pernas inutilizadas se arrastava pela grama, tentando me alcançar. Havia cascalho no barulho que saía de sua garganta.

Tive de desviar o olhar, mas precisei de muita força de vontade para conseguir fazê-lo. Ele era uma ruína ferroviária humana.

Minha viatura havia sido demolida. As quatro janelas foram quebradas, e o para-brisa era uma teia de rachaduras. Parecia que o para-lama dianteiro do lado do motorista tinha sido atingido por um tiro de espingarda. Havia um buraco grande e irregular na lataria e o pneu estava furado.

A porta do motorista estava aberta, e o interior estava ainda pior do que o lado de fora. A espingarda sumira. Minha maleta estava despedaçada e espalhada pelo chão da viatura. Uma bala tinha atravessado a barra de direção e os fios da ignição estavam pendurados, saindo do buraco. Alguém derrubara o computador de seu suporte. Meu celular não estava em nenhum lugar à vista.

— Excelente! — eu disse em voz alta, e fechei a porta violentamente. O pouco vidro que ainda havia na janela caiu tinindo no asfalto. — Simplesmente ótimo.

Fiquei parado ao lado do meu carro com os dedos por entre o cabelo, perguntando-me que diabos eu deveria fazer.

Não havia mais nenhuma viatura no local.

Podia ver longas marcas de pneus em direção ao topo da colina. Imaginei que os policiais que haviam chegado até ali fizeram o mesmo que eu e Chris, e voltaram até o topo da colina quando perceberam que suas pequenas armas calibre .40 não davam conta do recado.

Os mortos ficaram para trás. Vi seis policiais caídos e um bombeiro, além de 30 ou 40 civis. A batalha foi cara para todo mundo.

A lanterna do Chris estava na grama do outro lado do carro. Os corpos de dois homens de uns vinte e poucos anos e uma mulher mais velha estavam a menos de três metros da lanterna, e, quando me abaixei para pegá-la, fiquei vigiando-os cuidadosamente.

Uma voz saída de algum lugar das sombras disse:

— Não se preocupe, eles estão mortos.

Procurei pela minha arma conforme me virava em direção da voz.

— Quem está aí?

— Sou eu, Eddie.

Era o Carlos Williams, um dos policiais em treinamento de campo do meu turno. Ele estava deitado com as costas apoiadas numa árvore no canto da casa, com a arma ainda em sua mão.

— Carlos — eu disse. Ele parecia mal. — Onde você está ferido?

— Eles me morderam — disse e deu de ombros, para que eu pudesse ver onde. Carlos usava camisa de mangas curtas, assim como eu, e seu braço esquerdo estava bem retalhado. Havia um machucado horrível no seu bíceps, tão irregular e profundo, enegrecido pelo sangue que só podia ser um marca de mordida.

Fui até ele.

— Você consegue levantar?

— Acho que sim. Ajuda-me.

Coloquei meu braço sob o dele e o puxei para cima.

— Quase atirei em você — eu disse. — Não me assuste assim.

— É, você pareceu um pouco assustado. — Ele riu para encobrir a dor. — Não fiquei preocupado. Já vi você atirar.

— Você é um engraçadinho. Vamos. Vamos limpar isso.

Levei-o pela lateral da casa, abri a mangueira e joguei água no seu braço.

— Fique parado — eu disse —, sei que isso dói.

Apontei a lanterna para o ferimento. Ainda sangrava livremente, mas tirei a maior parte da terra, da grama e dos pedaços rasgados de sua camisa do ferimento.

— Parece que é profundo — eu disse.

— Vou ficar bem.

— Vamos. Acho que há um daqueles *kits* de primeiros-socorros no porta-malas.

Havia corpos por todo o gramado, e parecia que onde pisávamos havia cápsulas de latão por entre a grama.

— Vocês realmente atiraram para tudo quanto é lado.

— É preciso tantos tiros para matá-los — ele disse. — Nunca tinha visto nada igual. Eles simplesmente continuavam a avançar.

Balancei a cabeça sem mesmo ouvir.

Seu ferimento começava a me assustar. O sangue ainda escorria pelo braço, e a palidez tomava conta de seu rosto. Lembrei-me de como o Chris ficou mal e a rapidez com a qual ele piorou, e não queria que o mesmo acontecesse com o Carlos. Não se eu pudesse evitar.

Ele era uns 35 quilos mais gordo que eu, e segurá-lo era difícil. Coloquei-o no banco de trás da viatura e virei seu braço para que pudesse enxergar.

Dei uma olhada no seu rosto sob a pálida luz interna do carro. Os olhos haviam ficado amarelo-urina, com pontos vermelhos ao redor. O queixo e a frente do seu uniforme estavam manchados por um líquido preto fedorento que imaginei ser vômito. Tentei não me engasgar e me concentrei no ferimento.

— Mantenha o braço sob a luz — disse a ele. — Vamos ver se conseguimos parar o sangramento.

— Olhe aqueles caras ali — ele disse, apontando com o queixo.

— Onde? — Virei rapidamente, meio que esperando ver mais daqueles zumbis vindo em nossa direção. — Que caras? Eu não...

— Eu atirei neles. Atirei em todos eles. Olhe para eles. Cada um tem um buraco no meio da testa. Eles continuaram avançando, mas atirei em todos.

Parecia que ele tentava se convencer de que isso havia realmente acontecido.

Peguei o *kit* de primeiros-socorros do porta-malas e o abri. Nome bonito, mas não tem muita coisa nele. Vem com dois rolos de atadura, algumas luvas de borracha, uma máscara de papel com filtro, uma almotolia, algumas garrafas de álcool em gel, praticamente só isso.

Coloquei as luvas, derramei todo o álcool da garrafa diretamente sobre o ferimento e depois passei a atadura.

— Isso vai doer, ok? Tente não se mexer.

Passei a atadura em volta do braço, tentando deixar bem justo, sem machucá-lo muito. Ele grunhiu no meio da respiração, mas me deixou ajudá-lo. O sangue já ensopava a atadura quando acabei de prendê-la.

— Caramba — ele disse, empurrando minhas mãos. Sua voz soou como um rosnado. — Já tá bom.

— Vamos ter de trocar as ataduras de novo logo, logo. Elas já estão encharcadas.

— É, tá. Sai daqui. Está muito apertado aqui dentro.

Recuei e deixei-o sair. Foi só quando ele finalmente conseguiu sair do banco de trás que notei como era grande. Ele não era supermusculoso, mas também não era gordo. Apenas havia muito dele. Um grande bloco quadrado.

Ele era alguns anos mais velho que eu, talvez tivesse 37 ou 38. O cabelo era ralo, castanho-claro, curto e bem aparado.

Mesmo se não estivesse de uniforme, e não o conhecesse por meio do Adam, acho que o reconheceria como um tira. Ele simplesmente tinha a aparência de um.

— Olhe pra ela — ele disse, apontando para uma mulher idosa deitada na grama. — Atirei nela também.

— Você foi obrigado — eu disse. — Ela teria ido atrás de você, como os outros.

— Foi ela quem me mordeu. Seu nome é Sylvia Perades.

— Você a conhecia?

Ele acenou que sim.

— Há mais ou menos vinte anos, peguei o filho dela no banco de trás de um carro roubado. Levei-o para casa ao invés de indiciá-lo e o segurei enquanto ela o espancava. Depois disso, ela costumava fazer *tamales* para que eu os levasse para Kathy todos os Natais. Ela preparou um jantar para mim e o levou até o hospital na noite em que o Matthew nasceu.

— Você precisava se proteger — eu disse.

— Ela nem me reconheceu.

— Ela provavelmente não reconheceu mesmo.

Ele a olhou por um longo tempo, dando adeus. Foi uma despedida tão demorada que achei que ele tivesse saído do ar.

— Esqueci que você era pai — eu disse, sem saber o que mais poderia dizer, mas sentindo que tinha de dizer algo. Lembrei de que ele tinha tirado uma longa licença algum tempo atrás, quando o filho nasceu, mas não me lembrava se era um menino ou uma menina até ele dizer o nome. — Quantos anos ele tem? Um?

— Nove meses — disse, mas eu acho que ele sabia o que passava pela minha cabeça naquele momento. Tinha certeza de que meu rosto dizia tudo. — Você já ligou para sua mulher?

Neguei com a cabeça.

— Não consigo achar meu celular.

— Eu também não. Estava aqui no meu cinto, mas parece que sumiu. — Falou enquanto procurava no cinto sem nem mesmo olhar. — Parece que meu cassetete sumiu também.

— Precisamos de um carro. Precisamos levá-lo para um hospital.

— Carro, sim. Hospital, não.

— Você está ferido.

— E tenho certeza de que muitas outras pessoas também. Imagine como estão os hospitais. Todo mundo que estiver machucado vai querer ir para lá. Quanto tempo acha que vai levar antes que os hospitais sejam invadidos por aquelas coisas zumbis?

— Não tinha pensando nisso.

— Precisamos ir a um corpo de bombeiros. Eles têm paramédicos lá. Além disso, quando o sistema de rádio cai, devemos ir para o corpo de bombeiros mais próximo. O resto do turno deve ir para lá agora.

Enquanto ele falava, eu olhava para a rua a Oeste. Pelas luzes piscando podia ver zumbis descendo a colina. Vindo em nossa direção.

— Carlos — eu disse —, precisamos ir.

— Precisamos de um carro.

— Bom, não iremos naquela direção. — Apontei para onde havia muitos carros, mas absolutamente nenhuma maneira de pegar um.

Ele se virou para ver onde eu apontava, e, então, abaixou a cabeça.

— Merda, Eddie. Não sobraram muitas balas.

— Guarde-as. Não iremos atirar se não precisarmos.

Capítulo 5

A multidão que descia a colina aumentava. Aos meus olhos, todos pareciam um fluxo de água enegrecida transbordando de uma represa, descendo sem direção, seguindo o caminho que oferecia menos resistência. Pareciam levados apenas por um vago impulso que lhes dizia para continuarem se movendo.

— Tem algum plano? — Carlos perguntou.

— Você é o mais velho. Diga você.

— Não vou conseguir chegar muito longe. É a minha cabeça. Tô me sentindo muito tonto. Tá doendo.

Eu sabia que ele estava com dores. Havia dor em sua voz, apesar de tentar disfarçar.

— Há a escola primária. Acha que consegue chegar até lá?

— Sim — ele disse, mas pareceu em dúvida. — Devemos evitar qualquer lugar em que uma multidão possa se agrupar.

— As crianças saíram da escola às três.

Ele acenou que sim com a cabeça, e juntos começamos a andar em direção à escola com seu braço sobre meu ombro.

Ao sentir seu peso sobre meus ombros, fiquei surpreso com o estado dele. A mordida foi séria, sem sombra de dúvidas, mas, mesmo assim, pensei, não deveria acabar com ele daquele jeito. O amarelo-urina nos olhos começava a ficar um vermelho-escuro, e ele tossia repetidamente, uma tosse carregada, que tinha um cheiro horrível. O corpo inteiro tremia cada vez que tossia. Por causa do suor, estava escorregadio ao toque também. Cada passo era trabalhoso, um esforço doloroso que o contorcia o rosto, e isso dizia algo sobre sua força interior, força que lhe fazia andar rápido como naquela hora.

Passamos juntos pelos corpos e pelo lixo nas ruas, até o fim do quarteirão, onde o topo da rua se aplanava e um muro de árvores marcava o anel dos fundos do *cul-de-sac*.

A orla da propriedade escolar era protegida por uma cerca antifuracão de dois metros de altura.

Escalei a cerca primeiro e depois estendi minha mão para o Carlos.

Ele puxou a maior parte do seu peso sozinho, o que foi uma sorte. Duvido que pudesse tê-lo carregado.

Ele se deu tão bem na subida que o deixei descer sozinho para o outro lado. Péssima ideia. Ele perdeu o apoio perto do topo da cerca e caiu de lado, tão forte que perdeu o fôlego.

— Você está bem? — perguntei, ajoelhando-me ao seu lado. Ofereci a mão para ajudá-lo a se levantar.

Ele a aceitou, mas não tentou se levantar. Ficou ali apoiado nas mãos e nos joelhos, a cabeça baixa, tentando recuperar o fôlego.

— Por que as pessoas sempre dizem isso?

— O quê?

— Por que as pessoas sempre dizem, *você está bem?*, depois que alguém cai de bunda? Quer dizer, olhe pra mim. Caramba, eu pareço bem?

Eu não respondi.

— Esqueça — ele disse. — Ajude-me a levantar.

Ajudei-o a ficar de pé e a se equilibrar. Ele oscilava muito. Na direção da escola, os holofotes nos cantos do prédio iluminavam o *playground* e o estacionamento.

Olhei para o outro lado do campo que nos separava dos prédios e depois para o Carlos.

— Ainda temos de andar mais um pouco. Acha que consegue?

— Não tenho muita escolha, né?

O prédio mais perto era o ginásio, então fomos nessa direção. A meio caminho de um campo onde anos de *kickball* formaram linhas

de terra no gramado, Carlos parou de andar e se curvou. Ele vomitou em cima das botas. Bem depois de eu achar que não tinha sobrado mais nada dentro dele, ele continuou.

Isso fedia.

Mas, finalmente, ele parou e se levantou.

Antes de poder dizer alguma coisa, olhou para mim e disse:

— Não se atreva a perguntar se estou bem.

Dei de ombros.

— Parece que estou gripado — ele disse —, minhas costas estão me matando.

— Quando entrarmos, talvez seja melhor irmos à enfermaria primeiro. Talvez haja algo lá que possa...

Parei de falar no meio da frase. Carlos olhou para mim.

— O que foi? — ele perguntou.

— Acho que ouvi alguma coisa.

— O quê?

— Shhh...

Soava como chaves chocalhando. Acendi a lanterna, a apontei para o *playground* e o varri com a luz. Não parecia que havia algo lá, mas era difícil ter certeza porque a luz não penetrava muito longe na escuridão.

Ouvi o baralho novamente.

— O que é isso?

Então vi um dos oficiais da SWAT, chamado Anthony Moraga, andando por entre os trepa-trepas e as gangorras. Vestia o uniforme tático preto, diferente dos uniformes azul-marinho que o Carlos e eu usávamos. Ele empunhava sua *Glock* e um AR-15 estava jogado no ombro. Parecia mancar bastante.

— Tony — disse a ele, e logo depois desejei não ter feito isso.

Ele virou-se lentamente em nossa direção e, mesmo antes de ver o vazio em seus olhos, soube que ele era uma daquelas coisas. Um zumbi.

— Por que você fez isso? — Carlos disse.

— Não sei. Vamos. — Tentei puxar o Carlos comigo, mas ele não queria se mexer.

— Atire logo nele — ele disse.

Levantei a arma para atirar no Moraga. Todo meu corpo se rebelava contra atirar em um companheiro policial — mesmo em um que havia mudado de forma. Era quase impossível puxar o gatilho.

Hesitei.

Esperei tempo demais.

Moraga levantou as mãos e começou a andar em nossa direção, e com as mãos veio a arma. Assisti, chocado, a ele varrer o ar com o cano da arma, disparando vários tiros rápidos enquanto seu braço descrevia um arco desajeitado pelo ar.

Ele não mirava. Acho que ele nem era capaz de fazer isso. Nem acho que tentava atirar.

Parecia mais um puxar solidário do gatilho. Os dedos se fecharam em garras em nossa direção, e, como estavam em volta do gatilho, a arma disparou.

Mas nada disso passou pela minha cabeça naquele momento — pelo menos, não de um modo organizado.

Quando joguei os braços por cima da cabeça e me abaixei ao lado do Carlos, funcionava movido por puro medo. Puxei-o e arrastei-o para a direção oposta, gritando para que se mexesse conforme corríamos.

Atrás de nós, Moraga atirou novamente, e, dessa vez, os tiros estavam mais próximo, levantando pequenos montes de poeira a nossos pés.

Ele continuou atirando até que o pente estivesse vazio e o ferrolho travasse na posição vazio.

Então ele acelerou o passo.

Olhei para trás sem acreditar. A sua perna direita estava um pouco dobrada para fora, em um ângulo estranho, obviamente

quebrada, fazendo-o vacilar de um lado para outro.

Isso o retardava, mas não muito. Entre carregar Carlos e minha própria exaustão era difícil me manter na frente.

Ele nos perseguiu pelo *playground* até o estacionamento e nunca ficou a mais de vinte passos para trás.

— SWAT dos infernos — eu disse. — O infeliz é um zumbi e ainda está em melhor forma que a gente.

— Chegue até aquelas portas — Carlos disse.

Ele se referia a um par de portas verdes de metal do ginásio do outro lado do estacionamento. Não via nenhum outro jeito de escapar, então fiz o que ele disse.

À medida que alcançávamos as portas, pude ouvir Moraga aproximando-se. O arrastar dos passos se misturava ao chocalhar das chaves, e, quando estendi a mão para a maçaneta, podia jurar que ele estava bem em cima de nós.

Agarrei a porta e a puxei. Não abria. Tentei a outra porta. Também não abria.

— Trancada.

— Vai logo.

— Está trancada.

— Ele está vindo.

Virei bem a tempo de ver Moraga se arrastar para cima da guia e pisar na grama.

— Atire nele.

Apontei a arma para ele e eu queria puxar o gatilho. Eu queria, mas não conseguia.

Moraga não hesitou em momento algum. Simplesmente continuou mancando em nossa direção e eu fiquei ali, travado por um bloqueio mental que não me deixava atirar num policial.

Então ouvi uma súbita explosão de um tiro de pistola do lado da minha orelha.

Saí do caminho e caí sobre um joelho. O ressoar no meu ouvido era impetuoso.

Moraga parou bem à minha frente e balançou para trás em seus calcanhares. Ele caiu, jogado na grama, as pernas dobradas sob o corpo como uma criança dormindo na grama.

Olhei para o Carlos e o vi ofegando pesadamente, sua *Glock* ainda apontada para o espaço onde o Moraga estivera.

— O que diabos há de errado com você? — ele perguntou.

— Não consegui.

— Por que não?

— Ele é um tira.

— Não mais, Cristo! Você precisa parar de ser tão sentimental e começar a se preocupar em se salvar.

Depois disso, ele teve um ataque violento de tosse, desgastado pelo esforço que teve de reunir para gritar comigo.

Entre cada tossida, ele vomitava arduamente, e, quando olhou para mim, os olhos vermelhos eram uma foto aguada do inferno. O rosto estava pálido e molhado com suor e lágrimas. Naquele momento, soube que ele estava morrendo. Lutava bravamente, mas já havia admitido isso a si mesmo. A morte se aproximava, e ele olhava-a nos olhos.

— Precisamos continuar — eu disse.

— Vá para o inferno.

— Vamos entrar, Carlos, por favor.

— Eu disse para me deixar quieto, caramba. Não quero sua...

O olhar cheio de dor deu lugar ao olhar de um policial profissional. Vi isso acontecer quase que imediatamente.

Seus olhos se concentraram em um ponto logo acima do meu ombro, e ele disse:

— Atrás de você.

Virei e olhei para o outro lado do estacionamento.

A princípio, vi apenas cinco zumbis arrastando-se em nossa direção. Depois, oito. Depois, mais do que podia contar. Devia haver mais de cem deles em um círculo ao nosso redor que diminuía cada vez mais.

Carlos se recostou nas portas do ginásio e escorregou para o chão. Ficou ali sentado olhando em volta e tossindo.

— Você tem de me ajudar — eu disse, tentando levantá-lo. — Vamos, levanta. Temos de ir.

— Não há nenhum lugar pra ir. Vá você se quiser.

Tentei levantá-lo novamente, mas ele não deixava.

— Por favor, levanta. Vamos.

Ele nem olhava para mim.

— Seu filho da mãe. Não vou morrer aqui. Levanta. — Alcei-o pelos ombros, mas não consegui segurá-lo. Ele escorregou e caiu de lado. — Levanta.

Os zumbis atrás de mim estavam perto. Podia ouvir seus pés raspando o asfalto. Todos se moviam em velocidades diferentes, alguns aproximando-se mais rápido do que os outros, dependendo dos ferimentos que tinham. Os que tinham as pernas intactas eram os mais rápidos.

Um deles subiu a guia à minha esquerda e atirei.

Depois disso, simplesmente comecei a atirar em qualquer um que se aproximasse demais. Quando esvaziei meus três pentes, havia pilhas de corpos em toda a nossa volta, mas muitos deles ainda se aproximavam.

— Estou sem munição — disse sobre o ombro. Coloquei minha arma de volta no coldre e saquei meu cassetete.

Respirei fundo e esperei, escolhendo o melhor lugar para atacar no meio da multidão. Sabia que o primeiro movimento seria o mais importante. Se examinasse a multidão de um jeito errado e os deixasse chegar entre mim e Carlos, não haveria jeito de me virar e mantê-los longe.

Deveria acertar de primeira.

Contudo, antes de ter a chance de agir, ouvi o estalo de um rifle e o assobio de uma bala conforme passava ao lado da minha cabeça.

Fui para a esquerda e me virei em pânico, e vi o Carlos ainda encostado na porta. Mas agora ele estava com o AR-15 do Moraga. De algum jeito, ele encontrou forças para levantar o cadáver do Moraga e pegar o rifle. Estava com os joelhos em frente do peito, o cano do AR-15 apoiado entre eles. O braço esquerdo estava pendurado inutilmente a seu lado, mas ainda assim conseguiu atirar com o direito.

Ele deu cabo de dez ou mais zumbis que estavam mais próximos de nós, e, depois, começou a atirar na próxima leva. Mesmo em suas condições, ainda conseguia disparar tiros mortais a 25 metros de distância.

Quando disparou os últimos tiros, deixou o rifle escorregar de sua mão.

Corri até o Moraga e procurei mais pentes do AR, mas tudo o que tinha era mais dois pentes da *Glock*. Peguei-os e voltei para junto do Carlos.

— Você tem de se levantar. Vamos.

Ele resmungou alguma coisa, mas não consegui entender o quê.

— Vamos — implorei. — Levanta.

Ele piscou para mim, mas depois de um momento deixou que eu o ajudasse.

Fomos pela frente do prédio, passando por longas fileiras de sebes bem podadas, até a porta da frente. Era uma escola velha, construída na década de 1950, e os degraus da frente eram íngremes. Procurei por uma rampa para cadeiras de rodas, mas não vi nenhuma.

— Vamos ter de subir de escada mesmo.

Ele resmungou.

Puxei-o pelas escadas até as portas da frente e o apoiei no batente. As portas estavam trancadas.

— Mas que inferno! Estão trancadas.

Tive a impressão de ouvir o Carlos rir.

— Os alunos saem às três — ele disse.

— Vamos. Talvez haja uma janela ou alguma coisa.

Seguimos pelo gramado. Olhei para a esquerda e depois para a direita. Mais zumbis vinham em nossa direção, saindo do estacionamento. Sebes bloqueavam as janelas da esquerda, então fomos para a direita.

O gramado descia para longe da escola. As janelas do primeiro andar ficavam acima de nossas cabeças, então contornamos o prédio e seguimos a parede até chegarmos a outra escadaria.

Era um estreito lanço de escadas que levava a outra porta verde de metal.

Experimentei a porta e não fiquei nem um pouco surpreso quando ela não abriu.

— Para onde vamos, Eddie?

— Por aqui — eu disse, e o apoiei no corrimão.

Havia uma pequena janela no meio da escada que parecia grande o suficiente para que pudéssemos passar. Espiei para dentro, não consegui ver nada na escuridão e resolvi que tínhamos de arriscar.

Puxei meu cassetete e quebrei a vidraça. Tirei o resto do vidro do batente e puxei o Carlos até mim.

— Vamos entrar por aqui — eu disse. — Você pode me ajudar?

Ele riu ou resmungou. Não sei. Estava ficando difícil entender seus gestos.

Arrastei-me pela janela e depois estendi os braços para pegá-lo. Ele tentou ajudar, mas não pensava claramente, e sua ajuda me atrapalhou mais do que ajudou. Foi um processo desajeitado e doloroso, mas, no fim das contas, consegui puxá-lo.

Conforme entrava, ele caiu pesadamente de cara, e ficou assim.

— Você está legal? — perguntei.

Ele grunhiu enquanto virava de costas.

— Desculpe — eu disse.

Estiquei a mão e ele a pegou. Uma vez em pé, ele se apoiou no batente da janela e começou a tossir novamente.

— Precisamos encontrar a enfermaria — eu disse. — Na pior das hipóteses, deve ter um telefone. Podíamos ligar para alguém.

— Quem? — Sua voz parecia que vinha através de algum líquido.

— 9-1-1, eu acho. Talvez eles consigam mandar uma ambulância. Ou nos dizer o que fazer para ajudá-lo.

— Talvez — ele disse, mas parecia que não se importava muito.

Levei-o através do depósito até o corredor.

Estava escuro, e era óbvio que, fosse lá o que estivesse acontecendo com o mundo exterior, também havia acontecido ali. Havia lixo por todos os lados. Algumas portas de salas de aula estavam abertas casualmente. A desordem reinava.

Olhei as fileiras de armários até o fim do corredor, onde ele se dividia em três direções.

— Aqui, vamos. Acho que é nessa direção.

Pegamos o corredor da direita, apesar de não me lembrar direito como chegar à enfermaria. As portas da frente levavam diretamente até a lanchonete, lembrava-me, mas não tinha certeza em qual direção a enfermaria ficava.

Na maioria das escolas primárias, a enfermaria era uma das primeiras salas, mas lembrava que essa era diferente. Achava que ficava do outro lado do ginásio, então segui nessa direção.

O corredor estava cheio de folhas de papel soltas e grandes peças de mobília viradas em ângulos estranhos.

Um dos painéis de luminárias estava pendurado no teto, preso por uma corda esfarrapada de fios elétricos. Fiquei vendo-o girar em

um círculo preguiçoso como se fosse o centro do mundo, e me perguntei como diabos ele havia caído daquele jeito.

Carlos resmungou algo.

À direita, vindo pelo corredor em outra direção, estava um homem de calça de veludo cotelê marrom e uma camisa de gola. Ele estava arrastando um coto sangrento que parecia ser sua perna pelo chão, manchando o piso atrás dele com sangue coagulado. O pescoço estava quebrado, a cabeça dobrada em um ângulo nojento. Um nó vermelho gigante havia inchado o outro lado do pescoço.

Atrás dele havia mais cinco zumbis.

Deixei o Carlos descansando apoiado na parede enquanto carregava o pente e o colocava na arma.

Com minha lanterna levantada, andei na direção do zumbi de calça de veludo cotelê que vinha à frente e atirei nele. Uma vez caído, fiquei em cima do corpo e atirei nos outros cinco, disparando um único tiro na testa de cada um.

Quando o último caiu, andei até as portas de vidro e tentei abri-las. Estavam trancadas.

— Que droga. Este lugar tá acabando comigo.

Apontei a lanterna para dentro da sala e iluminei o interior. Estava quase me virando para buscar o Carlos quando vislumbrei uma perna de calça verde e uma bota marrom sob a luz.

Quem quer que fosse, sentara-se atrás da mesa, mas eu não conseguia ver nada além da perna e da bota.

Mantive a luz apontada para a perna, esperando.

De repente, um homem hispânico de cabelo preto, liso, e pele morena espiou pelo canto da mesa. Ele sorriu para mim, e, sob a luz branca da lanterna, vi seus dentes brilharem como diamantes encobertos por um véu.

Capítulo 6

— Ei, Carlos, há pessoas aqui dentro.

Ele fez um barulho fraco e sufocado, e eu virei a lanterna em sua direção. Ele tinha se apoiado na parede e apertava os lados do corpo, abafando a tosse com o ombro. Parecia esconder-se da luz.

Ele estava piorando e isso me preocupava.

Bati nas portas de vidro com o cabo da lanterna. O homem de calça verde não queria se levantar. Acho que ele pensou que estaria a salvo desde que ficasse em seu pequeno esconderijo.

Ele provavelmente pensava que, se esperasse ali dentro tempo suficiente, eu simplesmente iria embora.

— Por favor — eu disse com toda paciência que tinha —, venha até aqui e abra a porta.

Ele negou com a cabeça.

— Abra a porta — eu disse, com convicção.

Recuei a lanterna e fingi que ia quebrar o vidro com ela.

Isso o fez sentar e prestar atenção.

Ele ergueu as mãos como se quisesse dizer, *tudo bem, tudo bem*, e se aproximou da porta. Olhando de volta para seu esconderijo, ele virou a chave.

Quando ouvi o trinco estalar, escancarei a porta.

— Obrigado — eu disse, dei a volta nele e entrei na área principal da recepção.

O lugar estava uma bagunça. Utensílios de escritório espalhados por todos os lados. Havia livros, papéis e cadernos pelo chão.

A mascote da escola deveria ser um puma, porque havia uma enorme estátua de bronze falso derrubada de lado sob uma placa que dizia: ESTA É UMA ESCOLA PREMIADA COM A *BLUE RIBBON*.*

Tirei uma moldura do caminho com a ponta da bota.

— Onde fica a enfermaria?

Ele não respondeu.

— Onde fica a enfermaria?

A expressão em seu rosto não era perdida. Era, aliás, a mais natural possível, ele simplesmente queria que eu fosse embora.

— Não falar inglês.

— Isso explica tudo — eu disse.

Notei um corredor que desaparecia na escuridão, mas eu não tinha tempo para explorar.

— *Médico* — eu disse. — *¿Dónde médico?*

Ele deu de ombros, incerto. Eu sabia que não estava falando direito e fiquei frustrado por ele sequer se esforçar para me entender.

Passei por ele e fui até o canto onde vi a perna de sua calça pela primeira vez. Mais quatro pessoas estavam sentadas ali, exprimidas num corredor estreito entre as mesas e a parede.

Uma delas era um homem mais velho, vestindo o mesmo uniforme verde de paisagista do primeiro, e as outras três pessoas eram mulheres que vestiam uniformes cinza, de faxineiras.

Olhei para eles e me devolveram o olhar com expressões completamente neutras nos rostos.

Mostrei a eles as palmas de minhas mãos num gesto que esperava que interpretassem como amigável. Queria dizer algo que os deixassem calmos, mas não sabia as palavras certas em espanhol. A única coisa que sabia era como pedir suas habilitações e seguro.

— Algum de vocês fala inglês?

Tudo o que consegui foi a mesma expressão vazia.

Não adiantaria estender essa situação ainda mais. Avancei pelo corredor, espiando dentro de todas as salas até encontrar uma que dizia, ENFERMARIA.

Apenas alguns dos armários continham algo de útil. Havia luvas de látex, ataduras e sabonetes antibactericidas, mas pouca coisa mais.

Avistei um telefone na parede e tentei usá-lo, mas tudo o que obtive foi um guinchar eletrônico esquisito que parecia que eu tinha ligado para um *fax* por engano.

Tentei ligar para a telefonista.

Disquei 9-1-1.

Mesmo sem esperanças de conseguir, tentei ligar para casa, mas obtive o mesmo ruído estranho a cada tentativa e, finalmente, desisti.

Enfiei algumas das luvas de látex no bolso e voltei para a parte da frente.

As quatro pessoas silenciosas ainda se escondiam atrás da mesa. O primeiro homem, parado perto da porta, vigiava o corredor.

— Não a tranque — eu disse a ele, apontando para a porta. — Não a tranque.

Não parecia que ele tinha entendido.

Saí para o corredor e encontrei Carlos, ainda apoiado na parede. Ele estava tossindo e havia linhas úmidas de um líquido preto em volta dos lábios.

— Ei — eu disse, balançando-o pelos ombros com gentileza. — Carlos, você consegue me ouvir?

Seus olhos mostravam com clareza o quanto aquilo tudo o machucava.

— Não tinha muita coisa por ali. Só umas aspirinas infantis. Mas peguei algumas ataduras limpas. Vou trocar essa aqui porque ela está encharcada.

Ele virou a cara para a parede enquanto eu retirava as ataduras do seu braço.

A ferida estava muito pior.

Da primeira vez que a limpei, a ferida estava suja e grave, mas pelo menos se parecia com uma ferida.

Agora, não tinha mais aquela aparência. Ela havia supurado e mudado do branco e vermelho de um corte fundo e recente para uma crosta amarela e preta, que me deixava enjoado. Se não soubesse da verdade, eu diria que ela estava supurando durante dias, não há apenas uma ou duas horas. Na verdade, parecia que apodrecia enquanto sangrava. E fedia como carne podre.

Se estivesse mais consciente, ele teria me ouvido forçar a bile de volta para seu lugar.

Troquei as ataduras o mais rápido possível e coloquei o braço dele junto ao seu corpo com gentileza.

O corredor havia ficado quieto enquanto eu o ajudava, o único som vinha do lustre pendurado pelos fios, mas agora eu podia ouvir algo novo ao longe.

Mesmo antes de conseguir separar seus elementos, eu soube que era o som de passos se arrastando pelo ladrilho vindo de algum lugar escuro no final do corredor. Soltei um suspiro de frustração.

— Eles estão vindo de novo. Consegue me ouvir, Carlos? Precisamos ir. Esses zumbis estão voltando.

Deslizei uma mão embaixo de seu ombro e tentei levantá-lo, mas não havia mais força em suas pernas.

O homem de uniforme de paisagista estava parado perto da porta do escritório, observando, então o chamei para me ajudar.

Ele não se mexeu.

— Me ajude, droga.

Ele negou com a cabeça.

— *El está enfermo.* — Ele parecia horrorizado por eu ter pedido que ajudasse.

— Venha aqui e me ajude.

Ele negou com a cabeça novamente e deu um passo para trás.

— *No.*

Pude ouvir os passos aproximando-se e soube que tínhamos apenas um ou dois minutos para sair dali.

Enquanto o observava recuar na direção do escritório, fiquei tão nervoso que me levantei, saquei minha arma, e apontei para ele, murmurando que ele era um covardezinho de merda.

— Venha até aqui e me ajude — eu disse, diminuindo a distância entre nós.

Ele olhou para a arma e por um segundo tive certeza de que ele estava pensando em correr para o outro lado.

Mas não correu. Acenou com a cabeça e veio até onde Carlos estava sentado, encostado na parede. Juntos, nós o levamos até o escritório.

— Precisamos sair daqui. Aqui não é seguro. *¿Entiendes?*

Ele não entendeu.

— *Más muertos* — eu disse, apontando o corredor. — Temos de ir.

Isso ele entendeu.

— Você tem um carro? Talvez uma picape?

Novamente, aquela expressão confusa.

— Uma picape, droga. Sabe — e fiz um gesto de dirigir um carro — uma picape?

Ele fez que sim com a cabeça.

— *Sí, una camioneta. La escuela tiene una camioneta.*

Glória, glória, aleluia!!!! Agora estávamos nos entendendo.

— Ótimo. *¿Dónde?*

Ele apontou para o corredor que Carlos e eu havíamos tomado para chegar ao escritório.

Isso não era bom.

Não me lembrava de ter visto nada por ali a não ser salas de aula, e era daquela direção que os passos vinham.

— Tem certeza? — perguntei.

— *¿Cómo?*

Apontei para o mesmo corredor.

— *No. No camioneta. Muertos. Mucho muertos* naquela direção.

— *Sí.* — Ele acenou com a cabeça para mim como se falássemos o mesmo idioma.

Neguei com a cabeça. Não entendia.

Ele apontou para mim, depois para a arma. Apontou para o corredor novamente e fez como se atirasse com ela.

— Ah! — eu disse —, entendi. Você está louco.

Eu não ia voltar para aquele corredor com aquelas coisas enquanto ele e seus amigos corriam para a picape de jeito nenhum.

— Não — eu disse, mostrando um pente vazio em meu cinto. — *No más* balas. *No más.*

É preciso uma expressão de jogador de pôquer treinado para esconder a compreensão de que você está completamente ferrado, e ele não tinha.

Ao observar o pente vazio, toda a presunção em seu rosto desapareceu, e eu não precisava falar espanhol para saber exatamente o que se passava em sua mente.

Ele engoliu em seco.

— E a picape?

— *¿La camioneta?*

— Sim — eu disse. — *Sí.*

Ele baixou o olhar para os pés. Olhou de volta para o escritório. Os outros estavam parados perto das janelas agora, observando-nos enquanto discutíamos.

Finalmente, depois de não poder mais enrolar, ele apontou para um corredor que passava pelo escritório e que levava aos fundos da escola.

Era a direção oposta daquela que ele havia apontando na primeira vez.

— Você ia me deixar aqui, não ia? — eu disse.

Ele olhou para mim sem entender.

Eu estava irritado, mas não queria que ele percebesse. Apontei para o corredor.

— Vá — eu disse —, mostre o caminho.

Logo depois, seu olhar caiu sobre o corredor atrás de mim e seus olhos se esbugalharam.

Eu conhecia aquele olhar.

Eu me virei apenas o suficiente para ver dois zumbis entrando no corredor principal em frente ao escritório.

Ele quase derrubou Carlos na pressa em recuar.

— Ei! — Estendi meu braço por trás das costas de Carlos e agarrei a camisa do homem.

Ele tentou se desvencilhar, mas eu o segurava com firmeza.

Ele olhou para mim com um olhar de súplica.

— Não — eu disse —, você me ajuda com ele.

— *No, señor, por favor.*

Os zumbis atrás de nós cambaleavam para mais perto. O que vinha na frente estava perto o bastante para que eu pudesse ver as manchas de sangue nos lados de sua saia. O salto de seu sapato esquerdo havia caído, fazendo-a bater e raspar no chão a cada passo que dava para frente.

Eu não me mexi e não soltei seu punho. Queria que ele entendesse que estava falando sério.

— *Señor.*

Batendo e raspando, batendo e raspando.

— *Está bien* — ele disse e, afinal, colocou seu ombro embaixo de Carlos. Para seus amigos, disse: — *Octavio, vamos a la camioneta.*

Os outros desapareceram num piscar de olhos. Eles se derramaram para fora do escritório como uma correnteza para fora de uma comporta e correram pelo corredor com tanta velocidade que mal conseguíamos acompanhar.

Nós os seguimos pelo corredor até o ginásio, onde viramos para a direita e depois rapidamente para a esquerda.

Quando viramos à esquerda, quase topamos com eles. Haviam parado e observavam uma visão tão sangrenta como aquela que eu vi sob a árvore.

Talvez uns vinte zumbis estavam ajoelhados, comendo braços, pernas e outras partes humanas difíceis de identificar.

O chão ficou inundado de sangue.

Além deles, havia uma porta de metal verde, como as do ginásio, e compreendi que aquela era a saída. Poderia muito bem ficar do outro lado do oceano, contudo... Não havia como alcançá-la.

Uma das mulheres engasgou.

— *¿Señor?* — O segundo jardineiro falou comigo. Ele apontou o dedo como se fosse uma arma, esperançoso.

Neguei com a cabeça.

— *No más* balas — eu disse.

Ele murmurou algo aos outros, em espanhol, e compreendi que lhes dizia que tínhamos de sair. Os outros recuaram, mas não antes de muitos dos zumbis que se alimentavam olharem para cima.

Alguns deles ficaram de pé.

— Vamos — eu disse, e todos nós nos viramos e voltamos pelo caminho pelo qual chegamos.

Mas isso foi um fracasso também. Havia seis ou sete zumbis em nossa direção e pude ver mais atrás deles.

— *Señor* — o jardineiro disse e eu captei a clara implicação de que aquilo não aconteceria a ele se eu o tivesse deixado em paz.

Estávamos presos na curva do corredor, a apenas alguns metros da nossa saída.

Carlos gemeu e tentou me fazer largá-lo.

— De jeito nenhum — eu disse e o apertei com mais firmeza.

Ele fez uma careta e parou de resistir.

Logo depois, ouvimos alguém assoviando. Todos paramos e nos encaramos. Era um som despreocupado e alegre — um alto, outro baixo, repetidas vezes.

Nós o ouvimos novamente e, naquele momento, percebi de onde vinha. Olhei para além dos zumbis que se alimentavam e vi um homem vestindo uma camisa de colarinho branca e de mangas curtas e calça marrom.

Nossos olhos se encontraram. Ele endireitou seus óculos no nariz e acenou com a cabeça.

Depois, começou a assoviar novamente.

Alguns dos zumbis se viraram para olhar. O mais calmamente que podia, ele andou até a parede e bateu nela com o punho.

Aquilo chamou a atenção dos outros zumbis e, enquanto eu e os outros observávamos, chocados, ele gritou para eles, usando seu próprio corpo como isca para atraí-los para longe da porta que levava para a picape.

Ele andou lentamente para trás, certificando-se de que eles o seguissem dando a volta por outra curva do seu lado do corredor.

Quando o último zumbi desapareceu pelo canto do corredor, meu pequeno grupo correu até a porta. Havia uma pequena janela vertical que dava para um pátio.

Tentei dar uma boa olhada, mas estava escuro demais para enxergar além de algumas formas volumosas que pareciam mais ou menos com uma picape e algumas máquinas.

— *La camioneta* — Octavio disse.

Acenei com a cabeça para ele e depois ajudei Carlos a sentar encostado na parede.

Abri a porta e espiei um pouco com a lanterna.

A picape estava bem onde disseram que estaria. Era uma cabine dupla de uma tonelada, uma grande Ford F350.

O reboque não estava conectado, o que era bom, e a maior parte do equipamento não estava no meio do caminho, então seria bem fácil tirá-la do pátio.

Havia uma pilha escura de folhas perto da frente da picape e, para além dela, uma cerca à prova de furacões como aquela que

Carlos e eu tivemos de escalar.

Alguns zumbis estavam do outro lado, alertas à nossa presença, eu acho, pelo movimento do feixe da lanterna. Eles batiam na cerca com tapas lentos e incessantes.

Fechei a porta. Depois, enquanto tentava pensar no que fazer, ouvi uma porta se abrir depois da curva no corredor onde o homem havia entrado.

Ele gritava novamente, mas não por ajuda. Parecia que ele estava pastoreando os zumbis. Eu podia ouvir mesas e cadeiras sendo jogadas.

Ouvi uma porta bater.

Alguns instantes depois, ele veio trotando da esquina e passou pelo sangue espalhado pelo corredor como se nem ao menos o visse ali.

— Eu os tranquei na sala de aula — ele disse e ajustou os óculos no nariz. — Vocês vão embora naquela picape?

— Sim — eu disse.

— Importam-se se eu for?

— Fique à vontade — eu disse.

Ele estava sorrindo, mas, quando ele viu a seriedade do estado de Carlos, seu sorriso deixou seu rosto.

— Você ainda quer vir? — eu perguntei.

Ele analisou meu rosto e acho que ele descobriu que Carlos era algo sobre o que iríamos discutir.

Ele fez que sim com a cabeça.

Olhei de volta para meu pequeno grupo e perguntei:

— Algum de vocês fala inglês?

Todos negaram com a cabeça.

— Que sorte a minha — eu disse.

— Você é um tira na zona oeste de San Antonio e não fala espanhol? — o homem de óculos perguntou, incrédulo.

— Não — eu disse. — Você fala?

— Bem, não.

— Ora, você é parte do problema, não a solução.

Virei-me de volta para os outros e disse:

— Ouçam, preciso pegar aquela picape. Vamos ter de estourar aquela cerca. *¿Entiendes?*

Olhares vazios por todo o lado.

— É claro que não.

Tentei novamente fazer que entendessem:

— Eu vou voltar e pegar vocês. Não se preocupem. Não deixarei vocês. — Olhei em volta, procurando algum sinal de compreensão, mas nada acontecia.

— Vocês têm a chave? — perguntei, fazendo um sinal como se virasse uma chave.

— *Sí* — o primeiro paisagista disse, acenando com a cabeça com vigor. — *En la camioneta.*

— Na picape?

— *Sí.*

Respirei fundo e tentei entender a situação na qual me encontrava. Teria de ser rápido, mas não havia necessidade de ser descuidado. Descuido pode ferir as pessoas, e eu não deixaria isso acontecer se pudesse evitar.

Finalmente, eu disse:

— Esperem aqui. Voltarei para pegar vocês. Esperem.

— O que você vai fazer? — o homem de óculos perguntou. Ele parecia tão preocupado quanto os outros.

— Vou pegar a picape. Alguns deles terão de ir na caçamba. Não posso passar pelo portão com eles lá atrás. Eles podem ser jogados para fora. Ou algo pior.

— Ah... — ele disse —, está certo.

Quando abri a porta e me preparei para correr até a picape, o primeiro homem me agarrou pela manga.

— *No* — ele disse —, *nosotros también.*

— Sim — eu disse, fazendo que sim com a cabeça —, esperem aqui. Vocês vão também.

Ele ainda não queria me soltar.

Mas não podia fazê-lo entender o que eu tinha de fazer. Nós tínhamos sérios problemas de comunicação.

Então eu ouvi alguma coisa vinda do Carlos. Era uma série de palavras úmidas, quase ininteligíveis, em espanhol. Eu não conseguia entendê-las. Mal reconheci a voz dele.

Mas os outros entenderam. O primeiro homem largou minha manga e disse:

— Ok. — Ele acenou na direção da picape.

— Ok — eu disse.

Saí correndo pela porta até a picape. Enquanto abria a porta do motorista, pude ouvir os zumbis além do portão, batendo na cerca. Eu nem sequer os olhei. A chave ainda estava na ignição, onde o paisagista disse que estaria, e o grande motor a diesel deu a partida com um rugido.

Quando o motor caiu para um batimento estável, engatei a ré, pisei no acelerador e deixei dois conjuntos de sulcos paralelos em todo o caminho até o portão.

A picape inteira sacudiu quando bati na cerca. A parte traseira do lado do passageiro pulou e perdeu tração por alguns segundos antes de cair e atingir o chão novamente.

Acho que acertei dois ou três zumbis depois que estourei a cerca, porque senti dois pulos menores, como se passasse por uma lombada.

Não desperdicei tempo preocupando-me com a quantidade deles que havia atingido. Engatei a marcha e arranquei na direção das portas de onde o resto do grupo estava observando, arrastando uma enorme parte da cerca à prova de furacão atrás de mim.

Deslizei a picape até parar bem ao lado da porta.

— Entrem — eu disse.

O primeiro paisagista era um homem mais forte do que eu pensava. Ele levantou Carlos do chão e o arrastou até o banco da frente sem ajuda nenhuma. Eu sequer pude levantá-lo.

Ele pulou na caçamba da picape e, junto de Octavio, soltaram a parte da cerca e a jogaram no chão.

O homem de óculos ajudou uma das mulheres a subir na caçamba enquanto o primeiro jardineiro colocava todos para dentro.

Ele bateu com o punho na janela traseira.

— *Vete* — ele disse. — *Vete pronto*.

Pisei no acelerador e arranquei pelo pátio.

Dois zumbis já estavam passando pelo portão e mais dois tentavam levantar seus corpos mutilados.

Atropelei os dois primeiros e arranquei na direção do estacionamento.

Tirei um pouco o pé do acelerador e relaxei meu aperto no volante. A picape era como um barco se comparado com o Crown Victoria que eu estava acostumado, mas peguei o jeito rapidamente.

Logo voávamos pelo *playground*, passando por cima da calçada e indo para a rua.

Olhei pelo retrovisor e vi que todos ainda estavam em segurança na caçamba.

O primeiro paisagista me lançou o sinal de joia, um sorriso enorme no rosto.

— Pode crer, irmão.

Capítulo 7

O corpo de bombeiros mais próximo da escola era o Independence Station, na esquina da Resolution com a Independence.

Chegar lá deveria ter sido tão simples quanto virar à esquerda na Elgin, depois outra esquerda na Fern Hill, depois à direita na Independence e andar dez quarteirões até o corpo de bombeiros. Em qualquer outro dia, isso levaria cinco minutos. Dez, se pegasse todos os semáforos fechados.

Mas eu deveria ter pensado melhor antes de decidir ir até aquele corpo de bombeiros. Deveria ter pensado melhor antes de ir para onde as coisas estavam piores.

Elgin e Fern Hill não causaram muitos problemas porque as duas passavam por vizinhanças pequenas que ainda não tinham visto muita coisa.

Vi um carro capotado depois de virarmos na Fern Hill. Olhei entre algumas das casas e vi uma figura escura andando pelos arbustos.

Mas o que vi nas pequenas ruas vicinais não foi nada comparado à carnificina absoluta que irrompia na Independence.

A Independence era uma das maiores e mais movimentadas ruas na zona oeste — com cinco faixas de largura de ambos os lados e cada centímetro da calçada preenchido por restaurantes, concessionárias, mercados e galerias. Sempre havia muito trânsito, mas o que eu vi deixava até mesmo o congestionamento das cinco horas no chinelo.

O trânsito estava completamente engarrafado e havia pessoas por toda a rua. Era assim que se parecia à distância, em todo caso.

A verdade era que os carros estavam abandonados e as pessoas que andavam por entre eles eram zumbis, procurando por uma

refeição entre as ruínas.

Todos andavam juntos e a rua parecia o local de milhares de manifestações separadas que se moviam lentamente. Os grupos se separavam e se reagrupavam com uma velocidade espantosa, principalmente se considerarmos como muitos dos zumbis eram lentos.

Em um determinado ponto, vi uma mulher lutando para escapar de um grupo de zumbis. Eles a derrubaram de barriga para baixo enquanto passávamos. Ela olhou para nós e sua expressão era confusa. Não parecia ter uma expressão de dor, mesmo com eles a rasgando com seus dentes e dedos, mas parecia alguém que já não se importava mais.

Os zumbis estavam em todas as partes. Éramos o único veículo que ainda se movia, passando pelo trânsito que estava parado como um rio sob uma forte geada. O surto havia pegado muitas pessoas quando iam para casa.

Ver as imagens do dia a dia congeladas e corrompidas daquele jeito me perturbava.

Pela maneira que os carros foram abandonados nos cruzamentos, pude imaginar como tudo deve ter acontecido.

Imaginei fileiras e mais fileiras de carros parados no sinal vermelho, esperando, esperando. E, então, de um lado ou de outro, os zumbis devem ter atacado as pessoas dentro dos carros, quebrando as janelas com as palmas de suas mãos ensanguentadas e puxando pessoas inocentes para fora dos carros como pedaços de carne de uma lata.

Provavelmente, as pessoas nos carros estavam tão estafadas mentalmente por anos e anos de rotina, que ficaram ali sentadas em choque e deixaram o ataque acontecer ao invés de pisar fundo no acelerador e passar o sinal.

Talvez algumas delas tenham saído dos veículos e tentado ajudar as outras que eram atacadas. Muitas portas foram deixadas abertas.

Se foi assim, aqueles poucos que tentaram ajudar foram os primeiros a morrer.

O homem de óculos enfiou a cabeça no lado do motorista e me perguntou qual era meu plano.

— Não tenho nenhum plano — eu disse.

— Não há um lugar que você e seu pessoal devam ir numa emergência?

— Você está de brincadeira? — eu disse e virei a picape para passar por um grupo de zumbis que comia alguma coisa do lado do motorista de um Ford Mustang novinho. — Você realmente acha que o Departamento de Polícia de San Antonio tem um procedimento para algo como isso?

Ele franziu a testa.

— Não, acho que não.

— Estamos indo para o corpo de bombeiros — eu disse, apenas para acalmá-lo. — Sente-se, está bem?

Ele se sentou, relutante.

Nosso pequeno grupo se movia pela rua na faixa central. Mantive a picape numa velocidade razoável — rápido o bastante para evitar os zumbis, mas não tão rápido para me deixar sem tempo de reagir se algum obstáculo surgisse na nossa frente.

Isso nos levou pela maior parte do caminho até os bombeiros.

Os ruídos das manifestações ficaram mais altos conforme seguíamos pela Independence. Podíamos ouvir o tom perfurante da sirene de uma viatura à frente. Ao ouvi-la, senti um momento de esperança.

No entanto, aquele momento se desvaneceu rapidamente. O carro com a sirene ligada estava estacionado, e nenhum tira deixa a sirene ligada a não ser que ele tenha de abandoná-lo às pressas.

Estávamos a menos de um quarteirão dos bombeiros quando percebi que não íamos conseguir chegar até lá. Antes de chegarmos

ao cruzamento, virei na Independence, subi na calçada e entrei no estacionamento de um mercado que ficava do outro lado do quartel.

De onde estacionei, podíamos ver a frente e a maior parte do lado oeste do quartel, e era óbvio que ele havia sido o centro da pior cena de luta que já pude presenciar.

Quase todas as janelas do andar térreo foram quebradas para dentro, e as três portas do estacionamento para caminhões foram arrancadas. A viatura que emitia o ruído perfurante estava estacionada na frente do quartel perto de algumas outras, a porta do motorista aberta e as luzes que piscavam pintavam faixas vermelhas e azuis na fachada de tijolos vermelhos do corpo de bombeiros.

Dúzias de corpos estavam espalhadas num meio-círculo em volta das viaturas. Alguns dos meus irmãos policiais haviam lutado pela última vez ali.

Um zumbi com um uniforme do departamento de água e esgoto cambaleou pelo gramado da frente e desapareceu na esquina. Enquanto ele se misturava com a noite, eu soube que o mundo estava desabando em volta de nossos sentidos. Nossa primeira linha de defesa havia cedido diante de meus próprios olhos.

— Policial — o homem de óculos disse —, o que faremos? Precisamos ir a algum lugar seguro.

— Eu sei — disse.

Mesmo observando a multidão cambaleando pela rua, demorei para sair dali, fiquei pensando nas minhas lembranças daquele lugar.

A Independence Station costumava ser uma espécie de centro comunitário para as pessoas da zona oeste. A maioria das famílias que viviam nas redondezas era extremamente pobre, e o lugar assomava sobre suas casas modestas como uma catedral medieval.

As mães levavam os filhos até lá para que as unidades de resgate os examinassem quando estavam doentes ou machucados, porque os bombeiros sempre os ajudariam, e, mesmo tendo de reportar

como usam os suprimentos para que a cidade pudesse mandar a conta, os bombeiros dali raramente reportavam as coisas que não precisavam ser reportadas.

O Desfile “César Chávez” começava na Independence Station todos os anos.

Grupos de ação comunitária realizavam reuniões na sala de descanso.

Durante a década passada, a cidade usou o corpo de bombeiros como clínica gratuita onde eram realizadas vacinações contra a gripe.

Possivelmente, um bom número de pessoas que morreram na frente do batalhão foi trazido até ali por amigos e familiares nas mesmas condições que Carlos se encontrava. A ideia de como fora horrível a maneira como morreram e como deveriam ter se sentido desamparados me trouxe de volta aos meus próprios problemas.

Virei-me para Carlos e o olhei de cima a baixo. Era desconfortável para ele dobrar a barriga, então, ele tinha de se esticar no banco para não fazer pressão sobre ela. O ar frio noturno soprava pelas janelas abertas, mas ele ainda suava profusamente. Seus olhos começavam a inchar e, apesar de tentar fechá-los, as pálpebras não conseguiam fazer isso por cima do inchaço.

— Carlos — sussurrei —, Carlos, não podemos ficar aqui. Você consegue me ouvir? Precisamos ir para algum outro lugar.

Ele virou a cabeça para o outro lado e tossiu um catarro enegrecido no painel da porta.

— Agente firme.

Eu queria dizer-lhe outra coisa. Queria dizer-lhe que conseguiríamos ajudá-lo. Mas eu não acreditava nisso e parecia cruel e sem sentido mentir quando ele já sabia da verdade.

O primeiro jardineiro se inclinou pela janela do motorista e me cutucou no ombro. Ele apontou para alguns zumbis que vinham na nossa direção e disse:

— *Señor, los muertos.*

— Eu sei — disse, fazendo um gesto para que se sentasse.
Engatei a picape e seguimos em frente novamente.

Capítulo 8

Não sabia para onde iríamos quando saí do estacionamento e comecei a subir a Resolution.

As ruas pelas quais eu dirigia todos os dias, os estabelecimentos onde fazia telefonemas, comprava refrigerantes e ia ao banheiro estavam sendo esvaziados pelas multidões. A destruição era espetacular.

Ao longe, eu podia ver trechos de uma névoa alaranjada e fumaça sendo soprada pelo vento no topo das árvores. Eu soube que San Antonio, meu lar por quase trinta anos, estava em chamas.

A maioria das vitrines que dava para a rua estava quebrada, e aqui e ali víamos alguém correndo, tentando encontrar algum esconderijo.

Ficamos na Resolution por aproximadamente quinze quarteirões, mas viramos na Herrick porque a rua estava bloqueada pelo trânsito.

Na verdade, eu começava a me sentir livre da névoa conforme deixávamos as ruas comerciais e a loucura para trás.

Nos bairros, eu vi uma família enfiando roupas e outras coisas no carro. A esposa nos observou passar, seus olhos atentos e assustados, como os olhos de um bicho acuado.

Senti uma necessidade incontável de falar com April enquanto observava a mulher colocar os dois filhinhos no banco traseiro. Com alguma sorte, ela já estaria colocando Andrew na cadeirinha do banco traseiro e seguindo para algum lugar seguro.

Naquele instante, fui atingido pela incerteza da seriedade e da extensão do surto. Haveria algum lugar seguro? Eu não sabia, e, mesmo que tivesse conseguido falar com ela, eu não saberia o que dizer.

Pisei no acelerador e passei pelo bairro o mais rápido possível. Lembrei-me de que havia um corpo de bombeiros na rua Thorn, a menos de dois quilômetros, e segui naquela direção.

O corpo de bombeiros da rua Thorn era um celeiro antigo para apenas um caminhão na orla do campo de golfe municipal, que havia sido transformado numa estação para suplementos de unidades de resgate.

Meu plano era manter Carlos e os outros lá até que alguém da Brigada de Incêndio viesse reabastecer a unidade de resgate e, assim, pudéssemos contar com um médico de verdade para examiná-lo.

O corpo de bombeiros estava quieto e escuro quando encostamos. Não havia sido danificado como o quartel da Independence, e não via sinais de movimento na área. A porta da garagem do caminhão estava fechada, mas eu já esperava por isso.

Saí da picape e dei uma boa investigada no quartel. Os outros também saíram e, de soslaio, vi-os olhando em volta, apreensivos.

O homem de óculos se aproximou de mim.

— Por aqui, policial?

Eu o examinei por um segundo antes de responder. Ele tinha uma constituição média, robusta, mas não era musculoso, com um maxilar estreito e delicado e olhos inteligentes e indagadores. Ele parecia encarar as coisas muito bem.

— Este é o lugar mais seguro que consegui lembrar — eu disse. — Não é perto de nenhuma rua comercial ou avenida e, com o campo de golfe ali, podemos ver aqueles zumbis aproximando-se a uma grande distância.

Suas sobrancelhas se levantaram quando usei a palavra “zumbis”.

— E mais — disse —, todos os corpos de bombeiros têm geradores de emergência, banheiros, comida nas cozinhas, e este aqui é uma unidade de reabastecimento para unidades de resgate. Talvez eu possa encontrar algo para ajudar o policial Williams.

Ele sorria quando enumerei as vantagens, balançando a cabeça, concordando com cada uma delas, mas, quando mencionei Carlos, seu sorriso desapareceu.

— O que foi? — perguntei.

— Seu amigo — ele disse, ajustando os óculos. — Não há nada que possa fazer por ele. Você sabe disso, não é?

Eu sabia. Sabia bem demais.

— Talvez — eu disse e olhei de volta para a picape. Carlos ainda estava no banco do passageiro, então baixei minha voz porque não queria que ele ouvisse. — Talvez. Mas posso fazê-lo pelo menos ficar confortável. E posso evitar que aqueles zumbis o peguem.

Ele acenou com a cabeça.

— A propósito — eu disse —, não o agradei por ter nos ajudado lá na escola. Sou Eddie Hudson.

Estendi minha mão e ele a apertou.

— Ken Stoler — ele disse. — Eu costumava ensinar ciências na escola.

— Costumava — eu disse a ele, notando o uso do passado.

— Costumava.

— Vamos, vamos entrar.

Pedi aos dois jardineiros para me ajudarem a carregar Carlos até a porta. Ele tentava ficar atento, mas estava praticamente inconsciente. Suas pernas eram inúteis.

A porta da frente estava trancada. Havia um leitor para cartões-chave ao lado da porta, mas eu não tinha um cartão. Olhei em volta, procurando uma janela e encontrei uma grande o bastante para que o primeiro jardineiro, o menor, pudesse entrar. Também estava trancada, então a quebrei com meu cassetete.

— Entre pela janela e abra a porta — disse a ele.

Ele me lançou um olhar inexpressivo.

Fiz uma série de gestos explicando o que eu queria que ele fizesse e, depois de um tempo, entendeu.

Ele passou pela janela e alguns instantes depois estávamos parados do lado de dentro.

Olhei em volta procurando pelo interruptor e o liguei. Os outros conversavam entre si, sorrindo com um alívio óbvio por não estarem mais na escuridão.

— Todos os corpos de bombeiros têm geradores de emergência em caso de *blackouts* — eu disse —, mas não acho que eles haviam pensado nisto.

Novamente, tudo que consegui foi aquele olhar inexpressivo.

— Esqueçam.

O primeiro andar do quartel era praticamente um escritório. Havia uma cozinha e uma pequena sala de jantar com um sofá e algumas cadeiras de jardim baratas num canto dos fundos. O resto do primeiro andar era dedicado aos suplementos e equipamentos.

Octavio e eu levamos Carlos até uma maca perto da garagem e tentamos deixá-lo confortável. Ele recusou um copo de água que levei e não deixava que eu olhasse a ferida. Ele murmurou que o deixasse sozinho e virou o rosto para a parede.

Deixei-o. Havia um sério problema, e eu sabia que teria de fazer algo a respeito em breve. Ele se transformaria numa daquelas coisas, mas eu não queria confrontar essa verdade naquele momento.

Ao invés disso, voltei para a cozinha.

Os outros haviam encontrado uma TV e procuravam por sinal. Eles passaram por todos os canais e finalmente encontraram um de notícias. O apresentador falava rapidamente em espanhol.

Reunimo-nos em volta da TV, grudados às imagens que mostrava, mesmo que Ken e eu não entendêssemos a maioria das coisas que eram ditas.

Imediatamente, reconheci as cenas do centro de Houston e me perguntei por que diabos eles mostravam aquela cidade quando era San Antonio que havia se tornado a terra dos zumbis.

Tudo o que aparecia eram notícias antigas para mim. Mais alagamentos, mais corpos enegrecidos flutuando nos rios que antes haviam sido as ruas de Houston.

Uma das mulheres começou a chorar e Octavio a abraçou.

— Por que estão mostrando Houston? — perguntei ao Ken, sem realmente esperar uma resposta. — Por que não estão falando sobre o que está acontecendo aqui?

— Acho que estão — ele disse. — A causa disso, pelo menos.

— O que quer dizer?

Ele ajeitou seus óculos com o dedão e disse:

— Você ouviu as mesmas notícias sobre Houston que eu, tenho certeza. Grupos de resgate sendo atacados e mutilados pelos sobreviventes.

— Claro — disse.

Ele se voltou para a tela.

— Acho que o que vemos aqui é a mesma coisa que vem acontecendo em Houston durante as últimas semanas. Acho que está se espalhando.

— Mas como? — perguntei. — Você acha que as pessoas que foram evacuadas estão fazendo isso?

— Talvez alguns vieram para cá desse jeito, mas isso não seria o suficiente para espalhar a violência que vimos tão rapidamente. Deve ser alguma outra coisa.

— Como o quê?

— Não sei — ele disse, ainda assistindo à TV. — Um vírus seria o palpite mais lógico. Algo que se espalhasse rapidamente e causasse necrose total.

— Você quer dizer “apodrecimento”?

— É isso aí. Ouvi você e aquele outro homem conversando. Você usou a palavra “zumbi” e o ouvi dizer “*los muertos*”. Não acho que isso esteja completamente correto. Aquelas pessoas que vimos não

estavam mortas. Elas estão apodrecendo em pé, assim como um cadáver faria, mas elas ainda estão vivas.

Balancei a cabeça ao ouvir isso.

— O quê? — ele perguntou.

— Não tenho certeza quanto a isso — eu disse. — Achei que tinha certeza, mas, quanto mais penso a respeito, mais confuso fico. Vi aquelas coisas levarem um pente inteiro de balas no peito e continuarem andando. Inferno, eu mesmo atirei neles. Se estivessem vivos, não aguentariam esse tipo de ataque.

— Tenho certeza de que estão vivos — ele disse.

— Mas como?

Ele ajustou os óculos. As coisas pareciam querer saltar de seu rosto.

— Porque eu peguei um lá na escola, quando tudo isso começou.

— Está brincando?

— Não — ele disse —, eu a amarrei a uma mesa. Eu a examinei e ouvi seu coração batendo. Um pulso. Eles sangram também.

— Sim — eu disse —, eu vi isso.

Alguns instantes se passaram. Assistíamos às imagens de outras cidades na TV e elas se pareciam muito com o que acontecia em San Antonio, Nova Orleans, Dallas, Miami, Mobile, Matamoras, México. A destruição era total.

— Não acredito que estejam vivos — eu disse. — Como pessoas vivas poderiam agir desse jeito?

— É difícil de acreditar, eu sei. Mas realmente acho que você estava certo quando os chamou de zumbis. Seja lá o que for que os faz apodrecer, está fazendo, também, que fiquem mentalmente surdos e mudos. Eles provavelmente perderam o controle de si e só querem satisfazer uma fome instintiva.

— Eles teriam de saber o que estão fazendo — eu disse. — Pelo menos até certo ponto. Por que mais eles comeriam pessoas? Por que simplesmente não vão até um McDonald's?

Ele fechou os olhos por alguns instantes. Quando os abriu novamente, disse:

— Não tenho todas as respostas. Meu palpite é que eles têm um pouco de consciência; mas, se tiverem, é apenas um pouco. Nunca pensei que aconteceria desta maneira.

Virei-me e o encarei.

— Assim como? O que quer dizer?

— Quero dizer que nunca pensei que zumbis fossem pessoas vivas. Achava que eram pessoas mortas.

— Do que diabos você está falando? — perguntei.

— Tenho um *site* sobre zumbis — ele disse, como se fosse a coisa mais natural do mundo —, *mortosvivos.com*. É bem conhecido na rede e, também, em círculos filosóficos. Há um grupo de nós que faz parte de grupos de discussão, e conversamos sobre todos os tipos de zumbis. Interessei-me por isso por causa das questões filosóficas que o assunto sugere. Zumbis levantam vários tipos de questões sobre consciência. A maior, claro, é a existência da consciência propriamente dita. Por que nós a temos? Tenho como saber se as outras pessoas a têm? Esse tipo de coisa.

Eu o encarei por um longo tempo, tentando não perder a cabeça. Finalmente, disse:

— Pessoas estão morrendo lá fora, senhor Stoler. Não é um grupo de *nerds* na *Internet* conversando sobre consciência, ou seja lá o que vocês fazem. Pessoas estão morrendo. Minha esposa e meu filho estão lá fora, em algum lugar.

— Ei, espere um pouco — ele disse, mostrando as palmas das mãos. — Não estou fazendo descaso. Sei que não é brincadeira lá fora. Só estou dizendo, é só isso. Só pensando em voz alta.

— Claro — eu disse. — Se me dá licença, vou olhar o resto deste lugar.

Eu o deixei e fiz a ronda. Todas as portas estavam fechadas e nenhuma das janelas era grande o bastante para que os zumbis

entrassem.

Pelo que havia visto, eles não conseguiam escalar muito bem, e a janela que tínhamos quebrado estava acima do nível da visão.

O quartel tinha vários telefones e experimentei todos eles. Nenhum funcionou.

Um dos telefones estava no escritório do comandante. Era evidente que até ele teve de sair às pressas porque seu casaco esporte ainda estava pendurado num gancho na parede. Ouvi o que me pareceu serem suas chaves chocalhando num dos bolsos quando rocei no casaco ao sair do escritório.

Apenas por curiosidade, procurei nos bolsos e encontrei suas chaves pessoais. Uma delas dizia "Chevy". Eu havia visto um Chevy avermelhado parado de lado no estacionamento atrás do quartel e pensei que havia boas chances de aquelas chaves servirem naquela picape.

Coloquei as chaves no bolso. Quando procurei nos outros bolsos do casaco, encontrei um celular no bolso do peito. Não parecia muito provável, mas eu o abri e disquei o número do celular da April. Apertei o botão "enviar" e encostei o telefone na orelha, sem esperar nada.

Quando realmente começou a chamar, fiquei tão agitado que quase derrubei o telefone. Ele chamou por um longo tempo. Um chamado, dois, três...

— Vamos, vamos — implorei em voz alta. — Vamos, April. Atenda.

Ouvi um clique do outro lado.

— Alô? Alô. April, aqui é o Eddie.

— Eddie? — Ela falava através de ondas de estática. — Eddie, é você?

— Querida, sou eu. Você está bem?

— Eddie, o que está acontecendo? A TV disse...

— É real, querida. É tudo real. — Um oceano de ruídos rugiu entre nós. — April. April. Você está aí?

— Onde você está, Eddie? Você está bem?

— Estou bem, April. Estou bem. Irei para casa assim que eu...

— A TV disse... — O resto foi estática.

—April? Você está aí?

— ...havia pessoas doentes por toda a cidade.

— April, pare. Preciso que você me ouça. Preciso que você fique longe de todos. Não saia. Não chegue perto das janelas ou nada do tipo, está bem? Não deixe ninguém entrar, mesmo que você os conheça. Minha outra arma está no armário dentro daquela mochila azul. Lembra? Lembra-se de como ensinei a usá-la? Preciso que você pegue aquela arma e se esconda. Está bem? Está me ouvindo, April?

Não havia nada do outro lado. Não recebia nem a estática. Tentei ligar de novo e de novo e de novo — mais do que pude contar —, mas o telefone não completava a chamada.

Furioso, joguei o telefone na parede e o quebrei em pedaços.

Ken apareceu na porta bem na hora que os pedaços passaram voando ao lado de sua orelha.

— Uau — ele disse, recuando —, por que fez isso?

— Sai fora.

Ele olhou os pedaços no chão.

— Estava funcionando?

— Sim.

— E você o quebrou?

Não respondi. Ao invés disso, sentei-me na cadeira do comandante fervendo de raiva.

Esperava desesperadamente que April houvesse ouvido o bastante para se lembrar da Springfield Armory .45 automática que eu guardava no armário. Ela odiava armas. Sempre odiou. Mas esperava que ela se lembrasse daquela e a usasse, caso precisasse.

— Nós poderíamos ter usado aquele telefone — Ken disse.

— Era a minha mulher — eu disse.

— Sim, mas...

— Senhor Stoler, em todas aquelas reuniõezinhas que você e seus amiguinhos fazem no *site*, algum de vocês já parou para considerar o lado humano da coisa? Já passou pela cabeça de vocês que cada um daqueles zumbis vagando lá fora é igual a uma vida desperdiçada? Não estou falando de filosofia, senhor Stoler. Tenho uma esposa e um filho de seis meses lá fora. Isso não é filosofia. Isso é humanidade.

Parecia que ele queria responder, mas achou melhor não.

— O que vamos fazer agora? — ele perguntou.

— Eu vou embora — eu disse —, preciso encontrar minha família.

— Você vai embora? E o resto de nós? O que devemos fazer?

— Não me interessa — eu disse. — Talvez vocês pudessem discutir a existência filosófica da consciência.

— Policial Hudson, por favor.

— Do que você está reclamando? — eu disse. Estava sendo desagradável e sabia disso. Não me importava. — Este lugar é seguro. Vocês têm comida. Vocês têm uma TV. Quando os telefones voltarem, vocês terão isso também.

— Sim, mas ficaremos presos aqui.

— Não ficarão, não. Vou deixar a picape. Vou pegar o Chevy estacionado lá nos fundos.

Até onde sabia, a conversa estava acabada. Não queria ouvir mais nada vindo de Ken Stoler.

Saí do escritório, andando pelo corredor, e estava a cinco passos da porta quando Octavio desceu a escada numa confusão de joelhos e cotovelos, gritando em espanhol e apontando para a escada.

Pensei ter ouvido a palavra “*baño*” e sabia que significava banheiro, mas não consegui acalmá-lo. Tentei segurá-lo e acalmá-lo, mas ele se livrou de mim e correu de volta para a cozinha, gritando o caminho todo.

Havia uma luz no topo da escada, mas a escada em si estava escura. Olhei de volta para Ken e ele deu de ombros, mas eu vi medo em seus olhos.

Saquei minha arma e comecei a subir.

À medida que subia os degraus, senti algo pegajoso embaixo das botas. Apontei minha lanterna para a escada e vi uma longa mancha de sangue que seguia até o patamar.

Respirei fundo e continuei subindo.

Capítulo 9

Havia uma poça de sangue no patamar e uma longa mancha preta que seguia à direita pelo corredor. Mantive minha arma levantada, usando os cantos para melhorar a cobertura e segui a trilha de sangue até o vestiário.

O vestiário ficava no canto dos fundos do segundo andar e eu sabia que não havia mais nenhuma saída. Seja lá o que fosse, eu estava prestes a encontrá-lo frente a frente.

A trilha de sangue levava até o banheiro. O chão era de ladrilho branco e o sangue preto reluzia em contraste como uma pincelada malfeita. O cheiro me fez querer vomitar.

Passei pela fileira de mictórios e virei para os chuveiros, o dedo no gatilho, pronto para atirar. Ali, encostado na parede dos fundos, numa poça de seu próprio sangue, estava Carlos. Ele havia tirado as ataduras e as jogado para o lado. Seus olhos eram vítreos, mas riscados de carmesim. Eles estavam vazios e fundos no rosto como se fossem fossos. O cano de sua arma estava apoiado contra seu peito.

Abaixei minha arma.

— O que você está fazendo aqui em cima?

Ele não pareceu me ouvir.

— Carlos?

Sua mão e arma caíram de seu peito e atingiram o ladrilho ao seu lado. Ele ainda a segurava frouxamente.

— O que você está fazendo, Carlos?

— Você veio até aqui para me impedir?

Sua voz me chocou. Ela vinha de pulmões que, enquanto conversávamos, se enchiam de sangue.

— O que pode dizer para me impedir?

Ele estava certo, é claro. Não havia nada que pudesse dizer. Não fazia ideia da dor que ele sentia e não era justo julgá-lo por querer acabar com tudo. Porém, aquilo ainda me horrorizava.

— Você vai... você vai dizer...

— Não — disse rapidamente. — Não. Não vou impedir você nem dizer nada.

Eu o vi revirar os olhos para o teto. Seu peito subia e descia com a dor da respiração.

— Carlos — disse com gentileza —, sinto muito.

Ele teve um ataque de tosse.

— Não há nada para se desculpar — ele disse. — Você não me mordeu.

— Não foi isso o que quis dizer. Sinto muito por você sofrer e eu não poder fazer nada. Não sei como usar as coisas por aqui.

Ele tossiu novamente e pedaços enegrecidos de seus pulmões caíram no seu colo. Ele olhou para seus próprios pedaços e gemeu de modo horripilante.

Não sabia como consolá-lo e senti que tudo o que fazia era tornar seus últimos momentos publicamente dolorosos.

No entanto, ao mesmo tempo, não acho que ele queria que eu sáísse. Ele queria conversar, dizer alguma coisa, para simplesmente se segurar à sua humanidade um pouco mais.

Encarei os ladrilhos, sentindo-me um idiota. Ele precisava ouvir algo de mim, alguma coisa que confirmasse sua humanidade, mas não conseguia pensar em nada que fizesse sentido.

— Eddie?

— O que foi, Carlos?

— Estou com muito medo. Não quero que isso aconteça. Quero segurar meu filho de novo.

— Eu sei, Carlos. Sinto muito.

— Vou sentir falta das pessoas falando — ele disse —, vou sentir falta do som das palavras.

— Carlos, não sei o que dizer. Gostaria de poder falar alguma coisa que tornasse tudo isso melhor, mas não posso.

— Tudo bem — ele disse e deixou o queixo cair contra o peito.

Ele ficou quieto por um longo tempo depois disso. Finalmente, ele disse:

— Você ligou para sua esposa?

— Sim.

— Ela está bem?

— Sim, acho que sim. Ela está com medo.

— E o Matthew?

— O quê? — Matthew era o nome do filho dele.

— Você tem um garoto, certo?

— Sim. Acho que ele também está bem.

— Eu tenho um filho.

— Eu sei. Eu vi sua foto.

— É. Gostaria de vê-lo de novo. Pode pegar para mim? Na minha carteira.

Fiz que sim com a cabeça em silêncio e peguei a carteira no bolso de trás de sua calça. Havia uma foto de sua esposa e do filho e eu a peguei e a coloquei em suas mãos.

Ele a olhou e tossiu. Seu queixo afundou no peito e eu vi todo seu corpo esvaziar quando ele soltou a respiração.

Por alguns instantes, pensei que ele havia morrido. Mas então seus olhos se abriram e ele gritou — ou tentou, pelo menos. O grito virou líquido em sua garganta.

Ele arquejava pesadamente. Estava com meu dedo no gatilho, a arma fora de vista atrás de mim, caso ele se transformasse antes que desabafasse tudo o que queria.

Quando finalmente se acalmou numa série de fracas respirações, ele disse:

— Sabe qual é a parte mais assustadora de morrer assim?

Neguei com a cabeça. Meu dedo soltou o gatilho.

— Estou perdendo a cabeça. Quer dizer, estou realmente perdendo a cabeça. Não consigo pensar.

— É a dor. Sei que dói.

— Não, não é a dor. É o esquecimento, o não sentir nada.

— Carlos, eu...

— Tenho uma esposa.

— Eu sei.

— Mas eu não a conheço. Não me lembro dela. Não consigo nem me lembrar do nome dela. Tento pensar nela e não vejo nada em minha mente. Não há nada lá. É um espaço em branco e mais nada. Sei que deveria amá-la, mas não me lembro do amor, nem da dor, nem nada disso. Meu filho... não diga a ele que não conseguia lembrar o nome dele.

— Não direi.

— Não terei uma alma, não é?

Não adiantaria dizer algo. Nada que eu pudesse dizer poderia tocá-lo. Ele se transformava numa concha.

— Deixe-me sozinho — ele disse, de repente lúcido novamente.

— O que você irá...?

— Deixe uma bala.

— Carlos...

— Depressa. — Ele tossiu várias vezes, asperamente. — Por favor.

Eu me apressei. Tirei o pente de sua arma e verifiquei que havia uma na câmara.

— Ok — eu disse enquanto o ajudava a colocar os dedos em volta da coronha. Tive de ajudá-lo a levantar a arma até a boca. Precisou das duas mãos de tão pesada que estava.

— Ok — ele disse.

— Estarei lá fora.

Virei-me e fui embora. Do outro lado da esquina, eu parei e esperei, e ouvi.

Encolhi-me quando a arma foi disparada. O som reverberou de maneira tão alta no banheiro que achei que ia rachar o chão sob meus pés.

Apoiei minha cabeça contra a parede e deixei as lágrimas caírem livres. Quando recuperei o fôlego, limpei o nariz com as costas da minha mão e voltei até o corpo.

Ele estava morto. A arma estava caída ao seu lado e sua cabeça descansava em paz contra a parede. A boca estava um pouco aberta numa expressão zombeteira de surpresa, mas havia pouquíssimo sangue na parede atrás dele. Fiquei surpreso por isso. Parecia quase limpo.

Ajoelhei-me na frente dele e me perguntei como algo tão terrível poderia ter acontecido. Nada daquilo fazia sentido.

Ouvi passos no ladrilho — passos rápidos, apressados. Não me dei ao trabalho de virar.

Era o jardineiro, Octavio. Sua voz era suave, apologética.

— *¿Señor?*

— Saia — eu disse num sussurro rouco, virando apenas um pouco minha cabeça em sua direção.

— *¿Señor?*

— Que droga — eu disse, virando-me e apontando minha arma para ele. — Saia. Saia. Saia logo daqui, inferno!

Em seu rosto havia ternura. Não havia sinal de medo. Apenas graça. Ele olhou além de mim para Carlos e fez o sinal da cruz. Depois, virou-se e foi embora, deixando-me com arma apontada para o nada.

Capítulo 10

Fechei seus olhos com a palma da minha mão.

Não havia nada que pudesse fazer pelo corpo. Teria de ficar ali até que o mundo voltasse ao normal, e parecia que isso estava bem longe de acontecer.

Além disso, minha própria família estava lá fora, em algum lugar, e eles precisavam de mim.

Mas eu também pensava em sua esposa e filho, que não sabiam se ele estava vivo ou morto.

Pelo menos eu pude falar com minha esposa. A mudança cruel que matou Carlos privou-o até mesmo dessa bondade.

Tirei a arma da mão do Carlos. O pino de segurança ainda estava na posição de vazio. Recolhi toda a munição que sobrara e dividi as balas igualmente entre as duas armas. O resultado foi catorze tiros para cada uma.

Tirei a habilitação de motorista de sua carteira e a coloquei no meu cinto. Seu endereço não era longe do quartel.

No andar de baixo, os outros estavam sentados na sala de descanso em volta de uma mesa de jogos feita de compensado. Ken estava perto da pia, observando-me com cautela.

Quando entrei na sala, todos pararam de conversar e ficaram rígidos. Eu provavelmente parecia um pouco louco. Tenho certeza de que Octavio contou o que viu lá em cima no banheiro.

Não tentei mudar suas opiniões. Coloquei a arma na mesa para que um deles pudesse pegá-la.

— Há uma arma pra vocês. *Una pistola*. E aqui está a chave para a picape. *Sus llaves para la camioneta*. Vocês têm catorze balas para a arma. Não sei como falar balas em espanhol. Sinto muito.

Tranquem a porta quando eu sair. Ou vão para algum outro lugar. Não me importo.

Quando acabei, fui embora. Nenhum deles disse nada. Eles apenas me observaram sair pela porta e entrar na noite.

Ken me seguiu até o estacionamento.

— Policial Hudson — ele disse. Ele parecia sem fôlego. — Policial Hudson, espere. Por favor.

Diminuí a velocidade, mas continuei andando.

Ele me alcançou.

— Policial Hudson, para onde você está indo?

— Eu lhe disse, vou encontrar minha família. Não vou ficar aqui.

— Não pode nos deixar.

— Já tivemos essa conversa. Vocês estão tão seguros aqui quanto em qualquer outro lugar.

— Mas o outro policial? Você...

— Não.

— Mas eu ouvi um tiro...

— Ele mesmo atirou.

— Ah...

Cheguei à picape e a abri. O interior estava um lixo. Havia latas de refrigerante vazias, embalagens de *fast food* e maços de cigarro espalhados por todos os lugares. Cheirava a fumaça parada e suor. O painel estava cheio de bolhas e rachaduras devido a anos de exposição ao sol do sul do Texas.

Tirei o lixo do assento e entrei.

— Policial — Ken disse —, eu não quero ficar aqui. Quero continuar andando. Essa é a melhor maneira de continuar vivo.

— Não vou levar você para lugar nenhum — eu disse —, vou buscar a família do Carlos e depois a minha. Não vou para nenhum outro lugar.

— Tudo bem — ele disse —, contanto que não tenha de ficar encurralado em nenhum lugar.

— Fique à vontade — eu disse e esperei que ele entrasse com a picape engatada.

Ele franziu o nariz por causa do cheiro e teve de ajeitar os óculos.

— Essa é a picape do comandante do quartel?

— Sim — eu disse e arranquei do estacionamento.

Ele se segurou na porta quando entramos na rua.

— Era de se esperar que um bombeiro de alta patente como um comandante de um quartel pudesse comprar algo melhor do que isso.

Ele pulava para cima e para baixo em seu assento.

— Ela funciona — eu disse —, é só isso que importa.

A casa de Carlos ficava na zona oeste. Ficava muito perto do centro, mas ainda assim ficava do lado oeste da rua Jewett, o que servia de fronteira entre os bairros da zona oeste e o centro da cidade.

As ruas do lado oeste da Jewett eram perigosas, mas as famílias tentavam manter as casas em boas condições. Eles cortavam a grama, plantavam árvores e tinham contratos com empresas exterminadoras de cupins.

No entanto, as pessoas do lado leste da Jewett haviam desistido há um bom tempo.

Antigamente, aquelas ruas haviam sido a capital da heroína de San Antonio.

Meu distrito ficava a poucos quilômetros ao norte do bairro de Carlos e eu costumava atender chamadas de ambos os lados da Jewett quando os caras do centro eram bombardeados por chamadas. Eu conhecia bem a área, então pude ficar longe daquelas de maior trânsito e, ainda assim, fazer um bom tempo.

Abaixei as janelas e deixei a brisa esfriar minha cabeça. A morte do Carlos me chateava de uma maneira que eu não conseguia realmente entender. Eu e ele nunca fomos mais do que conhecidos,

mas mesmo assim sentia sua falta como se sentisse a falta de alguém que havia conhecido e gostado durante anos.

Não conseguia ver nenhuma luz e encontrei meus pensamentos espelhados pela escuridão incerta que me rodeava. Quase diretamente acima, as nuvens estavam iluminadas pela luz da lua e brilhavam como metal molhado. No horizonte, as nuvens estavam tingidas de um laranja-claro e riscadas com cicatrizes da cor de carvão.

Ken viu-me observando as casas escuras que passavam por nós e disse:

— Sinto muito pelo seu amigo.

— Obrigado — eu disse, sem realmente querer conversar com ele.

— Falo sério — ele disse —, eu sei que você acha que não entendo. Depois do que disse antes, quero dizer. Mas entendo. Entendo, sim.

Passamos por dois homens ajoelhados comendo um corpo que haviam destroçado. Eles olharam para cima quando passamos e vimos sangue escorrendo de seus lábios.

— Eu também perdi alguém — ele disse.

— É?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Aquele zumbi sobre quem eu lhe contei? Aquele que eu amarrei na escola?

— Lembro.

Seus óculos estavam pendurados na ponta de seu nariz, mas ele não os arrumou. Ele olhou seu colo e respirou fundo.

— O nome dela era Margaret Sewell. Ela era uma professora na escola.

— Vocês eram...?

— Não — ele disse rapidamente —, nada disso. Gostaria que fôssemos, mas eu nunca tive coragem de convidá-la para sair.

— Sinto muito — eu disse.

— Obrigado. — E então foi a vez de ele olhar para fora da janela.

Dirigimos um pouco, evitando multidões quando as víamos, evitando os engarrafamentos, e conversávamos sobre os zumbis.

— Você basicamente disse que existem dois tipos de zumbis — ele disse —, pelo menos é assim que os dividimos no meu *site*. Você tem os zumbis de Hollywood, como nos filmes, apesar de que às vezes as pessoas os chamam de zumbis de Pittsburgh, porque foi lá que filmaram *A Noite dos Mortos-Vivos*. Eram mortos que foram reanimados de alguma maneira.

— Depois você tem os zumbis vodu do Haiti. Esses são pessoas vivas que tiveram o livre arbítrio roubado por um feiticeiro. Eles são primariamente usados como escravos. Alguns argumentam que o zumbi de Hollywood é apenas uma extensão do zumbi vodu do Haiti, mas eu não penso assim.

— A razão de eu ter entrado nesse negócio de zumbis, contudo, é por causa do tipo filosófico. Eles são principalmente uma experiência de pensamento que os filósofos usam para falar sobre consciência. Na verdade, é apenas uma versão mais sensual do clássico problema de “outras mentes”, mas eu acho que é uma maneira muito legal de colocar o problema. Como eu sei que não sou o único ser no universo com uma consciência? Esse tipo de coisa.

Saí da rua pela qual estávamos dirigindo por causa de uma grande multidão e disse:

— Mas achei que você havia dito que estávamos lidando com um vírus.

— Ainda acho que estamos — ele disse —, só estou contando sobre o *site*. Essas pessoas andando por aqui não se encaixam em nenhuma das categorias que mencionei.

— Então, o que você acha deles?

— Bem, primeiro, essas pessoas ainda estão vivas. Muitas das perguntas mais difíceis iriam embora se elas estivessem mortas,

mas, dessa forma, ainda teríamos de lidar com as implicações religiosas dos cadáveres reanimados. Porém, como as coisas estão agora, aqueles zumbis irão levantar muitas questões legais para pessoas como você.

— Que tipos de questões?

— Bem, todas giram em torno da questão da consciência. Quanto disso aquelas pessoas ainda possuem. Se elas ainda a possuem em algum nível, então teremos de perguntar se elas são culpadas por atacar os vivos. Você pode prender um zumbi, ou até mesmo um quase-

-zumbi, por comer alguém? E os vivos? As pessoas que não foram infectadas? Obviamente, trata-se de autodefesa alguém atirar em um zumbi que está tentando matá-lo, mas e os milhares de zumbis que estão apenas vagando por aí, sem poder encontrar uma pessoa para comer? Atiramos neles apenas por que eles *podem* nos atacar? Temos a obrigação de controlá-los e tentar encontrar uma cura para esse vírus? Tomamos a abordagem utilitária e matamos todos antes que possam ter a chance de disseminar o vírus ao redor do mundo?

Eu quase ri na cara dele.

— É esse tipo de coisa que vocês discutem no seu *site*?

— Bem, sim. São todas questões válidas.

— Parece algo para o tribunal decidir — eu disse. — Talvez para os militares. Sou só um tira. Aplico a lei, não a crio.

— Mas não é bem assim, é? — Ele se virou para mim e ajeitou os óculos. Isso o fez se parecer com um querubim gordinho. — Como tira, você está na linha de frente da moralidade. Os detalhes realmente importantes, a liberdade que temos, ou tínhamos, como americanos, são decididas num piscar de olhos por homens e mulheres como você em todas as ruas deste país. Quando você é convocado para agir, você o faz com base em seu treinamento, claro, mas você também age com base no seu próprio padrão pessoal do que é certo e errado. Espero que você sobreviva a isso, Eddie. Eu

realmente espero. Espero que sua família sobreviva a isso. E espero que você perceba que o que você fizer nos próximos dias e semanas irá além das questões legais mundanas, como busca e apreensão. Será a respeito de vida ou morte. Sobre humanidade, como você mesmo colocou.

— Você realmente gosta de falar sobre isso, não é?

— É claro — ele disse. — E que exemplo para isso é melhor que o zumbi? Imagine só, um ser na linha entre a vida e a morte, decidindo questões de vida e morte por todos nós. Há um tipo de simetria poética nisso, não acha?

Enquanto ele falava, eu observava um homem puxando a perna de uma mulher de seu corpo com os dentes e começar a comer a coxa. Procurei pela simetria poética.

Porém, ele não percebeu. Ele estava inspirado.

— Há mais, é claro, do que apenas o lado filosófico da coisa. Acho que um vírus está causando isso, como lhe disse, e isso significa que temos de nos perguntar como ele se dissemina. Transmissão de fluidos corporais é o principal culpado. Sangue, por exemplo. Mas, obviamente, uma mordida também serve. Talvez até mesmo um arranhão, se a unha que arranhar estiver infectada pelo vírus.

— Mas como você acha que isso saiu de Houston? Pelo que a TV mostrava, isso está acontecendo em muitos lugares.

— Não sei ainda — ele disse. — Isso é algo para ser analisado mais tarde, com certeza. Mas há precedentes, sabe. A Peste Negra foi disseminada por pulgas nos ratos e a Maria Tifoide^{**} demonstrou como uma única pessoa infectada pode começar uma epidemia. Talvez sejam as pulgas, ou carrapatos, ou uma combinação de insetos. Pulgas e pernilongos, talvez.

Aquilo não caiu bem para mim. Eu poderia atirar num zumbi se precisasse. Maldição, poderia atirar num exército deles se precisasse. Mas não poderia atirar numa pulga.

— Alguma ideia de por que ele se formou? O vírus, quero dizer.

— Bem, essa é a questão do dia, não é? Poderia ser um grande número de fatores. Condições pouco higiênicas na esteira dos furacões em Houston provavelmente. No entanto, quem sabe? Talvez nem seja um vírus. Talvez seja uma bactéria. Uma superbactéria criada por médicos que receitaram antibióticos demais.

— Então, o que você quer dizer é que não faz a mínima ideia.

— Basicamente, sim. Estou apenas enumerando as possibilidades. Uma coisa que pode nos ajudar, no entanto, é a questão da contaminação entre espécies.

— Tipo cães e gatos zumbis?

— Exatamente! — ele disse de modo triunfal, como se tivesse acabado de converter mais um à sua causa, seja lá qual fosse. — Embora eu fosse voltar à questão da consciência. Suponha que seja um vírus que, de alguma forma, prospera nas complexas funções da mente humana. Outra maneira de pensar nisso seria que ele devora a mente.

— Como Alzheimer.

— Infelizmente, sim. Só que o vírus trabalharia bem mais rápido. Em horas, ao invés de anos. E, quando ele acaba de comer a mente, ele come o corpo.

— Um vírus pode fazer isso?

— Não sei. Talvez. Poderemos dizer mais se houver incidentes de contaminação entre espécies. Isso nos diria quanto da mente você tem de ter para perdê-la. Há golfinhos zumbis no Golfo do México? Há chimpanzés zumbis no zoológico ou baleias assassinas zumbis no *SeaWorld*?

— Isso seria uma coisa do outro mundo — eu disse. — Imagino se uma baleia zumbi se lembraria de subir para pegar ar.

— Interessante — ele disse — Definitivamente algo para se pensar.

Vi um homem movendo-se rapidamente pela rua. Havia um grupo de bom tamanho atrás dele e eram todos obviamente zumbis. Diminuí a velocidade para dar uma olhada no homem, achando que ele estava fugindo dos outros.

Inclinei-me para o lado do Ken e gritei para ele através da janela aberta.

— Você está bem? — perguntei.

Ele parou perto do pneu da frente no lado do Ken e se virou para nos encarar. O lado de seu rosto era uma grande ferida que ia da orelha até o ombro.

— Ah, merda — Ken disse. — Vai, Eddie, vai.

Não dei a ele nenhuma chance de se aproximar mais. Apontei a picape para a rua e arranquei.

— Por que você fez aquilo? — Ken perguntou.

— Pensei que ele não era, sabe, um zumbi.

— Você não percebeu pelo jeito que ele andava?

— Não. Você foi capaz de perceber?

Ele apenas fez que sim com a cabeça e dirigimos em silêncio. Ken observava a destruição com pena nos olhos e parecia que ele calculava a contagem humana.

— Eddie — ele disse, em um tom de repente muito sério —, o que estamos fazendo?

— Vamos pegar a esposa e o filho do Carlos. Depois, vamos pegar a minha família.

— Tem certeza de que essa é a coisa certa a se fazer? Quero dizer, como você sabe que a dele ainda está em segurança? Olhe só pra isso. O surto atingiu esse lugar em cheio.

— Não pedi pra você vir junto — eu disse. Mas o que não disse era que eu me perguntava a mesma coisa. Perguntava-me o que diabos esperava conseguir em ir até a família do Carlos e dizer-lhes que ele estava morto. O que poderia dizer para ela? “Sim, seu marido está realmente morto. Como eu sei? Bem, sabe, eu segurei a

arma para que ele pudesse atirar nele mesmo. Não, não, foi indolor. Juro. E, sim, ele perguntou sim por você. Mais ou menos, de qualquer forma.”

Revirei isso em minha mente, pensando em como dizer aquilo, mas tudo o que conseguia pensar soava igualmente cruel e inadequado.

E, mesmo assim, não virei a picape e voltei. Segui em frente, dirigindo e pensando sobre...

Disparo.

Percebi o brilho da arma de fogo pelo canto do olho. Reconheci o estouro metálico e alto de uma pistola de pequeno calibre e pisei nos freios.

A picape deslizou até parar e então pulei para fora, olhando em volta pelo atirador e seja lá no que fosse que ele atirava.

Ken pulou para fora atrás de mim.

— O que está fazendo? — ele disse. — Volte para a picape.

— Disparo — respondi. — Isso quer dizer que alguém lá atrás tem uma arma. Talvez ele possa nos ajudar.

— Não seja burro, Eddie. Vamos sair daqui.

— Primeiro isso — eu disse.

— Tudo bem — ele disse —, mas eu não vou ficar.

— O quê?

Eu já estava no quintal. Ele continuou na rua. Antes que pudesse impedi-lo, ele pulou para dentro da picape, engatou a marcha e arrancou pela rua, deixando-me numa nuvem de fumaça acre.

Gritei para que voltasse, mas é claro que ele não voltou.

Não podia acreditar. O filho da mãe me deixou sozinho e exposto, simples assim. Sem aviso. Sem nada.

Logo depois, ouvi outro disparo e isso me fez voltar a atenção novamente para a casa atrás de mim.

Não havia nenhum zumbi que eu pudesse ver. Saquei minha arma e caminhei lentamente na direção do lugar que tinha visto o

brilho.

— Polícia — eu disse.

Silêncio.

— Polícia — disse novamente. — Você pode me ouvir?

Andei lentamente pelo canto dos fundos da casa, pronto para atirar. Havia um policial parado no quintal dos fundos de costas para mim. Na frente dele, um sargento e mais dois homens, e eles tinham aquela expressão de zumbi nos olhos.

Havia outros dois corpos de cara na grama.

O policial de costas para mim se virou e quase atirou.

— Pare — eu disse. — Sou eu, Eddie Hudson.

Ele não disse nada, mas eu o reconheci. Seu nome era Arguello, da Divisão do Centro da Cidade. Parecia que ele havia passado por maus bocados. A camisa estava rasgada no ombro, então eu pude ver seu colete à prova de balas e sua camiseta, e ele estava coberto de pó.

Quando olhei para seu rosto por algum sinal de reconhecimento, vi que suas bochechas estavam riscadas por lágrimas.

— Chegue para o lado — eu disse e passei por ele para atirar nos zumbis atrás dele.

O da frente mudou de direção quando me viu. Atirei uma vez na testa e o derrubei. Depois, virei-me para o zumbi no uniforme de sargento.

Mas não tive nenhuma chance de atirar. Antes que pudesse puxar o gatilho, Arguello me agarrou e me derrubou tão forte que perdi o fôlego.

Desvencilhei-me dele quando atingi o chão e rolei para longe. Ele veio atrás de mim, lutando para me impedir de levantar.

Bati nele enquanto rolava, mas ele estava por cima de mim e era mais forte e mais rápido do que eu também. Ele conseguiu chutar minhas pernas e me empurrou de cara na poeira. E me segurou ali.

— O que diabos você está fazendo? — eu disse. — Deixe-me levantar.

Ele não respondeu. Lutei para virar a cabeça na direção da casa e vi que os dois zumbis que sobraram se aproximavam.

— Deixe-me levantar.

— Não vou deixar que atire nele — disse com a voz embargada com as lágrimas. — Não vou.

— Deixe-me levantar, droga. Depressa.

Minha arma estava a poucos metros do meu rosto. Ele saiu de cima de mim, pegou-a e a enfiou no bolso de trás.

Rolei para longe o mais rápido que pude e me levantei. Os zumbis estavam mais perto dele e os dois se viraram para ele.

Arguello se moveu rapidamente, passando pelo sargento e atirando no zumbi com roupas de civil. Aquele caiu no chão instantaneamente.

Mas ele não atirou no sargento zumbi. Ele sequer apontava a arma para ele. Arguello abaixou a arma para o lado de sua coxa e, enquanto o zumbi se aproximava, apenas ficou ali parado e chorando, seu peito todo balançando com os soluços.

— O que você está fazendo? — eu disse. — Atire nele!

Ele apontou a arma para mim.

— Fique longe dele. Fique longe!

O rosto do sargento estava destroçado. O pescoço era um buraco aberto e havia sangue seco na frente do uniforme.

Arguello ficou ali parado, deixando que o zumbi se aproximasse. Ele não tentou fugir.

Quando o sargento chegou perto o bastante, eu pude ler o nome no distintivo. Dizia ARGUELLO, e não precisei fazer mais nenhuma pergunta depois disso. Sabia que havia um sargento Arguello e sabia que havia um policial Arguello, mas nunca me ocorreu que fossem pai e filho.

— Você não pode fazer nada por ele — eu disse, minha voz mais gentil agora que compreendia.

— Cale a boca, Hudson.

— Você precisa se proteger. Ninguém pode ajudá-lo agora. Você precisa se cuidar.

— Você não tem certeza. Você não sabe de nada, Hudson. Posso levá-lo para qualquer lugar. Alguém pode fazer alguma coisa. Talvez haja uma cura.

— Ele está muito perto de você — eu disse. — Recue.

Não me respondeu, apenas chorava.

O mais calmamente que pude, estendi minhas mãos e agarrei seu ombro. Ele me empurrou primeiro, mas depois me deixou puxá-lo para trás.

Quando o tirei do caminho, o zumbi se virou para mim.

Recuei devagar e me afastei de Arguello para que o zumbi me seguisse.

Quando estava longe o bastante de Arguello, deixei o zumbi estender suas mãos para mim. Quando levantou as mãos, agarrei seu pulso direito e o torci para cima, pisando para o lado do corpo e empurrando sua nuca com a outra mão.

Foi fácil desequilibrá-lo e jogá-lo de cara no chão com um golpe padrão. Eu tinha realizado o mesmo movimento milhares de vezes em milhares de bêbados.

Caí em cima dele com o joelho nas suas costas, puxei seu braço até em cima e coloquei as algemas o mais rápido possível.

Tudo aconteceu rápido. Quando coloquei as algemas no outro pulso, escutei Arguello gritando para mim e me preparei para o impacto.

Ele me atingiu com o ombro e me empurrou para longe da coisa que costumava ser seu pai.

Ele gritava o tempo todo, mas nada que pudesse entender. Estava completamente dominado pela tristeza e pela raiva, e não

havia como acalmá-lo.

Enquanto lutava para me desvencilhar de Arguello, vi sua arma apontada para mim. Bati nele e com um golpe de sorte consegui tirar a arma de suas mãos.

Ele não se deu ao trabalho de tentar pegá-la. Ele me atacou, deu-me um abraço de urso e me atirou no chão.

Nós dois caímos, chutando e empurrando. Ele estava em cima de mim. Toda vez que podia agarrá-lo, ele conseguia se desvencilhar e virar meu próprio peso contra mim.

Ele jogou o cotovelo para cima e me atingiu no lábio inferior. Vi estrelas e senti o gosto de sangue. Depois, jogou-me para o lado e eu caí, batendo as costas.

Quando atingi o chão, tudo o que podia ver era um pedaço do piso iluminado pela minha lanterna.

Ele se levantou primeiro e me atacou. Agarrei a lanterna e a brandi contra ele, acertando-o bem embaixo da mandíbula com um bom golpe direto.

Ele caiu de joelhos, sangrando, e não esperei que se levantasse de novo. Brandi a lanterna novamente e o acertei bem atrás da orelha. Ele caiu para trás e ficou ali caído.

Lutei para ficar de pé, oscilando demais. O quintal estava girando tão rápido que tive de me curvar e colocar as mãos nos joelhos para não cair.

— Caraca! — eu disse, arquejando por causa do sangue. Uma longa faixa de saliva cheia de sangue caiu no chão entre minhas botas.

Peguei as duas armas do chão, coloquei a minha de volta no coldre e descarreguei a dele. Arguello tinha seis tiros e um pente cheio no cinto.

Peguei o pente cheio e o coloquei com as seis balas de volta em seu cinto. Ele rolou e gemeu, mas estava longe de poder se levantar.

— Não o machuque, Hudson — ele disse. — Juro por Deus que vou matá-lo.

— Sinto muito — eu disse. — Sinto mesmo.

Joguei a arma vazia na poeira à sua frente e voltei para a rua.

Conseguia ouvi-lo gritando para mim o tempo todo.

Havia zumbis na rua. A princípio, não muitos, mas o bastante para que não pudesse passar correndo por eles. E havia mais se aproximando. Alguns deles ficaram próximos a um carro ali perto, enquanto outros entraram nos quintais de ambos os meus lados.

Perguntei-me brevemente se Ken havia previsto isso.

Sabia que não conseguiria chegar até o carro. Eles o haviam cercado. Poderia ter me desviado de alguns e atirado em outros, mas havia tantos deles que teriam me dominado bem antes de conseguir fazer o carro avançar.

Corri por entre as casas. Alguns dos zumbis estavam perto o bastante para me agarrar, mas eu me movia com rapidez e suas reações eram lentas. Não deixei que conseguissem me segurar.

Arguello estava de quatro, tentando se levantar. Ele tinha rastejado por uma boa parte do quintal, para perto de onde seu pai tentava ficar de pé, mas não havia avançado muito do lugar onde eu o havia deixado.

Passei correndo por ele e me atirei contra a cerca dos fundos em velocidade máxima. Pulei sobre ela e me joguei por cima sem me preocupar em olhar para onde pulava.

Assim que atingi o chão, congelei. Havia mais zumbis no quintal vindos da rua seguinte, derramando-se no quintal dos fundos de ambos os lados da casa. Olhei para a minha direita, preparado para correr para aquele lado, mas o quintal do lado já estava tomado.

Não podia voltar e não podia avançar. Estava cercado e não havia previsto aquilo.

O coração estava martelando no meu peito. Recuei até a cerca e olhei ao meu redor, procurando por não sei o quê.

Havia um pequeno barracão de armazenamento num dos cantos do quintal. Corri até lá e pulei para o telhado.

Do telhado, eu pude ver os zumbis derramando-se pelo quintal e cercando Arguello. Ele estava novamente de pé, mas ainda estava grogue e cambaleava tanto quanto os zumbis.

Um grupo se aproximou dele.

Arguello pegou sua arma e tentou disparar, mas não aconteceu nada quando ele puxou o gatilho.

Ele a encarou com uma expressão idiota por alguns instantes, até que a ficha caiu. Então, sacou o pente, colocou-o no lugar e puxou a trava de segurança, pronto para atirar.

O primeiro tiro não passou nem perto. Atingiu o alto do canto da casa. O tiro seguinte atingiu um dos zumbis no ombro.

Depois disso, ele começou a atirar loucamente na multidão, desperdiçando toda a munição.

Os zumbis o derrubaram e o despedaçaram, mas, enquanto isso acontecia, ele não soltou um único grito.

— Sinto muito — eu disse.

Mas eu tinha meus próprios problemas. Eu estava completamente cercado. Havia dúzias de zumbis batendo com as mãos nos lados do barracão, tentando me alcançar.

Arrastei-me até o lugar mais alto do telhado, procurando por uma saída ao meu redor.

Eles não conseguiam me alcançar — pelo menos, ainda não. Mas havia o bastante deles para que o peso de seus corpos pressionando o barracão pudesse derrubá-lo. Eles já haviam quebrado uma parte da cerca de madeira e andavam para lá e para cá entre os dois quintais.

O quintal onde Arguello acabara de morrer estava cheio de zumbis. Havia a mesma quantidade me cercando. Não poderia ir para nenhum dos quintais e não esperava durar muito tempo. Virei de um lado para outro em cima do telhado daquele pequeno

barracão, procurando por uma saída, mas eu não parava de ver as mesmas coisas e os mesmos rostos retalhados repetidas vezes.

Enquanto me virava, escorreguei e meu joelho atingiu as ripas.

Desequilibrado, comecei a escorregar.

Entrei em pânico, estiquei uma mão e agarrei o canto do telhado. O movimento súbito fez minha cabeça ser arremessada para cima e tive um rápido vislumbre do quintal que ficava à esquerda de onde eu estava.

Não ficava a mais de dois ou três metros de distância, mas estava em pânico e sequer o havia visto até aquele momento.

Contei oito zumbis. Eles batiam na cerca, tentando me alcançar, mas não havia muitos deles para que pudessem quebrá-la.

Era uma saída. Pensei que, se conseguisse pular àquele quintal, poderia atingir o chão correndo e continuar correndo.

O único problema seria lutar contra os zumbis quando aterrissasse.

Mas então me lembrei de que não teria de lutar com eles. Tudo o que precisava fazer era atirar neles. Eu tinha uma pistola. Havia quase trinta tiros na arma. Poderia atirar neles de onde estava e pular no quintal vazio.

Fácil demais.

Mas não tinha pensado em mirar enquanto os zumbis abaixo de mim balançavam o barracão.

A distância até o alvo não era problema. Minha habilidade como atirador não era das melhores, mas três metros era muito fácil, até mesmo para mim. Pelo menos achei que seria fácil.

Era como tentar atirar de cima de uma prancha de surfe no mar agitado. Conseguir um tiro certo na cabeça era difícil, e eu sabia por experiências passadas que precisaria de muitos tiros no corpo para derrubar um zumbi. Disparei muitos tiros nos rostos e alguns nos lados das cabeças, mas apenas conseguia um tiro mortal a cada seis ou sete tiros.

Quando acabasse minha munição ainda restariam dois em pé.

E os zumbis abaixo de mim continuavam balançando o barracão. Estava ficando cada vez mais difícil manter o equilíbrio, e sabia que, se fosse tentar, teria de ser naquela hora. Era a última, a melhor chance.

Agachei-me como um velocista e tentei me concentrar no pulo. O quintal abaixo fervilhava de rostos e mãos. Respirei fundo, forçando o enjoo e o medo para baixo, e pulei.

Um dos zumbis me agarrou quando aterrissei. Nós dois caímos no chão e rolei sobre ele. Uma vez em pé, comecei a correr e não parei até estar na rua e todos os zumbis ficarem para trás.

Fiquei ali, ofegando, olhando ao meu redor com completa descrença. Já ouvira falar sobre cansaço mental, sobre chegar a um determinado ponto no qual a mente se recusa a ir adiante, mas sempre achei que fosse hipérbole. Não percebi que era possível chegar realmente àquele ponto.

Mas, mesmo enquanto fiquei ali, ouvindo as hordas atrás de mim quebrando as cercas como um maremoto que se aproxima, uma voz fraca dentro de mim implorou por mais um pouco. *Você tem de se mexer.*

O ato de traição de Ken Stoler tinha me deixado sem carro e me sentia como um homem condenado, esperando o cadafalso cair.

Os zumbis estavam vagando pelas casas e, enquanto olhava para trás, eu vi mais deles entrando na rua.

Você precisa se mexer.

Capítulo 11

Saí correndo.

Passei por casas de madeira escuras e surradas que se inclinavam sobre si mesmas em ângulos que não pareciam seguros e cediam sob o peso de anos de negligência. Poucas eram pintadas. A maioria tinha a cor cinzenta causada pelas intempéries do tempo, e as varandas pareciam não suportar o peso de um homem. Os gramados eram pequenos; a grama, fina e torta. Estavam cheios de peças de máquinas velhas e carros abandonados.

Corria pelo meio da rua porque não queria ficar encurralado novamente. Sem munição, eu tinha de evitar uma briga. Não havia como afastar uma multidão de zumbis apenas com meu cassetete. Mesmo um pequeno grupo de mais ou menos vinte deles poderia me dominar.

Os zumbis que eu acabara de deixar para trás bloqueavam as ruas que levavam para o Oeste, então segui para o Leste.

Quando cheguei à rua Appleton, tive a primeira boa vista das autoestradas. A Appleton corria no sentido Norte-Sul pela zona oeste mais próxima, depois fazia uma curva para o Leste e seguia em linha reta até a autoestrada. Toda vez que prendia alguém, a Appleton era a rua que eu usava para chegar à autoestrada no caminho até o centro. Dali, era um rápido percurso de cinco minutos até a prisão.

Estava acostumado a correr pelo trânsito da Appleton porque era uma via principal, mas não estava preparado para a confusão que me esperava. A rua era um ferro-velho de para-choque contra para-choque de carros abandonados.

Olhei para cima e para baixo da Appleton e vi carros batidos por toda a rua. Para o Sul, eu podia ver que a maioria deles ainda estava com os faróis acesos, e pareciam olhos de gatos.

Eu costumava gostar de observar o fluxo e refluxo do tráfego. A maneira como ele pulsava sempre me fascinou, juntando-se em nós nos semáforos vermelhos e espalhando-se novamente quando ficava verde, como o movimento de sangue correndo pelo corpo.

San Antonio fora uma vez uma entidade viva, com vigor em suas veias transportado pelo pulsar das ruas, mas agora as ruas que eram as artérias e vasos sanguíneos da cidade estavam congeladas, o sangue coagulado nas veias.

A própria cidade havia se tornado um zumbi, morrendo de pé.

Mantive a cabeça baixa e comecei a verificar os carros que pareciam poder funcionar.

A maioria deles estava presa no trânsito e não poderia ser movida, mas finalmente encontrei um velho Monte Carlo surrado estacionado no gramado perto de uma saída para uma pequena rua vicinal. Parecia um lixo, mas a chave estava dentro.

O painel estava coberto de lixo. Tirei-o com as mãos e um saquinho de plástico transparente cheio de maconha caiu no banco do passageiro. Isso chamou minha atenção de imediato e me fez rir, não porque fosse engraçado de um jeito especial, mas por causa do que representava.

Quando o mundo era normal, eu revistava carros à procura de coisas como aquele saquinho de erva. Eu costumava encontrar muitos deles também. Mas, conforme olhava ao meu redor e via como o mundo havia mudado tão completamente, percebia que aquele saquinho de erva era apenas uma ligação patética de como as coisas costumavam ser.

Virei a chave, mas tudo o que consegui foi o barulho ridículo da ignição falhando. Tentei novamente e ouvi o mesmo barulho.

— Vamos, seu infeliz — eu disse. — Vamos.

Golpeei o volante. Pisei fundo no acelerador. Nada. O motor não queria pegar.

Vi um grupo de zumbis andando nos pátios dos fundos de um bar do outro lado da rua e eles se viraram na minha direção quando ouviram o barulho.

Havia um zumbi à frente, movendo-se mais rápido do que os outros. Tentei ligar o motor de novo e fiquei de olho nele.

O Monte Carlo ainda não queria pegar e o zumbi ligeirinho pisou na rua. No tempo que levou para que tentasse ligar o carro de novo, ele já havia atravessado a rua, batendo na janela do passageiro.

Quando ele começou a rodear pela frente do carro, eu saí e abri o cassetete. Ele deu a volta pelo para-lama com as mãos estendidas para mim.

Esperei que ele ficasse perto o bastante para atingi-lo e então o derrubei com um golpe forte no lado da cabeça como se fosse um batedor num jogo de *baseball*.

Ele caiu de cara na grama e não levantou mais.

Mas, enquanto brincava com ele, os outros se aproximavam. Voltei para dentro do carro e continuei tentando. Não consegui nada, nada, e, então, de repente, o motor rugiu para a vida. Engasgava e batia, mas estava funcionando.

Um dos zumbis tentou se agarrar ao para-brisa quando engatei a primeira e arranquei com o carro. Vi seu braço pelo retrovisor e balancei o carro violentamente.

Ele caiu na grama perto do zumbi ligeirinho e eu já estava longe quando ele se levantou de novo.

Segui para o Oeste por dois quarteirões e depois para o Sul novamente. Dirigir aquele Monte Carlo era horrível. O banco estava estourado e travado na posição mais longe do volante, então tinha de me sentar sem apoio para as costas simplesmente para manter o controle do carro.

Também não queria que ele pegasse muita velocidade, porque toda vez que eu pisava no freio parecia que pisava numa esponja molhada.

Mas eu tinha sorte de ter um carro, disse a mim mesmo. E tinha sorte de ter fugido da rua Appleton vivo.

Continuava a dizer a mim mesmo como tinha sorte enquanto dirigia através dos destroços que pareciam pior.

Quando cheguei no cruzamento da Beaumont com a Fletcher, tive de diminuir para circundar alguns destroços e olhei para minha direita.

Havia uma viatura ali! Pude saber que era um dos nossos de imediato porque ela estava com o pisca-alerta ligado. Somos treinados para deixá-lo ligado quando saímos da viatura para que possamos nos ver a uma grande distância no escuro.

Virei o Monte Carlo na direção da viatura. Quando estacionei, vi que era da polícia rodoviária. Ela tinha uma câmera de vídeo montada do lado de dentro do para-brisa e havia antenas de radar por todos os lados.

Dei a volta na viatura. Estava linda, sem um único arranhão. Comparado com o lixo que nos davam para patrulhar, ela estava imaculada. Havia até uma espingarda novinha no porta-malas. Aqueles desgraçados da polícia rodoviária sempre ficavam com os melhores brinquedos.

Entrei nela, liguei o motor e ele ronronou como um gatinho. Tudo funcionava. Era estranho sentar numa viatura que não cheirava a suor, óleo, purificadores de ar baratos e vômito de bêbado. Havia até um saquinho de lixo na porta do passageiro.

Liguei os alto-falantes e disse:

— Alguém pode me ouvir? Se você pode me ouvir, venha para a rua.

Arriscava outro encontro com zumbis, mas, se o policial rodoviário dono daquele carro estivesse por perto, eu não queria abandoná-lo.

Mas ninguém saiu. Ele estava morto ou ferido e, em qualquer um dos casos, eu não poderia ajudá-lo. Peguei a carteira de motorista

do Carlos do meu cinto e a coloquei sobre os mostradores no painel.

Dirigir aquele carro era como um sonho. No patrulhamento, nós temos de dirigir por campos, subir nas calçadas e fazer todo o tipo de coisas loucas com nossos carros, mas, obviamente, a polícia rodoviária não tinha de fazer esse tipo de coisa.

Logo eu já estava com as janelas abertas e rodava pela rua Fletcher em direção à casa do Carlos.

Capítulo 12

O bairro do Carlos era melhor do que os outros dos quais havia acabado de sair.

Quando virei na entrada principal, as ruas pareciam se abrir. Não havia carros nas calçadas, nem cercas nos gramados para bloquear a vista.

Vi espaços abertos, árvores e gramados com grama verde e saudável que se estendiam até os degraus da frente. Eram casas velhas, porém firmes e bem cuidadas.

— Muito bem, Carlos — disse a mim mesmo enquanto passava por uma casa de tijolos vermelhos um tanto impressionante com uma pequena fonte no gramado frontal. Esse bairro era um bom achado para um salário de policial. Talvez sua esposa trabalhasse também.

Mas a destruição havia chegado ao bairro do Carlos também.

Logo depois da entrada principal, vi uma casa estilo “Tudor” incendiada em uma esquina. Provavelmente não teria notado se não tivesse visto uma das cortinas ondulando no ar, como o chicotear da saia de uma garota. Ela flutuava na brisa, saindo de um buraco chamuscado onde ficava a janela da cozinha. Parecia tão triste e silencioso.

E havia zumbis ali também. Eles se derramavam pela rua atrás de mim enquanto eu passava. Porém, nenhum deles era uma ameaça. Os gramados eram tão grandes que eu já estava a meio caminho do quarteirão antes que eles pudessem chegar à calçada.

A rua do Carlos não era tão diferente de nenhuma outra do bairro, exceto por um carro que havia batido na cerca da esquina. As tábuas da cerca estavam espalhadas pelo gramado como palitos de fósforos queimados, e o pneu traseiro direito apontava para cima.

Apontei meu holofote pelo banco do passageiro e vi um corpo jogado contra o volante. Não se movia.

Parei na frente da casa do Carlos. Era feita de tijolos cinza e revestimento marrom, com cercas-vivas bem aparadas acompanhando os lados da casa e um poste de luz de ferro forjado preto no jardim. A luz não estava acesa.

Havia três janelas grandes na frente da casa, e apontei o holofote para cada uma delas, tentando ver o interior. Não havia nenhum movimento. A casa estava escura e a lanterna não penetrava muito.

Esperei que a esposa do Carlos visse o holofote e saísse por conta própria, mas isso não aconteceu. Esperei dentro do carro, olhando em volta à procura de mais zumbis e me perguntava novamente se isso era realmente uma boa ideia. A cada minuto que passava longe da April e do Andrew era um convite para algo ruim acontecer a eles. Afinal, eu nem sabia o nome da esposa do Carlos.

Mas já tinha ido até ali, não é? Não valeria a pena se eu talvez pudesse fazer alguma coisa pela família, mesmo não tendo feito nada por ele?

A pergunta pareceu se responder sozinha, então joguei a espingarda no ombro e comecei a avançar pelo passeio.

O feixe da minha lanterna também não adiantava muita coisa. Iluminei as janelas perto da porta da frente, mas não consegui ver nada. A casa inteira parecia estranhamente quieta.

Policiais sempre falavam sobre *aquele pressentimento*. Eles se referem àquela sensação quando o cabelo da sua nuca se arrepia e você simplesmente sabe que uma situação está prestes a piorar.

Imagine-se avançando pelo mar e de repente você sente alguma coisa grande raspar a sua perna.

É assim que *aquele pressentimento* parecia.

E foi praticamente o pressentimento que tive à medida que dava a volta na casa.

A porta de trás estava estourada. Havia sido uma daquelas portas de vidro que deslizavam, do tipo que eu achava que um policial saberia que não era uma boa ideia colocar em sua casa. A casa estava escancarada, e pensei ter visto sangue no carpete. Era difícil saber com certeza, porque o carpete era uma grande pilha marrom-avermelhada.

Tudo que sabia era que estava molhado e grudento.

O interior era dividido em duas partes, com a cozinha, o quarto principal e a sala de jantar à esquerda da sala, e os quartos menores à direita. Comecei a varredura pela cozinha e avancei dali.

Quando entrei no corredor que levava aos quartos menores, fiquei tenso. Havia sangue no carpete e também na parede.

Virei o canto e entrei no primeiro quarto com que me deparei, e vi roupas de bebês e brinquedos espalhados no chão. Havia um berço e uma estante na parede dos fundos e um trocador perto do canto esquerdo, longe da porta.

Matthew estava ali e havia sangue no trocador e sangue na parede atrás dele. Havia tanto sangue.

E então tudo se tornou abominável.

Ele se mexeu. A cabeça se virou e ele olhou para mim, os olhos vazios e vítreos como cera de vela.

Eu me virei.

Minha cabeça rodava e cambaleei para longe do trocador.

A espingarda caiu das minhas mãos.

Minhas pernas enfraqueceram e não pude me segurar. Cambaleei, escorreguei pela parede, formando uma pilha no canto.

Não consigo encontrar palavras para descrever o choque daquela magnitude. Como pai, olhando para aquele corpinho dilacerado, senti uma sensação de violação tão profunda que não pude sair dela. Certamente, aquilo era o inferno, porque nada mais pode depreciar a condição humana como a visão de um bebê transformado em uma coisa tão horrível.

Alguns instantes se passaram.

Finalmente, olhei para o trocador de novo e vi o braço pendurado de lado, a mão tentava agarrar o painel de madeira, sem conseguir segurar, e me perguntei por que precisei ver algo tão terrível para me convencer de que o mundo estava acabando. Eu teria preferido qualquer morte a isso. Ao invés de uma guerra ou um asteroide ou aquecimento global, algo que nos matasse além de nós mesmos, estávamos morrendo de implosão.

Vi movimento no corredor. O corpo de uma mulher caiu contra a porta do quarto do bebê. Ela vestia camiseta e calcinha. As pernas estavam cortadas em centenas de diferentes ângulos que se cruzavam. Havia sangue grudado na pele. As mãos, a parte debaixo do maxilar e o lado de sua cabeça estavam abertos e enegrecidos devido à infecção.

Ela cambaleou para dentro do quarto e estendeu as mãos mutiladas para me agarrar.

— O que você fez? — eu disse, apesar de saber que ela não podia me responder. Além disso, estávamos em um ponto em que as respostas não importavam.

Quando ela se aproximou o bastante para colocar as mãos em mim, eu a empurrei e fiquei atrás dela. Se houvesse alcance, eu poderia ter usado as *green beanbags*, mas estávamos muito perto um do outro, e, a menos de dois metros, atirar em alguém com uma *green beanbag* é basicamente o mesmo que atirar com uma bala realmente muito grande. O efeito é o mesmo, de qualquer forma.

Não queria arriscar ser borrifado com o sangue dela, não depois do que Ken havia me dito. Então, ao invés de atirar, bati na sua nuca com a coronha da espingarda. Ela caiu, mas não para sempre. Não causei estrago suficiente. Quando ela tentou se levantar, desci a coronha e acabei com ela de uma vez por todas.

Depois fui até o corpo do Matthew e tentei fazer a mesma coisa com ele. Mas não consegui. Fiquei acima do corpinho com a

espingarda levantada sobre minha cabeça e dizia a mim mesmo que ele era apenas uma casca.

Mas não consegui.

Tomei a saída dos covardes. Fui até a garagem e peguei a gasolina que o Carlos usava para o cortador de grama. Derramei no carpete e na esposa do Carlos e joguei uma vela acesa no meio do quarto.

O fogo pegou e eu saí da casa, deixando as chamas seguirem seu curso.

Capítulo 13

Achei que a casa talvez fosse explodir atrás de mim enquanto dirigia para longe, alguma coisa dramática. A verdade é que eu não sabia se esse tipo de coisa acontecia na vida real.

Lidei com muitos incêndios residenciais, mas nunca vi uma casa explodir como nos filmes. Tudo o que podia fazer era ter esperança de que o fogo se espalhasse e que aquela mãe e aquele filho queimassem nele.

Se há algo para chamar pequenos favores, então foi isso o que aconteceu. Mas não tenho certeza. Arranquei pela rua e não olhei para trás.

Enquanto dirigia, tentei acreditar que havia uma sensação de encerramento em suas mortes. Eles não teriam de viver sem Carlos, e Carlos não teria de viver sem eles.

No entanto, mesmo enquanto tentava me convencer de que havia algo de bom no que acabara de ocorrer, eu sabia que estava sendo tolo. Não havia nada de bom naquilo e qualquer coisa que tentasse fazer para ver algo de bom era simplesmente covardia moral.

Concentrei-me nos postes de luz. Eles não funcionavam, mas contá-los era um desvio que entorpecia a mente. Eu passava por eles sem ter de pensar nos problemas que faziam minha cabeça doer.

Continuei dirigindo até chegar à rua Crane. A Crane era outra importante rua transversal que saía da rodovia e estava engarrafada da mesma maneira horrível que a Appleton.

A única diferença era a de que, da rua Crane, eu conseguia ter uma boa visão da rodovia.

Todo o tráfego estava parado em todas as faixas de saída, mas as faixas de entrada estavam vazias. Parecia que todas as pessoas haviam tentado sair da cidade ao mesmo tempo.

O engarrafamento era previsível. Sempre que o carro de alguém quebrava, ou havia um acidente, o fluxo parava atrás dele como um ralo entupido. Provavelmente, um carro quebrou ali e as pessoas que ficaram presas atrás dele tiveram de andar, e, agora, estavam provavelmente todas mortas, ou ainda pior. Ninguém que estava preso naquele desfile amaldiçoado pensou o bastante para seguir pela contramão.

Enquanto ia para a rampa de saída, passando pelos sinais vermelhos que diziam, "CONTRAMÃO, NÃO ENTREM", lembrei-me do meu instrutor. Ele havia dito, de pé numa mesa de piquenique no meio da pista de direção da Academia: "É apenas uma sugestão".

Eu me sentia estranho ao dirigir na contramão da rodovia, mesmo que o meu carro parecesse ser o único que se movia. Fiquei esperando um caminhão enorme sair da subida seguinte e me achatar no asfalto, mas dirigi quilômetros sem ver nenhum movimento sequer.

Não estava longe da minha casa quando vi as luzes de uma viatura ainda piscando do outro lado da mureta.

Quando me aproximei o bastante para ver se era um dos nossos, parei ao seu lado e apontei a luz para ele. Reconheci o motorista. Seu nome era Martin Jackson e estava morto, sem sombra de dúvidas. Ele nunca mais se levantaria. Sua pele negra e as faixas de bronze de capitão no colarinho estavam cobertas de sangue que vinha de um pedaço de metal grande e denteado enfiado no olho direito e que saía do outro lado do crânio.

Não o conhecia muito bem, mas os boatos que desfilavam pelo departamento eram de que ele se tornaria chefe um dia. Apenas 40 anos e já era capitão com um doutorado em Justiça Criminal, ele tinha o mundo a seus pés. O departamento havia gastado milhões

com seu treinamento por antecipação das grandes coisas que ele faria um dia, e agora todo aquele potencial sangrava através do para-choque da sua viatura.

Passei por cima da mureta e iluminei o corpo com minha lanterna. Havia cápsulas vazias em sua volta, e era óbvio que ele havia morrido lutando. Fiquei feliz por isso. De alguma maneira, era apropriado para alguém com a reputação de ser maior do que a própria vida.

O pente de sua arma ainda tinha quatro balas. Tirei-as e as coloquei na minha arma, mas ele não tinha mais nada que eu pudesse usar.

Hesitei perto do corpo, sentindo que havia mais alguma coisa a ser feita, mas no final das contas eu simplesmente voltei para a viatura da polícia rodoviária e parti.

Minha própria família me esperava.

Capítulo 14

Dirigi pela rodovia, passando por quilômetros de engarrafamentos, e parecia que eu dirigia no meu pior pesadelo. Ao longe, as coisas pareciam normais. Mas, de perto, com a máscara abaixada, a realidade parecia se borrar e curvar.

A rodovia era flanqueada de ambos os lados por galerias, prédios, postos de gasolina e todas as áreas para as quais as pessoas se dirigem nas suas rotinas.

Imaginei que todas as pessoas feridas na rodovia teriam se dirigido para aquelas áreas procurando por ajuda, significando que tudo ali era completamente perigoso.

Quando virei na Mariner Boulevard, vi uma multidão de zumbis marchando por entre os carros. Devia haver centenas deles.

A interseção estava completamente bloqueada por carros destruídos, e eu tive de dirigir por alguns arbustos e cruzar o jardim de um posto de gasolina para poder dar a volta.

A maioria dos zumbis só podia observar enquanto eu passava para a calçada do outro lado da rua.

Quase passei pela interseção sem nenhum incidente, mas a calçada na qual eu dirigia acabava defronte ao Fish Shack, onde um grupo de aproximadamente dez zumbis estava reunido. Fiquei preso entre eles e o engarrafamento. Não tinha como dar a volta neles, e engatar a ré me levaria novamente ao ponto de partida.

Usei as luzes da sirene para iluminar toda a área à minha frente. O zumbi mais próximo sequer pestanejou. Ele não respondeu de forma alguma às luzes. Nunca vi ninguém olhar para as luzes da sirene sem desviar os olhos, mas aquele zumbi não se incomodou.

Ele não desviou o olhar, mas eu sim. Seu rosto estava cortado, a parte inferior inteira do maxilar já não existia. Do nariz até a

garganta, o rosto era um buraco com um amontoado de terra e pedaços de pele retalhada pendurados na ferida como se fossem flâmulas. A camisa estava preta com sangue seco.

Atrás dele, os outros zumbis eram um nó de braços e rostos. Eles iam para o espaço estreito entre um muro baixo de concreto e o tráfego.

Parti para cima. Acertei o zumbi com o rosto esfarrapado e ouvi o para-choque de plástico ser esmagado sob seu peso. Ele caiu de cara no capô e tombou por ele, direto em minha direção. Sua testa atingiu a base do para-brisa e o rachou, e, enquanto rolava para a minha esquerda, arrancou um dos limpadores de seu suporte.

Acertei os outros numa só corrida e aprendi da maneira mais difícil que não é fácil atropelar uma multidão.

Um deles caiu embaixo do carro e, enquanto passava por cima dos outros, os pneus da frente perderam tração.

O carro parecia pairar no ar por alguns instantes antes de rolar para a direita, como se estivesse gradualmente tombando para o lado.

Saí de cima da calçada e bati na lateral de uma minivan.

O carro pulou de volta para a calçada e continuei pisando no acelerador, forçando caminho pelos corpos o mais rápido possível.

Dava para ouvir o carro gemendo com o impacto.

— Sinto muito, polícia rodoviária — eu disse —, acabei com seu brinquedinho.

Os pneus traseiros bateram no chão com um baque enquanto passava por cima dos corpos, e o que vi depois foi a calçada vazia.

Não tirei o pé do acelerador até ter passado por todos os restaurantes *fast foods* e ter entrado na área residencial da Mariner.

Uma vez que a rodovia se abriu, minha mente clareou e a única coisa que conseguia pensar era em abraçar April e Andrew novamente. Nunca passou pela minha cabeça que o que aconteceu com a família do Carlos pudesse acontecer com a minha.

Acho que estava em negação.

Entrei no meu bairro pelo portão Alfoxden e depois segui para o Norte pela Swinburne até a minha rua.

Contudo, quando virei na Lighthouse, toda minha confiança se dissolveu. O ar na minha rua estava carregado de fumaça, e o lixo de alguém havia sido espalhado pelo asfalto. Pequenos pedaços de papel eram soprados pela rua e pelos gramados como se fossem promessas vazias. Havia um carro batido contra uma caixa de correio de tijolos a mais ou menos seis casas abaixo, e um gordo com uma camiseta branca e calça cáqui estava caído sem se mexer, de cara na rua.

Dei a volta pelo corpo e parei perto da minha casa. A porta da frente estava escancarada, e eu pulei do carro em pânico. Nem me dei ao trabalho de pegar a espingarda.

Saquei minha arma e bati correndo na porta.

Meu vizinho estava parado na entrada que levava à minha cozinha. Ele havia perdido a maior parte de seu braço direito e o lado de sua cabeça havia sido arrancado pelos dentes de alguém.

Ele sequer teve a chance de se virar. Coloquei minha arma no lado de sua cabeça e atirei.

Um homem e uma mulher que eu não reconheci estavam sentados um de frente para o outro no sofá da sala e eu atirei nos dois.

— April! April!

Gritei repetidas vezes enquanto corria de um cômodo a outro, ficando cada vez mais desesperado a cada quarto vazio.

Eles não estavam lá. Fiquei parado no nosso quarto, meu peito pulando e minha mente incerta, sem conseguir me concentrar em nada. Devo ter feito o mesmo trajeto na casa cinco ou seis vezes antes de começar a compreender que eles não estavam lá.

Havia roupas no chão e brinquedos do Andrew espalhados por todos os lugares. Olhei para a bagunça e, por alguma razão, pensei,

Garagem! Não havia verificado a garagem.

Corri pela cozinha, por cima do corpo do meu vizinho morto, e para dentro da garagem.

Estava vazia.

O carro da April não estava lá. Eu lhe comprara um Nissan Xterra preto, novinho em folha quando ela estava, mais ou menos, no terceiro mês de gravidez, pois não queria que ela saísse por aí com aquele lixo de Ford Taurus que dirigia durante a faculdade. Mas o Nissan havia sumido.

Fiquei parado na porta, sentindo-me totalmente perdido.

E ainda estaria ali, olhando para minha garagem vazia, se não tivesse ouvido um estilhaçar de vidro quebrado atrás de mim.

Quando me virei, vi três zumbis andando em minha direção vindos da cozinha. A garota na frente vestia *jeans* e um sutiã azul rasgado e não usava sapatos. Manchas de sangue se espalhavam pelo chão deixadas pelos seus pés.

Atrás dela estavam dois homens mais velhos, e atrás deles eu vi formas indistintas movendo-se para dentro da casa pela porta da frente.

Atirei na garota e ela caiu de cara no fogão. A trava da minha *Glock* parou na posição de vazio e fui forçado a jogá-la fora. Os outros continuaram a avançar.

Recuei até a garagem. Os dois homens mais velhos tinham acabado de entrar na lavanderia entre a cozinha e a garagem, quando, de repente, um terceiro zumbi passou por entre eles, movendo-se rapidamente.

Eu o reconheci do bairro, apesar de não saber seu nome. Sempre o via fazendo *cooper* a qualquer horário do dia.

Quando entrou na garagem, ele estava praticamente correndo. Subitamente, atirou-se em minha direção, foi tão rápido que sequer tive tempo de revidar com um soco.

Ele me agarrou e seu ímpeto nos jogou no chão.

Eu o chutei. Bati e soquei. Rolei para um lado e depois para o outro, mas ele era incrivelmente forte e me prendeu no chão de tal forma que eu não conseguia me libertar.

Ele tentou me morder, mas eu forcei a palma da minha mão em seu pescoço, empurrando o mais forte que pude para manter seu rosto longe do meu. Seu hálito tinha o cheiro de sangue e a pele em volta do pescoço estava molhada.

Tentei jogá-lo para cima, mas não importava o quanto de força fazia, ele não se mexia.

Ficamos presos desse jeito até que mais zumbis me agarraram pelos ombros. O zumbi forte em cima de mim se mexeu um pouco sob o peso dos outros e isso me deu o apoio que precisava para tirar seu equilíbrio.

Depois disso, ele caiu facilmente e, quando eu o joguei de cima de mim, ele caiu perto da porta da garagem.

Antes que os outros pudessem me agarrar, eu fiquei de pé e corri até a prateleira de pás na parede dos fundos.

Peguei uma e a girei na direção do zumbi mais próximo de mim.

O impacto o fez recuar, mas não o derrubou. A pá era comprida demais para que eu pudesse girá-la com bastante força e torná-la uma arma eficiente. Ao invés de girá-la novamente, eu a usei para dar estocadas, enganchando-os com a lâmina e puxando-os para longe da porta.

O ligeirinho tentou me atacar novamente bem quando eu acabara de afastar o último zumbi, mas ele não conseguiu forçar caminho pela lenta multidão a tempo de me alcançar.

Pulei pela porta e a fechei atrás de mim, depois me apoiei na máquina de lavar enquanto os zumbis batiam na porta atrás de mim.

De onde estava na lavanderia, eu podia ver através da cozinha até a sala de jantar e, através das janelas da frente, a rua onde meu carro estava estacionado. Deixara os faróis acesos e podia ver pelo

menos três zumbis andando pelo brilho. Cortavam caminho pelo gramado, indo em direção à casa.

A porta da frente, eu pensei. Ah, merda, ela está aberta.

Corri pela cozinha até a entrada bem a tempo de empurrar um dos zumbis de volta aos degraus e fechar a porta na cara dele.

Pela janela, vi um pequeno grupo aglomerando-se no gramado da frente. Eles se reuniam diante dos faróis como mariposas.

Eu podia ouvir os zumbis que estavam na garagem batendo na porta e fiquei ali parado, respirando fundo, sentindo-me preso. A porta da frente era dura, mas a que levava até a garagem era fina como papel. Duvidava que os seguraria por muito tempo.

Olhei para o chão e vi a mira noturna da minha *Glock* brilhando contra o piso branco da cozinha, e rezei para que April e Andrew tivessem saído dali antes de as coisas ficarem fora de controle.

“Espere um pouco”, disse a mim mesmo. “Eddie, você é um idiota. Há uma caixa inteira de balas no armário. Balas de espingarda também. Não aquelas balas *green beanbags*. Balas de verdade”.

Peguei minha arma e corri até o armário do quarto principal. Estava uma bagunça. Todas as coisas das minhas armas que eu guardava na prateleira de cima estavam no chão, e a caixa azul que eu usava para guardar minha .45 havia sumido.

Empurrei algumas coisas para longe do caminho, procurando a caixa, mas ela não estava ali. Isso era bom, disse a mim mesmo. Isso significava que April a havia levado. Pelo menos ela ouviu o bastante de nossa conversa para pegar a arma, e isso significava que ela tinha alguma proteção.

Eu tinha três pentes comigo, e enchi cada um deles com quinze balas. Procurei minha espingarda, mas não a encontrei. Talvez April estivesse com ela também, pensei.

Porém, consegui encontrar minha lanterna extra.

Com a minha *Glock* recarregada, voltei para a cozinha para dar cabo dos zumbis na garagem. Não arriscaria que April e Andrew voltassem para uma casa cheia de zumbis. Não, se pudesse evitar.

Parei perto da porta da garagem para recuperar o fôlego. Não poderia estragar isso e teria de fazer valer todos os tiros. Eles não estavam mais batendo na porta, mas eu sabia que tudo que precisava fazer era abrir e eles se derramariam por ela.

O zumbi ligeirinho era minha maior preocupação. Ele era mais forte do que os outros, e eu já tinha visto como ele forçava caminho em meio àquela multidão. Se ele estivesse perto da porta, teria de ser o primeiro a cair.

Chutei a porta, recuei um passo e levantei a arma.

Havia um homem do outro lado da porta vestindo *jeans* azul e uma blusa azul-escura de gola olímpica. Atirei nele na testa e, então, apontei a lanterna passando por ele, procurando pelo ligeirinho. Ele estava nos fundos. Estava olhando para o lado errado quando abri a porta, mas, quando ele viu a luz, virou-se e veio em minha direção a toda velocidade.

Atirei em mais três zumbis antes de ele chegar até a porta, e estava com mais um sob a mira quando ele passou pelos outros. Ele empurrou para o lado o zumbi que eu tinha como alvo quando puxei o gatilho e meu tiro acabou por acertar um outro zumbi no ombro.

Ele tirou os outros do caminho na sua pressa de chegar até mim e rapidamente estava no mesmo cômodo que eu, fazendo-me recuar antes de conseguir disparar outro tiro.

Tive de andar de costas para manter distância e era impossível fazer isso e atirar corretamente.

Meu primeiro tiro o atingiu abaixo do nariz. Aquele tiro teria parado qualquer outro, mas ele não. O tiro fez sua cabeça voar para trás, mas o resto dele continuou avançando.

Atirei de novo e acertei o canto do olho esquerdo. Ele, finalmente, caiu, mas o disparo não acabou com ele para valer. Ele

ainda se contorcia, sacudindo os ombros como se estivesse convulsionando e tentando se levantar.

Disparei mais três tiros à queima-roupa, transformando sua cabeça numa poça de sopa.

Naquele momento, os outros já tinham entrado na cozinha. Aquela era uma situação que tentei evitar ao máximo, pois, agora, eles se espalhavam, de ambos os lados do balcão, com bastante espaço para se movimentar. Tive de me mexer e atirar ao mesmo tempo, prestando atenção nos alvos que vinham de todos os lados.

Quando derrubei o último, tinha uma trilha de corpos espalhados por três cômodos e cápsulas de latão em toda a casa.

O pente na minha arma estava vazio. Precisei de dezesseis tiros para acabar com dez zumbis, o que era uma proporção ruim. Balançando a cabeça, troquei os pentes e voltei para o armário para recarregar.

Dei mais uma olhada pelo quarto e, depois, saí para o corredor. Enquanto passava pelo quarto do Andrew, acidentalmente chutei um de seus brinquedos, um telefone com a forma de um cachorrinho que balançava a cabeça para cima e para baixo enquanto você o puxava pela coleira. Ele começou a cantar "London Bridge is Falling Down", e a música me agarrou pelo coração.

É engraçado como as menores coisas podem causar grandes tempestades na mente. Andrew raramente brincava com aquela droga de brinquedo, mas o som foi o bastante para trazer de volta lembranças de um ano e meio atrás.

Vi-me entrando em seu quarto, olhando para a lixeira de fraldas, as marionetes de meia e aquela coisa pequena que se parecia com um conta-gotas azul que usávamos para limpar seu nariz, e aquilo realmente começou a machucar.

Comecei a me perguntar como alguém sobreviveria à perda de um filho. Meu pomo de adão subiu e desceu na minha garganta como um pistão, e tentei empurrar a dor para baixo. Não fazia ideia

de onde April e Andrew estavam e o estresse por não saber me consumia.

Eles ainda estavam vivos, esperando-me em algum lugar lá fora no meio da noite. Eu acreditava nisso com toda a sinceridade. Mas a ideia de eles acabarem como a esposa e o filho do Carlos continuava a me importunar até o ponto de eu tirar uma bala da minha arma e colocá-la no bolso para guardá-la para mim, porque eu não existiria mais se eles não existissem mais.

Fechei os olhos e pensei na minha esposa e filho enquanto o som de "London Bridge is Falling Down" silenciava no corredor atrás de mim.

Capítulo 15

Fiquei parado no quarto do Andrew por muito tempo.

Ainda havia zumbis no gramado da frente e eu tinha de pegar a munição extra no meu armário e levá-la até o carro parado na rua, mas precisava de muito esforço para me mexer, e estava tão cansado...

Finalmente, não sei quanto tempo depois, ajeitei meu uniforme e fui até a janela da sala para olhar para o gramado.

Os três zumbis que tinha visto antes ainda estavam lá. Eles ficaram perto do carro, atraídos pela luz, eu acho. Para minha sorte, nenhum deles era um dos ligeirinhos.

Fui para fora e acabei com os três numa sucessão rápida. Depois, levei toda a munição do armário até o carro.

Foi apenas quando já estava na rodovia, procurando por faixas livres por onde passar, que percebi não fazer ideia de qual caminho seguir ou o que fazer.

Quando trabalhava no turno da noite nos bairros da zona noroeste, eu costumava ir ao Exxon, que ficava na esquina da Cereno com a Budd. Eles davam refrigerantes de graça para os policiais e tinham um escritório nos fundos onde eu costumava ir para colocar meus relatórios em dia.

Quilômetros e mais quilômetros de rodovia desapareciam debaixo das minhas rodas e eu seguia sem rumo, como uma nuvem de poeira num deserto tempestuoso, até que, de alguma maneira, me vi no estacionamento do Exxon. Quando coloquei o carro em ponto morto, percebi que havia dirigido, pelo menos, 25 quilômetros, e, mesmo assim, não me lembrava de ter feito isso. Havia um buraco onde a lembrança deveria estar, rodopiando com tristeza e incerteza.

Parei para ver o prédio de frente e fiquei olhando-o por alguns instantes antes de perceber que alguma coisa estava errada com ele. Havia eletricidade. As luzes dentro da loja ainda estavam acesas. E havia pessoas lá dentro. Três pessoas.

Saí do carro e corri para a porta da frente, mas quando me aproximei percebi que eram zumbis. Eles tinham aquele reconhecível andar meio morto.

A porta estava trancada.

Quando tentei abri-la, um dos zumbis veio até mim e bateu do outro lado do vidro.

Atrás dele havia uma poça de sangue no chão e, além dela, vindo na direção da porta, havia um homem mais velho com bochechas vermelhas e afundadas, careca, vestido com uniforme de atendente. O terceiro zumbi estava perto dos refrigeradores de cerveja e sorvete.

Andei até a outra ponta da janela para ver o resto da loja melhor. Se conseguisse entrar, não queria ser surpreendido por outro zumbi.

Os dois atrás da porta me seguiram. Eu observei que se aproximava e depois fui para a outra ponta, quando bloquearam a vista.

Encarei o homem perto da cerveja. Havia um reflexo transparente do meu rosto no vidro, e logo além havia os restos grotescos e vazios de um homem tão completamente entorpecido pelo o que sua vida se transformara que não podia tirar os olhos da cerveja, mesmo como um zumbi.

Perguntando-me o que Ken Stoler pensaria a respeito da consciência daquele homem, bati no vidro, mas ele não reagiu. Bati o punho no vidro novamente e funcionou.

Ele se virou e num único instante vi que quase todo seu rosto havia sumido. A pele havia sido rasgada completamente e, apesar de usar uma camisa de flanela, havia tanto sangue que era impossível saber onde seu corpo terminava e o tecido começava.

Desviei o olhar, suprimindo a ânsia. Pelo canto do olho, vi que ele se aproximava do vidro, mas era óbvio que ele não conseguia me ver.

Ele andou em minha direção, mas não exatamente até mim. Ele não parou de andar até ter atingido o vidro a mais ou menos um metro à minha direita.

Quando os outros zumbis chegaram até o meu lado da loja, eu já tinha um plano. Peguei a lata de lixo perto da porta da frente e a joguei na janela do outro lado. A janela quebrou, espalhando vidro pelo chão, e eu pude entrar.

Eu já estava dentro, arma em mãos, e esperando-os, enquanto eles ainda estavam a meio caminho da área de vendas.

Atirei nos dois primeiros e depois andei até o zumbi sem rosto. Ele estendia as mãos para mim, ou pelo menos para onde seus sentidos desorientados achavam que eu estava, mas ele não estava nem perto.

Atirei na cabeça dele e deixei-o no chão perto do corredor dos doces.

Depois, andei até a seção dos refrigerantes e peguei uma Coca *Diet*. Fui até as janelas e encostei no vidro, olhando meu reflexo e pensando sobre tudo o que havia acontecido. Ao longe, eu podia ver uma névoa alaranjada abraçando o horizonte e nuvens de fumaça preta-acizentada acumulando-se no céu. A cidade estava realmente queimando.

Ao meu lado estavam as prateleiras em que eles guardavam os cigarros. Olhei para elas e, então, verifiquei-as novamente.

Geralmente, eles trancavam os cigarros para que ninguém os roubassem, mas as portas não estavam trancadas como de costume. Ao contrário, estavam escancaradas. Qualquer um poderia estender a mão e...

Fazia um ano desde o meu último cigarro. Estava livre dos cigarros desde uma manhã, quando cheguei em casa vindo de um

chamado tarde da noite e vi April sentada na mesa da cozinha com um copo de água à sua frente e com uma expressão completamente confusa, de um jeito que jamais vira em seu rosto. Naquele minuto, descobri que algo especial estava acontecendo em nossa vida e, quando ela me contou que estava grávida, fui até meu carro e amassei meu maço. Aquele foi o último maço que pensei que fumaria.

Mas agora, enquanto olhava pacotes em cima de pacotes de *Marlboro Light*, pensei não haver momento melhor para voltar a fumar do que o fim do mundo. Abri as portas, peguei um maço e fui até a caixa registradora para procurar um isqueiro. Minhas mãos tremiam quando acendi o cigarro.

Mas, ah... aquele gosto familiar. Traguei vagarosamente, deixando os sabores encherem meus pulmões lentamente para eu não engasgar. Sentir aquele ataque de nicotina de novo era como estar no paraíso. Senti-me aéreo, tonto e um pouco atordoado, tudo ao mesmo tempo. Soprei a fumaça acima da minha cabeça e a observei se transformar em espectros.

Então, ouvi uma voz divertida dizer:

— Achei que você tivesse parado com esse lixo.

Capítulo 16

— Marcus!

Reconheci aquela voz na hora em que a ouvi. Era Marcus Acosta, meu velho parceiro no distrito antes de eu ser transferido para a zona oeste.

— Eddie — ele disse. Deus, como ele parecia calmo.

Ele não estava de uniforme. Usava um *jeans* azul e uma pesada jaqueta preta, sua arma estava presa num coldre utilizado por policiais que não estão em serviço e seu rádio da polícia encontrava-se no bolso de trás. Ele ficou ali parado com os braços cruzados, um sorriso torto e malicioso no rosto.

Fazia pelo menos três meses que eu não o via. Trabalho policial é assim. Os turnos são tão bagunçados que, se você não trabalha com alguém todos os dias, você nunca os vê. E, mesmo assim, ali estava ele, de pé no meio de todo aquele vidro quebrado e sorrindo como se houvesse acabado de fazer alguma coisa travessa, e não pude evitar meu próprio sorriso.

Uma olhada nele foi suficiente para varrer boa parte da dor.

Ele chutou um pouco do vidro enquanto olhava os corpos no chão e disse:

— Então, zumbis.

— É — eu disse.

— Tenho de confessar. Não esperava por isso. — Então ele sorriu novamente. — Parece que você teve uma noite péssima.

— É. E você?

Ele deu de ombros.

— Você está com um carro da polícia rodoviária?

— Sim.

— Parece que você o destruiu.

— É... — olhei para o estacionamento e não vi mais nenhum carro além do meu. — Você está de carro?

— Está estacionado a uns quatro quarteirões a Oeste daqui.

— Sua picape?

— Não, ela está na delegacia. Estava com uma viatura.

— O que aconteceu?

— Eu a destruí.

Ele andou em volta da loja, olhando os corpos, verificando se estavam caídos para valer.

Quando ele chegou perto do velho careca no uniforme de atendente, disse:

— Ei, você atirou no Gengiva.

— Quem?

— Gengiva. — Ele chutou o pé do morto.

— Amigo seu?

— Não. Ele era um cara novo aqui. Começou há uns dois meses. Esse homem falava, falava e falava. Deixava-me louco.

— Gengiva?

— Não tem um dente na boca. — E esticou os lábios por cima dos dentes e bateu os lábios um no outro. — Sabe, Gengiva.

— Entendi — eu disse. — Fala aí, por que você não está de uniforme?

— O uniforme ficou na picape. Ouvei falar disso tudo na TV quando acordei, então entrei mais cedo. Quando cheguei à delegacia, tudo já tinha ido para o inferno. E, a propósito, não recomendo ir até a delegacia da zona noroeste.

— Assim tão ruim?

— A maioria do turno B está morta.

Acenei com a cabeça.

— E na zona oeste?

— Quase a mesma coisa. O que o noticiário tinha a dizer?

— Nada, na verdade. A princípio eram revoltas e saques, esse tipo de coisa. Porém, ninguém na TV falou a respeito de zumbis. Ouvi pela primeira vez sobre isso quando cheguei ao trabalho.

— O que mais eles disseram?

— Parece que esta loucura está acontecendo ao longo da costa do Golfo. Estão dizendo que é por causa daquele negócio em Houston. O noticiário não deu mais informações. Além disso, todos os canais locais estavam fora do ar quando cheguei à delegacia.

— Como isso acontece? Como as coisas ficam tão ruins, assim, tão rápido?

Balançou a cabeça na direção do corpo do Gengiva e disse:

— Estou surpreso de você não estar em casa.

— Já estive lá.

— E?

— Não tinha ninguém. O carro não estava lá. Não sei para onde foram. Nem sei se estão bem.

— Você não falou com ela?

— Só por um segundo ou dois. Mais cedo. Não sei quanto tempo atrás. Muita coisa aconteceu.

— Mas você falou com ela?

— Ela parecia assustada.

— Bem, somos dois. — Ele me observou com mais atenção por alguns instantes. — Eddie — ele disse —, ela é uma garota esperta.

Fiz que sim com a cabeça.

— Espero que ela saiba o que fazer. Temo por ela e pelo Andrew.

— Eles ficarão bem, Eddie.

— Espero que sim — eu disse e um longo silêncio incômodo se seguiu. Mudei de assunto: — Precisamos encontrar um carro novo, Marcus. Aquele lá fora já deu o que tinha de dar.

— Onde você pegou aquele?

— Achei.

— Você não foi para o centro ainda?

— Não. Porém, ouvi todos os sinais de emergência desaparecerem do canal do centro. Parece que as coisas foram feias para eles.

— Acho que as coisas foram feias para todo mundo — ele disse.
— Mesmo assim, acho que devemos ir pra lá.

— Mas por quê?

— A Sede. Se há algum tipo de plano em ação, eles saberão a respeito.

— O que o faz pensar que a Sede ainda está operando? Todos os rádios pararam de funcionar.

— Sim, mas talvez eles tenham perdido apenas o *mainframe*. O Centro de Comando Operacional de Emergências ainda está seguro. Eles devem ter separado linhas para a Segurança Nacional e a FEMA.

— Talvez — eu disse, em dúvida —, mas não pretendo dirigir por metade da cidade para descobrir. Se há qualquer chance de eu encontrar April, é isso o que vou fazer.

— Mas você faz alguma ideia por onde começar a procurar? Você mesmo disse que não sabe para onde eles foram. Eles podem estar em qualquer lugar.

— Sim, e seja lá onde eles estiverem, é lá que eu quero estar também.

— Justo — ele disse —, iremos procurar por eles juntos. E o seu carro?

— Funcionará, mas o pneu dianteiro da direita está prestes a rasgar. Está bem desgastado.

— Então, a primeira coisa que faremos é encontrar um carro novo.

— E o seu?

— Eddie, bati com ele num carvalho.

— Ah...

— E não havia nenhum sobrando no Noroeste também.

— Faz sentido — eu disse. — Você acha que teremos chances melhores no centro?

— Sim, estava pensando em ir para a Flee e pegar um dos carros no estacionamento. Eles têm centenas de Crown Victory esperando pelos adesivos.

Aquilo fazia sentido, tive de admitir.

— E, enquanto estivermos por lá, podemos ir até a Sede. Fica a apenas dois quarteirões de distância. A gente não tem nada a perder. Dali podemos ir para qualquer outro lugar que você quiser.

— Você realmente quer verificar a Sede?

— Acho que a gente precisa. Olha, se houver mesmo um plano, ele pode contar com uma área de segurança para os civis. Suponhamos que você encontre a April e o Andrew. E aí? Precisarás de um lugar para levá-los onde fiquem seguros. Você não pode fazer isso se não tiver um plano.

— É verdade. — Realmente parecia uma boa ideia. Era melhor do que o plano que eu tinha, de qualquer forma, que era nenhum plano. — Podemos chegar à rodovia daqui?

Ele sorriu.

— Esse ainda é meu distrito, lembra?

— Ok — eu disse e dei um passo para o lado. — Você primeiro.

— Obrigado.

Capítulo 17

Passamos pela janela quebrada da loja e entramos no estacionamento. A temperatura começava a cair ainda mais. Eu tremia por causa do frio, desejando ter uma jaqueta grossa como aquela que o Marcus usava.

A frente do meu carro parecia o rosto de um boxeador que acabara de perder uma luta. O farol do lado do passageiro estava arrebentado e o outro que sobrara parecia um olho inchado. Um pedaço do para-choque de plástico raspava no chão e o capô estava amassado. Mais umas horas rodando e o carro viraria história.

— Ah, cara — Marcus disse, rindo.

— Eu sei — disse, ainda tentando pensar em uma maneira que pudéssemos tirar o para-choque para que ele não caísse enquanto dirigíamos. — Eu o detonei mesmo.

— Não isso, idiota — ele disse. Bateu no meu braço e apontou para o outro lado do estacionamento — Estou falando dela.

Ele apontava para uma garota muito gorda de cabelos escuros no outro lado do estacionamento. Zumbi. Claro que pude perceber pela maneira como andava.

A princípio, eu pensei que ela estava completamente nua, mas, quando ela se mexeu, pude ver um pedaço de uma calcinha branca aparecer e depois desaparecer dentro das dobras de suas coxas.

Ela girava um pé e depois o outro de um jeito pouco firme e cambaleante, então podíamos vê-la de perfil a cada passo. Havia um corte grande e feio na parte de cima da perna, que ia do joelho até o quadril e parecia carne enegrecida e podre.

— Ela está usando um fio dental? — Marcus disse, ainda rindo. — Deus, isso é a coisa mais obscena que vi esta noite.

— Cale a boca, Marcus.

A mulher avançou com o mesmo passo trabalhoso, mas ela ainda estava longe o bastante para que pudéssemos entrar no carro e partir.

— Deus, ela é muito gorda.

— Esqueça-a, Marcus. Vamos embora.

— Espere um pouco, tá? Quero dizer, olhe pra isso. Não sabia que eles faziam fio dental grandes assim. Aquela coisa deve estar se segurando para salvar a vida. "Ajudem. Ajudem. Estou rasgando!"

— Pelo amor de Deus, Marcus. Pare com isso, está bem?

Marcus era um palhaço. Era só o jeito dele. Ele poderia transformar uma viagem aos Assuntos Internos numa apresentação de comédia e ainda assim escrever um relatório bom o bastante para nos tirar de praticamente qualquer encrenca. Mas, dessa vez, eu não estava me divertindo. Achei mais irritante do que qualquer outra coisa.

— Vamos logo, Marcus.

— Você está vendo isso, né? Olhe para isso. É como tentar cobrir uma melancia com um elástico. Vai me dizer que não acha isso engraçado?

— Ela é um zumbi, Marcus. Zumbis não são engraçados.

— Você precisa encontrar seu senso de humor, Eddie.

— Gostaria de ir agora, por favor.

— Ei, a que distância você acha que ela está agora? Uns dezoito metros?

Medi a distância.

— É, mais ou menos isso.

— Aposto um maço de cigarros que você não consegue acertar a cabeça dela com menos de três tiros. O que me diz? Vamos. Aposto um pacote inteiro. Sei que você quer alguns. Eu mesmo faria isso, mas estou sem munição.

— Tem uma caixa inteira no carro — eu disse e fui até a porta do motorista. — Você pode ficar com quantas quiser, se calar a boca e

entrar no carro.

— Espere um pouco. Vamos lá, tente só uma vez.

— Não.

— Uns treze metros agora, imagino. Fácilimo. Até você poderia acertá-la daqui. Vamos lá, não está com medo, está?

— Não.

Sei que ele achava que estava sendo engraçado, mas parecia cruel para mim. Marcus podia lutar como um demônio e já o vira arrebrandando muitos caras maus, mas nunca o vira ser cruel sem necessidade, e era assim que ele me parecia naquela hora. Aquilo me perturbava.

Ele bufou.

— Aposto que você não poderia ter acertado nem...

Olhei para ele.

— O que foi?

— Eddie — ele disse —, há algo que esqueci de lhe contar.

— O quê? — segui seu olhar.

Quatro zumbis apareceram na esquina da loja. Ele os observou enquanto davam a volta nas caçambas e depois olhou de volta para mim.

— Você disse que tinha algumas balas no carro, certo?

— É.

— A garota gorda — ele disse, apontando sobre o meu ombro com o queixo.

Virei-me. A mulher gorda estava perto demais para poder ser ignorada. Disparei um tiro em sua testa e depois me virei para o Marcus.

— Você está acabando comigo, Marcus. O que se esqueceu de me contar?

Ele olhou para a mulher gorda caída no asfalto e depois para os zumbis perto da esquina.

— Lembra que disse que bati num carvalho uns quatro quarteirões atrás?

— Conte logo, Marcus.

— Estávamos prestes a ter companhia — ele disse. — Na verdade, muitas companhias.

— Excelente — eu disse. — Agora você vai entrar no carro?

— Sim — ele disse —, ok.

Liguei o carro e Marcus entrou. Os quatros zumbis pisaram no asfalto. Além deles, pude ver mais zumbis vindo em nossa direção.

Dei ré e arranquei na direção oposta. Na saída do estacionamento, acertamos uma valeta e a frente bateu no asfalto. Acabamos passando por cima do para-choque.

— Ai! — Marcus disse. — Eu dirijo o próximo carro que arranjarmos.

Capítulo 18

Enquanto nos afastávamos, Marcus recarregava sua arma e os dois pentes extras. Ele era rápido com isso também. Atirar era uma coisa natural para ele.

Enquanto dirigíamos, ele me contou sobre o primeiro encontro com os zumbis.

— Atirei no casal que morava no andar de baixo — ele disse. — Lembra-se deles? A mulher tinha aquela coisa horrível no nariz?

— Lembro.

— É, bem, eu a ouvi gritando. Estava sentado, assistindo a toda aquela doideira nos noticiários e a escutei gritando feito louca. Então, desci e lá estava o marido, comendo-a. Atirei nele. Atirei nela também, só pra garantir. Depois, arrastei os corpos até as caçambas de lixo. E você não vai acreditar nisso. Estava indo para minha picape depois de ter jogado os corpos quando ouvi uma gritaria na direção da piscina. Parecia que todo mundo na porcaria do condomínio não sabia fazer outra coisa a não ser gritar. Fui até lá e vi uma senhora em pé perto da piscina e um zumbi flutuando com a cabeça dentro d'água com uma nuvem de sangue em volta dele. Ela queria que eu pulasse na água e o tirasse de lá, e eu falei: — Minha senhora, depois do que acabei de ver, não vou fazer boca a boca naquele cara de jeito nenhum. Ele provavelmente vai tentar arrancar minha língua com uma mordida.

— Não acho que você deva usar a língua para fazer boca a boca — eu disse.

— Então você não está fazendo direito, meu irmão. Mas, falando sério, alguém tem de queimar todos aqueles corpos. Espere e verá. Em dois dias, a cidade inteira vai ficar cheirando a não sei o quê. Mas vai ser ruim.

Não tinha pensado nisso — mas eu tinha outras coisas em mente da última vez em que estivera em casa.

— Sabe, você e a April foram das últimas pessoas a terem uma conversa pelo celular esta noite. Logo depois de ter desligado a TV, ouvi o noticiário dizer que eles tinham perdido a comunicação com o pessoal nas ruas. Sem celular, sem rádio, sem nada.

— Sério?

— Foi o que ouvi. — Ele de repente ficou muito animado e acenou para alguns zumbis andando por um gramado próximo. — Ei. Diminua. Aqui. É aquele imbecil que reclamou de mim mês passado. Diminua e deixe-me tentar acabar com ele.

— Você perdeu a cabeça, Marcus?

— Acho que não — ele disse, imitando meu tom sério. — Vamos, encoste. Vai levar só um minuto. Vou ensinar aquele cara a não reclamar de mim.

Continuei dirigindo.

— Ei, espere um pouco — Marcus observou o cara ficar para trás, as pernas feridas sem poder acompanhar o carro. — Droga, Eddie. Quando terei uma chance dessas de novo? Vamos, ele está escapando.

— Não.

— Droga, Eddie. A April não deixa mais você levar seu senso de humor para o trabalho?

Não respondi. Aquela foi a segunda vez que ele mencionara April de modo tão casual, como se não houvesse nada errado, e aquilo me deixou irritado.

Ele percebeu que tinha me irritado — Ei, sinto muito, Eddie. Sei que você está muito preocupado com ela. Nós vamos encontrá-la.

— Espero que sim.

Fingi ter dificuldades em ler as placas na rua, mas ele sabia que eu estava apenas fingindo.

— Ela é uma garota esperta — ele disse —, saberá o que fazer, quando tiver de fazê-lo.

— Como você sabe disso, Marcus? Você sabe o que fazer? Eu com certeza não sei. Não faço a mínima ideia. Esta noite está sendo uma zona.

Marcus fechou a tampa da caixa de balas e a colocou no chão perto dos seus pés. Depois se virou e ficou a observar as casas que passavam. Era seu jeito de mostrar que entendia, e eu gostava disso.

— Esses carros da polícia rodoviária são muito bons — ele disse após termos dirigido em silêncio por alguns minutos. Ele brincava com o saco plástico que estava pendurado na porta do passageiro e riu consigo mesmo — Onde você disse que o achou?

— Na Fletcher.

— Fletcher? Não fica do lado 23?

— Bem na divisa entre o Centro e o Oeste.

— O que você acha que um cara da polícia rodoviária fazia lá? Pensei que eles ficavam apenas nas rodovias.

— Não sei — eu disse.

— Bem, ele tem uma câmera de vídeo.

Marcus olhou os mostradores no monitor do tamanho de um cartão montado entre os para-sóis e brincou com os controles. Ele era assim com coisas eletrônicas. Qualquer aparelho que estivesse à sua frente não era deixado em paz até que ele entendesse como funcionava.

— Você já assistiu a isso?

Vi a imagem aparecer.

— Não. — E, então, depois de uma pausa. — Não tive tempo. Assim que encontrei o carro fui direto pra casa do Carlos Williams.

Ele me lançou um olhar de canto de olho e contei a ele como Carlos havia morrido, e o que ele havia dito sobre seu filho antes de ter atirado nele mesmo.

— Você não fez isso.

Fiz que sim com a cabeça.

— Você foi ver a família dele?

— Sim.

— Eddie — ele disse, balançando a cabeça lentamente, triste —, por que você faz isso a si mesmo? Juro que às vezes você é um grande idiota, sabia?

Ele estava certo, é claro. Mas eu não sentia como se ele estivesse certo.

— Você é sentimental demais. Esse é seu problema.

— Provavelmente — eu disse.

— Não tem nenhum provavelmente nisso. Sei que estou certo.

Seguimos em silêncio pelos próximos quarteirões enquanto ele tentava descobrir como repassar o vídeo. Todos os caminhos fáceis para acessar a rodovia estavam bloqueados, e fui forçado a usar algumas das ruas menores e becos.

— O que há de errado com a Maldon? — ele perguntou, olhando para a rua que acabávamos de passar. — É uma linha reta.

— Muitas lojas na Maldon — eu disse. — Quero evitar grandes multidões, se é que conseguiremos fazer isso.

— Ah... — Ele pareceu desapontado.

Continuou mexendo com o vídeo até conseguir passá-lo.

— Ah, sim, aqui vamos nós.

Não conseguia assistir e dirigir ao mesmo tempo, mas com Marcus narrando a coisa toda eu realmente não precisei.

— Ok — ele disse —, aqui está. Quem é aquele? Você o reconhece? Parece o Wainscot.

Dei uma olhada, mas o monitor era tão pequeno que não consegui ver nada. As figuras na tela pareciam longe e escuras.

— Ali se vai a arma. Viu algo. Droga! Não dá pra fazer muita coisa com o foco. O que ele está vendo? Ali vai ele. Espere. Não. Agora ele está fora do enquadramento.

Marcus continuou assistindo, apertando o botão de avançar, mas parecia não ter mais nada.

— Isso não nos disse porcaria nenhuma — ele disse.

— Ele não estava perto quando encontrei o carro.

— É, provavelmente foi comido.

— Legal.

— O quê? Ah, sinto muito, senhorita “Fresca”. Tenho certeza de que rolou uns abraços e beijos quando ele encontrou os zumbis.

— Vá pro inferno, Marcus.

— Encontre uma vaga para estacionar, meu irmão — ele disse com um aceno de mão disperso para o mundo fora do carro. — Chegamos.

Capítulo 19

Marcus estava admirando a espingarda novinha em folha. A polícia rodoviária realmente conseguia os melhores brinquedos.

No patrulhamento, os policiais usavam o cano da espingarda como lata de lixo. Você pode encontrar qualquer coisa, desde invólucros de chiclete até ossos de galinhas, enfiados dentro deles.

E, quando a temporada de caça à codorna começa, você tem sorte de ter qualquer arma dentro do carro.

Ele usou a telha para ejetar uma das *green beanbags* verde.

— Inútil — ele disse, e jogou a *green beanbag* para fora da janela.

— Ah — eu disse —, tenho balas de verdade para essa coisa. Olhe naquela caixa verde.

— Onde?

— Está ali. Não sei. Embaixo do assento, talvez.

— Achei — ele disse, e começou a colocar as balas no carregador.

— Onde você encontrou essas balas?

— Em casa.

— Sua casa?

— É.

— Não sabia que você tinha uma espingarda.

— É apenas uma espingarda para tiro ao disco. Nada especial. Uma *Ruger Red Label Over-and-Under*. Não a uso há algum tempo, desde antes de me casar com a April.

— É uma pena. A *Ruger* fabrica boas armas. — Ele puxou a telha e um sorriso enorme iluminou seu rosto. — Meu Deus, adoro esse som. Você não?

— Pode usá-la se quiser.

— Não se importa?

— Não. Claro que não. Você é que está no assento do atirador.

— Legal. Valeu. — Tirou os olhos da espingarda e pude perceber que estava consultando seu mapa mental da área. — Você não vai passar pelo Centro Médico, vai?

— Não. Achei que seria melhor se déssemos a volta por ele.

— Provavelmente. Os noticiários diziam que os hospitais estão todos tomados. Pelo que parece, foram os primeiros locais a serem ocupados.

Seguimos pela orla do Centro Médico, mas, mesmo de lá, era óbvio que a destruição fora total.

As ruas principais estavam tomadas pelos engarrafamentos, tanto que não havia mais esperança de entrar nos hospitais. A área toda estava bloqueada.

Quando subimos na calçada e passamos pelo gramado para dar a volta numa área congestionada da rua Fielding, olhei para a minha esquerda e deixei que meus olhos seguissem a direção que todos aqueles carros apontavam.

A Fielding era flanqueada de ambos os lados por barrancos que se estendiam do nível da rua até as lojas no topo. As pessoas tentaram subir aqueles barrancos de carro, e parecia que muitos deles haviam rolado antes de chegar a algum lugar. A rua me lembrava um rio da África selvagem depois de uma inundação, do tipo que era mostrado nos documentários sobre natureza, com carcaças de milhares de animais flutuando na superfície e apinhando as margens.

Voltei para a rua. Apesar de tentar evitar as áreas mais comerciais, era impossível nos mantermos completamente longe e ainda chegar aonde queríamos.

E também não podíamos evitar os zumbis. Eles estavam em todas as partes da rua, e, à medida que passávamos por grupos que se viravam e cambaleavam atrás de nós, comecei a compreender a distância e a rapidez com que o surto havia se espalhado.

Passamos por tanta destruição que parei de tentar somar tudo. No entanto, Marcus parecia não se preocupar. Ele cantarolava consigo mesmo, feliz, como se fizesse isso todos os dias.

— Acho que você terá dificuldades para passar pela Middleton — Marcus disse.

— Por que pela Middleton?

— Eles colocaram um monte de coisas por lá desde que você saiu. Muitas lojas, está vendo? — Ele apontou para frente, onde o tráfego de repente ficou engarrafado demais para podermos passar. — É disso que estou falando.

Parei o carro e olhei por cima de um mar de carros congelados. Zumbis cambaleavam por entre os veículos. Não parecia haver um espaço grande o bastante para passar, e havia centenas de zumbis pisando na rua, vindo de ambos os lados.

No tempo que levou para entendermos de onde vinha aquela multidão, já estávamos cercados.

— Parece que teremos de dar a ré e tentar dar a volta — eu disse.

— Ainda não — Marcus disse. Então, de repente, ele abriu a porta e pulou para fora, deixando-me de boca aberta ao observá-lo.

— O quê...? Ei, espere.

Eu o observei correr direto para a multidão de zumbis e pensei, “ele ficou louco”.

O pior era que ele esperava que eu o seguisse, como se fosse apenas mais uma briga na sexta à noite.

— Seu idiota — eu disse a ele e, logo depois, eu estava fora do carro, com a arma na mão. Olhava para um mar de zumbis em toda a nossa volta. Devia haver milhares ou mais.

Mas o Marcus não hesitou. Disparou todos os seis tiros da espingarda e depois começou a girá-la como um taco, rasgando um caminho bem no meio da multidão e gritando como se fosse a droga do exército rebelde de um homem só.

Ele, na verdade, os provocava enquanto se fechavam atrás dele.

E, então, seu grito de rebeldia foi sufocado pelo rugido de sua arma. Vislumbrei o brilho dos disparos à medida que ele se movia através da multidão. Ele parecia um *cowboy* de algum filme antigo, pavoneando-se pela multidão ao disparar sua arma.

Mas os zumbis não estavam apenas se aproximando dele. Eles estavam todos ao seu redor também. Logo, antes de voltar para o carro, vi o Marcus a uns 45 metros de distância. Ele pulou para a caçamba de uma picape abandonada e começou a atirar.

Engatei a marcha e dirigi direto para a multidão, esmagando corpos enquanto passava. Mantive os olhos nele enquanto passava por cima do mar de corpos, ignorando os rostos enquanto rolavam pelo capô.

Pisei no freio e girei o carro para que a porta do passageiro ficasse o mais perto possível dele.

O carro deslizou de lado pela multidão e alguns zumbis foram jogados com tanta força que, quando bateram na lateral da picape de onde Marcus atirava, o impacto quase o derrubou. Ele quase caiu pela lateral.

Atirei num zumbi que tentava entrar pela janela do passageiro e abri espaço para Marcus voltar para o carro.

Ele gritava o tempo todo, ainda atirando pela janela do passageiro, enquanto eu engatava a ré e pisava fundo no acelerador.

Os pneus traseiros se soltaram. Havia fumaça em todo lugar. Era como dirigir rápido demais por um campo acidentado. Corpos eram jogados para fora do caminho ou empurrados para baixo e atropelados, e havia tantos deles que o carro praticamente passou por cima de uma pilha de corpos que ainda se moviam antes que o ímpeto nos colocasse de volta ao asfalto.

— Vai! Vai! Vai! — ele gritou, rindo como se nunca houvesse visto algo tão engraçado em toda sua vida — É isso aí! Você está acabando com eles.

Continuei acelerando até acabarmos com toda aquela multidão, e ainda um pouco além. Subimos na calçada e batemos na caixa de pedidos do *drive thru* do Burger Barn antes de conseguir fazer o carro parar.

Marcus estava morrendo de rir. Eu queria bater nele até que ele apagasse, mas, antes de ter essa chance, ele levantou as mãos e disse:

— Não. Sem chance, Eddie. Você não vai dizer nada. Sabe por quê? Porque aquilo foi incrível. Aquilo foi absolutamente incrível.

Olhei para ele e me perguntei quem colocara aquele idiota no carro comigo. O tempo todo eu agarrava o volante com tanta força, que meus dedos estavam ficando brancos.

— Então?

Eu não disse nada.

— Vamos lá, Eddie. Diga alguma coisa. Você foi fantástico. E sei que aqueles zumbis ali atrás ficaram impressionados.

— Impressionados?

— É, bem, eles são zumbis, é claro, então não podem estar tão impressionados. Mas, minha nossa, Eddie. Você pode não ser um atirador muito bom, mas, meu irmão, você sabe dirigir. Aquilo foi, de longe, a coisa mais legal que vi você fazer.

E, então, começou a rir novamente.

Fechei minha mão num punho e me preparei para usá-lo.

— Não — ele disse, ainda rindo.

— O que diabos...

— Não — ele disse.

Minha frustração saiu como um silvo longo e lento. Ao invés de socá-lo, ou sufocá-lo, agarrei o volante.

— Diga — ele disse. — Vamos, diga.

— Vai se ferrar, Marcus. — Mas o momento de bater nele passara e minha raiva virou irritação.

Ainda estávamos presos no estacionamento e tínhamos de pensar num caminho que nos levasse para o outro lado daqueles zumbis. O estacionamento era circundado por um muro de sessenta centímetros de altura, e a única saída começava a encher de zumbis.

— Passe por cima de todos eles de novo — Marcus sugeriu.

Pisei fundo, seguindo para o meio da multidão. Atingimos a saída rápido demais e giramos para a direita na Nightingale.

O carro oscilava de um lado para o outro por causa de todos os danos na suspensão e, quando fizemos a curva, a traseira me fez perder o controle, e fomos de encontro à multidão.

Porém, eles não nos seguraram e, enquanto eu endireitava a traseira, Marcus se inclinava para fora da janela e começava a atirar como se realmente esperasse disparar um tiro mortal.

— Incrível — ele disse, entrando novamente no carro. — Absolutamente incrível.

— Você é um imbecil.

— Sabe — ele disse, e sua voz tinha aquele tom que me dizia que ele estava prestes a me provocar —, recuso-me a deixar um bando de zumbis arruinar o mundo que sobrou para mim. E você também, a propósito.

Três quarteirões depois, viramos para o Sul novamente e tentamos chegar ao fim de nosso caminho ao redor do Centro Médico. Chegamos até a rua Cotton antes de que outro engarrafamento nos fizesse virar no estacionamento de um *shopping*.

— Alguma ideia? — perguntei, olhando por cima dos destroços.

— Tem uma área de serviço nos fundos para carga e descarga. Aposto que podemos cortar caminho por lá.

— Tem certeza?

— Claro que sim — ele disse —, já passei por lá antes.

— Ok — disse, e virei o carro na direção dos fundos do prédio. Depois, virei à esquerda e segui reto ao longo da parede dos fundos.

Só conseguimos chegar até a metade do beco. Havia um alto muro de concreto à direita e um grande caminhão marrom estacionado junto a ele do lado esquerdo. Entre os dois havia um espaço que dava para passar a metade de um carro.

— Parece que vamos...

Mas ele não conseguiu terminar a frase. Um zumbi ligeirinho quebrou a janela e tentou puxá-lo para fora do carro pela gola da camisa.

O zumbi o arranhava, mas Marcus era mais rápido e seus movimentos eram deliberados, uma vez que o choque inicial havia passado.

Ele puxou o braço do zumbi contra o rosto dele e o agarrou pelo pescoço.

Uma vez que havia conseguido segurar firme, ele não soltou. Ele bateu a cabeça do zumbi na porta repetidas vezes até a coisa ficar molenga e cair no chão.

— Eles estão atrás de nós — eu disse, observando o pequeno grupo vindo em nossa direção.

— Vai! — ele disse — Passe por cima deles!

Engatei a ré e pisei fundo. Estávamos a 30, talvez 40, quilômetros por hora quando batemos no zumbi mais próximo.

Guinamos para cima e depois parecia que o carro acabara de explodir. Houve uma investida de cores e vidros quebrados quando um dos zumbis entrou pelo porta-malas e bateu de cara na gaiola de Plexiglas do prisioneiro, que separa o banco de trás do banco da frente. Tudo dentro do carro rolou para frente com o impacto.

Na pressa, perdi o controle e raspei o carro no muro de concreto, acabando com a investida.

Quando recuperei o controle e consegui parar o carro, o zumbi no banco de trás se mexia, batendo no Plexiglas.

Com uma calma exagerada, Marcus se virou para mim e disse:

— Eddie, tire-nos daqui, por favor.

O zumbi no banco de trás era um cara enorme e ocupava o banco todo. Ele batia no Plexiglas com suas mãos quebradas e apertava o rosto vermelho nele, mordendo-o e cortando-o com seus dentes. Sei que abriria caminho a mordidas, se pudesse.

Ele era tão grande que eu não podia ver o que havia depois dele. Estava tentando nos tirar de lá dando ré, mas eram tantas coisas acontecendo que não havia como sair de lá sem bater em praticamente tudo.

Quando conseguimos chegar ao estacionamento, Marcus estava de saco cheio. Ele se virou no assento, as costas contra o painel e apontou sua arma para o zumbi.

— Não — eu disse, protegendo o rosto com as mãos.

— O quê? — ele disse.

— Não dentro do carro, idiota. Você ficou louco?

— Você fica me perguntando isso — ele disse. — Daqui a pouco vou pensar que você realmente acha isso.

Bati num daqueles pilares de concreto que seguram os postes de luz e joguei Marcus para longe do painel.

— Chega — ele disse enquanto se endireitava. Ele abriu a porta e saiu.

— O que está fazendo?

Ele andou até a janela de trás do lado do passageiro e apontou a arma para o zumbi no banco de trás.

— Não — eu disse, tentando abrir minha porta. Mas eu ainda estava dentro do carro quando ele começou a atirar. A janela se estilhaçou e, enquanto eu cambaleava para o asfalto, vi o corpo no banco de trás se convulsionando com os impactos.

— Mas que droga, Marcus.

— O quê?

— Qual é seu problema, inferno?

— O quê?

Começávamos a atrair uma multidão e dois deles eram ligeirinhos. Podia vê-los empurrando os outros zumbis.

— Atrás de você — eu disse.

Ele se virou, mirou e atirou nos dois ligeirinhos como se estivesse num estande de tiros. Caíram no chão e ainda se contorciam quando ele se virou para mim.

— O que eu fiz?

A multidão à nossa volta estava começando a engrossar, e eu não estava a fim de discutir com ele.

— Entre logo no carro, Marcus.

— Sem chance. Primeiro você me conta por que está agindo como uma velha. O que diabos eu fiz?

— Você é louco?

Ele apontou com a arma por cima do meu ombro.

— Tem um casal atrás de você — ele disse. — Bem ali.

Virei-me e vi dois zumbis vestindo jalecos saindo do gramado a uns dez metros. Porém, eram lentos, e um havia sido horrivelmente espancado. Faltava-lhe um olho e, onde ele costumava ficar, havia apenas riscos de sangue enegrecidos. Mirei e atirei na testa de cada um.

— Hora de irmos — eu disse.

— Não. Você queria conversar, então vamos conversar. Quero que me diga por que o que estou fazendo tanto irrita você.

— Marcus, por favor.

— Ainda não. Conte.

— Estamos cercados.

— Estou vendo. Vamos, fale comigo. Quero saber o que está se passando por sua cabeça.

— Marcus, por favor. Volte para o carro e vamos sair daqui.

Os zumbis se aproximavam vindo de todos os lados agora, mas Marcus simplesmente ficou ali parado esperando que eu falasse. Na verdade, ele sorria. O louco desgraçado realmente sorria.

— Atrás de você — ele disse.

Virei-me e atirei numa mulher de vestido azul. O primeiro tiro a atingiu na bochecha, mas tive mais cuidado com o segundo e a derrubei de vez.

— Boa — Marcus disse.

— Cale a boca.

— Estou esperando — ele disse —, diga por que você está tão irritado com tudo e eu entro no carro, e aí poderemos ir embora. Até deixo você dirigir.

Apontei para suas costas e ele se virou e derrubou um zumbi segurando a arma com uma mão só. Ele fazia parecer tão fácil.

— Então?

— Não tente jogar isso para cima de mim, Marcus. Você é que pensa que é algum tipo de *cowboy* aqui. Só quero ir para casa e ver minha família.

— *Cowboy?* Você acha que eu sou algum tipo de *cowboy*? O que isso quer dizer, exatamente?

— Atrás de você — eu disse.

— De você também.

— Esquerda ou direita?

— Sua esquerda.

Nós dois derrubamos nossos zumbis. Marcus se divertia como nunca, o que me deixava mais irritado ainda. Para ele, isso era algum tipo de estande de tiros numa feirinha e atirava como se não houvesse nenhuma consequência para nada daquilo.

E ele não fazia ideia do porquê aquilo me incomodava tanto.

Olhei em volta e percebi que não havia como mantermos uma posição segura onde estávamos. Havia muitos deles e mais ainda se reuniam na orla do estacionamento.

— Marcus, estou morrendo de medo. Ok? Satisfeito? Você me fez contar. Pode me xingar se quiser, mas estou apavorado. Estou com medo do que vai acontecer comigo e estou com medo do que vai

acontecer com a minha família. Não faço ideia do que fazer e estou preso no meio de um bando de zumbis. E isso tudo é um jogo para você. É por isso que estou agindo assim.

— Não acho que isso seja um jogo — ele disse.

— Tanto faz. Atrás de você.

Ele se virou e atirou algumas vezes. Então disse:

— Você vai conseguir, Eddie. Não se preocupe.

— É, bem, estou preocupado, Marcus. Não quero ficar aqui mais tempo do que o necessário. Quero saber se minha esposa e meu filho estão em segurança e quero estar com eles. Só porque não tem ninguém esperando você em casa não quer dizer que o resto de nós não esteja morrendo de medo por nossas famílias.

A diversão deixou seu rosto quando eu disse aquela última parte, e percebi que o havia magoado. Marcus casara-se duas vezes antes e em ambas as vezes o fim havia sido difícil. Ele pegava mulheres como uma casa pega fogo. Era divertido de assistir, mas o estrago era geralmente espetacular.

Ele franziu a boca numa carranca. Depois de uma longa pausa, ele disse:

— Atrás de você.

Atirei em dois zumbis, recarreguei e atirei num terceiro antes de encarar Marcus de novo. Ele não olhava para mim.

— Sinto muito, Marcus. Fui um idiota.

— Não, é verdade. Você está certo. Não tem ninguém me esperando em casa. Inferno, na verdade estou meio que feliz por minhas ex-esposas terem virado zumbis. Bem feito para elas. E não tenho mais que pagar pensão.

— Marcus, sinto muito.

— Pare de dizer isso.

— Atrás de você — eu disse.

Ele atirou no zumbi e observou o corpo cair. Achei que ele fosse sair, mas ele manteve sua posição.

Uma mulher esfarrapada com uma camisa branca e sem calça cambaleou em sua direção, e ele esperou tanto antes de atirar, que eu quase fiz isso no seu lugar.

Quando ela caiu, ele se virou e me encarou novamente.

— Há algo mais que você queira me dizer?

— Marcus, por favor. Vamos logo.

— Para quê?

— Minha família está esperando em algum lugar. Sei que estão e tenho de ir até eles. Quero estar com eles. Por favor, Marcus, você não vê isso? Ajude-me a chegar em casa. Preciso que você me ajude.

Ele fez que sim com a cabeça. A tristeza deixou seu rosto e em seu lugar o sorriso malicioso retornou.

— Ei, Eddie, você sabe que sempre pode contar comigo.

Acenei com a cabeça e esperei ele se mexer, mas ele simplesmente ficou ali parado.

— Carro — eu disse, — agora.

— Como quiser.

Entramos no carro e arrancamos do estacionamento, os dois em silêncio até termos nos afastado da multidão de zumbis.

Permaneci calado porque ainda estava irritado com ele e envergonhado pelas coisas cruéis que havia dito. Éramos amigos por tanto tempo e confiávamos muito um no outro que sabíamos instintivamente o que o outro pensava ou o que faria em praticamente todas as situações. Tanto que fiquei completamente confuso quando ele fez o oposto do que eu esperava.

Tive a impressão de que Marcus estava quieto porque esperava que eu saísse do meu torpor e visse tudo aquilo como algum tipo de piada cósmica.

Para ele, não havia mais implicações para todos aqueles zumbis do que o fim do pagamento da pensão, enquanto eu achava que ele

entendia minha pressa de alguma maneira, ele nunca poderia dividi-la.

Sua risada pegou-me desprevenido. Quando ele me viu balançar a cabeça para ele, disse:

— O quê? Você não espera que eu fique aqui sentado me lastimando até tudo isso simplesmente acabar, não é?

— Você percebeu que tem um corpo no banco de trás, né?

— Quem? Ele? Bem, é como se ele já não fosse mais um zumbi. E, além disso, não fui eu quem o colocou ali, lembra?

— Sim.

— Ah, pelo amor de Deus, pode parar com isso! Não dá para andar no mesmo carro com você se ficar chorando por causa do que está acontecendo.

Ele parou para que eu pudesse falar alguma coisa, mas, quando eu não disse nada, voltou a dizer:

— Olhe, nós podemos parar e tirá-lo daqui, se isso faz você se sentir melhor.

— É — eu disse —, vamos fazer isso.

— Ok. — Ele olhou para o corpo e assoviou. — Cacete! É bem grande. Quanto você acha que ele pesa? Uns 120? 130?

— Por aí.

— É, bem, você vai ter de me ajudar com ele. Não tem como eu conseguir tirá-lo daqui sozinho.

Olhei para o que eu conseguia ver do corpo pelo retrovisor. Estava todo coberto de sangue.

— Ok. Deve ter luvas no porta-malas.

— Bom. Estacione em algum lugar onde possamos jogá-lo.

Contudo, tivemos de ir até a Avenida Dickinson para encontrar um lugar seguro para estacionar. Não havia lojas na Dickinson, e nenhum zumbi.

— Aqui parece bom. — Marcus disse — Pare aqui e vamos tirá-lo do carro.

Peguei as luvas no porta-malas e Marcus abriu a porta de trás.

— Ah, cara — ele disse, desviando o rosto —, você realmente acabou com ele.

— Eu? Do que diabos você está falando? Foi você quem fez esses buracos de bala nele.

— Calma, calma. Venha aqui e me ajude.

Dei ao Marcus um par de luvas. O homem estava deitado de costas, um de seus pesados braços enormes dobrado sob sua corpulência e a cabeça enfiada embaixo do banco do motorista. De onde eu estava, pude ver sua boca aberta.

— Qual pé você quer? — perguntei a ele enquanto colocava as luvas.

— É sempre a mesma coisa com você, não é, Eddie? Será que não podemos nos reunir sem ter de tirar um corpo fedorento de alguém do banco de trás da viatura?

Ele estava apenas tentando brincar um pouco.

— Aquele viciado na Queen's Court não foi culpa minha — eu disse. — Como eu ia adivinhar que ele tinha engolido toda a coca?

— Tanto faz. Pegue um pé, está bem?

Ele pegou o direito e eu, o esquerdo. Foi apertado porque a porta não abria o suficiente para ficarmos lado a lado. Puxamos o cara até algo ceder e ele começou a deslizar pelo banco. No meio do caminho, a nuca bateu na armação de metal perto da porta e fez um estalo alto.

— Ai — eu disse. Soou muito alto naquela parte silenciosa da Avenida Dickinson.

— Ele não sentiu nada — Marcus disse. — Vamos lá, ajude-me a levá-lo para lá.

Fui abrir mais a porta, mas, assim que me mexi, o cara se sentou de repente.

— O quê...?

O zumbi estava em cima do Marcus tão rapidamente que nenhum de nós teve tempo de reagir. Os dois caíram para trás. Marcus caiu embaixo dele e a corpulência do zumbi o prendeu ao chão.

Tentei puxá-lo, mas não conseguia achar apoio. Eu estava preso entre os dois e a porta enquanto brigavam no chão, e tudo o que podia fazer para ajudar o Marcus era bater na nuca do zumbi com meu punho.

Ele se mexeu, mas não soltava o Marcus. Bati nele mais um pouco e finalmente o empurrei o bastante para poder mexer minhas pernas. Tive de chutá-lo no estômago duas vezes antes de ele se virar para longe do Marcus e prestar atenção em mim.

Marcus agiu rapidamente.

Assim que o zumbi saiu de cima dele, Marcus estava de pé, com a arma na mão.

Empurrei o zumbi de volta para o carro com outro chute. Ele ficou ereto bem na hora de tomar um tiro na testa vindo da arma do Marcus.

A cabeça explodiu por todo o carro. O impacto o empurrou para trás e depois ele caiu para frente, bem em cima do Marcus. Eu tirei o corpo praticamente sem cabeça de cima dele e estiquei uma mão para ajudá-lo.

— Valeu — Marcus disse, tirando o sangue do rosto.

Fui até o porta-malas, peguei o *kit* de primeiros-socorros e o ajudei a se limpar um pouco.

— Fiquei surpreso por você não ter conseguido levantar aquele cara — eu disse. — Acho que você precisa levantar mais pesos na academia, hein?

Ele olhou para mim com um olhar quase tão vazio quanto o do zumbi que ele acabara de derrubar.

— Você nunca fez uma boa piada em sua vida, sabia? Sério. Você é tragicamente sem graça. É patético.

— O quê? Essa foi boa.

Ele balançou a cabeça como se sentisse pena de mim.
— Entre logo no carro e dirija.

Capítulo 20

A menos de um quilômetro de onde jogamos o corpo, vimos uma van do Canal 9 parada na esquina da Dickinson com a Stewart. Logo depois da esquina, em frente à Igreja Batista de Lexington, estava a equipe de notícias que pertencia a ela — dois cinegrafistas e uma repórter bonita, de cabelos escuros, que eu não reconheci.

Parecia que eles entrevistavam alguém — um cara branco, mais velho, com uma camisa azul, gravata amarela e calça cinza-carvão, que parecia ser policial.

— Não diminua — Marcus disse. Então ele gemeu. Já tinham nos visto, e faziam sinal para que parássemos.

Os cinegrafistas apontaram as câmeras para nós.

— Tarde demais — Marcus disse. — Poderíamos dar uma verificada.

— Eles podem saber de alguma coisa — eu disse, esperançoso.

— É, tá — ele disse. — Aqueles palhaços do Canal 9. Eles sabem como nos crucificar e só.

Entrei no estacionamento de cascalho da igreja e encostei perto da equipe de notícias. Os cinegrafistas nos seguiram com as câmeras, um deles tomando o cuidado de filmar os danos no nosso carro, dando um *close* no sangue no para-lama.

A repórter era incrivelmente linda. Ela parecia ter uns 25 anos. Paletó marrom justo. Blusa branca bem apertada. Saia marrom super curta. Pernas fantásticas.

— Talvez não seja tão ruim — eu disse.

Marcus bufou.

Mas, antes de podermos sair do carro, a repórter e um dos cinegrafistas se juntaram na minha janela. Atrás deles pude ver um

pequeno grupo de pessoas nervosas e de olhos arregalados saindo da igreja para ver o que acontecia.

— Sandy Navarro, Noticiário do Canal 9 — a repórter disse. Ela se virou um pouco para a câmera, certificando-se de que o cinegrafista enquadrasse suas pernas. Foi o que me pareceu, de qualquer forma. — Vocês vieram para tirar essas pessoas daqui?

Ela enfiou o microfone na minha cara.

O cinegrafista virou a câmera para mim, o brilho do holofote me cegando.

— Quem? Eu? — perguntei.

Ela tirou o cabelo do rosto com uma jogada de cabeça, num movimento que a fez parecer uma modelo num comercial de xampu e disse:

— Há 63 pessoas dentro da igreja, policial. Elas estão sem energia há horas. Sem comida e sem água também. Alguns deles precisam de cuidados médicos. O que vocês farão para tirá-los daqui?

Marcus deu uma risadinha. Olhei para ele, mas a resposta foi um levantar de mãos.

— Não olhe pra mim, cara. Há um motivo para eu deixar você falar com as pessoas.

— Valeu — eu disse.

— Disponha.

Sandy Navarro enfiou o microfone na minha cara de novo.

— Policial?

Uma leve brisa carregou o fraco cheiro de baunilha de seu perfume para dentro do carro.

— Você se importa de dar um passo pra trás? — eu disse.

— Essas pessoas precisam de uma resposta, policial.

Ela não se mexeu.

— Por favor — eu disse, — eu gostaria de sair do carro.

Ela ficou irritada, mas finalmente recuou.

Abri a porta e saí. Marcus fez o mesmo. Mas mal tive tempo de fechar a porta do carro antes de Sandy Navarro se preparar para o ataque novamente.

— O que vocês farão por essas pessoas, policial?

Ela se mostrava para a câmera. O Noticiário do Canal 9 tinha uma reputação de pegar no pé da polícia sempre que havia uma oportunidade, e eu já esperava por isso, mas ainda assim me senti acuado, como se estivesse na mira.

Talvez seja por isso que me deixei irritar.

— O que exatamente você espera que eu faça? — perguntei.

— Você é a polícia — ela disse. — Servir e proteger não é seu trabalho?

— Não sou a polícia — disparei —, sou um policial. Apenas um. Não sei o que diabos você espera que eu faça. Todo o pessoal do meu turno está morto. Há horas não vejo um policial ou um bombeiro vivo. Não tenho contato via rádio com ninguém. Não tenho reforço. Não temos nem poder de fogo para encarar uma pequena multidão daquelas coisas lá fora. Então, eu lhe pergunto, o que você espera que eu faça por essas pessoas?

Nós nos encaramos por um instante, e eu acho que ela viu nos meus olhos como as coisas estavam ruins.

Ela piscou.

Em seguida, abaixou um pouco o microfone.

Quando ela falou de novo, sua dureza havia suavizado um pouco e as palavras não saíram com tanta facilidade.

— Uma hora atrás, o delegado Roles concedeu uma entrevista coletiva na qual ele disse que o departamento de polícia se movia para o Terceiro Estágio no plano de mobilização de emergência. Pode me dizer o que isso significa?

Olhei para o Marcus a tempo de ver o sorriso em seu rosto desaparecer.

— O que isso significa, policial?

— Significa que as coisas estão muito ruins — eu disse, o que era basicamente minimizar o problema. Para que nossos superiores declarassem “Terceiro Estágio no plano de mobilização emergencial”, eles teriam de admitir a derrota total dos recursos combinados do Departamento de Polícia de San Antonio, da delegacia do condado de Bexar e de todos os pequenos departamentos de polícia não associados de todo o sul do Texas.

Pensei em April e Andrew, e eles pareciam mais longe do que nunca.

— Você queria saber se estavam mandando ajuda para esse pessoal — eu disse a Sandy. — Diga-lhes que esperamos pelos militares. Eles são praticamente os únicos que podem nos tirar dessa confusão.

Marcus deu a volta pela frente do carro.

— O que mais o chefe disse, Sandy?

Sandy se virou para ele e eu quase imediatamente vi uma centelha nos olhos dela. Marcus afetava as mulheres facilmente. Elas não conseguiam abrir as pernas rápido o suficiente.

— Ele disse que todo o pessoal era chamado para o dever, independentemente da sua situação de serviço. Você também é um policial?

— Marcus Acosta — ele disse e estendeu a mão para apertar a dela. Marcus odiava repórteres, mas amava mulheres, e tinha um olhar quase predatório enquanto examinava suas curvas suntuosas.

Sandy, por sua vez, pareceu bem menos agressiva do que havia sido alguns instantes antes, quando era a jornalista investigativa “não me venha com essa” pronta para jogar toda a culpa na polícia. Naquele momento ela me lembrava um cordeirinho que não tinha bastante experiência para perceber que, se não parasse e corresse naquele minuto, o lobo em forma de Marcus a devoraria.

— Sandy Navarro — ela disse, os olhos um pouco baixos, corando como se houvesse papoulas florescendo em suas bochechas.

Eles trocaram um aperto de mão e se demoraram assim um pouco mais do que deveriam para um “prazer em conhecê-lo” educado.

— Já vi suas reportagens no noticiário — ele disse. — Você é boa.

— Obrigada — ela disse e corou mais ainda.

Suspirei e me virei.

— Dê-me um segundo — ela lhe disse —, quero acabar a entrevista com o doutor Stiles e talvez pudéssemos conversar um pouco mais depois. Adoraria ouvir sobre as aventuras que vocês dois tiveram esta noite.

— Eu também adoraria isso — ele disse. — Estarei bem aqui.

Sandy caminhou para o cara idoso que estava entrevistando quando encostamos e esperou o cinegrafista voltar a ficar em posição.

Marcus sorriu para ela e depois me viu lançando um sorriso de escárnio.

— Que foi?

— Você sabe o que foi — eu disse. — O que diabos foi aquilo?

— Dá um tempo — ele sussurrou. — Isso pode ser o fim do mundo, mas não é todo dia que um homem consegue algo tão bom. Você viu as pernas dela. Você faz ideia de como elas ficariam bem envolta de mim?

— Você é um prostituto, Marcus.

Ele sorriu.

Nós dois nos aproximamos da entrada e paramos atrás do cinegrafista para que pudéssemos ouvir a entrevista.

Sandy ajustou a saia e o paletó, tirou o cabelo do rosto e lançou seu charme para a câmera.

— Boa noite — ela disse à câmera, os olhos cintilavam. — Eu sou Sandy Navarro, do Noticiário do Canal 9. Estou aqui na Igreja Batista de Lexington, no noroeste de San Antonio, com o dr. William Stiles, do Distrito Hospitalar da Universidade, que há menos de cinco horas

conseguiu guiar cerca de setenta pessoas até esta igreja em segurança. Boa noite, doutor.

— Boa noite, Sandy — o homem disse. Era um homem de rosto magro, corte de cabelo no estilo militar e uma postura confiante. Também tive a impressão de que ele estava acostumado com as pessoas o bajulando.

— Dr. Stiles, conte um pouco da sua situação aqui.

Stiles juntou as mãos à sua frente e franziu a testa, concentrando-se.

— Pouco tempo atrás, o Hospital da Universidade foi inundado por pessoas infectadas pelo filovírus da necrose. A maioria do quadro de seguranças do hospital foi morta ou infectada. Felizmente, consegui tirar essas pessoas de lá. Conseguimos chegar ao gramado da frente do hospital, onde pegamos dois ônibus que haviam sido abandonados ali, e dirigimos até esta igreja, onde estivemos desde então, esperando que as autoridades viessem nos buscar.

— E quantas pessoas o senhor conseguiu salvar, dr. Stiles?

— Sessenta e três.

— O senhor examinou alguns dos primeiros casos relatados de infecção aqui na cidade, não é mesmo?

— É isso mesmo. Vimos os primeiros casos na noite passada. Eles vieram de Houston em um dos voos que seguiam para os abrigos. Naquele momento, não fazíamos ideia com que estávamos lidando. Foi apenas nas primeiras horas desta manhã que percebemos que era algo completamente novo. Extraoficialmente, começamos a chamá-lo de filovírus da necrose.

— O senhor pode nos falar sobre isso, por favor? O que é exatamente o filovírus da necrose?

Stiles soltou o ar profundamente, franzindo a testa mais ainda em seu rosto bronzeado.

— O filovírus da necrose é relacionado intimamente com a família de febres hemorrágicas virais que incluem Ebola, Marburg e os vírus da Crimeia-Congo. É um agente de nível de biossegurança 4, o que o torna tão perigoso quanto qualquer outro vírus que você possa se deparar. Protocolos laboratoriais exigem um uniforme resistente de biossegurança pressurizado para lidar com o agente de nível 4. AIDS é um agente de nível 2, se isso lhe dá alguma medida de comparação. O que faz o filovírus da necrose diferente de outras febres hemorrágicas é o período de incubação. Uma pessoa que contrai Ebola ou Marburg está apta a apresentar dores de cabeça, dores nas costas e outros sintomas parecidos com o da gripe entre cinco e dez dias. O filovírus da necrose, em contrapartida, parece se amplificar dentro do hospedeiro em apenas algumas horas. Depois disso... bem, você viu aqueles que foram infectados andando pelas ruas. Eles sofrem de uma despersonalização tão grave que, essencialmente, se tornam zumbis. A ilusão é mais completa quando se nota as pupilas opacas, o cheiro, a pele apodrecida e a falta quase completa de sensibilidade à dor.

— E os atos inacreditáveis de agressão que vimos, dr. Stiles?

— Isso, infelizmente, é um sintoma registrado de febres hemorrágicas. Apesar de que, na verdade, na literatura médica, nunca ouvi falar de nenhuma doença que faça as pessoas se tornarem canibais. A diferença é que o Ebola e o Marburg destroem a habilidade do hospedeiro de se movimentar. Essas doenças são tão fatais, tão capazes de deixar o hospedeiro incapacitado, que ele, geralmente, não tem a chance de espalhá-la para muito longe geograficamente, assim, medidas de quarentena podem ser tomadas. Até este ponto, todo o surto de febre hemorrágica viral relatada foi restringido a um pequeno número de vítimas. Já o filovírus da necrose, no entanto, é encubado mais rapidamente, permitindo ao hospedeiro se movimentar com relativa facilidade e, como você mesmo disse, torna-os muito violentos.

— No entanto, há uma coisa que eu gostaria de apontar, Sandy. Nenhuma das febres hemorrágicas tem cem por cento de taxa de mortalidade, e não tenho razão para acreditar que o filovírus da necrose tenha. Podemos não salvar todas as pessoas infectadas pelo vírus, ou nem mesmo a maioria delas, mas podemos salvar algumas, e isso nos coloca em uma posição delicada, eticamente falando. Não estamos lidando com criminosos, afinal de contas. Aqueles que foram infectados são pessoas normais e não podem ser consideradas responsáveis por suas ações. Não seria justo. O problema exige uma solução mais delicada do que simplesmente mandar os militares atirarem em todas as pessoas infectadas. Afinal, se fosse um surto de qualquer outra doença, como a gripe aviária ou algo do tipo, não atiraríamos nas vítimas. Também não podemos fazer isso aqui.

Stiles continuou falando, mas Marcus e eu já tínhamos ouvido o bastante. Marcus se virou para mim e disse:

— Esse cara está louco se acha que pode curar aquelas pessoas.

— Eu sei — disse.

— Temos de sair daqui.

— Com certeza.

Enquanto os outros ouviam Stiles, Marcus e eu nos dirigimos para o carro. Mas não chegamos muito longe. Estava com a mão na porta quando Sandy e um dos cinegrafistas chegaram atrás de mim.

— Está indo embora, policial?

Encostei meu queixo no peito e suspirei. Depois, virei e me preparei para outro *round* contra Sandy Navarro, *bulldog* do noticiário do Canal 9.

— Sim — eu disse.

— Assim? Você não planeja fazer nada por essas pessoas?

— Achei que já tínhamos acertado isso — eu disse. — Não posso fazer nada por elas. E tenho minha própria família lá fora. Pretendo encontrá-los.

Antes de poder dizer outra coisa, Marcus deu a volta no carro.

— Sandy — ele disse, pegando seu braço e a levando para um pouco longe de mim. — Por que não vai lá para dentro? O policial Hudson e eu vamos conversar com as pessoas. Vamos avisá-los de que a ajuda está a caminho. Seria uma boa chance para vocês... e, talvez, você pudesse me contar um pouco mais do que sabe sobre o que está acontecendo. Afinal, se eu ficar lá fora no meio disso tudo, será útil saber um pouco mais do que sei agora.

Ela tirou o longo cabelo preto do rosto e sorriu calorosamente. Era incrível observar a maneira como ela havia mudado. A jogada de cabelo a transformava numa séria jornalista profissional na frente da câmera, mas, perto do Marcus, essa mesma jogada de cabelo a fazia parecer uma colegial que acabara de ser apresentada ao seu astro de rock favorito.

Inacreditável, pensei. Como ele faz isso?

Marcus acenou com a cabeça para mim. Eu conhecia aquele olhar. “Entre e dê ao público um bom *show*”, ele dizia. “Estou logo atrás de você.”

Suspirei, virei e entrei na igreja, com Sandy, Marcus, Stiles e o cinegrafista seguindo atrás de mim.

A porta levava ao ginásio, que era grande e parecido com um celeiro, decorado com bandeirinhas do grupo da juventude da igreja que os mostrava como Campeões da Liga de Basquete dos Jovens Batistas de 2002 e 2004. O lugar todo dançava com as chamas amareladas de velas, e as pessoas estavam em todos os lados. Eles haviam retirado os tapetes desordenados de seus suportes nas paredes e os colocaram num dos cantos do ginásio para que alguns dos idosos tivessem um lugar para sentar. Aquele punhado de idosos observava com expressões cansadas, enquanto os outros se agitavam aleatoriamente à sua volta. Ninguém parecia ter um plano.

Peguei fragmentos de conversas enquanto andava pelo grupo. As pessoas reclamavam do frio, da fome, do medo e da preocupação.

Eu não os culpava. A maioria deles estava ecoando os mesmos sentimentos que eu tinha e novamente pensei em April e Andrew, perguntando-me se talvez eles tivessem saído de casa e seguido para um lugar como aquele. Pensar neles tornava mais difícil dizer algo tranquilizador para essas pessoas que me perguntavam quando poderiam ser resgatadas.

Menti o melhor que pude. Disse a eles para não se preocuparem, estavam em segurança, os militares não demorariam mais nem um minuto do que o necessário para nos ajudar.

Se eles perceberam que eu tinha minhas próprias dúvidas, não demonstraram. A maioria simplesmente se afastou, os olhos arregalados e ainda muito assustados, murmurando para si próprios.

De algum lugar atrás de mim pude ouvir Marcus mandando ver na Sandy e ela parecia querer mais. Uma vez eu até a ouvira dar risadinhas, um som nasalado que parecia completamente inapropriado no meio dos sobreviventes chocados ao nosso redor.

Separei-me do grupo e andei por um corredor que seguia de volta para a igreja, procurando um banheiro. Eu tinha lama, sangue e pedaços de outras coisas em mim, e depois de ter ouvido Stiles falar sobre os vírus assassinos de nível 4, tive uma vontade renovada de me limpar.

O corredor seguia por aproximadamente quinze metros para dentro da escuridão, passando por alguns escritórios e salas de aula com as portas trancadas, depois se abria para um vestíbulo de teto alto.

Estava ainda mais escuro ali, então liguei minha lanterna.

Dois outros corredores seguiam para a direita e havia um lanço de escadas à esquerda. Uma placa perto de um dos corredores dizia SANITÁRIOS e havia uma flecha abaixo.

Segui a flecha.

O banheiro ficava algumas portas à direita, e quase cheguei até lá. Estava com a mão na maçaneta quando ouvi alguém tossir, um

som baixo e úmido que me lembrava dos barulhos que vinham de Carlos antes de seu fim chegar.

Desliguei minha lanterna e fiquei completamente parado, ouvindo na escuridão.

A tosse veio de novo, assim como outros ruídos. Vozes preocupadas. Vozes que tentavam acalmar. Mais tosse. Uma mulher fazendo um barulho que parecia algo entre um gemido e um grito.

Saquei minha arma e andei lentamente ao longo da parede, seguindo o som. Depois da curva seguinte, vi chamas amareladas de velas. As vozes estavam mais claras agora, assim como os ruídos das pessoas com as dores.

Lentamente, virei a esquina para dentro da entrada principal da igreja, iluminada pelas velas, e então soltei um arquejo.

A entrada era retangular, comprida e estreita, com um teto alto de três andares. Um candelabro de madeira maciça estava pendurado no meio do aposento. Uma sacada estreita corria pelo comprimento do aposento de ambos os lados, e parecia seguir para os andares superiores do santuário principal que ficava à minha direita.

Aproximadamente trinta pessoas estavam deitadas em camas improvisadas, e todas pareciam estar em péssimas condições.

Algumas delas, que pareciam ser enfermeiras, estavam ocupadas cuidando dos doentes, tentando deixar todos o mais confortável possível.

Nenhum dos feridos parecia ter se transformado — ainda.

Três coisas passaram pela minha cabeça de uma vez só.

Primeiro, que aquele dr. Stiles deveria usar esse lugar como algum tipo de hospital para as pessoas do grupo que foram infectadas. Lembrei-me do que ele havia dito a Sandy sobre uma taxa de mortalidade menor do que cem por cento, e que ele esperava que pelo menos alguns dos infectados pudessem se

recuperar, e um arrepio correu pelo meu corpo. Essas pessoas, compreendi, eram parentes das pessoas que estavam no ginásio.

Meu segundo pensamento foi que o dr. Stiles havia convenientemente escondido seu pequeno hospital de Sandy, de Marcus e de mim. Um arrepio correu por mim novamente. “Que razão ele teria para ter escondido isso?”, perguntei-me. E então eu mesmo respondi à minha pergunta. Ele provavelmente percebera que aquilo diminuiria suas chances de ser resgatado se a equipe de resgate soubesse que essa pequena bomba de vírus existia. Por que eles arriscariam disseminar a infecção, ou serem eles mesmos infectados?

Meu terceiro pensamento não tinha nada a ver com as pessoas doentes gemendo no chão, nem mesmo com o inescrupuloso dr. Stiles. Era a respeito dos quatro homens portando rifles que haviam saído da escuridão de ambos os lados assim que eu havia entrado no aposento. Todos os quatro tiraram as armas dos ombros e, quando me dei conta, olhava para os canos de cada uma delas.

Não os havia notado a princípio. Estava muito ocupado observando uma dupla de enfermeiras que cuidava dos doentes, e tentando não olhar para a vermelhidão e o inchaço das pupilas daquelas poucas pessoas nas camas que ainda tinham força suficiente para me olhar.

O homem armado mais próximo a mim parecia ter 30 anos. Sua pele era bronzeada e tinha cabelos pretos, rebeldes, na altura dos ombros. Era magro e, entre isso e o cabelo, lembrava-me um astro colombiano de futebol.

Mas ele era um amador quando se tratava de arma. Ele segurava a coronha muito para o alto, então tinha de apontar o cano para baixo num ângulo de mira desconfortável.

Sem treinamento, sem dúvidas. Tremendo e agitado. Uma péssima combinação.

Atrás dele estava um homem baixo com cabelos grisalhos e uma barriga considerável. Parecia que ele já tinha disparado um rifle antes, mas estava nervoso, como se apontar uma arma para um policial fosse algo que ele nunca imaginara fazer.

Os outros dois caras, que estavam à minha direita, eram inclassificáveis. Eram apenas normais, peso e construção física medianas. Seguravam as armas sem firmeza, parecendo desconfortáveis.

Concentrei-me no “Tremelique”.

— O que está acontecendo? — eu disse.

— Não queremos você aqui — ele disparou, irritado.

— Justo — eu disse. Mantive a voz calma, meus movimentos lentos e mínimos. A última coisa que eu queria era deixar o “Tremelique” tremendo mais ainda.

— Deixe-nos em paz.

— Não há nada que eu queira mais — eu disse. — Vamos abaixar essas armas, ok? Não quero ficar aqui mais do que vocês me querem aqui. Abaixem as armas e eu vou me virar e deixá-los cuidarem de seus negócios.

Houve uma pausa desconfortável.

O pançudo abaixou a arma, quase a derrubando. Os dois à minha esquerda fizeram o mesmo. Parecia que estava pensando com eles. Eles não queriam fazer parte daquilo.

Mas o “Tremelique” não abaixou a dele. Ele viu os outros perderem um pouco de convicção e isso o assustou.

De repente, ele estava agitado, sua voz tremendo com seus nervos. Ele apunhalou o ar com seu rifle e falou freneticamente, tão freneticamente que mal pude entender.

— Não, você abaixa a sua arma. Você primeiro. Não eu, não. A sua. A sua. Abaixem primeiro. Você primeiro. Kevin, Robbie, vigiem-no. Não o deixem convencer vocês. Ele que abaixe a arma dele primeiro. Burns, venha aqui.

Ele acenou para o pançudo que estava atrás de mim sem desviar os olhos.

— Burns, ande e tire a arma dele.

— Malin — disse o pançudo —, eu não...

— Ninguém vai tirar a arma de ninguém — eu disse. — Fiquem calmos, todos vocês. Vou recuar agora. Relaxem e todos ficarão bem.

— Não — gritou o “Tremelique”.

Ele disse algo para o pançudo que não consegui entender. Estava ocupado demais, observando o aposento atrás de mim. Pelo canto do olho, eu havia visto movimento sob o lençol que cobria uma cama, e, enquanto observava, vi uma mulher com o rosto manchado de sangue, sangue enegrecido no cabelo e pupilas leitosas sentar na cama.

Sua cabeça virou lentamente na nossa direção, os olhos estavam mortos.

O “Tremelique” e o pançudo ainda discutiam sobre tirar a minha arma. Sem olhar para eles, eu disse:

— Atrás de vocês.

— Cale a boca — disse o “Tremelique”.

— Bem ali — eu disse, acenando para a mulher que se levantava da cama. — Atire nela.

Aquela foi a coisa errada a se dizer na frente do “Tremelique”. Quis dizer algo diplomático, algo pacificador, mas, mesmo enquanto pensava no que dizer, as palavras “atire nela” simplesmente saíram.

“Tremelique” explodiu de raiva. Ele deu dois passos em minha direção e balançou seu punho na minha frente.

Vi um anel de ouro bem gasto no terceiro dedo de sua mão esquerda.

— Deixe-a em paz — ele gritou. — Deus me ajude, eu mato você se tocar nela.

Havia muitas lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

— Tudo bem — eu disse. O zumbi que havia sido sua esposa cambaleava em sua direção. Pançudo a havia visto a tempo e agora recuava. — Tudo bem — eu disse novamente, — pegue minhas algemas. Prenda-a na mesa se precisar. Ela pode ficar lá até que alguém possa ajudá-la.

O zumbi estava a dois metros dele. Um metro. Perto demais.

— Malin — o pançudo disse. Ele estava implorando.

O zumbi agarrou “Tremelique” pelo ombro e enfiou os dentes na carne de seu braço.

Ele soltou um grito afeminado e puxou o braço. No minuto seguinte, empurrava o zumbi para longe, tentando falar com ele como se ainda fosse sua esposa, tentando convencê-lo a voltar para a cama.

O zumbi tentou mordê-lo novamente e, quando “Tremelique” finalmente percebeu que não conseguiria convencê-la a voltar para a cama, chamou o pançudo para ajudá-lo.

Pançudo derrubou a arma e correu para ajudar. Juntos, eles arrastaram a mulher zumbi de volta para o leito e a forçaram a se deitar.

Saquei minhas algemas e andei na direção deles.

— Toma — eu disse, estendendo as algemas para eles. — Peguem-nas.

“Tremelique” se virou para mim, a arma levantada. Ele disparou um tiro que passou assoviando por cima de meu ombro e atingiu a parede atrás de mim.

— Fique longe dela, seu louco. Vá para trás!

Fiquei congelado por um segundo, o tiro ainda ressoando em meus ouvidos. As algemas caíram no chão.

Todos que estavam no aposento olhavam para nós. Os dois homens com rifles à minha esquerda estavam inquietos, ainda sem saber o que fazer. As duas enfermeiras estavam paradas no meio da

sala, os pés grudados no chão. Alguns pares de olhos sofredores e vermelho-sangue observavam de camas próximas.

Apenas o pançudo parecia concentrado em algo que não era nós dois. Ele ainda tentava manter a esposa do "Tremelique" deitada na cama.

Mais dois zumbis sentaram, os cobertores sangrentos caindo no chão. Um deles se aproximava das enfermeiras. Gritei para que se mexessem, mas não deu tempo. Um zumbi caiu sobre uma das enfermeiras, agarrou-a pelos cabelos e a puxou para o chão.

Ela caiu gritando.

Instintivamente, fiz um movimento para ajudá-la, e isso fez "Tremelique" ficar histérico.

Ele atirou em mim.

Os tiros não me atingiram. O primeiro passou raspando no braço do homem à minha esquerda. O segundo tiro atingiu a parede.

"Tremelique" não parou de atirar. A cada vez que puxava o gatilho, ele estocava com o rifle na minha direção como se tivesse uma baioneta presa a ele, o que foi a minha sorte. Isso impedia que ele mirasse. Tudo o que estava fazendo era dispersar e rezar, o que parece um bom jeito de lidar com um tiroteio, mas não é.

Corri para a esquerda, passando por cima dos feridos em suas camas, derrubando-os no chão quando caí de barriga, e me arrastei para trás de um pilar para me proteger.

"Tremelique" gritava e atirava, incontrolado. Espiei pelo canto do pilar e "Tremelique" atirou novamente, forçando-me a voltar para trás.

Tudo o que podia ver da direção pela qual havia vindo eram as três camas que tinha derrubado, e as pessoas que agora estavam no chão, com as mãos em volta do estômago e vomitando uma meleca preta no assoalho de madeira.

O homem mais perto de mim me encarava quando caiu e se transformou num zumbi. Ocorreu-me que ele devia usar toda sua

força para protelar a mudança, e eu o empurrei, ou o distrai, o que dava na mesma. De qualquer maneira, ao bater na sua cama, eu havia interrompido sua concentração, e agora era um zumbi que me encarava.

Os dois atrás dele se transformaram do mesmo modo. Era como uma fileira de lâmpadas apagando-se. Num minuto eles eram humanos, sofriam. Quem eles eram, ou costumavam ser, desapareceu, deixando apenas um quadro branco nervoso.

Os três zumbis se levantaram, e então o aposento inteiro explodiu em gritos e ruídos de mesas sendo viradas e pessoas colidindo.

Sobre o barulho de tudo aquilo, eu ainda podia ouvir "Tremelique" gritando comigo. Apesar de tudo o que acontecia ao nosso redor, ele parecia ter se concentrado em mim, tratando-me como se eu fosse a raiz de todos os seus problemas.

Ele disparou mais dois tiros. Um deles atingiu o chão perto da minha mão esquerda, levantando pequenas lascas de madeira que salpicaram meu braço e queimavam como picadas de vespas.

Corri para o pilar seguinte, sem dar a ele a chance de se aproximar de mim. Quando atingi o chão atrás do pilar, virei, ergui minha arma e quase atirei.

Contudo, não puxei o gatilho porque naquela hora Marcus entrou no aposento bem atrás dele. Dúzias de pessoas corriam atrás dele, Sandy e Stiles e os dois cinegrafistas.

Sandy arquejou. O rosto de Stiles estava iluminado de raiva. Houve uma louca agitação de pessoas enquanto Stiles e mais alguns tentavam arrancar as câmeras e tirar Sandy da sala. No mesmo instante, mais pessoas continuaram a entrar na sala, correndo até as camas para checar seus amigos e familiares feridos.

"Tremelique" virou-se e apontou o rifle para o Marcus.

Coisa errada para se fazer.

Marcus agarrou o cano com sua mão esquerda e o tirou do caminho. Atingiu o queixo do "Tremelique" com a mão direita e empurrou seu rosto para o teto. Depois, o chutou de tal modo que os pés do "Tremelique" deixaram o chão.

"Tremelique" caiu, gemendo de dor.

Marcus virou-se para Stiles e rosnou algo. Não pude ouvir o que ele disse, mas acho que deve ter sido algo parecido com o que havia dito a mim mesmo quando vi a sala pela primeira vez.

Pessoas gritavam, brigavam, morriam. Estávamos tão perto uns dos outros que era difícil distinguir os doentes dos saudáveis.

Não poderia abrir caminho aos tiros. A sala estava cheia demais para isso. Em vez disso, forcei meu caminho até a porta aos socos e pontapés. Pensei que, se pudesse chegar até as portas, e colocar alguma distância entre mim e a multidão, eu teria uma chance de chegar até o carro.

Lutei até chegar nas portas e as empurrei, mas estavam trancadas. Quando me virei de volta para a sala, eu podia ver pessoas sendo derrubadas e devoradas. Braços se agitavam, rostos formavam terríveis máscaras de ódio e dor, e, no meio de tudo aquilo, estava Marcus, girando a coronha do rifle como se fosse uma clava, rasgando um caminho pela multidão.

À minha esquerda, vi Sandy Navarro. Ela havia sido encurralada num canto por dois zumbis.

Disparei um único tiro e derrubei um deles.

Sandy se virou na direção do tiro, me viu e gritou para que eu a ajudasse. O outro zumbi colocou as mãos nela e ela o empurrou. Não poderia atirar naquele, porém. Estava muito perto dela para que eu pudesse arriscar.

Corri naquela direção, forçando caminho pela multidão, e cheguei por trás do zumbi que brigava com ela.

O zumbi era um homem magricela numa camisa branca e calça marrom. A camisa estava manchada embaixo de um braço com

sangue da cor de ferrugem. Chutei-o por trás dos joelhos, tirei seu equilíbrio e o joguei para o lado.

Ele caiu de cara para cima e eu não dei a ele uma chance de se levantar. Atirei uma vez, acertando-o no olho esquerdo.

— Você está ferida? — perguntei para Sandy.

Ela negou com a cabeça.

— Bom. Fique perto de mim. Vou tirar você daqui.

Peguei sua mão e a puxei na direção do corredor nos fundos da sala, mas ela estava com medo e resistia.

— Vamos — eu disse, rosnando para ela. — Vamos.

— Eddie!

Era Marcus, diretamente acima de mim. Olhei para cima e o vi inclinando-se por cima da sacada, olhando para mim.

— Marcus...

Sob circunstâncias diferentes, eu teria perguntado como diabos ele tinha subido até lá, mas naquela hora apenas agarrei o braço da Sandy e a puxei para que ele a pudesse ver.

— Pegue-a — disse a ele, e a levantei. Levou um tempo, mas consegui deixá-la em posição para que pudesse subir em meus ombros.

Marcus estendeu as mãos, pegou-a e a puxou por cima do corrimão.

Quando ela desapareceu atrás dele, ele olhava para mim, um sorriso inexplicável no rosto.

Um zumbi colocou a mão no meu braço. Afastei-me e atirei duas vezes, uma no peito e outra na orelha.

Marcus ainda sorria.

— Você deu uma olhada?

— O quê?

— Por baixo da saia?

— Marcus! — O zumbi que eu acabara de atirar foi empurrado contra mim por uma multidão frenética e fui forçado a chutar para

afastá-lo.

— Marcus!

Ele revirou os olhos para mim, mas abaixou o cano do rifle para que eu o segurasse.

Eu o peguei e ele me puxou para cima. Uma vez que estava no mesmo nível da sacada, eu pude me recompor.

Parei ao seu lado.

Sandy estava encolhida no chão perto da parede, chorando.

Nós a pegamos e a carregamos até o carro, os ruídos da batalha foram ficando para trás.

Capítulo 21

Sandy estava péssima. Tivemos de encostá-la no porta-malas enquanto tirávamos os cacos de vidro e limpávamos o sangue do banco de trás. Quando acabamos de limpar o bastante para que se pudesse sentar, ela estava um pouco melhor. Não muito, mas um pouco.

— E os meus cinegrafistas? — ela perguntou, olhando para Marcus com olhos arregalados, incertos. Ela havia limpado o rosto com o lenço umedecido do *kit* de primeiros-socorros da viatura, mas ainda havia pequenos riscos pretos de rímel em suas bochechas que faziam seu rosto parecer um deserto de regatos secos.

Marcus colocou um braço em volta de seus ombros e a levou até o banco traseiro.

— Sandy, temos de pensar em você, está bem? — ele disse, e fiquei chocado com a delicadeza em sua voz, a pura humanidade. — Sinto muito por seus amigos, mas temos de ir.

Ela olhou dentro de seus olhos e tirou o cabelo do rosto. Outra mudança. Dessa vez, o gesto a fez parecer vulnerável, ainda assim muito sensual.

— Tudo bem, Marcus — ela disse e entrou no carro.

Virei o carro, seguindo para a parte superior da rodovia. A parte inferior tinha apenas duas faixas, sem acostamento, e não havia como passarmos por lá. A superior era um pouco mais aberta.

Chegando à rodovia, deparamo-nos com a mais absoluta escuridão. Todos os postes de luz estavam apagados. Nenhum dos mostradores do Controlador de Tráfego estava funcionando. A rodovia era uma faixa preta contra a linha do céu; ao longe vimos pilares altos de fumaça preta e o brilho alaranjado dos incêndios.

Olhando toda a destruição à nossa volta, percebi como tive sorte da última vez que estive na rodovia. Se tivesse me deparado com essa bagunça antes, sem o Marcus, eu ainda estaria procurando por um caminho para chegar em casa.

Ou pior, não estaria procurando por nada.

Acendi as luzes da sirene e o farol alto, inundando a estrada à frente com o máximo de luz que o carro podia providenciar.

Havia carros destruídos por todos os lados. Nuvens de poeira flutuavam preguiçosas na brisa, e o frio ar noturno parecia brilhar num tom esverdeado. As luzes do carro iluminavam a poeira; enquanto eu serpenteava pelo engarrafamento, tive a impressão de estar flutuando por uma paisagem submarina cheia de barcos naufragados e aviões de guerra, o cemitério de alguma distante e antiga batalha.

Em alguns lugares a rodovia estava tão entupida pelos destroços que tivemos de usar o para-choque para abrir caminho. Quando era possível, Marcus saía do carro e levava os carros abandonados para fora da estrada, mas, ainda assim, acabamos batendo muito o carro. Ele começou a fazer um barulho mecânico de lamentação, um gemido doentio, toda vez que eu acelerava. Podia senti-lo se esforçando, a transmissão batendo.

Nós vimos um carro que havia subido na caçamba de uma antiga picape Ford. Dentro do carro, eu vi uma mulher batendo na janela do passageiro com mãos ensanguentadas num gesto lento e sem sentido; quando chegamos perto o bastante para ver seu rosto, não havia dúvida de que ela havia se transformado. A morte falava através de seus olhos.

Sandy arquejou no branco traseiro.

— Você está bem? — Marcus perguntou. Ele teve de gritar para poder ser ouvido através da divisória danificada de Plexiglas. Ainda havia sangue nela, apesar de nossos esforços para limpá-la.

Ela fez que sim com a cabeça, secando uma lágrima que escorria por seu rosto. Eu, na verdade, sentia pena dela, apesar de sua postura na igreja. Vê-la daquele jeito, amolecida, me fez perceber que ela estava realmente sofrendo. Isso também a fez parecer ainda mais bonita do que antes da situação na igreja ter saído do controle.

— O que é esse cheiro? — Marcus perguntou.

Ele tinha razão. Alguma coisa cheirava mal. Franzi o nariz enquanto olhava em volta.

Não era morte. Conheço o cheiro da morte. Aquilo era alguma outra coisa, algo tão terrestre e desagradável, mas não tão agourento. Algo como estrume.

Vimos a fonte do cheiro bem à frente. Um caminhão de dezoito rodas havia capotado de lado e bloqueava duas das três faixas. Havia alguns carros na faixa restante que pareciam ter batido contra a mureta quando o caminhão tombou.

Marcus tirou-os da pista, e empurrei outros dois com o carro para sairmos de lá.

Uma vez que havíamos aberto caminho e demos a volta pelo caminhão, vimos que a carreta transportava gado, e o cheiro que pensamos ser estrume era realmente estrume.

A cena era nojenta, de longe a pior exibição de sangue, osso e poças marrons de vísceras que havia visto naquela noite.

Os painéis laterais do caminhão foram arrancados quando ele capotou, mas uma parte dele parecia ter sido arrancada por mãos humanas. Zumbis foram atrás do gado e o despedaçaram. Carcaças retalhadas e pingando, uma espádua aqui, uma perna ou uma parte traseira ali, estavam pendurados em pedaços quebrados de madeira, e havia grandes pilhas de estrume fumegante e feno úmido misturados em poças de sangue no chão.

Uma parte do gado devia ter batido as patas, amedrontada, durante o ataque, porque havia corpos humanos esmagados no chão perto das carcaças.

A aproximadamente quinze metros à frente, vi uma vaca com o estômago aberto. A ferida parecia algum tipo grotesco de floresta de orquídeas. A cabeça descansava na mureta, para onde ela havia se arrastado e morrido.

— Quem diria — eu disse, apontando para a vaca, — não há contaminação entre espécies.

— Não há o quê?

— Não há vacas zumbis.

— Do que você tá falando?

— Contaminação entre espécies — eu disse novamente. — Não há vacas zumbis. Você não se perguntou se qualquer outra coisa além de pessoas poderia se transformar em zumbis? Aparentemente, isso é uma grande questão nos estudos de zumbis.

— Estudo de zumbis? — Ele se recostou contra a porta do passageiro e cruzou os braços. Seu jeito de dizer que algo era besteira. — Pesquisei sobre as mulheres quando estava estudando para tirar meu diploma. Estudo de zumbis é algo parecido?

— Isso é um pouco diferente, eu acho.

— Então, o que é estudo de zumbis?

— Não é nada — eu disse. — É só uma coisa que um cara me contou hoje. Acho que se refere a um bando de aberrações numa sala de bate-papo, discutindo como os zumbis seriam se eles realmente existissem.

— Se eles realmente existissem?

— Bem — eu disse —, acho que eles terão muito sobre o que conversar depois de hoje à noite.

Ele acenou com a cabeça.

— Não sabia que você se interessava por esse tipo de coisa.

— Não me interessa. Foi apenas um pensamento aleatório que passou pela minha cabeça. Nada demais.

— Ah.

Seguimos em silêncio por mais algum tempo, e as coisas estavam quietas o suficiente para que eu pudesse ouvir Sandy fungando no banco de trás. *Coitada, pensei. Ela está tentando tanto ser forte.*

— Você realmente pesquisou sobre as mulheres na faculdade? — perguntei para o Marcus.

Ele olhou para os incêndios queimando na zona oeste de San Antonio.

— Não foi bem o que eu esperava — ele disse.

Os destroços bloqueando a rodovia não acabavam nunca, e eu comecei a me perguntar se teria sido melhor escolher a estrada inferior. O carro estava realmente começando a gemer.

Pouco tempo depois, deparamo-nos com outros destroços que bloqueavam a pista toda. O principal culpado dessa vez era um Isuzu Trooper avermelhado que havia tombado. Evidentemente, ele tinha batido em dois outros carros, levantado voo após ter atingido a mureta e derrubado o poste de luz.

O poste estava caído ao longo de duas faixas e do acostamento, e havia pelo menos dez carros virados na contramão. Alguns estavam esmagados juntos num abraço de metal.

Parei o carro e analisei o estrago.

— Isso vai dar um pouco de trabalho — eu disse.

— É — Marcus disse. — Acha que pode tirar aquele Isuzu do caminho? Parece livre do outro lado dele.

— Acho que sim.

Não tinha muito que empurrar. Por causa da capotagem, o para-choque do Isuzu estava alto demais para ser possível empurrá-lo com o meu carro, então tive de utilizar o estojo de alumínio do estepe e parte da janela traseira.

Encostei com delicadeza, depois engatei e comecei a empurrar. O carro puxou com força e, então, o estojo de alumínio do estepe cedeu. No instante seguinte, ouvi o metal ranger, seguido de um

estouro e um estilhaçar de vidro quebrando. Soube que não conseguiríamos movê-lo daquela maneira.

Dei a ré, levando parte do estojo do estepe comigo.

— O que você quer fazer agora?

Marcus franziu os olhos para os carros destroçados.

— Vamos ver se algum desses carros está em condições de andar. Talvez possamos usar um deles para empurrar aquele poste.

— Ok.

Olhei para Sandy pelo retrovisor. Ela não chorava mais, mas tinha um olhar fixo e cansado.

— Vai ficar bem se a deixarmos sozinha por um minuto? — perguntei-lhe.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Ok — eu disse —, voltamos logo.

Marcus foi até um Volvo azul, abriu a porta e atirou no zumbi atrás do volante de forma extremamente casual, como se estivesse pedindo uma cerveja num bar. Pulei quando ouvi o tiro. Marcus pegou o corpo e o puxou para fora do carro. O corpo fez um baque surdo quanto bateu no chão.

Ele apontou para um Kia verde, mostrando que eu deveria dirigir.

Acenei com a cabeça. Não havia zumbis no meu. Entrei nele e Marcus entrou no Volvo. Demos a ré para ficarmos em posição, depois aceleramos um pouco e empurramos o poste para fora do caminho.

Ele emitiu um ruído agudo de trituração, mas finalmente conseguimos fazê-lo mover-se e, depois de tirar mais alguns carros do caminho, tínhamos uma faixa livre.

— Acho que já deu — Marcus disse.

— Sim, dá pra passar por aqui sem problemas.

Estávamos nos congratulando por um trabalho bem feito, voltando para o carro, quando ouvimos Sandy gritar.

Corremos até ela, mas, quando demos a volta por vários carros que estavam entre nós e ela, vimos um grande grupo de zumbis batendo na nossa viatura, tentando pegar a carne que estava dentro.

Alguns zumbis estavam em cima do porta-malas, tentando puxar Sandy através da janela quebrada.

Outros abriram a porta do motorista e já estavam dentro do carro. Achei ter visto Sandy com as costas contra a porta traseira oposta, chutando as mãos e dentes que tentavam pegá-la, mas estava escuro e eu não a podia ver tão bem assim para ter certeza.

Pulei em cima do capô, corri pelo teto e chutei um zumbi direto no maxilar que tentava entrar. Ele voou de costas e caiu de cabeça atrás do carro.

Em seguida, agarrei um par de pernas que pertencia a outro zumbi que estava com a cabeça dentro da traseira e o puxei o mais forte que pude, tirando-o do carro. Ouvei Sandy gritar de dor e eu mal podia vê-la, batendo nas mãos e rostos que estavam por cima dela.

Seus gritos tomaram a noite. Atirei no banco traseiro, atingindo pelo menos dois zumbis na cabeça, talvez três.

Enquanto isso, Marcus fora até o lado do passageiro e abriu a porta da Sandy. Ele conseguiu pegá-la por baixo dos ombros e a puxou para fora do carro. Enquanto ele a puxava, ouvi um ruído desagradável, como um grande pedaço de tecido sendo rasgado ao meio, só que foi o som de sua carne se rasgando.

Vários zumbis cambalearam para fora do carro atrás dela.

Por um espaço vazio entre a massa de corpos, pude ver Sandy e quase engasguei. Ela estava coberta de sangue e sua perna esquerda havia desaparecido abaixo do quadril. A maior parte de seu estômago estava retalhado.

Ela começou a arquejar, lutando por ar como um peixe fora d'água.

— Pegue-os! — Marcus gritou.

Pulei ao seu lado e comecei a atirar nos rostos dentro e em cima do carro. Fiz isso rapidamente. Em 30 segundos, todos estavam mortos.

Quando me virei, Sandy também estava morta. Ela havia sangrado até a morte.

Marcus tirou o corpo dela de cima dele e depois nós dois tiramos os corpos para fora do banco traseiro. Foi um trabalho horroroso e nós o fizemos sem trocar uma única palavra.

Quando acabamos, voltamos para o carro e saímos de lá.

Depois de estarmos rodando novamente, Marcus lançou um olhar para o banco traseiro e soltou um barulho de nojo.

— Que foi?

— Deixamos aqui a perna dela.

— Vou encostar para nos livrarmos dela — eu disse.

— Não — ele disse, e voltou a se sentar — Não se preocupe com isso. Não vamos ficar com esse carro por muito mais tempo. O centro é daqui a apenas duas saídas.

— Ok — eu disse —, se você tem certeza...

— Tenho certeza — ele disse. — Uma pena, porém. Ela realmente tinha pernas lindas.

Capítulo 22

Quando entramos no pátio da polícia para pegar uma viatura nova, a nossa quase havia morrido. Três dos pneus estavam em boa forma, mas o resto estava uma lixo. Ela fazia um barulho de trituração no lado do Marcus; parecia que uma parte do chassi estava sendo arrastada pelo chão e uma pequena camada de vapor ou fumaça saía por debaixo do capô.

Tivemos de estourar a cerca na frente do pátio e, quando o fizemos, a marcha escapou e não queria mais engatar.

Deixamos a viatura perto da guarita, atiramos num zumbi que estava lá dentro e que costumava ser um mecânico da prefeitura, e entramos no estacionamento.

Havia fileiras e mais fileiras de Crown Victorias, todos eles exatamente iguais e todos eles prontos para rodar.

Pude perceber que Marcus estava no paraíso.

Ele bateu palmas e disse:

— Você está pronto, Eddie? Vamos às compras.

— Primeiro você.

— Obrigado, senhor. Ouvi falar que eles não possuem uma grande variedade aqui, mas os preços são imbatíveis.

O que queríamos estava no lado Oeste do pátio. Os carros ali já estavam equipados com para-choques. Provavelmente, precisaríamos deles de novo. A única coisa que não tinham, comparado a uma viatura comum, eram os adesivos.

Marcus apontou para um adesivo de uma concessionária ainda colado às janelas. Eu o observei correr um dedo pela lataria com um brilho nos olhos que fez parecer que ele corria os dedos por joias caras.

— Olhe só pra isso — ele disse. — Dá pra acreditar? Olhe quanto essas coisas custam. A prefeitura está sendo roubada nesse negócio.

— É muito caro — eu disse, sem sequer olhar o adesivo. Eu estava procurando por mais zumbis. Estávamos num espaço aberto e isso estava me deixando nervoso.

Vi um passar cambaleando pelo gramado do outro lado da cerca. Um pouco depois dele, havia um local para desabrigados, e figuras escuras e lentas andavam pelo labirinto de colchões sujos e pilhas de lixo que cercavam a construção.

Até agora eles não nos haviam notado, mas eu sempre odiei lidar com os sem-teto, e sem dúvidas não queria lidar com eles agora que eram zumbis.

— O que você acha? — eu perguntei — Pronto pra ir?

— Sim, sim. Qual você quer?

— O branco.

— Que engraçadinho — ele disse. — Entre. Eu vou dirigir.

Passar pelo centro da cidade não foi tão difícil como imaginei que seria. Havia zumbis por todos os lados, e a maioria das ruas estava cheia de carros abandonados, mas não foi nada comparado com o que tivemos de enfrentar no Centro Médico.

Havíamos percorrido quase todo o caminho até a central, quando encontramos nosso primeiro engarrafamento de verdade.

— Vou virar aqui — Marcus disse —, podemos estacionar ali na frente. Os portões de trás provavelmente estarão fechados, de qualquer forma.

— Ok.

Marcus virou na rua Watson e andamos pela calçada até chegarmos à escadaria na frente da central.

Parecia que uma violenta batalha havia acontecido perto da frente do prédio. Do outro lado da rua havia um muro de pedra calcária no estilo espanhol, e na frente dele uma faixa de grama corria ao longo da calçada.

Três enormes carvalhos derramavam seus galhos cobertos de orvalho sobre a rua, abrigando os corpos de aproximadamente uma dúzia de pessoas.

Eles estavam caídos no asfalto e na grama de um modo que os fazia parecer que dormiam sob o sol numa tarde preguiçosa e ensolarada. Mas havia algo inquietante e relutante sobre o modo como estavam ali deitados.

A maioria estava deitada de costas, com um braço esticado acima da cabeça ou um joelho levantado.

Um homem estava de bruços no gramado e uma poça de seu próprio sangue seco havia manchado a grama embaixo de sua bochecha. A maior parte de sua perna direita havia sido comida e sua calça estava esfarrapada, grudada no sangue. Isso me fez lembrar de uma espiga de milho comida pela metade.

Eu até vi alguns uniformes entre os corpos.

— Vamos — Marcus disse, parado na frente das portas. — Não olhe para isso.

— É, está bem. — Eu me virei e o segui pelos degraus, mas, mesmo enquanto o fazia, eu tive a sensação de que não encontraríamos nossas respostas lá dentro.

Passamos pelas portas abertas para dentro do saguão. Havia escombros por todos os lados, e no brilho azulado das luzes de emergência o prédio parecia a sede da desolação.

O prédio inteiro estava sem geradores, e eles emitiam um ruído monótono e mecânico que parecia vir de todas as partes de uma só vez.

No meio do saguão havia uma mulher morta vestindo uma saia cinza-escuro que parecia cara e uma blusa branca. Eu pude ver o cabo de sua *Glock* saindo de sob sua saia. Marcus disse que a reconhecia, mas eu nunca a havia visto antes.

— Ela é uma investigadora de roubos — ele disse. — Era uma investigadora de roubos, quero dizer.

— Ela tem um celular no cinto — eu disse.

— Você quer? — Marcus perguntou com as sobrancelhas arqueadas, indagando-se por que diabos eu queria aquilo.

— Talvez ainda funcione.

Ele deu de ombros.

— Pode pegar, se quiser.

Andei até o corpo e o virei com a ponta da minha bota.

Peguei o telefone e então recuei rapidamente, só para garantir.

— Então — ele disse —, ainda funciona?

Eu o abri, disquei o número da April e ele chamou duas vezes antes da estática interrompê-lo.

— Ele chamou — eu disse.

— Alguma coisa?

— Não. A ligação caiu.

— Talvez seja bom guardá-lo — ele disse —, podemos tentar de novo mais tarde.

Coloquei o celular no meu cinto.

Além do corpo da investigadora, havia um vestíbulo onde os seguranças se sentavam. O resto do prédio ficava depois daquilo, por trás de portas à prova de balas.

Não pude acreditar nos estragos que vi. À esquerda, ficavam os caixas e a porta que levava aos Registros e Contabilidade. Duas mulheres gordinhas de meia-idade e um homenzinho num terno marrom estavam empilhados perto de uma das portas.

Pelas vidraças dos caixas, vi uma mulher de aproximadamente 20 anos cambaleando entre as fileiras de gabinetes, sem conseguir achar um caminho por entre o labirinto para chegar até onde estávamos.

À nossa direita, havia um corredor que levava ao Departamento Pessoal e, do lado do corredor, havia o que costumava ser uma estante de troféu. Agora, tudo o que sobrara era o vidro estilhaçando sob nossas botas.

A mancha da morte estava em toda a nossa volta. Parecia que ela caía pelas paredes e permeava o ar como uma névoa. Eu quase não queria respirar, com medo de ser afetado por ela de alguma maneira.

— Acabou de olhar? — Marcus me perguntou.

— O quê?

— Não estou a fim de perder tempo aqui, ok? O primeiro lugar que quero verificar é o Departamento de Comunicação. Quero ver se há algum tipo de local para reagrupamento.

— Ok — eu disse, mas estava observando o zumbi no escritório de Registros. Ele havia conseguido sair do labirinto de gabinetes e estava tentando passar por cima das vidraças dos caixas.

— Certo — ele disse, mas não pareceu convencido. — Eddie? — Ele sacudiu meu ombro — Eddie? Ei.

— O quê?

— Venha comigo. Vamos. Preciso que fique atento.

— Estou com você — eu disse —, só estou cansado.

— Eu também — ele disse. — Vamos. Por aqui.

Pulamos a mesa do segurança e seguimos para os fundos. A maioria das portas era controlada por cartões-chave eletrônicos, e nenhum de nós tinha um. Apenas as pessoas que trabalhavam regularmente na central o tinham.

O primeiro andar continha basicamente serviços de ajuda e salas de reuniões.

O que o Marcus realmente queria ficava no terceiro andar. Era ali que encontraríamos o sistema central de emergência 9-1-1, e era ali, de acordo com Marcus, que descobriríamos o que havia para descobrir sobre o que estava acontecendo e o que aqueles que estavam no comando faziam a respeito.

Marcus atirou num zumbi na entrada para a escadaria Sul, que costumava ser um investigador de Crimes Sexuais. Depois, subimos a escadaria.

Os geradores zumbiam, o que significava que os elevadores também estavam funcionando, mas nenhum de nós queria arriscar ficar preso dentro de um.

Nosso plano era entrar, descobrir o que fosse possível de qualquer um que pudéssemos encontrar e sair.

Contudo, quando pisamos no terceiro andar, percebi que estávamos encrencados.

O andar inteiro estava quieto.

Geralmente, o terceiro andar das centrais era um zoológico. Mesmo no meio da noite, você poderia contar com cinquenta pessoas, ou mais, correndo por ali, apagando incêndios de todos os tipos, e geralmente enchendo o lugar de barulho. Nunca ficava quieto daquele jeito.

— Vamos — Marcus disse. — Vamos agir rapidamente.

Seguimos para a entrada do Departamento de Comunicação na ala Nordeste do prédio e paramos na esquina que dava para as mesas das telefonistas.

Marcus acenou para que eu passasse por ele e fosse para o outro lado das portas. Fiquei em posição e então espiei pela esquina.

— Caramba — eu disse, sussurrando para ele. Do lado de dentro, havia mais de cinquenta zumbis que, uma vez, foram nossos telefonistas. — Não conseguiremos entrar.

Ele fez que sim com a cabeça e a abaixou como se pensasse no que fazer em seguida.

Houve um súbito barulho de estilhaços e então as portas foram escancaradas.

Uma mulher esbelta vestindo *jeans* azul e uma camisa verde ensanguentada apareceu no corredor. Estava de costas quando ela saiu, mas me virei bem a tempo de pegá-la pelo pescoço quando seu rosto apareceu perto do meu, a boca aberta e os dentes manchados de sangue.

Ela era um dos ligeirinhos. Ela lutava feito louca, arranhando, chutando e esticando a boca suja para dar a mordida que me mataria. A força de seu ataque me derrubou de costas e a arma caiu da minha mão.

Gritei para Marcus me ajudar, mas ele já estava em cima dela. Ele a agarrou pelo cabelo e puxou sua cabeça para trás, torcendo e virando seu rosto para longe de mim.

Ela bateu contra a parede e, antes de poder se levantar, ele a encheu de tiros.

Rolei até a minha arma.

Marcus foi até o corredor e começou a atirar. Ele disse alguma coisa que não pude entender, e o resto foi abafado pelo barulho dos tiros.

Ele disparou repetidas vezes, tentando atingir os zumbis antes que pudessem passar pelas portas, mas havia muitos deles, e eles se derramaram pelo corredor como uma onda.

Levou apenas alguns segundos antes que Marcus e eu fôssemos separados por um golfo de corpos que ia aumentando. Estava tudo tão denso, que tudo o que podia ver era uma massa de braços em movimento, e os *flashes* de disparos, movendo-se cada vez mais para longe, enquanto Marcus lutava para manter posição.

Ainda o ouvia atirar, mas não podia vê-lo mais. Os zumbis estavam se empilhando no corredor e eu não tinha nenhum lugar para ir. Eles estavam me encurralando num canto. Atirei não sei quantas vezes, mas era como tentar cavar um buraco na superfície do oceano. Um caía e mais três entravam no espaço que fora deixado.

Havia muitos deles. Olhei para a direita e vi uma mulher de meia-idade com rosto achatado e ensanguentado de frente a uma porta de metal cinza. Os outros a haviam puxado contra a parede quando se derramaram pelo corredor.

Abri um buraco em sua testa. Ela caiu de costas contra a porta, mas não deixei que caísse no chão. Peguei seus ombros e a usei como escudo contra a multidão.

Os outros estendiam as mãos em volta do corpo dela, agarrando-se em mim.

O meio segundo que consegui usando-a como escudo foi suficiente para alcançar a porta e abri-la. Deixei o corpo da mulher cair e corri pela porta, pouco ciente de estar adentrando outra escadaria.

Atrás de mim, a porta ainda estava escancarada, e os zumbis começavam a passar por ela.

Virei-me e atirei até ficar sem balas. Quando isso aconteceu, havia tantos corpos empilhados na soleira da porta, que os outros infectados tinham de escalar para chegar até mim.

Chutei os corpos e, de alguma maneira, consegui fechar a porta.

Quando a fechei, o barulho da multidão diminuiu e virou um rugido abafado, e fiquei sozinho no patamar da escadaria, cercado por paredes de cimento azul e chão de cimento cinza que estava coberto por poças de sangue enegrecido.

Eles batiam na porta, mas pareciam estar a quilômetros de distância. Tudo soava oco e distante, exceto o sangue pulsando nos meus ouvidos.

— Você tem de se mexer — eu disse, tentando fazer exatamente isso.

Vi uma fresta na porta ser aberta e aquilo me enlouqueceu. Desci as escadas o mais rápido que pude, mas elas eram estreitas, e os degraus eram mais íngremes do que o normal. Tive de dar cada passo deliberadamente, simplesmente para não sair rolando.

A porta para o segundo andar estava trancada. Empurrei-a com bastante força, mas ela não cedia. Foi apenas quando dei um passo atrás para chutá-la que vi o painel para cartões-chave à direita do batente.

O primeiro andar tinha o mesmo equipamento e também estava fechado.

Corri de volta ao segundo andar e empurrei a porta novamente, frenético por causa da claustrofobia e da raiva.

Chutei a porta, depois dei um passo para trás e a chutei novamente, desesperado.

— Canalha!

Acima de mim, ouvi os zumbis abrindo a porta que dava para as escadas. Troquei de pente e corri para cima antes que pudessem me alcançar.

Cheguei até o patamar do terceiro andar bem a tempo de ver uma dúzia ou mais de zumbis passarem cambaleando pela porta e pararem bem na minha frente.

Recuei lentamente pelos primeiros degraus, sem nunca tirar os olhos dos zumbis enquanto avançavam.

O zumbi da frente deu o primeiro passo, tropeçou e veio rolando até meus pés. Levantei a arma e estava prestes a atirar, quando ouvi a porta baixo de mim se abrir.

— Marcus? — eu disse, esperando que fosse realmente ele, e não mais problemas.

— Eddie.

Virei-me e desci as escadas correndo, gritando enquanto descia os degraus de dois em dois.

— Não feche essa porta. Deixe-a aberta.

Mas ele já estava subindo na minha direção.

— Segure a porta. Não a deixe fechar.

Encontramo-nos no patamar do segundo andar, ele subindo tão rápido quanto eu estava descendo.

— Não dá para ir por aquele lado — ele disse, ofegando.

Pulei para seu lado.

— Também não dá para subir — eu disse, igualmente sem fôlego. Ele estendeu a mão para a porta e a puxou. Ainda trancada.

— Quantos? — perguntei, olhando por cima do corrimão para os zumbis que se reuniam abaixo de nós no primeiro andar. Alguns já estavam começando a subir.

— Um monte deles — ele disse —, não sei. Desci pela escadaria Sul. Eles estão por todos os lados.

— Ótimo. — Os zumbis do terceiro andar estavam virando a esquina acima de nós. — Alguma ideia?

Ele fez que não com a cabeça.

— Quantas balas você tem?

— Não sei. Talvez dez.

— Eu também.

Os primeiros zumbis apareceram acima de nós. Os do primeiro andar estavam tendo mais dificuldades para subir do que os outros para descer, mas era apenas uma questão de tempo. Eles conseguiriam subir, eventualmente.

— Acho que devemos fazê-las valer a pena — eu disse.

— É. Mas guarde seu último tiro pra mim, ok?

— Com muito prazer.

Dois zumbis deram a volta na esquina acima de nós e atirei neles. Cada tiro soava como uma explosão na escadaria apertada.

— Há muitos deles — eu disse.

— Continue atirando.

Foquei minha atenção nos zumbis que desciam as escadas. Marcus empurrava a porta para o segundo andar com toda a força que tinha. Ele apoiou um pé no batente e agarrou a maçaneta com ambas as mãos. Ele a puxou com todo seu peso e a porta se escancarou.

Marcus caiu para trás e de bunda no chão. Dois zumbis mais velhos com ternos muito caros passaram pela porta; no meio segundo que levou para o Marcus atirar na testa dos dois, eu vi que um deles era o capitão Ibsen, do departamento de Relações Públicas.

Marcus parou na frente da porta e, com o pé, impediu-a de se fechar.

— Vamos — ele disse —, é agora ou nunca.

Mas ele não teve de me pedir duas vezes. Passei pela porta e entrei na recepção do segundo andar antes de ele terminar a frase.

O segundo andar era o lar dos departamentos de Interagências e Relações Públicas, e os aproximadamente dez zumbis que vi ali estavam muito bem vestidos.

Pelo menos, haviam estado bem vestidos.

Agora todas aquelas roupas caras estavam encharcadas de sangue e bÍlis.

Marcus atirou por nós dois, abrindo caminho através dos zumbis e pelo lado Oeste do prédio.

— Para onde estamos indo? — perguntei.

— Não dá para pegar a escadaria Sul de novo. Há muitos deles por lá.

— Mas para onde estamos...

— Aqui. — Ele disse e abriu uma porta de metal cinza na parede dos fundos — Por aqui.

Eu o segui pela porta e para dentro do ar noturno. O sinal na porta dizia CONVÉS DE OBSERVAÇÃO, mas aquilo era um pouco otimista para o pedaço de cimento e corrimão de metal no qual estávamos parados. Tinha talvez um metro de largura e quatro de comprimento, com uma cobertura acima que sequer cobria o convés todo. Havia algumas cadeiras esfarrapadas ao lado da porta e um milhão de bitucas de cigarro no cimento, e a única vista que o convés de observação fornecia era para uma área cercada por grades do estacionamento dos funcionários e os fundos de uma padaria há muito vazia.

— Para onde agora? — eu perguntei.

— Não sei — ele disse —, estou bolando o plano enquanto avançamos.

— Que lindo. Sério, Marcus, para onde?

— Estou falando sério. Não sei. Tem alguma ideia?

Ele apoiou uma das cadeiras contra a porta para evitar que ela se abrisse, e então olhou por cima do corrimão para o estacionamento abaixo.

— Acho que a gente tem de pular.

Olhei por cima do corrimão e depois para ele.

— Você está louco? Estamos a uns dez metros de altura.

— Meu Deus, princesa, desculpe. Você quer voltar lá para dentro e brigar com os zumbis?

— Vá para o inferno.

— Para onde mais você sugere que a gente vá?

Ele tinha razão, é claro. Não havia nenhuma outra maneira de sair do prédio. Olhei por cima do corrimão novamente e assoviei.

— Você primeiro — disse.

— Uau, valeu.

— Sempre às ordens.

Marcus passou por cima e se abaixou até estar pendurado na borda pelas pontas dos dedos.

E então soltou.

Eu o ouvi aterrissar, e um segundo depois ele gritou para eu pular.

— Está tudo bem — ele disse —, só parece que é longe.

— Idiota — eu disse, e então passei por cima do corrimão como acabara de vê-lo fazer. Segurei-me por um segundo e então me soltei.

Soube, mesmo antes de aterrissar, que eu iria me machucar; com toda a certeza, quando atingi o chão senti a dor no meu tornozelo direito subir pela minha perna e chegar às minhas costas.

Caí e fiquei parado.

— Você está bem? — ele me perguntou.

Olhei para ele e pensei no Carlos Williams.

— Meu tornozelo — eu disse.

— Merda. — Ele olhou em volta, procurando movimento no estacionamento. — Você acha que está quebrado?

— Não — eu disse, esperançoso — Acho que não.

— Tente mexê-lo. Vire-o em pequenos círculos.

Tentei movê-lo e doía para diabos. Marcus me ajudou a ficar de pé e coloquei um pouco de peso de cada vez.

— Como está?

— Está doendo.

— Você acha que consegue andar?

— Sim — eu disse, experimentando alguns passos. — Acho que sim.

— Bom.

Viramos na direção do prédio bem a tempo de ver a porta dos fundos se abrir e uma multidão de zumbis se derramar por ela. Ficamos, nós dois, parados ali, boquiabertos pela súbita comoção. No instante seguinte, todos passaram pela porta e entraram no estacionamento, vindo diretamente em nossa direção.

Capítulo 23

Ficamos ali no estacionamento e observamos a multidão ficar cada vez maior.

— Há tantos deles — eu disse. — Por que há tantos deles? O primeiro andar estava vazio quando entramos.

Marcus verificou seu pente e então o colocou de volta na arma.

— Só tenho mais quatro balas.

— Precisamos dar o fora daqui.

— Eu sei. Como está o tornozelo?

— Dá para andar.

Ele acenou com a cabeça e olhou para o estacionamento. Pude ver seus calcanhares virando. O estacionamento estava cheio até um terço de sua capacidade, e tinha três lados cercados por uma cerca verde de ferro forjado de cinco metros de altura. Havia uma guarita e um portão no lado Sul, mas era preciso um cartão-chave para abri-lo.

— Parece que vamos ter de escalar — ele disse.

Claro que era mais fácil falar do que fazer. Todo mês de abril, durante as comemorações da Fiesta, alguns idiotas bêbados ficam presos em cima da cerca enquanto a tentam escalar e mijar numa viatura, e algum policial tem de se arriscar para tirá-los de lá. A cerca fazia um bom trabalho mantendo as pessoas afastadas, mas agora também estava nos mantendo ali dentro.

Olhei em volta, procurando algo que pudesse nos ajudar a passar por cima, mas não havia nada por perto.

— Parece que isso vai ser um pouco difícil de fazer, Marcus.

— De novo — ele disse. — Você prefere voltar lá para dentro e brigar com os zumbis? Não acho que os zumbis vão se importar.

— Um dia desses vou fazer você pagar por isso.

— Apenas me siga — ele disse.

Seguimos para o lado oeste do estacionamento. Se conseguíssemos pular a cerca ali, seriam apenas dezoito metros até nosso carro.

Mas não avançamos mais de metade do caminho até a cerca, quando ouvimos uma mulher gritando ao sul de onde estávamos. Ela parecia estar bem perto.

Paramos, escutando.

Ela gritou novamente. Ela estava perto. Marcus começou a correr pelo estacionamento e eu manquei atrás dele o mais rápido possível.

Os zumbis que saíam da central estavam se espalhando, e, quando olhei para trás, vi uma linha deles iluminada por trás pelas luzes de emergência. Era um tanto ou quanto hipnótico observá-los. Eles se moviam tão lentamente, tão dolorosamente, e ainda assim com uma necessidade implacável de colocar suas mãos em nós, que achei difícil desviar o olhar.

O grito da garota desviou minha atenção dos zumbis. Observei Marcus desaparecer na orla do estacionamento, e eu ainda estava a uns 25 metros de distância quando o ouvi disparar o primeiro tiro.

Fui atrás o mais rápido que pude. Ele estava perto da cerca, encarando uma garota de aproximadamente 16 anos que estava do outro lado. Ela gritava por ajuda e estendia as mãos por entre as barras para agarrar as roupas do Marcus.

Atrás dela, havia o corpo do homem que Marcus acabara de atirar.

Mais zumbis cambaleavam em nossa direção, vindo da padaria atrás da garota.

— Abra o portão — ela disse — Por favor, deixe-me entrar. Por favor!

Seu rosto estava molhado pelas lágrimas e pelo suor. Quando olhei dentro de seus olhos, reconheci aquele olhar de imediato —

aquele olhar que dizia que não havia nada que alguém pudesse fazer para alcançá-la. Ela apenas via medo.

Marcus atirou novamente, mas, mesmo com a pouca luz que vinha do beco, pude perceber que havia mais deles do que tínhamos balas. Eles formavam uma massa densa atrás dela e havia mais entrando pelo outro lado do beco.

Ela dirigiu o olhar amedrontado para mim.

— Abra o portão. Por favor, vocês têm de me deixar entrar.

Abri a boca para falar, mas tudo o que saiu foi uma pantomima das palavras, “não posso”.

— Corra — Marcus disse a ela. — Corra, não podemos abrir o portão.

Mas ela estava tão assustada que não conseguiu assimilar aquilo. As palavras não penetravam sua muralha. Ela bateu nas barras de ferro com tanta força que elas balançaram em seus suportes de concreto. Ela gritou para ser salva.

Marcus atirou de novo, e pelo canto do olho vi sua arma travar.

— Estou sem balas — ele disse.

— Deixa comigo — eu disse, e me aproximei dele, atirando o que me havia sobrado. Atirei três vezes e a cada disparo derrubava um deles, mas tudo que pude fazer foi abrir caminho para outras mãos a alcançarem. Não tínhamos mais como protegê-la.

— Ajudem-me, Cristo, por que vocês não me ajudam?

— Corra — Marcus disse a ela. — Vamos, corra.

— Por favor. — Ela repetiu isso várias vezes, até que desistiu e escorregou pelas barras até o chão. Não estava ouvindo mais nada.

— Corra.

A garota virou os olhos cheios de medo para o Marcus. Ele se ajoelhou perto dela e mostrou sua arma.

— Você está vendo isso? Está? Quando isso acontece, significa que estou sem balas. Não podemos abrir o portão. Não temos a

chave. Se você quiser viver, você tem de levantar e correr. Corra! Por ali.

Marcus tentou segurar o lado do rosto dela por entre as barras.

— Você tem de correr — ele disse, abaixando o tom de voz e falando o mais calmamente possível. — Corra.

Ele tentou levantá-la, mas ela escapou de suas mãos e caiu no chão.

— Corra, sua vaca imbecil. Levante e corra. Agora!

Mas os zumbis se fecharam à sua volta. Estávamos a menos de um metro dela, e não havia nada mais que pudéssemos fazer. Enquanto observava, a cor sumiu de seu rosto e ela parou de lutar. Seus gritos foram substituídos pelo silêncio.

Quando os zumbis haviam acabado com ela, alguns deles se levantaram e me agarraram através das barras com suas mãos ensanguentadas.

— Dane-se — ouvi Marcus dizer atrás de mim. Mas não me virei para olhá-lo até ouvir o rugido de um motor.

Era o Marcus, atrás do volante de uma das viaturas da Unidade Antigangues. Vi os faróis serem acesos e então os pneus traseiros começaram a girar quando Marcus deu a ré.

— O que diabos você está fazendo, Marcus?

Ele derrapou com o carro até parar no meio do estacionamento, parou ali por apenas um instante e então o carro se lançou para frente. Ele estava vindo na minha direção.

— Marcus — eu disse —, você é um filho da mãe insano.

Pulei para o lado antes de ele me alcançar. Ele não pisou no freio nem diminuiu a velocidade. O carro passou pelas barras numa explosão de faíscas e metal quebrado.

Alguns zumbis que estavam na frente do portão foram jogados para longe pelo impacto; outros, foram esmagados embaixo do carro.

O Crown Victoria foi até o fim do beco e só parou quando bateu contra a parede da padaria numa massa compacta.

Capítulo 24

Marcus ficou preso no carro, imprensado embaixo do volante e do *air bag*. Segurei o *air bag* acima dele como se fosse uma cortina. Ele se virou para mim. Havia um pouco de sangue em seu rosto e uma nuvem branca que cheirava a bolor dentro do carro; parecia que eu estava inalando cinzas.

— Ei, Marcus, pode me ouvir?

Ele soltou um suspiro cansado e abriu os olhos lentamente.

— Ah, cara — ele disse, e um pequeno sorriso cruzou seu rosto.

— Isso foi uma droga.

Eu também sorri. Não pude evitar. — Você é um idiota, sabia?

— E você acha que eu já deveria saber disso, não é?

— Pode se mexer?

— Não.

— Não pode? Qual é o problema?

— Você está na frente.

— Você está acabando comigo, Marcus. Sabia disso?

— Ainda não — ele disse, rindo enquanto saía do carro. — Mas estou fazendo o meu melhor.

Contudo, o sorriso não durou muito. Depois de ajudá-lo a sair do carro, ele olhou a cena, os corpos, a garota cujo torso havia sido rasgado e devorado.

— No que ela estava pensando? Por que ela não correu como eu disse a ela?

A força do impacto jogou o corpo dela a vários metros à nossa direita. Ela estava usando *jeans* azul e uma bata azul-bebê, mas a bata estava rasgada agora e o *jeans* ensopado de sangue. Do pescoço para cima ela parecia humana. Da cintura para baixo,

também. A parte entre o pescoço e a cintura parecia o chão de um açougue. Até o Marcus teve dificuldades para olhar.

— Não sei — eu disse —, acho que estava muito assustada.

Ele sacudiu a cabeça.

— Aquilo foi a coisa mais idiota que já vi alguém fazer. Por que alguém simplesmente deitaria e morreria daquele jeito? Ela simplesmente se entregou.

— É um desperdício, com certeza.

Marcus e eu seguimos em frente.

Não conseguíamos mais andar muito rápido. Meu tornozelo ainda machucava, apesar de não tanto quanto estava antes de o Marcus quase ter me atropelado, e Marcus havia batido contra algo duro. Ele disse que todo seu lado direito parecia ter sido atingido por uma bola de demolição.

Muitos dos zumbis do beco ainda se mexiam, mas não podiam nos alcançar. Os zumbis da central ainda estavam dentro do estacionamento, presos atrás da cerca, e não ofereciam ameaça. Desviamos de um pequeno grupo que estava do lado de fora da cerca na esquina Noroeste, e então estávamos livres para seguir até o carro.

Nós dois fomos para o banco do motorista.

— Eu vou dirigir — ele disse.

— Ah, tá bom... não depois do que você acabou de fazer.

— Eu já tinha falado que ia dirigir desde o posto de gasolina, lembra?

— O que é isso? Terceira série? Além do mais, deixei você dirigir do pátio até aqui. É a minha vez agora.

— Eu vou dirigir.

— De jeito nenhum. Você está machucado.

— Você também.

— Vamos para a minha casa — eu disse.

— Eu sei o caminho.

— Tá bom — eu disse, e joguei as mãos para cima. — Mas estamos indo para minha casa. Direto para lá. Para nenhum outro lugar.

— Eu sei. Entre.

Marcus tirou o carro de cima da calçada e seguimos para o Norte pela Vespers. Íamos pegar a Vespers na direção Norte, passando pelo centro, porque ela se juntava com a via de acesso à rodovia e deveríamos poder seguir de lá diretamente até a minha casa.

Se seguíssemos pelas faixas que iam para o sentido contrário, evitaríamos o tráfego. Seria uma viagem de menos de vinte minutos até a minha casa.

Contudo, mal chegamos a avançar três quarteirões antes de sermos parados por um grande congestionamento na entrada de emergências do Hospital Infantil. Tudo que seguia para o Norte e para o Leste estava bloqueado pelos destroços e carros abandonados.

Marcus subiu na calçada novamente e nos levou para o Leste.

— Talvez possamos cortar pela Washington Square e depois voltar.

— É — eu disse, enquanto observava um grupo de zumbis atravessando a rua, vindo do hospital. — Vamos tentar isso.

Enquanto ele dirigia pela calçada, eu dei uma olhada no restante da munição, dividindo as balas entre a minha arma e a dele.

— Vinte para cada um — eu disse e lhe entreguei a arma e o pente extra.

— Só isso?

— Só isso.

—Sério? Achei que tínhamos uma. — Ele travou os freios. — Inferno!

— Ah, meu Deus.

Minha boca se abriu e fiquei ali olhando, boquiaberto, para uma multidão tão grande que não podia ver onde acabava. Ao Norte, e

novamente ao Oeste, as ruas estavam cheias de zumbis. Os carros na rua pareciam rochas no meio de um riacho de águas rápidas.

A estação rodoviária na esquina Nordeste estava pegando fogo, e as janelas dos prédios de vidro acima de nós estavam pintadas com as chamas. Grandes pedaços de entulho enchiam as ruas, e, através da estrutura queimada de um ônibus que havia explodido, podíamos ver onde as bombas de gasolina ficavam. O incêndio ainda era intenso e, no brilho laranja e amarelo, observei os infectados vindo em nossa direção.

— De onde eles estão vindo? Olha para isso, Marcus. Eles estão em todos os lugares.

Marcus virou o carro a toda velocidade e deixou marcas de pneus na calçada enquanto seguíamos para o Sul.

Ele nos levou por dois quarteirões, e então virou o carro para o Leste de novo, onde nos deparamos com mais carros abandonados e mais multidões.

Aquilo era enlouquecedor, era como tentar achar uma saída num labirinto, só que o jogo estava bloqueado para que todas as direções dessem num beco sem saída. Não conseguíamos ficar numa rua por mais de um ou dois quarteirões antes de termos de mudar de direção e começar tudo novamente.

Quando saímos do centro, estávamos perto da zona leste e presos entre o tráfego e outra multidão de zumbis. Olhei de um obstáculo a outro, minha mente se apressando para encontrar uma ideia que me dissesse o que fazer em seguida.

Marcus escolheu uma terceira opção. Ele virou o carro para cima do caminho para pedestres que levava à rodovia e seguiu para o estacionamento do terminal do Centro de Convenções.

— Segure-se — ele me disse quando começamos a descer dois lances de escada.

Vi o chão à nossa frente cair num espaço vazio; de repente o carro estava apontando diretamente para baixo e o chão estava se

apressando para nos encontrar.

Batemos tão forte que eu realmente pude ouvir a estrutura do carro se dobrar. Marcus lutou com o volante, controlou o carro antes que pudesse derrapar para o lado e, então, aterrissou no meio da rua Mount Olive.

Ele deixou o carro deslizar até parar e esperou que eu dissesse alguma coisa.

— O quê?

— Então? — ele perguntou.

— Então o quê?

— Vamos, diga as palavras. Aquilo foi uma das melhores pilotagens que você já viu, não foi?

— Você está de brincadeira? — Havia pedaços do para-brisa no meu cabelo e a minha porta não queria mais fechar. — Marcus, aquilo foi a pior coisa que vi você fazer essa noite. Nunca fiz nada desse tipo enquanto dirigia.

— Ah, para com isso.

Ainda estava tirando os cacos de vidro do meu cabelo. Segurei para que ele pudesse ver.

— O que foi que eu fiz que é pior do que isso?

— Você está de brincadeira, né? Eddie, olhe o banco de trás. Você está vendo um gordo morto ali? Não, não está. E você sabe por que não tem um gordo morto ali atrás? Porque o que eu acabei de fazer foi incrível demais. Diga que não foi. Vamos lá, diga e admita ser um mentiroso.

— Não.

— Admita.

Ri na cara dele.

— Não. De jeito nenhum.

— Tá bom.

Ele engatou a marcha e seguiu descendo a Mount Olive, fazendo beicinho o caminho todo. Ele me surpreendia daquele jeito. Achava

hilário que alguém que pudesse brigar como ele ainda fosse capaz de fazer beicinho como uma criança de quatro anos quando não conseguia o que queria. Mas ali estava.

O carro estava tão acabado que o mais rápido que podia fazer eram cinquenta quilômetros por hora, mas ele ainda tentou mais uma vez antes de esquecer a discussão.

— Não importa o que você diga. Aquilo foi uma pilotagem incrível e você sabe disso.

A Mount Olive dava a volta pelo lado leste do Centro de Convenções, depois seguia para o Norte até virar na rampa de acesso à rodovia.

Não conseguimos chegar tão longe, porém. Havia um grande congestionamento antes da rampa e era impossível passar por ali. Sequer tínhamos espaço para atravessar pela grama porque havia muitos carros presos entre os trilhos de proteção.

Precisamos dar a ré e cruzar a rua Dove até a área de serviço da zona leste.

Nenhum de nós trabalhara na zona leste, então tudo que ficava a leste da Mount Olive era território desconhecido.

Ouvira falar que os bairros que ficavam a leste do Centro de Convenções eram “barra pesada”, mas fiquei surpreso em ver como eram diferentes dos jardins perfeitamente cuidados e das ruas na região do Centro de Convenções. Adentramos apenas um quarteirão, separados do centro por uma longa linha de carvalhos enormes, mas ainda assim parecia que havíamos entrado num outro mundo. Até o asfalto era diferente. Enquanto as ruas do Centro de Convenções eram lisas e assentadas com tijolos castanhos e ocres, o asfalto dali era cru e fora deformado pelos trilhos que cruzavam todas as ruas da área. O fedor permanente de esgoto e lixo apodrecido ficava no ar.

Depois de virarmos na Dove, estávamos perdidos. As ruas que deveriam seguir de Norte a Leste pareciam desaparecer em terrenos

baldios ou se curvavam de volta na mesma direção, e de repente nos vimos no bairro dos depósitos sem saber como chegamos lá ou como sairíamos de lá.

Os prédios pelos quais passávamos estavam morrendo. Grafite cobria as fachadas em profusão inacreditável. Em alguns lugares, os rabiscos ininteligíveis haviam sido cobertos por ervas daninhas que cresciam na base das fundações.

Não fazia muito sentido chamar aquilo de bairro dos depósitos, porque não havia mais do que uma construção enorme decadente depois da outra se estendendo pela escuridão. Olhava para uma cidade morta, um câncer crescente nas entranhas de uma cultura moribunda.

Estava pensando nisso, na morte das coisas, e olhando para fora da janela para os buracos negros nas laterais dos prédios, quando Marcus me bateu no braço.

— O que é aquilo? — ele perguntou, apontando o que parecia fumaça no fim da estrada.

Mas não era fumaça. Mesmo àquela distância, eu soube que não era fumaça. Estava movendo-se mais depressa do que fumaça, mais grossa e mais preta.

— Parece um bando de pássaros.

— Talvez você esteja certo — ele disse. — Provavelmente melros.

Eram melros. Era o maior bando de pássaros que eu já havia visto. Quando entramos em mais uma rua sem saída, vimos centenas de milhares de enormes pássaros pretos empoleirados em todos os lugares possíveis. Eles se alinhavam na borda do telhado à nossa frente, e estavam em todos os cabos de eletricidade, no estacionamento e na carcaça do caminhão da Companhia de Pães *Country Fields*. Sacos plásticos vermelhos e brancos flutuavam no ar à nossa volta. Os melros cortavam os pães, alimentando-se como tubarões num oceano de sangue.

O barulho que faziam era tremendo.

Vimos movimento novamente. À nossa esquerda, uma pequena parte do bando levantou voo, voou uma pequena distância e então pousou no chão de novo.

— Olhe para isso — Marcus disse. Sua voz tinha uma sonoridade estranha e cansada como eu jamais ouvi antes.

Então eu vi por que os pássaros estavam levantando voo. Havia zumbis andando pelo estacionamento. A princípio, vi apenas alguns, mas, quanto mais os observava, mais zumbis surgiam por entre os prédios. Logo encarávamos uma multidão de sessenta ou mais zumbis.

Alguns melros começaram a gritar, e logo o bando todo estava agitado e grasnava como se estivessem sendo mortos, apesar de os pássaros não terem dificuldades em evitar os infectados. Pequenas partes do bando levantaram voo num ataque violento e então pousaram novamente a uma pequena distância.

— É melhor irmos.

— É — Marcus disse —, também acho melhor.

Ele engatou a ré e virou a cabeça para olhar para trás. Ele franziu a testa e então baixou a cabeça e xingou baixinho.

— O que foi? — Eu olhei pelo retrovisor e vi o que ele estava vendo. Havia uma multidão enorme atrás de nós. — Inferno! De onde eles estão vindo?

— Não sei — ele disse. — Eles estão por toda a parte.

Ele engatou a primeira marcha e arrancou para a esquerda. Cortou por entre dois prédios brancos compridos e dirigiu rápido por um beco detonado e cheio de poças. Saímos do beco e chegamos na Shiloh, e então ele parou o carro.

A Shiloh estava bloqueada a Oeste por um caminhão de bombeiros acabado. Todas as mangueiras estavam jogadas ao lado da esquina escura e quente de um depósito vazio. Ou alguma coisa havia explodido ou uma parte do prédio havia desmoronado, porque os escombros estavam espalhados pela rua e não havia como

darmos a volta. Mais multidões se aglomeravam à nossa direita. Grandes multidões se estendiam para dentro da escuridão.

Marcus virou o carro na direção da multidão e pisou fundo no acelerador. Recostei-me no banco, apoiando-me no painel, mas, antes que pudesse gritar para que não fizesse aquilo, já mergulhávamos naquele mar de zumbis.

Atingimos os primeiros corpos enquanto ainda pegávamos velocidade, e então tudo aconteceu rápido demais. Houve uma terrível onda de baques úmidos à medida que os corpos batiam no metal e no vidro e rolavam pelo capô. Vi rostos, mas nenhuma fisionomia. Tudo era um borrão, e rugindo acima de tudo estava o motor do Crown Victoria sendo forçado, lutando uma batalha perdida conforme passava pela multidão.

Começamos a derrapar para o meu lado da rua. O carro rodava de lado por causa do peso combinado de todos os corpos humanos que o atingia, como um barco pego por uma forte corrente contrária. Eu podia sentir o carro começar a perder velocidade, quase como se a marcha houvesse escapado. Marcus pisava fundo no acelerador, mas perdíamos velocidade, e ainda estávamos presos no meio da multidão.

Éramos uma ilha no mar de corpos quando o carro parou de vez.

— Corra — Marcus disse enquanto abria sua porta. Depois, saiu correndo até um prédio branco e cinza de três andares à sua esquerda.

Mas eu não conseguia sair.

Já havia dúzias de zumbis empurrando meu lado do carro, e tudo o que eu podia fazer era segurar a porta fechada. Se não houvesse tantos deles empurrando os que estavam perto de mim, eles poderiam ter arrancado a porta das minhas mãos.

Freneticamente, passei por cima do computador entre os assentos e me espremi pela porta do motorista. Mesmo enquanto

saía do carro, mais corpos me prensavam. Senti uma mão agarrar meu ombro e pescoço, e então todos estavam em cima de mim.

Comecei a bater em tudo. À medida que se agrupavam à minha volta, eu sentia o peso me empurrar contra o carro. Apoiei uma mão na parte de cima da porta e a outra no para-brisa quebrado. Antes que pudessem cair sobre mim, pulei e subi em cima do carro.

Do teto, pude ver Marcus forçando caminho até o prédio. Também vi um modo de chegar até ele. Saquei minha arma e atirei em quatro zumbis em frente do carro, e então pulei para o chão e corri atrás do Marcus, desviando de zumbis conforme diminuía a distância entre nós.

Ele os empurrava para longe das portas, gritando para eu me apressar. Eu o vi quebrar o pescoço de um homem e depois se jogar contra uma grossa porta de madeira, empurrando-a com o ombro. Passei por ele sem sequer diminuir a velocidade.

Batemos na porta ao mesmo tempo e a arrancamos das dobradiças. Nós dois caímos no chão do outro lado numa nuvem de poeira e madeira quebrada.

Levantei-me e mirei a arma para a porta. Os zumbis já estavam entrando. Marcus correu na direção de uma grande escadaria à nossa direita. Atirei no primeiro zumbi através da porta e estava prestes a atirar de novo quando ouvi Marcus gritar:

— Vamos. Aqui em cima.

Corri atrás dele. Ele subiu as escadas e virou uma esquina no patamar, eu o seguia o caminho todo. Quando estávamos lá em cima, entramos num escritório vazio e fechamos a porta.

— Ajude-me a mover isso — ele disse, empurrando um gabinete até a porta.

Juntos, empurramos o móvel até bloquear a entrada e paramos para escutar. Podíamos ouvir passos pesados e lentos subir as escadas.

Capítulo 25

Afastei-me da porta e do barulho dos infectados, respirando com dificuldade e tremendo por causa do frio.

O prédio que estávamos usando como abrigo havia começado a apodrecer depois de anos de negligência. Havia buracos nas paredes e a maioria das janelas estava quebrada. Uma brisa fria e rigorosa entrava por suas cavidades escuras. Era como estar numa caverna.

Instintivamente procurei por minha lanterna no cinto, mas ela já não estava ali. Estávamos presos e cegos na escuridão.

Meus olhos foram gradualmente se acostumando com a escuridão, e formas volumosas à nossa volta se transformaram em linhas menos obscuras de móveis de escritório muito velhos e mofados. A desolação da negligência estava em todo lugar, e o lugar fedia a madeira úmida e podre. Uma serragem úmida e arenosa cobria tudo.

Marcus limpou a serragem das mãos e perguntou:

— Onde está a espingarda?

— Ah, inferno.

— Acho que ficou no carro — eu disse.

— Por que ela ficou no carro? — Seu senso de humor nunca o deixava.

— Não sei. Acho que nós a esquecemos.

— Nós? Era você que tinha de pegá-la.

— Eu? Por que eu?

— Você estava no assento do atirador. É isso que a frase significa. Você fica no assento do atirador, então é você quem pega a espingarda.

— Você não quer mesmo discutir por causa disso, né? Porque, você sabe, não fui eu quem saiu correndo e abandonou seu

parceiro. Sinto muito se a esqueci, mas eu estava um pouco ocupado. Sabe, com aqueles zumbis tentando me comer e tudo o mais.

— Você não sabe mesmo ser sarcástico.

— Eu estava sendo sarcástico? Porque eu não queria ser. Estou falando muito sério. Que diabos é seu problema? Você simplesmente me deixou ali.

— Você já é crescidinho — ele disse. — Você não precisava da minha ajuda. Você pode não atirar lá muito bem, mas sabe lutar quando precisa. Já vi você lutando e não ia deixar você me dar cobertura se não soubesse que poderia lutar de novo. Mas teria sido legal se você tivesse se lembrado da espingarda.

Algo bateu contra a porta. Nós dois demos um pulo, esperando aquelas coisas invadirem a sala.

A porta balançou, mas não abriu. Aquela primeira batida deu lugar a batidas mais lentas e estáveis na porta, e mesmo na fraca luz eu pude ver pequenas nuvens de pó branco caindo do batente.

A princípio, parecia ser apenas um ou dois deles do outro lado, mas gradualmente o barulho foi ficando mais alto e menos rítmico.

Logo havia dúzias de mãos batendo contra a porta e ela estava se mexendo, balançando para frente e para trás nas dobradiças.

— Acho melhor discutirmos isso numa outra hora — Marcus disse.

— De onde eles aparecem?

— Não sei, mas é melhor seguirmos em frente.

— Estou falando sério, Marcus. De onde eles aparecem? Primeiro, as ruas estão desertas, e, logo depois, a droga do lugar está cheio deles. Eles não andam tão rapidamente assim. Como isso não para de acontecer? O que estamos fazendo para atraí-los?

— Com o que me pareço? — ele disse. — Pareço-me com alguém que faz ideia do que está acontecendo?

— É estranho.

— Não diga. Diga-me que você não levou a noite toda para chegar a essa conclusão.

— Não — eu disse.

— Então está bom. Não podemos ficar aqui.

— Para onde?

— Qualquer lugar, menos aqui. — Ele andou até os fundos da sala e desapareceu num canto. — Vamos — ele disse —, tem um corredor aqui. Vamos ver aonde vai dar.

Para Marcus, não tinha esse negócio de parar e questionar o que estava fazendo ou onde estava prestes a entrar. Ele era durão e sabia disso. Nunca lhe ocorria que não poderia ficar cara a cara com qualquer coisa ou qualquer um que encontrasse.

Mas eu não era assim. Para mim, mergulhar de cabeça numa briga era pura estupidez. Eu apenas brigava quando precisava, mesmo assim, eu tentava ter um plano. Mas dizem que os opostos se atraem. Talvez fosse por isso que Marcus e eu trabalhávamos tão bem juntos. Lutávamos contra o pior em cada um de nós.

Enquanto o seguia pelo corredor, ainda estava preocupado pela maneira como os zumbis sempre pareciam cair sobre nós tão rapidamente e em todos os lugares em que estávamos. Parecia impossível que a morte pudesse levar tantas pessoas tão rápido. Pensei nas multidões que havíamos encontrado e me perguntei se era nossa má sorte ou se era mais do que isso. Perguntei-me o que Ken teria dito a esse respeito.

Para Marcus, isso não parecia ser um problema. Ele parecia pensar que os fatos simplesmente aconteceram, que tudo era completamente aleatório e que nós simplesmente caímos no meio de tudo aquilo porque não tínhamos sorte.

— Mais daqueles para atirmos. — Era tudo o que ele tinha a dizer.

Atrás de nós, ouvi o barulho da porta cedendo e o gabinete sendo jogado ao chão. Foi um baque súbito e surdo que reverberou

pelo prédio.

— Parece que vamos ter companhia — Marcus disse.

— É. É melhor continuarmos.

O corredor pelo qual seguíamos ligava uma série de pequenos escritórios. Eles eram mais ou menos interligados, e as paredes entre eles eram pouco mais do que divisórias que sequer separavam completamente um cubículo do outro.

Uma vez que havíamos passado pelos escritórios, entramos em outro corredor que era muito mais estreito. Havia portas de ambos os lados que eram mais sólidas, e deduzi que pertenciam às pessoas que gerenciavam aquele lugar.

Contudo, devia haver outro caminho além do que pegamos, porque, assim que entramos no corredor, dois zumbis viraram uma esquina à nossa esquerda. Dei um passo à frente e empurrei o zumbi que estava na frente nos braços do outro e ambos caíram no chão. Saquei minha arma, mas, antes que pudesse atirar, Marcus me impediu.

— Não desperdice suas balas — ele disse. — Vamos em frente.

Seguimos num trote, passando por algumas esquinas antes de diminuirmos novamente. As tábuas do assoalho estalavam sob nossos pés, o que não era bom. Chamávamos uma atenção que não queríamos a cada passo que dávamos.

De repente, Marcus parou, levantou a mão e tentou escutar algo na escuridão à nossa frente.

Eu também parei e escutei.

Passos se aproximavam. Marcus olhou para mim e eu acenei para ele.

— Dá para saber quantos? — eu perguntei.

Ele negou com a cabeça.

— Mais de um — ele disse.

— Ok, estarei pronto quando você estiver pronto.

Ele se endireitou e virou a esquina. Depois, parou e soltou um suspiro de frustração. Virei a esquina para ver o que ele olhava e, quando me dei conta, soltei um arquejo.

O corredor se abria num patamar e além dele havia um largo lance de escada que levava até uma fileira de estacionamento para caminhões. Uma das portas basculantes havia caído e uma multidão de zumbis entrava pela abertura. Uma faixa estreita com a luz da lua cruzava as salas abaixo e um pequeno grupo passava por ela subindo as escadas.

Eles já nos tinham visto. Eu podia ver a apenas uma pequena distância além da porta por onde eles entravam, mas o pequeno pedaço do beco que eu podia ver estava cheio de corpos. Pela quantidade de zumbis que entrava no prédio, deduzi que o primeiro andar já estaria tomado.

— Há tantos deles — eu disse.

— Isso já cansou — Marcus respondeu. — Não podemos ficar aqui. Vamos voltar e ver se podemos dar a volta por eles.

— Estou bem atrás de você.

Nós dois voltamos pelo patamar. Eu podia ouvir mais deles subindo as escadas e, apesar de não poderem subir muito bem, era apenas uma questão de tempo antes de haver o bastante deles para nos causar problemas.

Corremos para um corredor escuro à nossa direita porque parecia que ele seguia até os fundos do prédio.

Avançamos por talvez 15 ou 18 metros, quando ouvimos as tábuas do assoalho estalando à nossa frente. Marcus parou e se ajoelhou, escutando, tentando descobrir de onde o som vinha.

— Estamos cercados — eu disse.

— Tente abrir as portas — Marcus sugeriu, com um sussurro audível na escuridão.

Quando encontrei uma porta, disse-lhe que parasse para que eu pudesse verificar. Encontrei a maçaneta, fria e empoeirada, e tentei

abri-la.

Estava frágil, mas a tranca travou.

— Tente forçá-la — Marcus sussurrou.

Tentei exercer pressão nela e a porta parecia solta nas dobradiças, mas não queria abrir.

— Vai fazer muito barulho — sussurrei em resposta.

— Ok — ele disse —, vamos em frente. Talvez uma dessas portas...

Não conseguia ver o que o fez parar de falar, mas o senti afastar-se violentamente da parede e o ouvi lutar com uma daquelas coisas.

— Abra aquela porta — ele disse, enquanto falava, ele correu até mim e me empurrou contra ela.

Perdi o equilíbrio. Porém, Marcus não me esperou. Ele bateu na porta com os ombros, derrubando-a.

Nós dois caímos estatelados numa pilha de ripas quebradas.

Havia apenas luz o bastante para ver a forma da sala. O lado esquerdo inteiro havia sido destruído e nos dava uma boa vista do primeiro andar. Uma pequena faixa de luar entrava pelas janelas ao longo da parede Oeste do depósito, mas era o suficiente para vermos que o primeiro andar fervilhava de zumbis.

Bem à nossa frente, a parede chegava a meio caminho do teto. A metade de cima estava destruída, expondo uma passagem larga e plana que se estendia até o outro lado do prédio, pela qual poderíamos rastejar.

— Por aqui — Marcus disse, apontando para a passagem.

A passagem apenas nos permitia seguir em frente apoiados nas mãos e joelhos, e parecia bem instável. No entanto, enquanto eu estava ali parado pensando nisso, Marcus atirava nos zumbis no corredor.

— Vai — ele disse. — Vai logo.

Ele atirou novamente e aquilo fez eu me mexer. Subi para a passagem e comecei a me mover pelas tábuas.

O chão era desigual e parecia ser frágil. Pude senti-lo ceder um pouco quando joguei todo o meu peso nele. Ripas elevadas cruzavam o chão e faziam que o avanço fosse difícil. Cada vez que me deparava com uma, eu tinha de me apoiar nela e jogar minhas pernas por cima de cada uma para que pudesse descer meu peso lentamente no outro lado.

— Ali vêm eles — Marcus disse e, quando me virei para olhá-lo, vi zumbis subindo para a passagem.

— Tome cuidado — eu disse —, o chão parece frágil aqui.

Já havia avançado meio caminho quando ouvi o Marcus disparar uma vez. O espaço oco fez o som parecer uma explosão. Virei-me e o vi de costas, atirando por entre os joelhos.

— Marcus.

Ele virou a cabeça para poder me ver.

— O quê?

— Pare com isso. Atravesse logo.

— Há apenas três deles. Acabamos com eles e não precisaremos nos apressar.

— Não seja idiota. Vamos logo.

Não podia ver seu rosto claramente, mas eu soube que tipo de olhar ele me lançava. Ele virou de bruços e se levantou — e então nós dois ouvimos o chão estalar.

— Marcus — eu disse, mas, antes que pudesse dizer mais alguma coisa, houve um estalo alto, como a superfície de gelo trincando. Senti o chão se mover.

Eu o vi olhar para o chão abaixo e então a coisa toda cedeu. Ele desapareceu pelo chão numa nuvem de madeira quebrada e braços girando.

— Marcus — eu disse, e corri na direção do lugar em que ele estivera.

Havia um buraco no chão e eu rastejei até a borda e olhei para baixo. Marcus havia caído de costas em cima de uma pilha de madeira apodrecida, e em volta dele havia um círculo de zumbis, aproximando -se para pegá-lo.

— Marcus! — Enquanto gritava, eu atirava na cabeça dos zumbis que estavam mais perto dele.

— Levante — eu disse. — Anda logo, droga. Anda logo!

E eu atirei, e atirei, e atirei, até que a arma travou, mas Marcus não se mexeu. Eu o vi mexer a cabeça de um lado a outro e tentar se sentar, mas num instante eles estavam em cima dele. Ele os chutou e tentou se afastar, mas eles caíram em cima dele e rasgaram seu corpo com mãos e dentes.

— Saia daqui — ele disse, sua voz cheia de dor. — Vá. Saia daqui! Não desperdice suas balas.

Gritei para ele se mexer, mas foi perda de tempo. Tudo o que pude fazer foi olhar enquanto ele morria no meio daquela massa violenta e borbulhante de corpos. Uma pequena faixa de poeira branca caiu dos meus dedos na cena abaixo como se fosse neve.

Fechei os olhos.

O chão estalou novamente e meus olhos se abriram. Os zumbis nos quais Marcus havia atirado ainda rastejavam na minha direção. Mirei a arma para eles e puxei o gatilho.

Nada aconteceu. A arma ainda estava travada e a câmara estava vazia. O gatilho não se mexia.

Gritei para que parassem, mas é claro que não pararam.

E então ouvi o chão estalar novamente. Houve mais um estalo, e mais outro, e o chão balançou embaixo de mim. Aquilo me deixou sem fôlego.

— Ah, caramba. Ah, caramba. Ah, caramba.

Olhei para os zumbis em pânico, puro e simples, como se esperasse ver um eco de meu próprio medo neles. Mas estavam abstraídos. Continuaram avançando.

— Não — implorei. — Parem. Parem.

Mas não adiantava dizer nada. Era como falar com uma parede. Eles continuavam a rastejar e nada os fazia recuar. Eles não percebiam o chão abaixo deles. Eu era a única coisa que enxergavam.

Afastei-me apoiado nos cotovelos, rastejando de bruços e depois de quatro conforme me afastava do buraco. Toda vez que o chão estalava, eu sentia outra onda de pânico me arrebatam.

Havia uma ripa de ambos os lados, e me segurei nelas, usando-as para me impulsionar. Colocar minha mão na ripa seguinte fez-me concentrar nos movimentos, e me ajudou a não pensar em cair através do chão.

E então eu caí.

A madeira embaixo de mim sequer estalou. Num segundo, estava lá, no outro havia desaparecido. No instante seguinte, meus pés estavam balançando no ar, de um lado a outro, chutando, procurando por um apoio que não estava lá. Agarrei as vigas de ambos os lados e apertei minhas unhas fundo na madeira apodrecida. Agarrei de modo tão forte, que uma dor aguda disparou pelos nós dos dedos e para os pulsos e braços. Mas eu não queria largar. Segurei com todas as forças que me restavam, esforçando-me para me erguer. Puxei meu corpo para cima, mas não consegui passar por cima das vigas.

Não conseguia me mexer. Tudo o que podia fazer era virar a cabeça um pouco, apenas o suficiente para ver dois dos zumbis rastejando na minha direção. Gritei para que parassem, mas é claro que não pararam. Eles seguiram em frente, e tudo o que eu podia fazer era gritar.

O chão se lançou para frente. Eu o senti mexer, e fui tomado pela surpresa. Ouvi o chão estalar atrás de mim e, quando virei a cabeça, vi um dos zumbis cair pelo buraco. Não conseguia ver os outros. Virei a cabeça para o outro lado e também não os vi.

— Vamos — eu disse —, suba. Suba.

Muito lentamente, e com muito esforço, consegui me erguer por cima do buraco. Quando finalmente me vi nas tábuas mofadas da passagem, deitei tremendo. Meu amigo estava morto e eu havia quase morrido.

A compreensão me atingiu com força.

Pensando em Marcus, comecei o processo de me puxar ao longo das tábuas novamente. Estava tão preso à minha dor, que sequer percebi que havia alcançado o outro lado. Rolei pela borda e aterrissei no chão de outro escritório, nunca tão satisfeito por sentir o chão sob os pés.

Avaliei a escuridão. Havia uma porta na parede oposta, e deduzi que deveria haver outro corredor do outro lado. Deveria haver mais daquelas coisas me esperando também.

Verifiquei a porta. Estava trancada, mas do meu lado. Virei a trava e estava prestes a virar a maçaneta, quando ouvi barulho do outro lado.

Coloquei a cabeça contra a porta e escutei.

Eu podia ouvir o barulho de passos abafados nas tábuas além daquela porta.

Capítulo 26

A primeira coisa que a maioria dos policiais faz depois de se formar na Academia de Polícia é sair para comprar uma carteira elegante para poder mostrar o distintivo.

Meu departamento nos obriga sempre a levar nossos distintivos e identidades conosco, e as lojas locais para policiais vendem carteiras especiais para tudo isso. A carteira que comprei tem um contorno na frente para o distintivo e um plástico transparente no lado de dentro para colocar a identidade.

Quando Andrew nasceu, o pessoal do hospital tirou uma foto dele. Na foto, April o está segurando atravessado no peito, enquanto ele bloqueia a luz com um par de pequeninas mãos vermelhas. Seus olhos estão bem fechados.

April odeia sua imagem nessa foto, mas mandou fazer uma cópia especial para o meu aniversário porque ela viu como é importante para mim.

Enquanto sentava naquele escritório decrepito, com as costas apoiadas na parede, tirei a foto da minha carteira e olhei para o rosto vermelho e exausto do Andrew. A mãe dele estava tão corada de alívio e amor pelo bebê em seus braços que eu podia ver a emoção brilhando na sua pele. Ver os dois juntos daquele jeito me fez sorrir apesar de todo o resto que sentia.

Do lado de fora do corredor, eu podia ouvir mais daquelas coisas zanzando, e me perguntei quantos deles havia ali, e se eles podiam sentir minha presença de alguma maneira. Ainda me incomodava o modo como eles sempre pareciam me encontrar.

Disse a mim mesmo que, se eu visse Ken Stoler novamente, eu faria aquela exata pergunta. Quer dizer, depois de dar uma surra nele por roubar aquela picape.

Um olhar ao redor da sala foi o bastante para me dizer que, se eles podiam sentir minha presença — e se conseguissem passar pela porta — eu estaria ferrado. Só tinha seis balas e nenhum lugar para me esconder.

Sei que parece estranho, mas mesmo com a ameaça muito real de acabar como um pedaço de carne retalhado e ensanguentado no chão de um depósito abandonado qualquer grudado na minha mente, a única coisa que mantinha minha mente sã era a foto do Andrew. E, de todas as lembranças que eu havia acumulado desde os seis meses que ele havia sido parte da minha vida, a lembrança que sempre me vinha à mente era de quando eu estava lhe dando mamadeira às duas horas da manhã, embalando-o para frente e para trás na velha cadeira de balanço até ele cair no sono de tanto chorar.

Pensei em todas as vezes que ele havia adormecido no meu ombro, e eu queria mais que tudo no mundo estar ali de novo, segurando-o, dando batidinhas em suas costas para fazê-lo arrotar, e sentindo sua respiração suave e quente em meu pescoço.

Na escuridão do escritório, pude me imaginar de volta na cadeira de balanço. Virei a cabeça apenas um pouco. Quase podia ver o quarto onde April e eu dormíamos. A imagem era parte lembrança, parte alucinação induzida; quando percebi o que realmente era, ela sumiu. O encanto foi quebrado.

Eu soube bem naquela hora que ficar ali me mataria, e eu não deixaria isso acontecer de jeito nenhum. Mais do que tudo, eu queria viver.

Levantei-me e encostei a cabeça na porta, colocando as ideias em ordem, preparando-me para o que estava prestes a fazer.

Virei a maçaneta lentamente até que o trinco fez um clique. Respirei fundo e me preparei para agir.

E foi quando o celular no meu cinto começou a tocar.

Capítulo 27

Quase pulei de susto. Remexi no meu cinto, agarrei o celular e o abri. Tantas coisas haviam acontecido nas últimas duas horas, tantas coisas horríveis, que eu havia me esquecido completamente do telefone.

O identificador de chamadas mostrou o número de celular da April, e percebi que aqueles dois toques que ouvi na central deveriam ter chegado até ela.

— Alô — eu disse —, April?

— Eddie. Ah, meu Deus. Eddie?

— Estou aqui, April. Onde você está?

Estática encheu meus ouvidos. Através do barulho, eu pude ouvir sua voz, assustada, ainda que racional e controlada. Ela disse algo sobre um prédio e depois a ouvi dizer o nome do Andrew.

— April — eu disse —, April, a conexão está caindo.

Mais estática rugia em meus ouvidos.

Ouvi a voz dela novamente, e então o inferno se abriu. Um zumbi bateu contra a porta do outro lado e a parede inteira balançou.

Houve uma pausa, longa o bastante para minha boca dizer, “ah, inferno”, e então a porta foi arrombada.

Um zumbi corpulento de braços fortes arrastou-se pela porta, a boca suja de sangue e pedaços de tecido.

Recuei até a passagem enquanto lutava para tirar a arma do coldre. Ele estava quase em cima de mim antes de eu conseguir atirar.

Havia mais quatro no corredor movendo-se na minha direção. Uma suave luz alaranjada entrava no prédio através das três janelas ao longo da parede à minha esquerda, e na luz silenciosa eles pareciam fantasmas cinzentos. Cambalearam na minha direção e eu

corri para eles, indo de um lado a outro, esquivando-me de cada um, e continuei correndo até chegar no canto.

Havia mais deles escondidos nas sombras, bloqueando o estreito lance de escadas. O que estava mais perto de mim olhava para outro lado, e eu agarrei sua já rasgada camisa e o usei como escudo à medida que forçava caminho por entre os outros.

Cheguei no patamar e então tive de parar. Havia um zumbi a meio caminho da subida da escada e ela era muito estreita para eu poder dar a volta nele.

Atirei uma vez e o mandei deslizando de costas pelos degraus.

Não foi um tiro certo na cabeça, mas foi o suficiente para conseguir algum tempo até eu pular por cima dele e chegar ao pé da escada. Caí com força e virei a esquina, bem nos braços de um zumbi enorme.

Ele era um muro de carne.

Ele me agarrou com um braço e me empurrou contra a parede. Tentei me espremer por ele, mas ele me mordeu forte no ombro.

Para a minha sorte, tudo o que ele mordeu foi uma alça do meu colete à prova de balas.

Brigamos numa dança desajeitada. Consegui colocar uma mão embaixo de seu queixo e empurrei sua cabeça para trás. Saquei a arma com a outra mão e atirei bem acima da orelha. Sangue se espalhou na parede atrás dele.

O zumbi que eu havia derrubado pela escada estava se levantando e havia outros prestes a descer atrás dele.

Saí correndo por uma porta aberta, através de outra pequena sala bem estreita com um relógio de ponto na parede, e depois por uma porta que levava para o lado de fora.

Respirando fundo o ar noturno, dei uma olhada para ver onde estava. Pelo que podia perceber, estava no lado oposto do prédio onde ficavam as baias de carregamento, em que eu e o Marcus tínhamos visto a enorme multidão.

Mas o lado em que eu estava não parecia estar muito melhor. Havia uma grande multidão de ambos os lados do prédio.

Virei para a direita e tentei flanquear a maioria deles na melhor arrancada que pude dar.

Eles tentavam me agarrar e eu tentava me lançar para frente. Eu podia sentir as mãos em mim, mas eu empurrava e me desviava e simplesmente segui em frente até sair do beco e entrar numa rua escura e acidentada.

Não havia nenhuma placa, nenhuma maneira de saber onde eu estava. O centro queimava à minha esquerda e eu sabia que ele ficava a oeste de lá, mas isso não era de muita ajuda. Mesmo que as ruas houvessem sido marcadas, eu não saberia diferenciar uma da outra. Todas pareciam iguais para mim.

Eu estava completamente perdido.

Sabia que tinha de encontrar um carro. Sem um, não tinha chance nenhuma de chegar em casa.

No meio da rua, eu pude ver dois zumbis saindo pelas portas quebradas de uma loja de conveniência. Enquanto os observava atravessarem o estacionamento, minha respiração saía em nuvens na minha frente. Estava tão dominado pelo estresse em fugir do depósito e na tentativa de não pensar em Marcus que havia me esquecido do frio que fazia do lado de fora.

Os dois zumbis vinham na minha direção, mas ainda estavam muito longe para saber se tinham me visto ou não.

Outro grupo de aproximadamente sete zumbis andava na frente de um prédio pequeno de dois andares a quase quarenta e cinco metros de distância.

Ao sul de onde eu estava, havia vários prédios populares; mesmo que não conseguisse ver nenhum movimento perto deles, eu sabia que haveria mais zumbis ali. Norte, Sul e Oeste, estavam todos bloqueados.

Mais uma vez fui forçado a ir para o Leste, então me recompus e comecei a trotar naquela direção.

Havia zumbis movendo-se na escuridão do outro lado do estacionamento vazio, não muito longe de onde eu estava. Vi um homem contra as portas brancas de uma geladeira meio queimada, e então vi mais zumbis saindo de perto do lixo próximos a ele.

A cada instante que se passava, o número deles crescia, como formigas saindo de um formigueiro, até haver grupos tão grandes em alguns lugares que cobriam a rua toda.

Nem me dei ao trabalho de sacar a arma. Havia tantos deles que teria sido inútil desperdiçar munição.

Procurei por uma saída, e a encontrei na esquina de um prédio destruído do outro lado do estacionamento vazio.

Havia buracos nas paredes e, quando um pequeno grupo de zumbis veio na minha direção, eles abriram um espaço pelo qual eu pude ver o caminho que levava até o prédio. O caminho parecia livre além deles. Corri pela abertura e saí numa rua molhada e desalinhada.

Havia um fosso de drenagem no fim do quarteirão e corri até lá.

Acabei nos arbustos no pé da encosta, encoberto até os joelhos de água barrenta, com parreiras pegajosas cheias de espinhos que me arranhavam o rosto e os braços.

Mas não parei de avançar. Cheguei ao outro lado e subi apoiado nas mãos e joelhos. Eu estava coberto de lama quando cheguei ao outro lado e, assim que parei, o frio voltou a me morder.

Um campo enorme de grama molhada se estendia à minha frente.

À minha esquerda eu podia ver as luzes de incêndio no centro, e quando eram refletidas na água do chão, fazia a grama brilhar como um mar de joias.

O gramado subia gradualmente, e a crista da colina era dominada por uma linha de olmos escuros. Andei até os olmos, esperando ficar

encoberto pelas árvores enquanto seguia para o Norte, paralelo ao fosso de drenagem; mas o que vi foi uma estrada encoberta por uma multidão lenta e cambaleante de infectados.

Corri de volta para os olmos e segui para o Norte.

Um "ligeirinho" correu até mim por entre as árvores, movendo-se tão rapidamente quanto eu. Tentei mudar de direção, mas ele estava em cima de mim antes de eu sair do caminho. Ele tentou me derrubar, mas mantive o equilíbrio e consegui derrubá-lo.

Mirei minha arma, mas ele se movia rápido demais para eu conseguir um tiro certo. Meu primeiro tiro o atingiu no queixo. O segundo e o terceiro passaram raspando a bochecha e orelha. Usei minhas duas últimas balas para derrubá-lo de vez.

Então corri pelas árvores até chegar ao asfalto novamente. Era uma ruazinha desalinhada, e do outro lado havia uma igreja, com janelas escuras e tão quadradas, que mais parecia um celeiro.

Os zumbis saíram da floresta de ambos os lados, e havia ainda mais atrás de mim. Não havia nenhum "ligeirinho", mas havia muito dos lerdos.

Eu estava completamente cercado.

E também estava congelando, molhado até a cintura. Procurei por um buraco pelo qual pudesse passar correndo, mas não havia nenhum. Eu estava preso.

Coloquei a arma no coldre e saquei meu cassetete.

Lentamente, de forma deliberada, procurei pelo meu primeiro alvo.

— Eu a amo, April — sussurrei, e rezei para que esse não fosse meu "adeus" a ela. — Eu amo você, Andrew.

Um zumbi de camisa preta e boné se aproximou de mim. Seus dentes estavam manchados de sangue, saindo por abas de pele retalhada que costumavam ser seus lábios.

Preparei-me para usar o cassetete, medindo o golpe, quando o tiro ressoou.

O zumbi desmoronou silencioso no chão. Havia um buraco de bala no lado de sua cabeça que parecia uma flor preta.

Virei-me, surpreso, na direção do tiro. Quatro homens negros com rifles estavam parados nos degraus da frente da igreja. Um deles acenou para eu me apressar, enquanto os outros mandavam uma rodada de tiros pelo ar à minha volta.

Capítulo 28

Corri até a varanda, balas assoviando à minha volta.

Os homens com os rifles derrubavam um a um os zumbis que estavam à minha volta, abrindo caminho para eu chegar até a porta. Cheguei aos degraus a toda velocidade e o homem que acenava me pegou e me puxou até a porta.

— Peguei ele, Simon — ele gritou para um dos outros homens. — Vamos.

Um cara grande, com uns 20 anos, estava ajoelhado na borda da varanda, atirando através das grades. Ele olhou por sobre o ombro e me encarou friamente.

— Não podemos deixar tantos deles ali fora — ele disse ao homem que havia me agarrado.

— Não vou ficar aqui fora — o que me agarrou disse. — Nós o pegamos, agora vamos.

— Vá se quiser — o homem que se chamava Simon disse, e então apontou para mim com o queixo. — Dê sua arma ao tira se for embora.

O primeiro homem hesitou.

— Vá — Simon gritou para ele. — Ei, tira, você sabe atirar com uma dessas coisas?

— Sim — eu disse, e peguei o rifle do primeiro homem. — Deixa comigo. Quanta munição você tem?

— Uma igreja cheia — Simon disse.

O primeiro homem hesitou, mas eu o empurrei com gentileza na direção das portas e disse que estava tudo bem.

— Tem mais alguém aí dentro? — perguntei.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Vá lá para dentro.

Ele entrou na igreja sem mais uma palavra. Havia um caixa de metal verde de munição na varanda atrás de onde ele estava, cheia até o topo com pentes para rifles.

Olhei para o rifle nas minhas mãos e li *Remington* no cano. Não havia proteção para o ombro nem mira, e a telha ainda tinha montes de graxa nos cantos.

Ejetei o pente, chequei-o, e então o recoloquei.

Os outros começaram a atirar.

— Vamos, droga — Simon disse a mim. — Ajude-nos a sair daqui!

Olhei para os zumbis aproximando-se do outro lado do pátio. O estacionamento ia até o caminho da frente e depois dava a volta até o lado direito da construção. Uma cerca branca separava o estacionamento da estrada, e a aproximadamente trinta metros além dele havia a linha de olmos escuros que eu havia usado como cobertura. Os zumbis apareciam de todos os lados agora.

— Quantos deles há ali? — Simon me perguntou, sua voz não muito longe de se parecer com um rugido animal.

— Pelo menos duzentos — eu disse, postando-me à sua esquerda. — Muito mais que isso.

Um homem mais velho à direita de Simon jogou alguns pentes aos meus pés e depois voltou a atirar. Os três estavam desorganizados. Eles atiravam em qualquer coisa que cruzava seus caminhos sem pensar em maximizar a cobertura, e alguns zumbis chegaram bem perto.

Andei ao longo do corrimão da varanda, atirando nos zumbis que conseguiam passar. Derrubei quatro, um atrás do outro, e então voltei ao centro de onde os três atiravam.

Peguei um dos homens e apontei para o estacionamento.

— Concentre-se naqueles ali — eu disse.

Depois, peguei o outro cara e disse a ele para pegar os zumbis que vinham dos fundos no lado esquerdo. Simon e eu nos concentramos nos que vinham dos olmos.

Marcus me dissera uma vez que eu não conseguia abrir caminho a tiros por um saco de papel molhado. Ele se referia a um revólver. Com um rifle, eu era um tipo completamente diferente de atirador. Aprendi a atirar com um rifle quando criança, caçando veados com meu pai em Minnesota; essa arma sempre parecia se encaixar perfeitamente nas minhas mãos. Uma vez que estava com a soleira apoiada no ombro, virou um massacre.

Recarreguei os pentes com pressa. Os infectados caíam por todo o estacionamento, e logo ele estava entulhado de corpos. Eu até mesmo comecei a derrubar aqueles que permaneciam do outro lado da cerca, ainda na rua.

O cheiro acre de fumaça das armas enchia a varanda, mas eu ainda assim continuei atirando. Atingia alvos de ambos os lados da varanda e não parei até a caixa de pentes estar quase vazia. Sequer percebi que os outros haviam parado de atirar.

Quando finalmente parei, o pátio, a rua e o estacionamento estavam inundados de corpos. Alguns zumbis ainda estavam de pé e avançavam lentamente na nossa direção, mas a multidão havia diminuído consideravelmente.

— Pegue-a — Simon disse ao homem à minha esquerda, apontando para uma jovem de talvez 13 anos que arrastava sua perna esquerda inutilizada na direção da varanda.

Simon colocou outro pente e atirou nos últimos quatro zumbis que ainda andavam pelo pátio.

— Alguém está vendo alguma movimentação? — ele perguntou, varrendo o pátio sobre a mira de seu rifle.

— Aqui deste lado não há mais— disse o homem que vigiava o estacionamento.

— Aqui também não — disse o outro.

— Ótimo. — Ele varreu uma pilha de cápsulas com a ponta do pé.
— Você atira muito bem — ele me disse, mas não sou exatamente

como um elogio, pela maneira como foi dito. Parecia mais uma acusação.

Eu podia sentir sua hostilidade. O modo como ele me encarava era mais do que pose. Havia um ódio verdadeiro ali. Não o tipo de ódio que um homem tem pelo outro, mas o tipo de ódio que homens sentem por símbolos, por forças que controlam suas vidas e os mantêm curvados.

Observei seus olhos, muito consciente das armas que todos nós segurávamos e algo que não fora dito e que preenchia o ar à nossa volta.

Eu sabia o que ele estava fazendo. Era um jogo de membros de gangue, para ver se eu desviaria o olhar primeiro. Nas ruas, aquilo era uma maneira de estabelecer dominância. Uma vez que alguém faz contato ocular, eles o mantêm, e não o desviam.

Se você é um policial e desvia o olhar primeiro, você está em problemas, porque eles sabem que o dominaram.

Abaixei um pouco os ombros e me preparei para o que viesse em seguida. Ele ficou parado, tentando me intimidar. Ele era uns bons dez centímetros mais alto do que eu, com um nariz largo e achatado e dois grandes espaços entre os dentes. Sua jaqueta de flanela o fazia parecer mais corpulento do que provavelmente era, mas eu diria que ele deveria ser pelo menos vinte quilos mais pesado do que eu.

Os outros dois homens não entendiam. Eu sabia o que o olhar significava, as regras do jogo, mas nem eu sabia por que fazíamos aquilo. Ele teria me ajudado apenas para fazer isso?

Os segundos passaram de maneira desconfortável, nós dois esperávamos que o outro mostrasse algum sinal de fraqueza.

Enquanto ficávamos ali, encarando-nos, a porta da igreja se abriu, e eu ouvi uma voz muito calma chamar, vinda da escuridão.

— Está na hora de entrar. Vocês dois.

Capítulo 29

A porta estava aberta, mas nenhum de nós se mexeu. Ainda estávamos cara a cara, esperando o outro desviar o olhar. Vi seu olhar se desviar para meu distintivo por uma mínima fração de movimento e, quando nossos olhos se encontraram novamente, eu pude ver que havia uma vida inteira de ódio guardado ali. Aquele era o símbolo que ele tanto odiava. Eu representava todos os policiais que haviam abusado dele, feito ele se sentir pequeno, brincar com ele apenas por diversão.

— Simon — a voz do lado de dentro da igreja disse —, entre.

Simon não queria sair. Ele queria colocar as mãos no meu pescoço e apertar. Mas havia algo que não o deixaria fazer isso, e pressenti que era a voz vindo da escuridão.

Naquela hora, soube que não haveria uma luta e Simon sabia disso também. Ele bufou para mim como se eu tivesse sorte e voltou para dentro da igreja.

Os outros dois homens seguiram Simon, deixando-me sozinho na soleira. Estava escuro lá dentro, e tudo o que eu conseguia ver eram muitas silhuetas em pé entre os bancos.

Alguém tossiu. Pés farfalharam no chão de madeira. A voz disse:

— Policial, entre, por favor.

Lancei um último olhar para o pátio cheio de cadáveres, lembrando-me da última igreja na qual havia estado, e entrei. Estava escuro, mas pude ver os rostos perto de mim. Simon estava em pé no canto, lançando-me um olhar cheio de ódio e fúria. O homem que havia deixado eu usar seu rifle estava próximo de uma mulher mais velha e de duas crianças. Os outros estavam em grupos, observando-me.

— Obrigado — eu disse, sem saber exatamente o que falar —, vocês salvaram minha vida.

Simon murmurou alguma coisa e se virou.

— De nada — um dos homens disse. Era a mesma voz que eu ouvira através da porta. — Entre. Não temos muito aqui, mas está quente e seco, e você parece que esteve em uma noite e tanto.

Uma mudança distinta caiu sobre a sala enquanto ele falava. Os outros abriram caminho para ele; mesmo na escuridão, eu pude ver que ele era o centro, o líder.

Trocamos um aperto de mão forte e confiante, e com aquele aperto eu compreendi o porquê dos outros o admirarem. Ele andava com uma confiança natural e singela, e aceitava a responsabilidade com a mesma facilidade e graça que um outro homem colocaria um casaco.

Decidi de imediato que gostava dele. Simon já havia deixado claro que se dependesse dele eu seria um hambúrguer ensanguentado lá fora nos olmos, mas o outro homem não era assim. Ele me dava as “boas-vindas” e, porque essas pessoas eram suas, elas também me davam as “boas-vindas”.

Olhei-o de cima a baixo rapidamente enquanto trocávamos um aperto de mão. Era um homem negro mais velho, talvez 57 anos, e aproximadamente 65 quilos. Ele usava uma calça de uniforme azul bem limpa e vincada, um cinto preto e uma camisa de botões azul-clara engomada, fechada até o pescoço. Seus olhos dançavam com uma intensidade ardente por trás de frágeis óculos de aro dourado. Suas botas estavam engraxadas com esmero. Deduzi que ele devia ter seus 60 anos por causa de uma boa faixa de cabelo grisalho nas têmporas, mas era difícil ter certeza porque seu corpo era magro e cheio de músculos.

— Eu me chamo Tiresias Maple — ele disse.

— Obrigado, senhor. Eu sou Eddie Hudson.

— Pode me chamar de Tiresias — ele disse calorosamente. — Todos aqui me chamam assim.

— Você é o pastor aqui, Tiresias.

— Não — ele disse —, não. Infelizmente, o reverendo Joshua Jones morreu ao anoitecer.

— Ah... — eu disse, e então um longo instante desconfortável se seguiu. — Sinto muito.

— Por favor, não sinta. Você não tinha como saber. E, além disso, estamos felizes por você estar conosco. Estamos aqui dentro desde antes do anoitecer e não ouvimos nada sobre o que está acontecendo. O rádio e a TV estão fora do ar há muito tempo.

Olhei os outros à minha volta. Eles me observavam com expectativa e eu pude perceber que desejavam boas notícias. Notícias melhores das que eu podia dar a eles.

— As coisas estão ruins lá fora — eu disse, porque se eu estivesse em seus lugares eu gostaria de saber a verdade. — Há incêndios por toda a cidade, e os lugares que não estão queimando estão tomados pelos zumbis.

— E o exército? — alguém perguntou.

— Não sei de nada sobre o exército. Talvez eles tenham tropas a caminho. Poderíamos usar a ajuda deles. Do que pude perceber, a maioria dos policiais e bombeiros está morta. E ouvi que isso está acontecendo ao longo da Costa do Golfo, do México até Miami. Se for verdade, outras cidades estão, provavelmente, sofrendo tanto quanto nós. Isso, obviamente, irá atrasar a resposta militar também. Eles terão de dividir seus recursos numa área enorme.

Uma mulher de *jeans* azul e camiseta preta me perguntou:

— E há algum lugar seguro ou algo assim? Ninguém virá nos buscar?

— Sinto muito — eu disse —, mas o que você está vendo é tudo o que terá. Acabei de vir da Central de Polícia esperando responder a essa mesma pergunta, mas ela estava tomada pelos zumbis. Se

alguém tinha um plano, agora já era. Não há ninguém para tomar o controle, e não vejo nenhum policial faz horas.

— Então, o que devemos fazer? — alguém perguntou.

— Não sei. Encontrar um jeito de sobreviver, eu acho. Pelo pouco que vi, vocês estão em melhores condições do que qualquer outro. — Olhei seus rostos à minha volta e tentei não pensar nas pessoas na Igreja Batista de Lexington. Essas pessoas não precisavam ouvir essa história. — Acho que vocês têm de aguentar firme, até alguma coisa mudar.

Eles ficaram quietos enquanto digeriam tudo aquilo.

Tiresias finalmente quebrou o silêncio e disse:

— Parece que ficaremos sozinhos por um tempo ainda. O Senhor ajuda aqueles que se ajudam, então está na hora de nos ajudarmos. Gostaria que todos continuassem a consertar os danos e a colocar tábuas nas janelas. Quando isso estiver feito, começaremos a missa.

Os outros se afastaram, murmurando entre si sobre o que eu havia dito.

— Policial Hudson — Tiresias disse —, você é bem-vindo aqui. Havia outro policial aqui antes, era o policial Gibbs. Sinto dizer que ele também faleceu.

— Gibbs? — Eu tive um colega de sala na academia que se chamava Gibbs. Um cara grande e burro que você não podia evitar adorar, que Deus me perdoe, mesmo que não soubesse se estava vestindo o uniforme do avesso ou não. — Você perguntou o primeiro nome dele?

— Não, sinto muito. Ele estava muito mal quando chegou até nós.

— Que importância tem isso? — Simon disse subitamente nas sombras. Não tinha percebido que ele ainda estava ali. — Um tira é igual ao outro. Contanto que esteja morto, quem se importa?

Ele saiu das sombras o bastante para eu ver seu rosto, seus olhos procuravam uma briga.

— Há algo que você queira dizer? — eu perguntei para ele.

— Tiresias, por que você vai deixar ele ficar aqui? Depois do que aquele tira fez com a gente, como você pode deixar esse aqui ficar?

— Chega, Simon.

— Ele não liga para gente.

— Eu disse *chega*.

Tiresias colocou muita ênfase naquela última palavra e deu certo com Simon. Ele recuou, mas o ódio ainda ardia em seus olhos.

Em outras circunstâncias, um olhar daquele teria lhe custado uma noite na prisão, e, provavelmente, uma escala no hospital também; mas as coisas haviam mudado.

Tiresias disse ao Simon para acender as velas para a missa.

— De agora em diante — ele disse —, nós faremos o culto na luz.

Simon foi embora sem dizer mais nada, deixando-me com Tiresias. Vi o brilho azul de uma dúzia de fósforos, e logo todo o interior da igreja começou a brilhar com uma luz amarela.

Pude ver os outros movendo-se no interior e alguns sorriam. Aqueles foram os primeiros sorrisos que via desde que Marcus morrera, e me encheram de calor.

— Nós escurecemos a igreja desde antes do anoitecer — Tiresias disse, e apontou para as tábuas nas janelas. — Achamos que aquelas pessoas lá fora são atraídas pela luz e som de alguma maneira. Qualquer coisa que possa indicar a presença de uma pessoa não infectada.

Acenei com a cabeça.

— Você não está preocupado se a luz vai atraí-los agora? — eu perguntei.

— Na verdade, estou — ele disse, tirando seus óculos e soltando a respiração neles. Ele levou um instante para limpá-los com a manga da camisa, um gesto que me lembrou muito de Ken Stoler. — Mas acho que é mais importante dar às pessoas os pequenos sinais que precisam de que as coisas irão melhorar. Essas pessoas

sofreram muito, e precisam de algo mais do que apenas se amontoar no escuro.

— Essa é a missa que você falou.

— Sim. — Ele recolocou os óculos. — Espero que você se junte a nós.

— Não deveria — eu disse. — Desde que isto começou, tento encontrar minha família. É com eles que quero estar.

— Você é um homem jovem, policial Hudson. Deve ter uma família jovem.

Fiz que sim com a cabeça e desviei o olhar.

— Tenho um filho: Andrew. Ele tem seis meses de idade.

— Isso é muito jovem — Tiresias disse, e para minha surpresa soltou um risinho. — Eu me lembro como era. Tenho duas filhas. Ambas são adultas.

— Você deve estar preocupado com elas.

— Estou. Uma está em Dallas, a outra em Atlanta. Estou muito preocupado. Porém, rezei por elas.

Não sabia o que fazer, nem o que dizer a ele. Seus problemas não eram tão diferentes dos meus, mesmo que não compartilhasse de sua confiança. Orações não eram o bastante para mim. Eu precisava segurar meu filho para me acalmar.

— Você é bem-vindo se quiser ficar — ele finalmente disse.

— Obrigado — eu disse, desconfortável.

Ele levou um instante olhando ao redor da igreja. O interior estava bem iluminado e os bancos estavam quase todos ocupados.

— Acho que você está sem munição — ele disse.

— Sim — respondi. Ele me surpreendeu com aquela pergunta. — Como sabe?

— Vi você colocar sua arma no coldre mais cedo. Não acho que você teria feito isso se ainda tivesse balas sobrando.

Fiz que sim com a cabeça.

— Aquele policial sobre quem lhe disse — continuou — estava muito ferido quando chegou aqui. Ele conseguiu disparar poucos tiros antes que aquelas pessoas lá fora o atacassem. O corpo dele está lá em cima. Talvez você fique para a missa. Depois, pode pegar toda a munição que encontrar e então ir até sua família.

Eu não queria, mas percebi que seria burrice recusar. Ele e seu pessoal haviam sido bons comigo quando mais precisei, e agora me davam munição também.

— Excelente — Tiresias disse —, vou começar daqui a pouco.

— Você? Achei que havia dito que não era o pastor aqui.

— Não sou — ele disse —, sou um pedreiro. Há mais de cinquenta anos. Mas frequento esta igreja há mais tempo que isso, e o pessoal aqui pediu que os guiasse numa oração depois que o reverendo Jones morreu. Tinha planejado esperar até o amanhecer, mas, depois do que aconteceu, acho que agora é uma hora tão boa quanto outra qualquer.

Trocamos mais um aperto de mão e me sentei num lugar perto de um pilar atrás do último banco. Meu plano era partir assim que pudesse sem que notassem. Deduzi que, quanto menos perguntas me fizessem, mais fácil seria.

A igreja estava viva com as luzes que bruxuleavam. Isso fez o lugar ficar mais quente, amigável. As pessoas à minha volta conversavam e trocavam cumprimentos, e foi quase surreal o bastante para que me fizesse achar que havia sonhado com tudo o que acontecera antes.

Quase.

As pessoas circulavam como se fosse domingo de manhã, até que viram Tiresias subir no púlpito.

Todos se sentaram.

Foi quando eu saí. Recuei até as sombras e fui até a sala no andar de cima perto da porta de entrada, onde Tiresias disse que encontraria o corpo do Gibbs.

Eu meio que esperava que cada passo me levasse à borda de um penhasco. Era como se houvesse uma grande cobra enrolada mexendo-se lentamente em meu estômago. Eu queria sentar e descansar, para que o enjoo passasse, mas eu sabia que não podia. Eu ainda tinha quilômetros para avançar antes que isso pudesse acontecer.

Subi os degraus lentamente, um de cada vez, arrastando minhas botas pesadas e manchadas de lama e sangue como se subisse na guilhotina, e, de algum lugar atrás de mim, eu podia ouvir Tiresias fazendo as orações.

Capítulo 30

A sala no andar de cima era na verdade um armário. Eles guardavam cadeiras quebradas e mesas baratas de metal para piqueniques num canto, mas o resto estava vazio.

Quase vazio, de qualquer modo. Havia oito cadáveres ao longo da parede oposta abaixo da janela azul. Os corpos estavam cobertos com toalhas brancas de mesa e amarrados com pequenas cordas trançadas.

Eles me lembraram torrões de árvores a serem plantados.

Não havia nenhum sinal de sangue. Não havia poças de sangue coagulado e nenhum cheiro desagradável. Tudo estava muito limpo e decente. Os corpos foram deitados no chão, mas aquilo havia sido feito com óbvio respeito.

É claro, Tiresias e seu pessoal puderam apenas encobrir a violência que havia deixado os corpos naquele estado. Vi uma mão e um pulso brancos, ainda usando um relógio e um anel de casamento, saindo por debaixo do lençol, como se tentasse pegar algo.

Parei de andar, esperando que o resto do corpo se desvencilhasse do lençol e viesse atrás de mim. Isso não aconteceu, porém. O corpo estava parado.

Mesmo assim, havia algo grotesco no jeito que a mão estava, palma para cima, como se quisesse algo que eu não podia dar. Tive o sentimento que aquele gesto significava que ele tentava alcançar a vida que lhe fora tirada, mesmo que isso significasse voltar a esse mundo de pesadelo do vírus da necrose.

Ele queria até mesmo aquilo.

Eu me movia muito lentamente enquanto atravessava o resto do caminho até os corpos e tirava os lençóis, um corpo de cada vez, até

encontrar o corpo do Gibbs. Puxei o lençol o bastante para descobrir o cinto, mas não quis olhar para seu rosto. Era mais fácil, de alguma maneira, não olhar.

Ele tinha dois pentes cheios em seu cinto e eu os peguei. Coloquei um na arma, o outro no cinto, e então cobri o corpo novamente.

Eu queria me virar e partir, mas era difícil desviar o olhar. Era como observar os ponteiros de um relógio perseguindo um ao outro no mostrador. Nada parece mudar, mas, todo o tempo, algo precioso escapa.

Olhei pela janela azul os corpos que não foram enterrados no estacionamento, e pensei o que aquilo significava. O problema era tão grande, tão incrivelmente vasto.

Tive uma visão na qual eu estava em pé no meio de uma imensa planície vazia, o horizonte distante de uma maneira impossível se estendia em todas as direções. Para onde quer que eu olhasse, havia quilômetros e mais quilômetros de vazio. Não havia nenhum som, nenhum gosto, nenhuma referência de qualquer tipo. Eu estava sozinho e minhas perguntas não tinham respostas. Se eu pudesse pintar um quadro do meu inferno pessoal, teria sido aquela planície vazia.

Ouvi passos.

Eles pararam em algum lugar atrás de mim e me virei para encará-los.

Simon estava ali parado, e ele segurava um taco.

— O que você quer? — perguntei a ele.

Ele deu de ombros, mas se certificou de que eu visse o taco.

— Isso deveria me assustar? Não assusta, sabia? Afinal, não fui eu quem trouxe um taco para um tiroteio.

— Você não vai atirar em mim.

— Você parece muito confiante.

— É, bom, tenho boas razões para estar confiante, porque vou apagá-lo se chegar mais perto.

Minha pulsação aumentou e meu corpo ficou tenso. Aquilo era um território conhecido para mim, o velho jogo para descobrir quem tem mais coragem.

— Qual é seu problema, Simon? Alguém lhe deu uma multa e feriu seus sentimentos? Vamos lá, confesse. Aposto que você tem justificativas, não é?

— Você acha isso engraçado?

— Não, Simon, não acho. Acho que você é um imbecil. É isso que percebi até agora e é só isso que me importa. Agora, por que você não leva sua bunda idiota lá pra baixo antes que se machuque?

Seus olhos se estreitaram e soube que as coisas estavam prestes a ficar feias.

Quando ele se aproximou de mim, saquei a arma e apontei bem à sua cabeça. Se ele tivesse sido um pouco mais rápido, ele poderia ter batido com o taco no topo da minha cabeça. Mas não foi, ele parou de andar.

Meu dedo coçava para puxar o gatilho, pronto, caso ele se mexesse.

Espere, espere.

— Parem. Vocês dois. Parem.

Era Tiresias. Ele estava atrás de Simon, parado no topo das escadas. Simon não tirou os olhos de mim. Minha arma não se mexeu.

— Simon — disse Tiresias, sua voz estava mais suave na segunda vez.

Mas nenhum de nós se mexeu. Simon lutava uma briga consigo mesmo, e eu observava sua expressão. Ele queria desesperadamente abrir meu crânio com aquele taco, mas ao mesmo tempo eu sabia que Tiresias exercia algum poder sobre ele.

No final, aquele poder venceu, e Simon deixou a parte maior do taco cair no chão com um baque.

Caramba! Aquela coisa teria me machucado.

— Simon — Tiresias disse, com gentileza, mas muito firme —, desça.

Simon não disse uma palavra sequer. Ele guardou sua fúria dentro de si e desceu as escadas, deixando-me sozinho com Tiresias.

Quando ele saiu, eu disse:

— Não teria atirado nele, a não ser que ele me obrigasse.

Tiresias não disse nada por muito tempo. Ele pegou seus pequenos óculos de armação dourada do bolso da camisa e os colocou. Em suas mãos fortes, eles pareciam prestes a se desfazer.

Ele sorriu para mim e disse:

— Sou totalmente cego sem essas coisas.

— Eu não comecei aquilo — eu disse, apontando para as escadas. — Não sei qual é o problema dele, mas não fui eu quem começou.

— Ele não gosta da polícia.

— Foi isso? Nossa, nem deu pra perceber.

— Os sentimentos dele estão desorientados, obviamente, esta noite foi muito difícil para ele.

— É, bem, não foi como um passeio no parque para mim também.

— Não, é claro que não. Está sendo difícil para todos nós. Mas especialmente para Simon. Ele perdeu a mãe esta noite. Ela era uma boa mulher e uma amiga querida.

— Sinto muito — eu disse —, mas ele age como se eu a tivesse matado. Não disse nada que o ofendesse antes de ele provocar uma “quase briga” na varanda.

— As coisas raramente são tão simples quanto deveriam — ele disse. — Levamos tantas coisas dentro de nós, tanta bagagem. Às

vezes, essa bagagem não nos deixa mudar quando precisamos.

— Talvez — eu disse —, mas isso ainda não responde por que ele me odeia tanto.

Tiresias parou para pensar um pouco. Finalmente, disse:

— Eu trouxe Simon e sua mãe até aqui assim que ouvi falar sobre o que estava acontecendo. A mãe de Simon era enfermeira. Quando os primeiros feridos começaram a aparecer aqui, ela tratou deles o melhor que conseguiu. Seu amigo, o policial Gibbs, era um desses feridos. Ela cuidou dele por um longo tempo, mas no final não havia nada mais que pudesse fazer para ajudá-lo, exceto deixá-lo cair naquele estado meio comatoso que os infectados ficam. Não entendíamos o que estava acontecendo com as pessoas que faziam aquilo. Como eles... voltavam. Depois que ele se levantou, ele a atacou. Foi assim que nós a perdemos. Seu corpo está ali com os outros.

Não havia nada que eu pudesse dizer em resposta. Isso não tornava Simon menos idiota na minha opinião, mas pelo menos dava à hostilidade um contexto.

Ficamos ali em silêncio por alguns instantes antes de ele dizer:

— Você deve estar ansioso para partir.

— Sim — eu disse.

— Você disse que tem um filho de seis meses de idade, certo?

Fiz que sim com a cabeça.

— O nome dele é Andrew.

— Tão jovem — ele disse, e assoviou por entre os dentes. — Você sabe onde vai encontrar sua família?

— Não faço a mínima ideia. Não tivemos tempo para planejar nada. Não sei como irei encontrá-los. Já fui até minha casa esta noite, mas eles não estavam lá. O carro da minha esposa não estava na garagem; então, imagino que eles podem ter ido a qualquer lugar. Simplesmente não sei.

— E não existe nenhum lugar para onde ela possa ter ido? Sua igreja, talvez? Ou a casa de algum outro familiar?

— Não. Somos apenas nós.

— Então onde vai começar a procurar por eles?

— Sabe, não faço a menor ideia. Eles podem estar em qualquer lugar. Acho que vou voltar para casa e começar dali. Talvez eles tenham deixado um bilhete ou algo do tipo. Da última vez em que estive lá, não tive tempo de procurar. A primeira coisa que preciso fazer é encontrar um carro.

Ele sorriu um pouco.

— Não acho que vai ter problemas com isso. Você tem amigos, afinal.

— Agradeço seu otimismo. Mas acho que fui chutado de um lado para outro vezes demais nesta noite para compartilhá-lo. Da minha perspectiva, parece que vou seguir sozinho daqui em diante.

— Isso o incomoda. — Não foi uma pergunta, apenas uma observação direta.

— Você não acha que isso é o bastante?

— Absolutamente. Ficar sozinho é uma coisa assustadora. É o bastante para assustar qualquer homem, mesmo um que esteja preparado para cuidar de si mesmo como um policial.

Fiz que sim de forma desconfortável. Tudo o que queria era sair dali, encontrar um carro e voltar para casa.

Vi-me lançando um olhar para os corpos e notei a mão que saía por debaixo do lençol. Tiresias havia dito que Gibbs fora ferido não muito longe dali, e deduzi que aquilo significava que sua viatura deveria estar perto.

— E a viatura do Gibbs? — perguntei — Você viu onde ele a deixou?

— Sim. Mas acho que não será de muita serventia para você. Quando eu o encontrei, ele escalava uma galeria de esgoto a alguns quarteirões daqui. O carro dele estava no fundo dessa galeria.

— Eddie — ele disse, e fiquei um pouco assustado ao ouvi-lo usar meu primeiro nome —, você se importa se eu lhe fizer uma pergunta pessoal?

Lá vinha. Saia do sermão antes do fim, e o pregador pega você pelas orelhas depois.

— Não — eu disse cautelosamente —, manda.

— Estive pensando em tudo que vi esta noite. Sentado nesta igreja, não há muita coisa para fazer. Apenas sentar, rezar e pensar.

Ele andou até a janela azul e olhou para fora, então correu os dedos suavemente sobre o lençol respeitosamente, consciente do pesado fardo embaixo dele.

— Tantas pessoas morreram nesta noite — ele disse —, tantos amigos, estranhos e pessoas que nunca irei conhecer. Isso assusta a mente. O que eu quero saber, Eddie, é se você tentou colocar algum tipo de valor nisso. Você já pensou no que isso significa?

Ele estava de costas para mim, o que era bom, pois, se ele olhasse para mim, teria visto minha boca se escancarar. O homem estava na minha cabeça, dizendo as palavras que eu havia dito a mim mesmo no mesmo lugar em que ele estava parado agora. Fiquei sem palavras.

Pensei em dizer-lhe sobre minha visão, sobre a terra vazia onde as perguntas não mais existiam e que eu havia chamado de meu inferno pessoal, mas me segurei. De alguma maneira, eu simplesmente não conseguia encontrar palavras para descrever aquilo.

Eu simplesmente disse:

— Não é fácil responder a essa pergunta.

— Não, não é. Mas me ocorreu que aqueles de nós que sobreviverem hoje à noite terão de tentar encontrar algum significado para isso. Aquelos de nós que sobreviverem serão marcados pelos fatos, mudados por eles de uma maneira que mal

podemos começar a imaginar agora. Você tem de colocar seus pensamentos em ordem. Se não agora, em breve.

Pensei naquilo, sobre colocar meus pensamentos em ordem, sobre o que diria ao Andrew sobre aquela noite, dali a tantos anos, quando acontecesse de ele perguntar como fora, e me envergonhava em não ter nada a dizer. Havia um grande buraco em que a resposta deveria estar. Tudo que podia pensar era que eu não estava preparado para quando algo assim acontecesse, não era justo.

Não fazia ideia de como colocar tudo aquilo numa embalagem bonita. O mundo havia virado de ponta-cabeça e me deixado pendurado. Não havia absolutamente nada em minha experiência que me preparasse para o novo mundo que Tiresias falava. Agora que me perguntavam para articular o que sentia, tudo o que pude fazer foi balbuciar sobre o assunto.

— Não tenho uma resposta pra você, Tiresias. Simplesmente não sei o que penso. Acho que meu instinto diz que isso não é justo. Vi um dos policiais que costumava trabalhar comigo morrer esta noite. E o observei se transformar numa daquelas coisas. Ele era um marido e um pai, assim como eu. Ele amava sua esposa e seu bebê tanto quanto amo a minha família, e, no final, ele sequer conseguia se lembrar de seus nomes. Ele me disse que sequer se lembrava de como era o amor. Aquilo foi a pior parte, eu acho. É isso que realmente me assusta naquelas coisas. Poder perder a cabeça daquele jeito me assusta. Morrer sem entender. Isso me faz perguntar o que fizemos para merecer esse tipo de crueldade.

Ele acenou com a cabeça em silêncio. Preparei-me para que ele começasse a arengar sobre Deus, e talvez me fazer um discurso sobre Jó e como nós não estávamos preparados para entender os caminhos de Deus, mas, para meu alívio, ele simplesmente se virou e olhou para fora da janela.

Quando se virou de volta para mim, ele disse:

— Para mim, esta noite é sobre salvação. Para você, parece ser sobre justiça. Expressamos nossos pensamentos em línguas diferentes, mas acho que não pensamos muito diferente um do outro. Justiça e salvação, afinal, são os dois lados da mesma moeda, até onde Deus sabe.

Ele se virou e olhou para fora da janela novamente, e parecia que sua mente se concentrava em algo que apenas ele conseguia ver.

— Estava parado aqui quando vi você sair das árvores — ele disse.

— Tive sorte de você estar aqui.

Ele bateu na janela, pensativo.

— Sabe, ocorre que a parte mais difícil dos próximos dias, semanas e anos não será consertar as conveniências do nosso antigo mundo, mas, sim, restabelecer as pontes entre aqueles que sobreviveram. Há muito trabalho à frente. Muitas comunidades a serem construídas.

— O que quer dizer?

— Eu costumava ir para casa e assistir ao noticiário. Costumava sentar no sofá e olhar para a TV e balançar a cabeça, perguntando-me por que parecia que não conseguíamos chegar a algum lugar. Tudo estava na mesma. Sempre a mesma coisa, noite após noite, ano após ano. Tenho o terrível pressentimento de que o que estamos vendo lá fora é o fracasso de nossa comunidade, que todas aquelas mortes são a simples manifestação de nossa falta de razão, um senso de quem somos e o que significamos um para o outro. Nossas cidades se tornaram uma paisagem de pesadelo, de violência e apatia, em que responsabilidade pessoal é opcional e nossa afeição pelo próximo mirrou e se transformou num fantasma do seu antigo "eu". Sei que, como policial, você viu o que estou querendo dizer. Talvez você esteja mais bem preparado do que a maioria para entender o que estou tentando dizer.

— Mas as pessoas sempre foram assim, não é? Nada disso é novidade, como você diz. Não é da natureza humana ser egoísta e cruel? Amor fraternal só funciona quando é mutuamente vantajoso.

— Nada é impossível, Eddie. — Ele disse isso com uma convicção honesta, não irônica. — As pessoas podem mudar. Mundos podem mudar. A morte de Cristo destruiu a comunidade, mas sua ressurreição criou um novo mundo. Talvez essa seja nossa tarefa. Já pensou nisso? Já considerou que talvez este seja o nascimento de um novo mundo, que o que acontecerá em seguida seja uma oportunidade de ouro para mudar a natureza humana de uma maneira fundamental?

— Essas são palavras corajosas, Tiresias.

— Novos pais não podem se dar ao luxo de ser outra coisa a não ser corajosos, Eddie.

— Você tem razão quanto a isso.

Fiquei ali parado por alguns instantes, pronto para partir, mas quase mudando de ideia.

— Você faz ideia de para onde vai quando sair daqui?

— Nenhuma — eu disse.

— Você disse que precisava de um carro, certo?

— Sim. Pensei em seguir para o Leste e tentar encontrar um carro em algum engarrafamento. Já funcionou uma vez.

— Acho que posso ajudá-lo — ele disse. — Você viu um Pontiac vermelho no estacionamento quando lutava na varanda?

Neguei com a cabeça.

Então ele fez uma coisa que me surpreendeu completamente. Colocou a mão dentro do bolso e tirou uma chave de carro e a colocou na minha mão. Olhei a chave e depois olhei para ele.

— Não posso pegar seu carro, Tiresias.

— Pode sim. Não preciso dele. As pessoas que você conheceu lá embaixo são minha família. É ali que vou começar a construir minhas pontes. Agora é sua vez de ir para casa, e construir pontes

do seu lado. Com sorte, irei encontrá-lo em algum lugar no meio do caminho.

Sua bondade me chocou como um soco no estômago. Se nossos lugares estivessem invertidos, tenho certeza de que eu não teria feito a mesma coisa por ele, e isso me fez duvidar do que ele havia dito. Quantas pessoas como ele ainda existiam lá fora? Quantas outras ainda tinham muito que aprender como eu?

Seu sonho de construir um mundo cheio de pontes ainda estava muito longe — eu sabia disso —, mas talvez não fosse impossível. Talvez fosse mais do que um sonho.

Com a chave na minha mão, desci as escadas e saí pela porta da frente da igreja. Andei por uma névoa o caminho todo. Se os outros me observavam, eu não estava ciente disso. Sequer tinha ciência do frio ar noturno soprando contra meu rosto enquanto andava pelo estacionamento; quando encontrei o carro do Tiresias e entrei nele.

Capítulo 31

Se houver alguma verdade no velho ditado “Deus amou a limpeza”, então o Pontiac Grand Am’88 de Tiresias era muito amado por Deus.

Já estive dentro de milhares de viaturas, mas nunca vi um carro com 190 mil quilômetros que estivesse em tão boas condições. Não havia um grão de poeira em nenhum lugar. Nenhum lixo. Nenhum cheiro de fumaça de cigarro. Nenhuma mancha de refrigerante nos bancos. Estava perfeitamente limpo.

Passei uma mão apreciativa pelo painel e engatei a primeira. Cascelhos foram esmagados sob as rodas enquanto eu saía do estacionamento. Tentei ao máximo não atropelar nenhum cadáver.

Dirigi o carro do Tiresias através das ruas rachadas e esburacadas da zona leste, e por um longo tempo não vi nada além de casas incendiadas e decadência urbana apodrecendo.

Contudo, mesmo enquanto dirigia por meio das ruínas, sentia minha mente entrando nos eixos, clareando. Eu ainda tinha um sentimento profundo de urgência, um desejo de chegar em casa que subjugava todo o resto, mas agora estava misturado à compreensão de que tudo poderia fazer sentido, que o mundo não precisava ficar de cabeça para baixo. Era apenas um sentimento. Ainda assim, as possíveis respostas, ou a resposta, me iludiram. Mas obtive conforto na esperança de uma resposta, pois, anteriormente, até mesmo isso havia parecido incrivelmente distante. Agora que agia, a distância não parecia um obstáculo tão grande.

Segui o caminho diretamente no sentido Norte saindo da igreja e, quando finalmente deixei para trás os confins da zona leste e entrei na escura estrada que saía das fazendas e seguia até os mercados, parecia que flutuava.

Sentia-me melhor naquele momento do que em qualquer outro durante a noite inteira, peguei o telefone da investigadora de roubos e tentei ligar para o celular da April novamente. Na primeira vez, só consegui estática, mas na segunda vez ele começou a tocar. Quase senti que isso aconteceria.

April atendeu.

— Eddie? — ela disse, sua voz estava cansada. — Eddie, é você?

— Sou eu, querida. Estou indo pra casa. Estou a caminho.

— Ah, graças a Deus. Eu também.

— O Andrew está bem? — perguntei.

— Está chorando. Vou levá-lo pra casa para pegar a fórmula. Ele não comeu a noite toda.

— Ok — eu disse —, encontro com vocês lá.

— Eddie, não desligue, por favor.

— Não vou — eu disse. Mas conversávamos através de ondas de estática. — April, ainda está aí? April.

Mais estática, e então um momento de silêncio. Eu quase disse seu nome novamente, mas bem naquele momento eu a ouvi gritar. Foi um som terrível, deformado.

— April — eu disse, com a voz falha. — April!

Não havia mais conexão. Tentei ligar de novo, e de novo, e não consegui nada além de estática.

Em pânico, pisei fundo no acelerador e corri em velocidade máxima de volta ao meu bairro.

Por seguir pelo Leste, peguei a entrada na Blackberry Lane. Passei por cima do gramado da casa de alguém para poder escapar de um engarrafamento, e logo já estava rodando novamente.

Da Blackberry entrei na Rock Gate e segui para casa. Depois que a Rock Gate cruza a Border Beacon, ela faz uma curva fechada à direita e começa a subir gradualmente a ladeira que cruza o bairro inteiro. Depois da curva, a Rock Gate se junta à Starlight Crest, formando um ângulo de 45 graus.

Meu plano era passar pela Starlight Crest, virar na Lullaby e segui-la até em casa, mas, quando cheguei no cruzamento, vi um veículo utilitário preto pela minha esquerda.

Ao mesmo tempo, vi um carro com apenas um farol indo em direção do cruzamento do outro lado da Rock Gate. Mudava de direção feito um bêbado, completamente sem controle. Encarei um de cada vez, minha boca formando um "O". Fazia horas desde a última vez que eu havia visto outro veículo em movimento, e ali havia dois deles. E eles estavam numa rota de colisão.

O utilitário preto e o carro entraram no cruzamento ao mesmo tempo, e eu me retraí com a antecipação do impacto.

Houve uma dolorosa trituração de metal e vidro quebrado. A traseira do utilitário pulou e deslizou para o lado, seu ímpeto o mandou cinquenta metros para o lado. Ainda avançando de lado, ele subiu na calçada e entrou num gramado, onde bateu numa árvore.

O carro girou no sentido anti-horário e acabou de lado no cruzamento, a frente amassada o tornava irreconhecível.

Quando cheguei ao cruzamento, havia uma nuvem amarela de fumaça e poeira no ar e a buzina do carro tocava continuamente.

O utilitário havia batido de frente na árvore, o pneu traseiro direito ainda rodando inutilmente no ar.

Na comoção, levei alguns instantes para registrar que o utilitário era um Nissan Xterra.

Pensei, *April*.

— April! — gritei, e então, gritando seu nome repetidas vezes, saí do carro do Tiresias e corri até ela.

Capítulo 32

Corri na direção do carro gritando o nome da April com toda minha força.

Quando cheguei perto da traseira do Xterra, ouvi a porta do motorista se abrir.

— April — eu disse.

Virei até a porta do motorista e vi April ali parada com uma *Springfield* .45 nas duas mãos, apontando diretamente na minha cara.

Ela atirou assim que me viu e eu ouvi a bala passar assoviando ao lado da minha orelha. Soltei um grito de surpresa e pulei para trás do carro.

— April. Que diabos?

— Fique longe do meu bebê! — ela gritou com toda a força de seus pulmões.

— April — eu disse —, April. Sou eu.

— Fique longe. Deixe-nos em paz!

— April, querida, sou eu. É o Eddie.

Houve uma longa pausa antes de ela finalmente dizer:

— Eddie?

— Sou eu, April. Sou eu. — Não saí de trás do carro. — April, abaixe a arma, está bem?

— Como vou saber que você não é uma daquelas coisas?

— Ah, pelo amor de Deus — eu sussurrei. — Você sabe que sou eu porque estamos tendo esta porcaria de conversa.

— Não grite comigo.

— Não estou gritando. — Mas então me controlei e deixei minha voz mais baixa e menos ameaçadora possível. — Não estou gritando. April, sei que você está assustada. Também estou assustado, ok?

Mas sou eu, o Eddie. Agora, por favor, April, abaixe a arma e deixe eu lhe mostrar.

Esperei que ela falasse. Eu podia imaginá-la ali, os lábios tremendo, segurando aquela arma enorme com as mãos trêmulas e lutando contra o medo e o instinto materno em seu corpo para acreditar no que ouvia.

Não importava que tivesse quase me matado. O fato de ela estar pronta para enfrentar qualquer coisa para proteger nosso filho me deixou tão orgulhoso que poderia perdoar qualquer coisa naquele momento.

— April? — eu disse suavemente. De dentro do carro, pude ouvir Andrew começar a chorar. — April?

— Eddie?

— Sou eu.

Levantei lentamente e avancei devagar até a lateral do carro.

— April, vou dar a volta agora, está bem?

— Ok.

Muito lentamente, coloquei uma mão do lado do carro e acenei. Quando ela não atirou, avancei mais um pouco, até ter dado toda a volta, de frente a ela. Ela estava parada, tremendo, com lágrimas escorrendo pelo seu lindo rosto e tão dominada pelas suas emoções que sua boca tremia.

Eu olhava diretamente para o cano da *Springfield*.

Ela me olhou de cima a baixo, e seu rosto cedeu ao reconhecimento, e então ao choque em me ver.

Não percebi como minha aparência estava ruim até aquele momento. Estava coberto de lama e sujeira, e Deus sabe lá o que mais. Eu me parecia muito pouco com o marido dela. É claro que ela tentou atirar em mim.

Ela finalmente disse:

— Ah, meu Deus. — E deixou a arma cair ao seu lado.

— Vocês estão bem?

Ela cobriu a boca com a mão, o corpo tremia com soluços convulsivos.

— Eddie. Ah, meu Deus, Eddie.

Estendi as mãos para puxá-la para mim, mas ela ergueu as mãos para me impedir. Seus olhos estavam arregalados, olhando para alguma coisa sobre meus ombros.

Virei-me e vi uma mulher saindo do carro que havia acabado de bater no utilitário. Ela tinha um ferimento horrível no braço, certamente uma mordida, de tão rasgado que estava.

Ela cambaleou pelos lados da rua, confusa com a buzina que gritava e a poeira no ar; mas, quando ela nos viu, toda a confusão desapareceu. Os lábios se repuxaram, e ela avançou na nossa direção com toda a velocidade que conseguiu reunir.

— Pegue o Andrew — eu disse a April —, vamos colocá-lo no meu carro.

April entrou no banco de trás e soltou as fivelas da cadeirinha. Enquanto ela fazia isso, eu estava examinando a área, procurando por mais alguma encrenca.

Encontrei no gramado ao lado dois zumbis que cambaleavam pela rua, seguindo na nossa direção, e um terceiro vinha depressa atrás deles.

Atirei duas vezes e os dois zumbis caíram. Enquanto April ainda lutava com as fivelas, esperei pela mulher que havia batido no carro dela. Quando ela estava perto o bastante, derrubei-a com meu melhor tiro da noite.

— Por que está demorando tanto?

— As correias — April disse —, tem alguma coisa presa. A fivela não quer soltar.

— Depressa, April — eu disse. A buzina do carro e os disparos eram como um sinal para os zumbis. Vi mais três saindo de uma casa do outro lado da rua, e podia ver mais alguns vindo na nossa direção no fim da rua.

— Conseguiu? — gritei.

— Não. — As mãos dela estavam na cadeirinha, tentando tirar o Andrew. Andrew captou as emoções e começou a gritar; não de dor, mas de medo.

Atirei nos três zumbis que haviam acabado de entrar na rua e depois entrei no Xterra para ajudar April. Ela estava certa. As correias estavam presas de algum jeito e a fivela não queria soltar.

Pela janela traseira do Xterra, pude ver mais e mais zumbis. Eles saíam das casas, por entre as casas, de todos os lugares de uma só vez.

Um grande grupo de vinte ou mais zumbis estava entre a gente e o carro do Tiresias, e eu sabia que estávamos sem tempo.

— Aqui — eu disse, empurrando April para o lado. — Deixe-me entrar.

Apoiei o pé no banco ao lado da cadeirinha do Andrew e usei todo meu peso para puxar a correia na minha direção. Quando ela finalmente se soltou, eu caí de costas em cima do banco da frente.

— Tire-o — eu disse. Mas ela já estava fazendo isso. Ela o puxou para fora da cadeirinha e então estávamos parados no gramado da casa de algum estranho, cercados pela multidão crescente.

Continuei respirando lentamente e sob controle. Não havia como forçarmos caminho pela multidão com Andrew junto, e a única opção era ficar e lutar.

Uma mulher com uma camisola branca com estampa florida estava mais perto. A maior parte de seu estômago havia sido comida, e ela andava tão curvada que a pele que havia sido seu rosto estava pendurada sobre seus sapatos como iscas de pesca.

Diminuí a distância entre nós e atirei na sua cabeça. Depois disso, acabei com meus dois pentes apressadamente. Quando percebi, estava com uma pilha de corpos empilhados em volta do Xterra.

Mas, mesmo com todos os disparos, eu não consegui diminuir o número deles.

Estava encarando a April e o Andrew quando disparei minha última bala num homem que vestia apenas uma camiseta rasgada. O corpinho do Andrew se retesou com o barulho do tiro.

— Temos de chegar ao meu carro — eu disse. — Onde está a sua arma?

— No carro.

Corri até o Xterra e procurei no banco da frente, mas não consegui encontrá-la.

— Onde? — perguntei.

— Está aí — ela disse.

Olhei novamente, empurrando o cobertor e os brinquedos do Andrew até que finalmente a vi no chão do lado do passageiro.

Consegui segurar a *Springfield* bem a tempo de atirar num zumbi a poucos metros do carro. Quando a bala atingiu sua testa, grandes pedaços do topo da cabeça se espalharam no caminho de seixos atrás dele.

A *Springfield* era uma arma séria. Fazia a *Glock* parecer uma arma de bolinhas. Um tiro era o bastante para fazer a cabeça e os pés do zumbi trocarem de posição e mandá-lo de costas para a grama atrás dele.

— Eddie!

Saí do Xterra, tentando encontrar April no meio da multidão que eu deixara se aproximar demais.

Três zumbis a haviam encurralado perto da linha de arbustos e ela batia neles com a mão livre, protegendo Andrew com seu corpo.

— Eddie!

Eles se agigantavam sobre ela e, quando ela se virou para fugir, um dos zumbis conseguiu tirar Andrew de seus braços.

— Eddie! — ela gritou.

O zumbi que havia pegado Andrew era uma mulher idosa, no processo de perder seu roupão. Bati nela com minha arma, agarrando Andrew e puxando-o para longe dela.

A mulher caiu no chão, mas não antes de tentar golpear Andrew no rosto. Ela errou, atingindo-o no braço e deixando um corte fino de cinco centímetros em seu bíceps.

Ele gritou de dor.

— Vagabunda dos infernos! — eu disse, e antes de ela poder se levantar eu a chutei no rosto com toda a força que tinha.

Quando procurei pela April, não consegui encontrá-la em nenhum lugar. Mas havia zumbis por todos os lados.

Recuei e, quando consegui uma faixa livre entre a multidão, corri para a rua. Dali, eu pude ver April correndo para salvar a vida.

Gritei para ela, mas acho que ela não me ouviu. A *Springfield* ainda tinha cinco tiros, e eu usei todos. Atirei abrindo caminho no meio da multidão e acabei na esquina de onde o acidente havia acontecido.

Ainda estava com Andrew em meus braços e ele abraçava meu pescoço, gritando. A multidão nos seguiu e nos cercou novamente.

A única arma que me restava era o cassetete, então o abri com a mão livre.

— Eu e você, amigo — eu disse ao Andrew, e beijei sua bochecha. — Eu e você.

Fiquei tenso, pronto para a briga. Sabia que estava encarando o fim, e prometi a mim mesmo que não iria fugir sem meu filho. Eu morreria antes de entregá-lo, e, se eles o tirassem de mim de qualquer forma, então eles poderiam ficar comigo também.

— Eu o amo, amigo — eu disse e então ataquei.

Foi quando ouvi uma série de baques terríveis e o gemido de um motor de pouca potência lutando para acelerar.

Observei em choque quando os faróis iluminaram a multidão momentaneamente. Alguns se viraram para encarar a luz, apenas

para ser atropelados pela frente do carro do Tiresias.

O carro passou por cima da multidão e deslizou para o lado até parar a aproximadamente três metros de onde eu estava.

April abriu a porta.

— Depressa — ela disse, e eu corri.

Forcei a entrada no carro e estávamos em movimento antes que eu pudesse fechar a porta.

— Você está bem? — perguntou.

— Sim, e você?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Como ele está?

— Um deles o arranhou — eu disse.

— Ah, meu Deus. Onde?

Mostrei a ela.

— Você acha...?

— Não sei — eu disse.

Capítulo 33

Pela janela do passageiro eu observava as casas de nossa vizinhança passarem como fotografias de um mundo perdido. Alguns bairros pareciam tão calmos, tão normais, que era difícil acreditar que alguma coisa havia acontecido.

Em outras partes não era bem assim.

Uma mulher de cabelos brancos num vestido verde estava ajoelhada na esquina da nossa rua, comendo o braço de alguém. Fechei os olhos.

Carros destruídos estavam em toda parte. Pessoas destruídas também. Aqui e acolá eles vagavam pela rua, observando-nos enquanto passávamos com olhos mortos, vazios.

Andrew estava nos meus braços, eu podia sentir seu cheiro. Nada é tão inebriante quanto o cheiro do seu próprio bebê. Puxei-o para mais perto. O choro havia se transformado em soluços, e depois num silêncio triste. Ele estava frio, molhado e com fome, mas estava quieto no meu colo.

O corte em seu braço enchia o carro com um silêncio apreensivo. April e eu olhávamos para ele, e estávamos preocupados. Lembrei-me de Ken Stoler e do dr. Stiles, ambos diziam que o vírus da necrose era transmitido através de fluidos corporais, ou pelo menos eles acreditavam que era assim que acontecia, e rezei para que nenhum fluido houvesse sido transmitido para o Andrew. Talvez um arranhão fosse apenas um arranhão.

— Você acha que ele ficará bem? — April perguntou enquanto estacionava em frente da nossa casa.

— Espero que sim — eu disse. Mas eu não sabia.

Havia zumbis aproximando-se de nós por todo o quarteirão.

— Temos de nos apressar, April. Vamos levá-lo para dentro e limpá-lo. Depois iremos para algum lugar.

— Para onde?

— Não sei. Algum lugar fora da cidade.

Entramos depressa. April parou do outro lado da porta da frente e cobriu a boca com a mão.

— Ah, meu Deus.

— Eu sei — eu disse, olhando os cadáveres que eu havia deixado espalhados pela casa. — Estive aqui mais cedo. Não se preocupe. Vou limpar tudo.

April foi cuidar do Andrew. Ela limpou o ferimento meia dúzia de vezes pelo menos, esfregando mesmo que ele gritasse em protesto, depois trocou sua roupa e pegou algumas outras extras para ele usar.

Enquanto isso, peguei a fórmula, mamadeiras e água mineral. Enquanto trabalhávamos, April me contou sobre sua noite.

— Logo depois de você ter ligado a primeira vez — ela disse —, corri para fechar portas e janelas. Estava com suas armas, e eu e o Andrew estávamos sentados no sofá. Então o sr. Cooper, da casa em frente, começou a bater na porta. Eu sei que não deveria ter feito isso, mas ele parecia normal, e olhava para mim, através da janela. Eu abri a porta e, ah, meu Deus.

— O quê?

— Parte do seu estômago havia sumido! — ela disse, e tentou sufocar as lágrimas. Ela tentou me contar de novo, mas não conseguiu. Tudo o que podia fazer era se debruçar e beijar Andrew na testa e deixar as lágrimas caírem no rosto dele.

— O que você fez? — perguntei.

Ela demorou um instante, mas ficou ereta, se recompôs e disse:

— Atirei nele.

Nossos olhares se encontraram e a amei mais do que nunca naquele momento. Ela era forte. Ela era corajosa. Ela era linda com

suas contradições, tão gentil e carinhosa com nosso filho, tão ferozmente impenitente para protegê-lo.

— Para onde vocês foram?

— Fomos para a rua Franklin depois disso. Você conhece aqueles novos apartamentos que estão construindo? Estacionamos ali, ao longo de uma linha de árvores. Escutei o rádio até que as estações ficassem fora do ar. E, então, depois que você me ligou pela segunda vez, continuei tentando retornar a ligação. Devo ter demorado duas horas para conseguir.

Acenei com a cabeça.

— Ele está pronto para ir?

— Sim.

— Ok — eu disse —, vou ver se está seguro. Eu não tenho mais nenhuma bala, então teremos de ser rápidos.

Ela parecia confusa.

—Você não vai levar a espingarda?

— Você está com ela? — perguntei.

— Está bem ali — ela apontou para o sofá. A espingarda estava bem ali, entre as almofadas.

— Excelente — eu disse.

Peguei-a, abri o carregador e verifiquei as balas, e então estávamos fora, afastando-nos da calçada antes de qualquer um dos zumbis que haviam nos visto estar perto o bastante para ser uma ameaça.

— Para onde você quer ir? — ela perguntou.

— Para fora da cidade — eu disse. — Para algum lugar onde possamos ficar sozinhos.

Ela conhecia um lugar perfeito. Ela não me disse onde, mas não precisava. Percebi quando entramos no Hill Country que estávamos indo para a pousada Roundtop, onde havíamos passado nossa primeira noite como marido e mulher.

O lugar estava vazio.

Era uma construção pequena, de dois andares, no estilo alemão, com uma vista de quilômetros e mais quilômetros de cedros e carvalhos. Encontramos um quarto com uma vista para o Sul, trocamos as fraldas do Andrew novamente e o colocamos para dormir.

Nós o observamos pegar no sono e continuamos a observar por um bom tempo depois disso.

Mais tarde, ficamos de braços dados, olhando pelas janelas que estavam pintadas pelos incêndios distantes e açoitados pelo vento, e assistimos a cidade queimar. Quando amanheceu, uma nuvem difusa vermelho-sangue assomou no céu como um olho meditativo.

— Não volte para lá — ela disse, olhando-me com olhos tão profundos quanto o oceano. — Por favor.

— Não vou a lugar nenhum — eu disse e a apertei junto a mim.

Capítulo 34

Seis semanas depois, estava de volta à viatura, olhando para uma faixa sinuosa de estrada que levava para os lados das colinas onde eu estava fazendo hora extra. Funcionários nas estradas haviam trabalhado sem parar para tirar os destroços daquela noite, e os empreiteiros que haviam me contratado para protegê-los estavam tirando os carros abandonados da estrada, usando escavadeiras para empurrá-los para cima de caminhões que os levariam para algum lugar.

As escavadeiras estavam silenciosas agora e os trabalhadores aproveitavam uma pausa no meio da manhã.

Saí do carro e sentei no capô para que pudesse ver tudo abaixo de mim. Um urubu gigante se empoleirou em cima de um poste de luz não muito longe de onde eu estava.

Era uma daquelas gloriosas manhãs de inverno, em que tudo parecia ser tocado pela perfeição. O céu era um teto abobadado de puro azul. Não havia nuvens. De um lado do horizonte a outro não havia nada que perturbasse o veludo de seu toque. A terra estava banhada de um azul tão frio, rico e imaculadamente limpo que, quando tirei os óculos escuros e senti a fria brisa matinal na minha pele, percebi que me sentia inteiro pela primeira vez em muito tempo. Houve uma limpeza em minha alma, e eu sentia que estava vivendo o primeiro dia saudável depois de uma longa doença. Eu podia respirar novamente.

Observei o urubu abrir suas grandes asas pretas e mantê-las abertas para que o sol pudesse aquecer seu corpo.

— Eu também — sussurrei.

As semanas seguintes ao surto foram as mais difíceis que já passei. Nenhum dos dias se comparava à busca frenética e

desesperada daquela primeira noite, mas foram difíceis mesmo assim. Foi um constante estado de alerta, uma constante tensão e expectativa de que algo ruim estava prestes a acontecer. Não demorou muito para a exaustão se instalar, e, quando você passava pelas pessoas nas ruas, ou se sentava perto delas durante as chamadas para o censo, você podia ver aquele olhar cansado em seus olhos.

April implorou para eu não voltar ao trabalho. Ela disse que nós poderíamos ir para as montanhas e desaparecer. Os militares obtiveram sucesso em conter o surto nos estados que ficavam na Costa do Golfo, ela disse. Ninguém precisaria nos ver de novo se fôssemos para as montanhas em Montana. Ela disse que a cidade não era um bom lugar para uma criança.

Acho que o que a convenceu no final foi que não houve relatos de tumultos. Era uma situação pronta para explodir, e mesmo assim ninguém acendeu o pavio. O surto havia deixado um estado de calma em sua esteira. April viu aquela calma e um vislumbre de esperança voltou à sua mente.

A recuperação de Andrew também ajudou. Nada permaneceu nele daquela noite a não ser uma pequena cicatriz. Nossas preocupações de que ele poderia ter sido infectado não passaram de noites insones.

No fim, ela me deixou voltar.

A caminho do trabalho, naquela manhã, parei e comprei o jornal local. Era a primeira edição depois do surto, e estava ansioso para começar a ler. Estava faminto por informação — informação de verdade, não as coisas que haviam passado no “boca a boca” — e li o jornal de modo voraz.

A maior parte era uma repetição do que eu já ouvia durante as instruções na delegacia e de outras pessoas, mas ainda havia algumas estatísticas que eu não havia escutado.

San Antonio havia sido uma cidade de 1.200.000 pessoas antes daquela noite, e, agora, as melhores estimativas apontavam uma população de trezentos mil. Mais de três quartos da cidade havia morrido.

E meu departamento foi muito atingido. Antes do surto, tínhamos mais de 2.200 policiais, e agora havia menos de 200.

O policial de maior patente que sobreviveu ao surto foi um tenente dos Serviços Fiscais, e a única razão dessa sobrevivência foi por estar num barco de pesca no Lago Canyon com seus dois filhos adolescentes.

Quando ele voltou, foi promovido a delegado.

Depois de os incêndios serem apagados, a tarefa longa, complicada e inacreditável de colocar o mundo de volta nos trilhos começou. Havia reuniões oficiais na prefeitura e reuniões não oficiais nas igrejas e nos gramados das casas. E, lentamente, o entulho começou a ser retirado.

As pessoas foram organizadas. Um censo foi realizado. A eletricidade voltou. Todas as peças do quebra-cabeça foram viradas e analisadas, e gradualmente uma nova figura começou a emergir.

Houve uma enorme, porém silenciosa onda de emoção arrebatando todo mundo, uma crença de que, desta vez, nós conseguiríamos fazer as coisas direito.

Mas, enquanto todos acreditavam que poderíamos fazer as coisas melhor do que haviam sido, nem todos concordavam como aquilo deveria ser feito. A voz mais alta era de Ken Stoler.

Ken sobreviveu àquela noite e, nas semanas após o surto, ele se tornara um convicto advogado dos infectados. Ele tinha um artigo no jornal, mostrando seu plano para conter os zumbis, estudar o vírus da necrose e encontrar uma cura. Sua motivação era a de que nós, os não infectados, tínhamos a obrigação de salvar os infectados. Ele até criou uma organização para patrocinar a ordem. Ele a batizou de Pessoas a favor do Tratamento Ético para os Zumbis, ou PTEZ.

Mais tarde, sua organização obteve uma grande vitória e conseguiu uma ordem judicial proibindo os militares e policiais de atirar nos infectados, a não ser que fosse em autodefesa ou em defesa de um terceiro. Foi uma grande dor de cabeça para mim e meus colegas policiais, e estaria mentindo se dissesse que nós obedecíamos à determinação completamente. As coisas aconteciam na neblina da guerra. Especialmente em estranhas guerras.

Não precisei ler a matéria de Ken para saber o que dizia. Eu ouvira tudo em primeira mão enquanto trabalhava como segurança numa das numerosas reuniões públicas após o surto. Ken fez seu discurso para uma multidão nervosa e eu tive de escoltá-lo para fora do palco.

Quando estava em segurança, ele se virou para mim e disse:

— Obrigado, Eddie. — Ele estendeu a mão — Sem ressentimentos?

Dei um soco em seu nariz.

— Isso foi por roubar minha picape, seu idiota — eu disse, e o deixei caído de bunda no chão, olhando para mim como uma criança fazendo beicinho.

Fechei os olhos e então os abri lentamente. A linha do céu da cidade estava visível na distância, e meus pensamentos voaram para Tiresias. Ele estava ali em algum lugar, vivo sem dúvidas, para construir pontes que ele havia estendido para mim. Eu ainda estava muito longe disso, mas podia sentir as mudanças crescendo dentro de mim.

Continuei a ler, indo de uma matéria a outra, lendo sobre as aventuras que não foram muito diferentes da minha. Mas não obtive o prazer que pensava conseguir.

No final, dobrei o jornal gentilmente e o joguei para dentro do carro. Não queria mais ler. Não fazia sentido reviver tudo de novo, pensei.

E, além disso, é difícil ler o jornal quando muitos de nossos amigos estão mortos.

Mas então eu os vi. April e Andrew estavam subindo a estrada em direção ao primeiro portão de segurança. Peguei o rádio e disse ao policial para deixá-los passar. De repente, todos os ressentimentos desapareceram e, enquanto os observava subir a colina, me senti bem novamente.

April abriu a porta do carro e pegou Andrew. Ela apontou para mim e tentou fazê-lo acenar para o papai. Não consegui um aceno, mas seus olhos se iluminaram.

Andei na direção deles e, naquele momento, a minha posição no mundo fez sentido. Andrew sorriu para mim, e eu percebi que a resposta para tudo, o marco divisório naquela planície vazia que era meu inferno pessoal, era o sorriso no rosto do meu bebê.

* Programa criado para premiar escolas, o *Blue Ribbon Award* é considerado a maior honra que uma escola americana pode obter. (N.T.)

** Mary Mallon, conhecida como Maria Tifoide, nasceu na Irlanda do Norte em 1869 e emigrou sozinha para os Estados Unidos em 1883. Ela foi o primeiro caso de pessoa aparentemente saudável a ser identificada como portadora de febre tifoide nos Estados Unidos. Seu organismo conseguiu deter os efeitos nocivos da bactéria que causa a doença, mas continuou capaz de transmiti-la para outras pessoas. (N.T.)